Obras Burlescas de Tomé Tavares Carneiro

Estudo e Edição Crítica

Cidália Maria Baptista Dinis

PORTO

MMVI

Cidália Maria Baptista Dinis

Obras Burlescas de Tomé Tavares Carneiro Estudo e Edição Crítica

Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses e Brasileiros elaborada sob a orientação do Prof. Doutor Francisco Topa apresentada

à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2006

A meus pais

Ninguém a ser Poeta só se aprova
por ler em Italiano obras algũas,
que presto ficará sujeito às luas,
como de algũs exemplos bem se prova.

Custa ao Mendonça ũ soneto ou trova
andar doudo formado pelas Ruas,
falando com perdão das brancas suas
que cada manhã tem ũa tinta nova.

Quem não andar vestido de gramática[,]
faixado de sutil filosofia[,]
informado mui bem na Matemática;

do natural sem arte bem se ria[;]
se poeta não for por arte mágica,
é muito que lhe escape ũa heresia?

Tomé Tavares Carneiro

Índice Geral

Índice Geral

A

■ Agradecimentos 12

■ Lista de siglas e abreviaturas utilizadas 15

■ Introdução 17

I. O Barroco – sob o signo da reinvenção 21

1. Sua definição e limitação cronológica 21

2. Maneirismo e Barroco 23

3. Uma abordagem temática: poesia lírica 26

3.1. A efemeridade e transitoriedade da vida 26

3.2. O amor divino 28

3.3. O sonho 29

4. Poesia satírica 30

II. Introdução à vida e obra de Tomé Tavares Carneiro 33

1. A vida 33

2. A obra 84

III. O Verbo: Metamorfose parodística 94

IV. Conclusão 98

B

V. Descrição Codicológica do Ms. 736 da BPMP 101

VI. Normas de Transcrição dos Poemas e Critérios da Edição 106

1. Objectivos e critérios gerais 106

2. Normas de transcrição 107

2.1. Vogais 107

2.2. Consoantes 109

2.3. Aspectos morfológicos 110

2.4. Diacríticos 110

2.5. Itálico 110

2.6. Maiúsculas e pontuação 111

3. Aparato Crítico 111

3.1. Apresentação do texto crítico 111

3.2. Apresentação do aparato 112

VII. Comparação esquemática entre a disposição dos textos no Ms. 736 e na edição crítica 115

1. Índice de poemas 119

VIII. Edição crítica 122

1. Poemas dirigidos ao Mestre-escola Francisco Roiz de Carvalho 123

2. Poemas dirigidos a Pero Lopes Camelo 159

3. Poemas dirigidos a outras figuras 209

4. Poemas de temática clerical 260

5. Outros 275

IX. Anotação complementar de alguns poemas 312

X. Bibliografia 322

A. Fontes Manuscritas 322
Para a Vida de Tomé Tavares 322
I. Arquivo Distrital de Braga 322
II. Arquivo Distrital do Porto 322
III. Arquivo Histórico da Misericórdia do Porto 322
IV. Arquivo da Universidade de Coimbra 322
V. Biblioteca Pública Municipal do Porto 323
VI. Casa do Infante (Arquivo Histórico Municipal do Porto) 323
Para a Obra de Tomé Tavares 323
VII. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra 323
VIII. Biblioteca Pública Municipal do Porto 323
B. Sobre o autor e a época 323
C. Estudos sobre o Barroco 326
D. Antologias de poesia barroca 332
E. Edições críticas, estudos sobre crítica textual e história da língua 333
F. Estudos de codicologia e bibliologia 336
G. Estudos sobre versificação e estilística 337
H. Manuais e estudos de história e corografia 338
I. Dicionários e outras obras de referência 340
J. Estudos sobre o Porto 344

XI. Índice de figuras 348

XII. Índice Alfabético de primeiros Versos dos poemas editados 351

Agradecimentos

Agradecimentos

Este trabalho é o fruto de um percurso labiríntico de investigação e de reflexão que só foi passível transpor graças ao contributo e estímulo de algumas pessoas. Cabe-nos, assim, manifestar o nosso agradecimento e reconhecimento a todos aqueles que directa ou indirectamente contribuíram para que ele chegasse ao seu termo.

Em primeiro lugar, agradecemos, reconhecidamente, ao nosso orientador, Prof. Doutor Francisco Topa, pelo seu trabalho e atitudes de incentivo, de interesse e de disponibilidade que sempre fez questão de manifestar nos momentos mais complicados desta investigação, e sobretudo pela sua grande compreensão humana. Estamos-lhe grata ainda pela sua leitura atenta e rigorosa do produto final e pelo espírito crítico com que nos apoiou ao longo deste minucioso trabalho, permitindo-nos, deste modo, corrigir diversos aspectos.

Agradecemos igualmente à Doutora Clara Barros pelas preciosas indicações que nos deu no campo da *História da Língua* e pela disponibilidade e simpatia com que nos atendeu. O nosso agradecimento vai também para o Prof. Doutor Luís Fardilha pelas sugestões, observações e críticas que nos fez.

Uma palavra de apreço para a sempre amiga Joana, pelas palavras de amizade, de incentivo, pelo apoio e pelos inúmeros momentos em que partilhámos ideias.

O nosso agradecimento vai, também, para os amigos Francisco e Sandra pelos ensinamentos que nos transmitiram no domínio da *História* e pela ajuda que nos deram nos diferentes Arquivos.

Agradecemos ainda às amigas Anabela, Marisa e, em especial, à Paula, pela ajuda dispensada, pelas palavras reconfortantes e de estímulo.

Uma palavra de reconhecimento às direcções das diferentes bibliotecas e Arquivos, em especial à Biblioteca Pública Municipal do Porto, que nos facilitaram e permitiram o acesso aos fundos documentais respectivos.

Por fim, um agradecimento especial a todos aqueles que nos são mais queridos, pais e familiares, por nos apoiarem nos momentos mais difíceis e acreditarem sempre em nós.

Lista de siglas e abreviaturas utilizadas

Lista de siglas e abreviaturas utilizadas

ADB – Arquivo Distrital de Braga

ADP – Arquivo Distrital do Porto

AHMP – Arquivo Histórico da Misericórdia do Porto

AUC – Arquivo da Universidade de Coimbra

BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto

BGUC – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Cap. – Capítulo

CI – Casa do Infante (Arquivo Histórico Municipal do Porto)

est. – estrofe

f. – fólio

ff. – fólios

fig. – figura

figs. – friguras

INCM. – Imprensa Nacional da Casa da Moeda

Leg. – Legenda

Ms. – Manuscrito

Nt. – Nota

p. – página

pp. – páginas

r. – rosto

v. – verso

var. – variante

vol. – volume

Introdução

Introdução

Escolher o tema *Obras Burlescas de Tomé Tavares Carneiro – Estudo e Edição Crítica* como objecto de estudo e investigação académica constituiu um duplo desafio: pela responsabilidade de trazer a público um texto e um autor praticamente inéditos e desconhecidos; pela responsabilidade de propor para ambos uma leitura que os situe nos seus contextos.

Apresentadas as siglas e abreviaturas utilizadas no decurso do nosso trabalho, a dissertação abre com um capítulo intitulado *O Barroco – sob o signo da reinvenção*, que visa delinear o pano de fundo no qual se inscrevem os diversos mundos barrocos detectados na obra de Tomé Tavares.

Na parte intitulada *Introdução à vida e obra de Tomé Tavares Carneiro*, procuramos apresentar os vectores axiais da poesia do Abade de Barcelos, salientando a sua faceta de espelho – satírico – da realidade.

Segue-se o capítulo *O Verbo: Metamorfose parodística*, em que reflectimos sobre a dimensão engenhosa e paródica da poesia do nosso autor.

Feito o preâmbulo à obra de Tomé Tavares, procedemos a uma descrição codicológica do Ms. 736 (cap. V) e damos a conhecer de forma esquemática as normas que seguimos na transcrição dos poemas, assim como o modelo e os critérios da nossa proposta de edição crítica (cap. VI).

No capítulo VII, apresentamos uma comparação esquemática entre a disposição dos textos do Ms. 736 e a que adoptamos na edição crítica.

Os capítulos VIII, IX, X são dedicados à edição crítica das composições poéticas, à anotação complementar de alguns poemas, à bibliografia e aos documentos a que fomos acedendo ao longo do nosso trabalho (cap. XI).

A dissertação termina com um índice alfabético de primeiros versos dos poemas editados (cap. XII).

Resta-nos dizer que não obstante o facto de a poesia de Tomé Tavares Carneiro ter vivido até ao momento no lado mais obscuro do esquecimento, as perspectivas desenvolvidas ao longo do nosso trabalho não esgotam todas as possibilidades neste longo processo de descoberta de novos sentidos. Muito ficará decerto por explorar e desbravar.

Obras Burlescas de Tomé Tavares Carneiro

Estudo e Edição Crítica

O Barroco – sob o signo da reinvenção

Capítulo I

O Barroco – sob o signo da reinvenção

1. Sua definição e limitação cronológica

> *Le monde est à l'envers ou «chancelant», en état de bascule, sur le point de se renverser; la réalité est instable ou illusoire, comme un décor de théâtre. Et l'homme, lui aussi, est en déséquilibre, convaincu de n'être jamais tout à fait ce qu'il est ou paraît être, dérobant son visage sous un masque dont il joue si bien qu'on ne sait plus où est le masque, où est le visage.*
>
> Jean Rousset (1954: 28)

Como é sabido, a palavra 'barroco', de origem hispano-portuguesa, aparece no século XVI intimamente relacionada com o campo semântico da ourivesaria, designando pérolas de um brilho singular e com uma configuração irregular, razão pela qual eram consideradas «de valor inferior ao das pérolas perfeitas» (Silva, 1997: 442). Só a partir do século XVIII é que o termo 'baroque' ganha novos contornos e passa a designar uma criação artística, mantendo-se contudo o sentido pejorativo de origem. Até então, o uso do termo nessa acepção estava confinado à música, à arquitectura e às artes plásticas.

Chamava-se arquitectura barroca às construções que eram consideradas ridículas, absurdas e bizarras, e pintura barroca aos quadros que eram avaliados como

como decadentes, desconstruções do gosto artístico praticado no Renascimento. Parte desse significado pejorativo mantém-se quando o conceito passa a ser aplicado à literatura para indicar um estilo diferente do Classicismo e Maneirismo[1], os quais, de certa forma, determinaram a génese, a temática e a evolução da nova estética.

Os especialistas são unânimes em sublinhar a complexidade do barroco, traduzida n' «uma visão do mundo cuja finalidade consiste em copiar a complexidade da natureza, para a converter numa e por uma complexidade da arte» (Angoulvent, 1996: 11). Jogando com as antíteses e os contrários, o barroco tanto pode derivar para uma espécie de idealismo estético como para um realismo cru, frequentemente sarcástico e obsceno.

Do ponto de vista cronológico, a nova estética sucede-se ao maneirismo, o qual, segundo Aguiar e Silva (1971: 217), se situa «nos anos que ocorrem entre a segunda e a terceira décadas» do século XVII, altura em que a publicação de obras e a afirmação de poetas se distanciam claramente dos padrões literários anteriores.

A poesia que começa agora a delinear-se compraz-se no uso de um léxico impregnado de sentidos por vezes surpreendentes, de alguma rareza, o que é partilhado pela sintaxe e acompanhado da utilização recorrente e hábil de hipérboles, metáforas, antíteses e paradoxos que iludem o leitor e despertam nele o prazer de desfrutar de tão engenhoso trabalho estilístico[2]. Começa assim a esboçar-se um novo mundo que, embora não rompendo nitidamente com o período que o precede – o Maneirismo –, deixa entrever uma «nova literatura, o início de um longo período literário que (contrariando ideias velhas ainda arreigadas), se tem bastante a ver com a influência de Góngora na poesia portuguesa, nada tem a ver com a dominação filipina, correspondendo simplesmente a uma fase em que a história da cultura em Portugal se processa em paralelo com a da cultura espanhola» (Pires, 2003: 17).

---

[1] Apenas em 1860, segundo Aguiar e Silva (1997: 445), «Carducci aplica pela primeira vez o vocábulo e o conceito de barroco à história literária».

[2] O «Cultismo» e o «Conceptismo», princípios estéticos formais indissociáveis do Barroco, suportam as habilidades verbais e intelectuais mais singulares e originais da literatura de Seiscentos. Poder-se-á entender o Cultismo como um abuso da fantasia no campo psicológico da representação sensível e o Conceptismo como o requinte da fantasia nos domínios próprios do entendimento, do pensamento formal.

Espíritos agudos como os de Rodrigues Lobo, de Soror Violante do Céu, Padre António Vieira, D. Francisco Manuel de Melo, António Barbosa Bacelar, Jerónimo Baía, Frei António das Chagas e António José da Silva, entre muitos outros, serão a corporização viva da manifestação literária do barroco português. O testemunho destes 'artesões da palavra' pode ser relembrado em sermões, meditações, cartas, prosa didáctica e cortesã, no drama, nas *Obras poéticas dos melhores engenhos portugueses* ou *Fénix Renascida.*

2. Maneirismo e Barroco

> *...si le Baroque coïncide souvent avec la Contre-Réforme, il la dépasse, tant est large sa diffusion ; c'est aussi que sa plasticité, sa diversité obligent à lui reconnaître plusieurs visages.*
>
> *Le Baroque est multiforme; il est dans son génie de s'évanouir sous la prise et de réapparaître, tel Protée, sous une forme nouvelle...*
>
> Jean Rousset (1954:240)

A distinção entre Maneirismo e Barroco nem sempre foi linear. Se para alguns autores, como Helmut Hatzfeld, o maneirismo não é um estilo claramente autónomo e desenvolvido mas é antes entendido como uma espécie de degenerescência do classicismo a estabelecer a transição para o barroco, outros – como Aguiar e Silva (1997: 476) – consideram que estamos em presença de dois estilos autênticos, com características que os individualizam. Genericamente, o primeiro circunscrever-se-ia à segunda metade do século XVI e primeiras duas décadas do século XVII, ao passo que o segundo se estenderia até meados do século XVIII.

Do ponto de vista da sua génese, o Maneirismo tem sido entendido como expressão de um novo mundo, gerada na «crise do Renascimento». Essa crise seria fruto de uma série de acontecimentos, como o saque de Roma, em 1527; as proclamações de Lutero, desde 1517, e a consequente Reforma que alastrava célere pela Europa; a resposta da Igreja através da Contra-Reforma, o Concílio de Trento e a reestruturação da Inquisição. Também em Portugal se fez sentir uma inquietude político-social, decorrente de gravosos problemas, como a crise da sucessão de D. João III e as consequências de Alcácer Quibir.

Estamos assim num tempo marcado por uma concepção pessimista do homem e da vida e por um sentimento de decadência, em parte devido à progressiva perda da grandeza política e económica alcançada em anos anteriores. Esta concepção manifesta-se num anti-intelectualismo e num cepticismo epistemológico que, quando confrontado com a impossibilidade de conhecimento da verdade, se entrega ao elogio dos pobres de espírito, verdadeiros eleitos de Deus, como refere Vítor Manuel de Aguiar e Silva (1971: 29-30):

> «O *regnum hominis*, a *dignitas hominis* do classicismo renascentista fundavam-se na crença de que não existia conflito entre a ordem divina e a ordem humana, entre a alma e o corpo, entre a Razão e a Natureza, entre a Fé e a Razão; a Reforma, luterana e calvinista, o Maquiavelismo e o Maneirismo corroem os fundamentos dessa crença, apresentando o homem como um ser miserável e radicalmente corrupto, apenas redimível através de um acto da graça de Deus, defendendo a existência de uma dupla moral; opondo o corpo ao espírito, acentuando dramaticamente a insegurança e a efemeridade da vida...».

Deparando-se com um mundo caótico e uma atmosfera agónica, de profunda crise da Razão, marcada pela dor e pelo desengano, o poeta maneirista desenvolve o gosto pelo monstruoso, pelo grotesco, na sua dupla face antropológica e estética, ao mesmo tempo que evidencia uma inclinação religiosa e espiritualista, fruto do rigor e ascetismo da Contra-Reforma na sua acção inicial de combate à heterodoxia protestante. O Maneirismo distancia-se assim claramente do Classicismo renascentista, dos ideais do equilíbrio e da sobriedade formais. Ao mesmo tempo, distingue-se do período estético-literário que se lhe segue, o Barroco,

sobretudo no que concerne à sua interioridade, ao seu intelectualismo, ao seu anti-realismo e preciosismo, ao seu elitismo ou à melancolia que o caracteriza.

Contrariamente ao Maneirismo, mais distante da realidade e do mundo sensorial, preocupado com problemas filosófico-morais, evidenciando uma atitude mais sóbria e introspectiva; o Barroco caracteriza-se pelo objectivismo, pela pompa, pelo exagero patético, pela oposição da sublimidade espiritual ao grotesco da carne, pela ostentação, pelo grotesco, sarcástico, tenebroso, pelo esplendor, pela subtileza arguta e engenhosa que se desenvolve nos limiares da metamorfose, onde o real e o ilusório se defrontam e confundem em *puzzles* construídos com paciente labor.

Não esqueçamos porém que estas características não são exclusivas de cada um dos períodos em questão; não surpreende por isso que muitos dos elementos, quer temáticos quer formais, se tenham prolongado no tempo, transitando do maneirismo para o barroco. Constituem exemplo temas como a efemeridade do tempo, o desengano da vida, e a propensão para a agudeza ou as metáforas e jogos verbais. No entanto, como adverte Aguiar e Silva (1997: 478), «estes elementos de procedência maneirista, quando integrados no estilo barroco, apresentam um valor diferente, um timbre e uma ressonância distintos, que revelam inequivocamente que o sentimento vital que se comunica é já outro».

Não é, pois, de estranhar que, enquanto a poesia maneirista é o espelho de um conflito agónico interior, a poesia barroca recorra a pequenos motivos do quotidiano para os transfigurar em telas pintadas com um profundo e penetrante rigor visual, com o objectivo não só de «docere et delectare», mas também de «movere». A importância de cada uma das componentes da tríade «docere-delectare-movere é bem sublinhada por Maravall (1996: 174):

> «No basta con decir que el Barroco se mantiene fiel a la temática, según tradición aristotélica y horaciana, del *delectare-docere*, fundiendo las dos partes en una sola tendencia. Es no ver el nudo de la cuestión olvidar el tercer aspecto que encierra y que altera profundamente la naturaleza intelectualista del *docere*: nos referimos al *movere*. Que esto último sea lo que hay que alcanzar es lo que pone de nuevo – por lo menos en su decisivo papel – el Barroco: poner en marcha la voluntad, apelando a los resortes que la disparan, los cuales no son de pura condición intelectual. Díaz Rengifo, viniendo a preguntarse para qué es buena

la poesia, encuentra esta respuesta: «para enseñar y mover», términos de los quales el segundo transforma el sentido del primero y lo barroquita cuando cae sobre él el acento».

3. Uma abordagem temática: poesia lírica

Num mundo claramente marcado pelo requinte verbal, pelo artifício, pelo discurso engenhoso, são vários os temas privilegiados pelo barroco que revelam a sua faceta contraditória, excessiva, teatral, máscara[3] de uma profunda inquietação e de uma angustiante insatisfação interior.

3.1. A efemeridade e transitoriedade da vida

O culto pelo sofrimento, em que o sacro se erotiza, o profano se diviniza e o sublime se mescla com o grotesco, conduz à valorização de determinados temas que tanto podem surgir isolados, como podem articular-se com outros, como o do amor divino/profano. É disso exemplo a fruição do tempo, que «simboliza el antes y después» (Orozco Díaz, 1988: 71), em que as figuras emblemáticas são o espelho, reflexo de uma alma iludida pelo desengano da vida, e o relógio:

«A um relógio de areia que era das cinzas de um basilisco,
E foi assunto académico

Epigrama

Este a cinzas reduzido,
Fénix embasaliscado,
seria a tempo queimado,
que a horas foi renascido.

[3] Veja-se a este propósito Jean ROUSSET (1983: 25).

E é justo que feito pó
se veja relógio aqui,
porém mostrando de si
a hora da morte só.».

(*Pinto Renascido*, p. 388)[4]

Para além de temas como o espectáculo de um mundo em ruínas, a caveira como espelho cruel do homem, o leitor é também confrontado com a metamorfose da beleza, símbolo dramático da corrosão imposta pelo tempo:

«À morte de uma dama

Sombras de um claro sol que me abrasava,
Cinzas de um doce fogo aonde ardia,
Ruínas de uma Tróia em que viva,
Cadáver de uma vida que adorava,

Quem te trocou, Senhora? O tempo estava
A teus pés, em teu rosto o sol nascia,
De tua vista se compunha o dia,
De tua ausência a noite se formava.

Pois como pôde o tempo pressuroso,
O dia breve, a noite fugitiva
Mudar um corpo e rosto tão fermoso?

Mas tanto sol e luz tão excessiva
Ardendo de contínuo, era forçoso
Trocar-se em cinza morta e flama viva.»

(BNL, Col. Pombalina 133, fl. 66r)[5]

[4] *Apud* Maria Lucília Gonçalves PIRES (2003: 126).

[5] *Apud* Maria Lucília Gonçalves PIRES (2003: 126).

3.2. O amor divino

O homem, na sua dimensão de pecador, dividido entre a carne e o espírito e clamando pela misericórdia divina, constitui outro quadro característico da época barroca. A figura de Cristo crucificado e flagelado representa o padecimento de um corpo até à morte, a prova cabal da misericórdia divina:

«A Cristo crucificado

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,
Em cuja lei protesto viver,
Em cuja santa lei hei-de morrer
Animoso, constante, firme e inteiro;

Neste transe, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um Pai, manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor e meu deleito,
Porém pode ter fim todo o pecar
E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,
Que por mais que me piqueis neste conflito,
Espero em vosso amor de me salvar.»

(BNL, Cod. 3576, fl. 23v)[6]

Mas, se por um lado reviver o sofrimento de Cristo funciona, no fundo, como um despojamento total do ser, por outro lado esta vertente religiosa chega a impregnar-se de um certo erotismo, envolvendo todos os sentidos no deleite e na volúpia.

Profano e sacro rasgam, assim, os limites entre o sublime e o mundano.

[6] *Apud* Maria Lucília Gonçalves PIRES (2003: 262).

3.3. O sonho

O sofrimento do homem perante a efemeridade da vida mescla-se, por vezes, com uma realidade que é aparente, ilusória, onírica. O sonho pode ser lugar de felicidade quando confrontado com um real marcado pelo sofrimento e pela dor:

«A um sonho

Adormeci ao som do meu tormento,
E logo vacilando a fantasia,
Gozava mil portentos de alegria,
Que todos se tornaram sombra e vento.

Sonhava que tocava o pensamento
Com liberdade o bem que mais queria,
Fortuna venturosa, claro dia.
Mas ai! que foi um vão contentamento!

Estava, ó Clori minha, possuindo
Desse formoso gesto a vista pura,
Alegres glórias mil imaginando.

Mas acordei e, tudo resumindo,
Achei dura prisão, pena segura.
Ah quem estivera assim sempre sonhando!»

(Fénix II, p. 90)[7]

[7] *Apud* Maria Lucília Gonçalves PIRES (2003: 125).

Tudo é engano, ilusão, irreal e transitório; tudo se desfaz em nada. O sonho, incontrolado pelo homem, envolvido em mistérios existenciais, é, na verdade, sinal de um estado de alma vazio e aniquilado.

4. Poesia satírica

O mundo que outrora idealizava o amor, apelava ao «carpe diem», é agora, retratado aos olhos do leitor com requintes de ironia e sarcasmo. Neste novo mundo a tradição satírica do trovador renasce em novas formas poéticas que ora utilizam a paródia para, através da ironia, colocar lado a lado o grotesco e o sublime, ora evidenciam um acentuado gosto pelo excesso.

Critica-se a moral hipócrita da sociedade, o clero, a nobreza, a devassidão e as frivolidades mundanas da aristocracia, mas também o modo pelo qual o amor é abordado na poesia. Esse olhar penetrante sobre a realidade leva a que a sátira barroca ganhe contornos auto-corrosivos. A ironia expressa, no fundo, o luto por um mundo agora em desagregação.

A realidade que outrora era representada através de um registo erudito da língua, é agora espelhada mediante um registo coloquial, imbuído de expressões vulgares e até grosseiras. Envergando uma máscara, o poeta barroco «despoja a sus víctimas de sus símbolos de categoria social y de sus vestiduras para poner al descubierto la corrompida desnudez que hay debajo» (Hodgart, 1969: 128). Nem as figuras do clero são poupadas à crítica virulenta dos poetas barrocos.

Levantando um pouco o véu do que será a obra de Tomé Tavares, veja-se a este propósito a crítica arguta e mordaz que tece «A ũas Beatas que foram a Vilar de Frades e dando-lhe de merendar, furtaram os pratos e faziam despois Romarias aos Capuchos do Bom Jesus e a Nossa Senhora da Franqueira»:

> Muito bom é visitar
> o Bom JESUS e a Franqueira,
> mas melhor fora tomar

os pratos de Talaveira
ao sancristão de Vilar. (peça n.º 55)

Na sua formulação concisa, este poema encerra toda uma poética inerente à arte barroca: a agudeza, o engenho, que deixa entrever uma verdade escondida, velada.

Este mundo velado, pleno de contraste, de exuberância e de intenso poder expressivo, não está ainda completamente ao alcance do leitor actual.

Muita da produção literária da segunda metade do século XVI até aos fins do século XVIII permanece ainda inédita, esquecida «nas páginas amarelas dos manuscritos e na solidão austera das bibliotecas» (Silva, 1994: 389). Na base deste evidente desinteresse pela conservação de todo um património literário estão às vezes intrincados problemas de crítica textual. A existência de várias cópias manuscritas, quase sempre lacunares, para além de implicar muitas variantes, pressupõe também determinar qual a lição verdadeira – tarefa morosa, de autêntico labor arqueológico-literário.

Tendo consciência plena dessa árdua tarefa que é editar uma obra, procurámos com o estudo e edição dos textos de Tomé Tavares, que apresentaremos de seguida, contribuir para esbater o esquecimento que sobre eles (textos e autor) se abateu, dando a conhecer uma poesia irreverente, límpida e de singular rasgo de originalidade.

Introdução à vida e obra de Tomé Tavares Carneiro

Capítulo II

Vida e Obra de Tomé Tavares

1. A vida

Em 1653, Cristóvão Alão de Morais «ajuntou na dita cidade»[1], o Porto, algumas das composições poéticas do Abade Tomé Tavares Carneiro, num manuscrito hoje pertencente ao espólio da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

A antologia, nunca antes publicada e, como tal desconhecida, revela-nos um «gentil poeta burlesco» (Morais, 1997: Tomo III), dotado de um espírito arguto e engenhoso.

Para a reconstituição do seu percurso biográfico tomaremos como ponto de partida um artigo de António Cruz (1941: 16-27), a que acrescentaremos uma série de novos elementos que pudemos apurar através de pesquisas efectuadas em vários arquivos.

Embora não possamos precisar a data exacta do nascimento de Tomé Tavares, é bastante provável que ele tenha acontecido em 1570. A conclusão é sugerida pelo seu processo de aluno universitário: sabendo que, à época, era prática corrente os alunos ingressarem com 16 anos, é de supor que também o nosso autor tivesse essa idade em 1586, data do seu único registo de matrícula – em «Instituta», com

[1] Trata-se do códice n.º 736 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, em cuja folha de rosto se lê: «OBRAS/ BURLESCAS DO/ Famoso/ Thome Tavares Abbade de Rio-tinto/ junto a Barcellos, e natural da/Cidade do Porto, / Que ajuntou na dita Cidade/Christóvão Alão de Morais/ NO/ ANNO/ DE/ MDCLIII.» (cf. fig. 1)

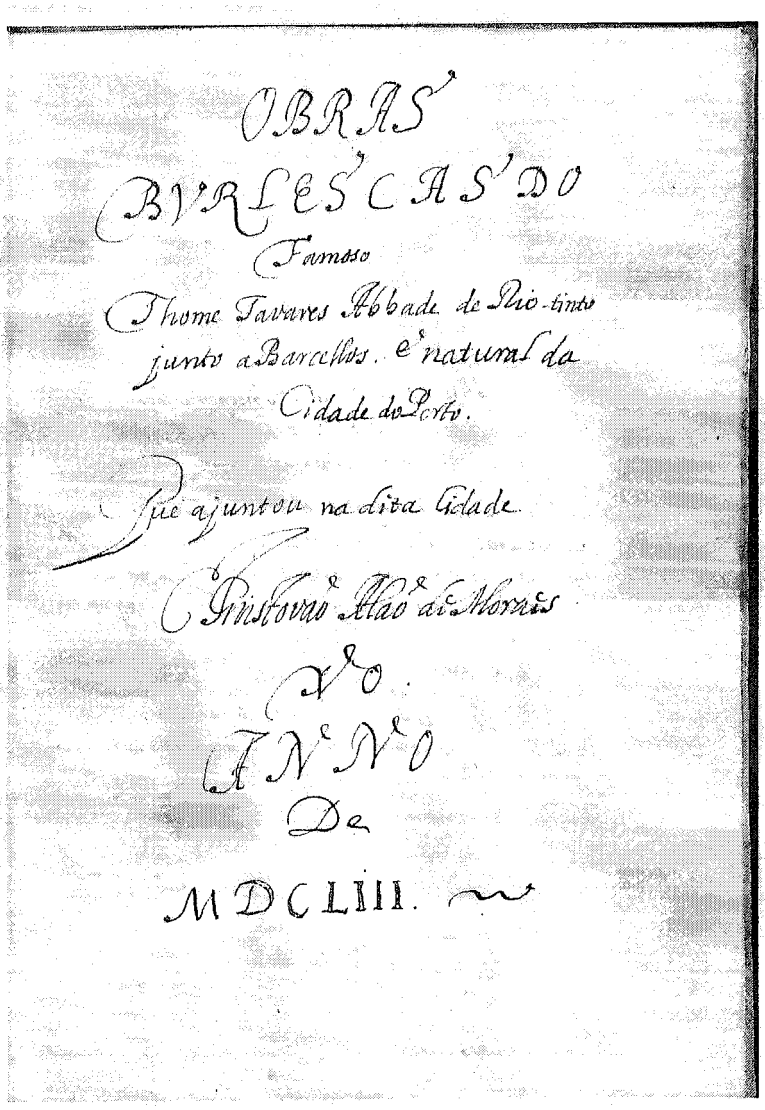

OBRAS
BVRLESCAS DO
Famoso
Thome Tavares Abbade de Rio-tinto
junto a Barcellos. e natural da
Cidade do Porto.
Que ajuntou na dita Cidade
Christovão Alão de Moraes
No
Anno
De
MDCLIII.

Fig. 1. Folha de rosto do Ms. 736 da Biblioteca Pública Municipal do Porto

com certidão de exame de latim a 14 de Novembro[2]. Sabe-se também que nasceu na cidade do Porto e que era filho de Nuno Tavares e de Joana Carneiro.

Segundo testemunho de contemporâneos, o pai do nosso poeta foi um «Cidadão muito honrado do Porto» (Morais, 1997: Tomo III). De entre os vários cargos que exerceu, destaca-se o de Procurador da Cidade[3], que ocupou entre 1589 e 1596. Este dado e a circunstância de ser criado de El-Rei, como atesta a Carta Régia de 7 de Maio de 1566[4], são indicadores claros da sua ascendência nobre. Foi também recebedor da sisa do pescado em 1597[5]. De acordo com António Cruz (1941: 7), é possível que os pais de Nuno Tavares fossem «Fernão Tavares e Milícia Gomes, esta falecida em 1547 e doadora dum censo anual de 620 réis, imposto numas suas casas da Rua Escura, ao mosteiro de S. Domingos»[6].

Quanto à mãe do nosso poeta, Joana Carneiro, sabe-se que era descendente dos Carneiros do Porto, importante família do século XVI. De facto, os Carneiros destacam-se pelos múltiplos cargos que exerceram na administração da cidade e pela ascensão ao topo da administração do estado, o que em parte se deveu aos laços tecidos através do casamento (cf. António Brito, 1997).

Segundo Anselmo Braancamp Freire (1973: volume II), é na figura de João Carneiro, Cidadão do Porto, que viveu nesta cidade na primeira metade do século XV, que reside a origem mais remota desta família.

Felgueiras Gayo refere que João Carneiro era filho de Diogo Pires Carneiro, morador na Rua do Souto, e irmão de Gil Carneiro, Cavaleiro da Casa Real no tempo de D. Afonso V e marido de Leonor Anes. Tiveram estes uma filha, Isabel Car-

---

[2] Cf. o registo de Matrículas de 1586, f. 32v, do Arquivo da Universidade de Coimbra, que publicamos em seguida (fig. 2).

[3] Cf. o «livro 3º de Cartas e Provizões – 1528-1589», ff. 160r-160v e 245r-245v, que se encontra na Casa do Infante – Arquivo Histórico Municipal do Porto (CI – AHMP) e que também reproduzimos na página seguinte (fig. 3).

[4] Cf. a «Carta Régia de 7 de Maio de 1566» (Casa do Infante – AHMP, «Livro 2.º de Cartas e Provizões – 1540-1575», ff. 321r-321v), que apresentamos na fig. 4.

[5] Cf. documentos (fig. 5) referentes ao «Livro 3º do Cofre – 1590-1599», ff. 360r-360v e 361r-361v, que se encontra na Casa do Infante (CI – AHMP).

[6] Cf. documento anexo (fig. 6) – (Arquivo Distrital do Porto – ADP, «Cartório do Mosteiro de S. Domingos, Livro da Fazenda», f. 121v).

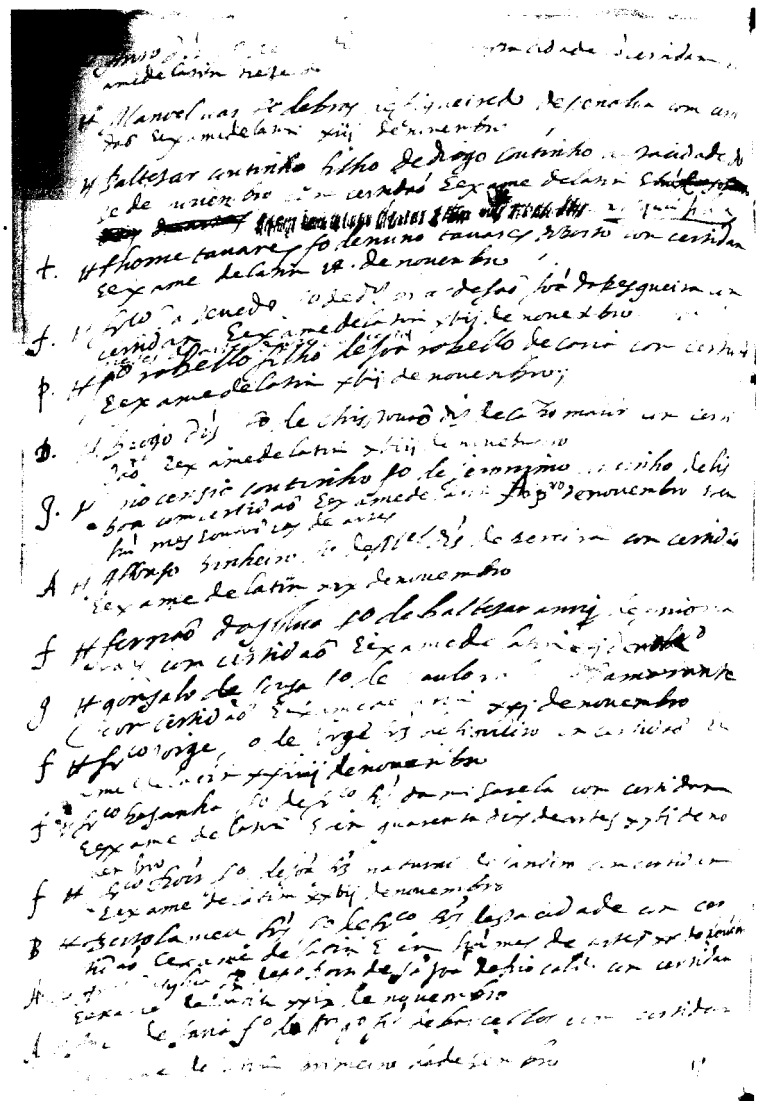


Fig. 2. F. 32v do «Livro de Matrículas – 1586».

Matrícula de Tomé Tavares em «Instituta» com certidão de exame de latim a 14 de Novembro de 1586 – Arquivo da Universidade de Coimbra

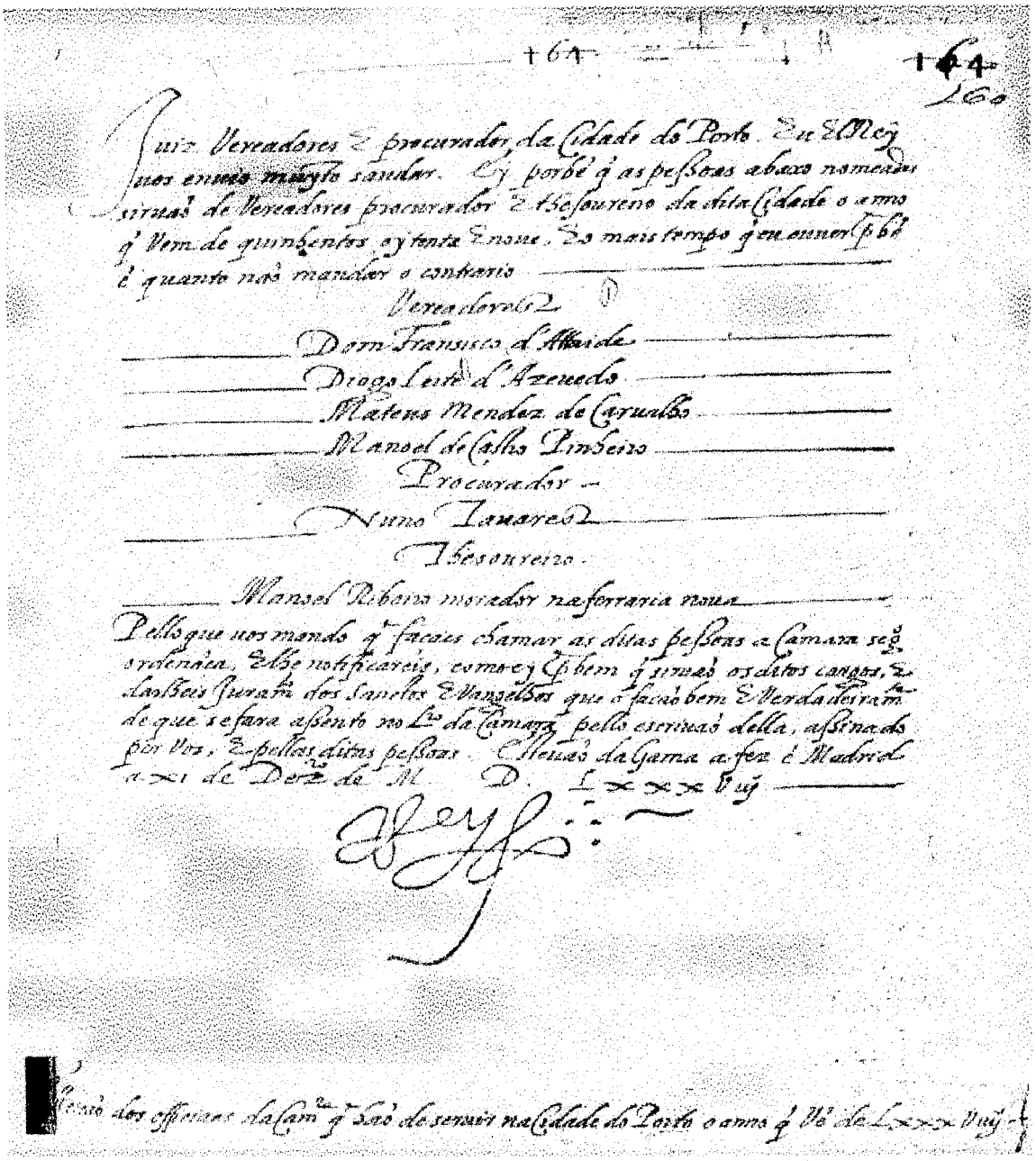
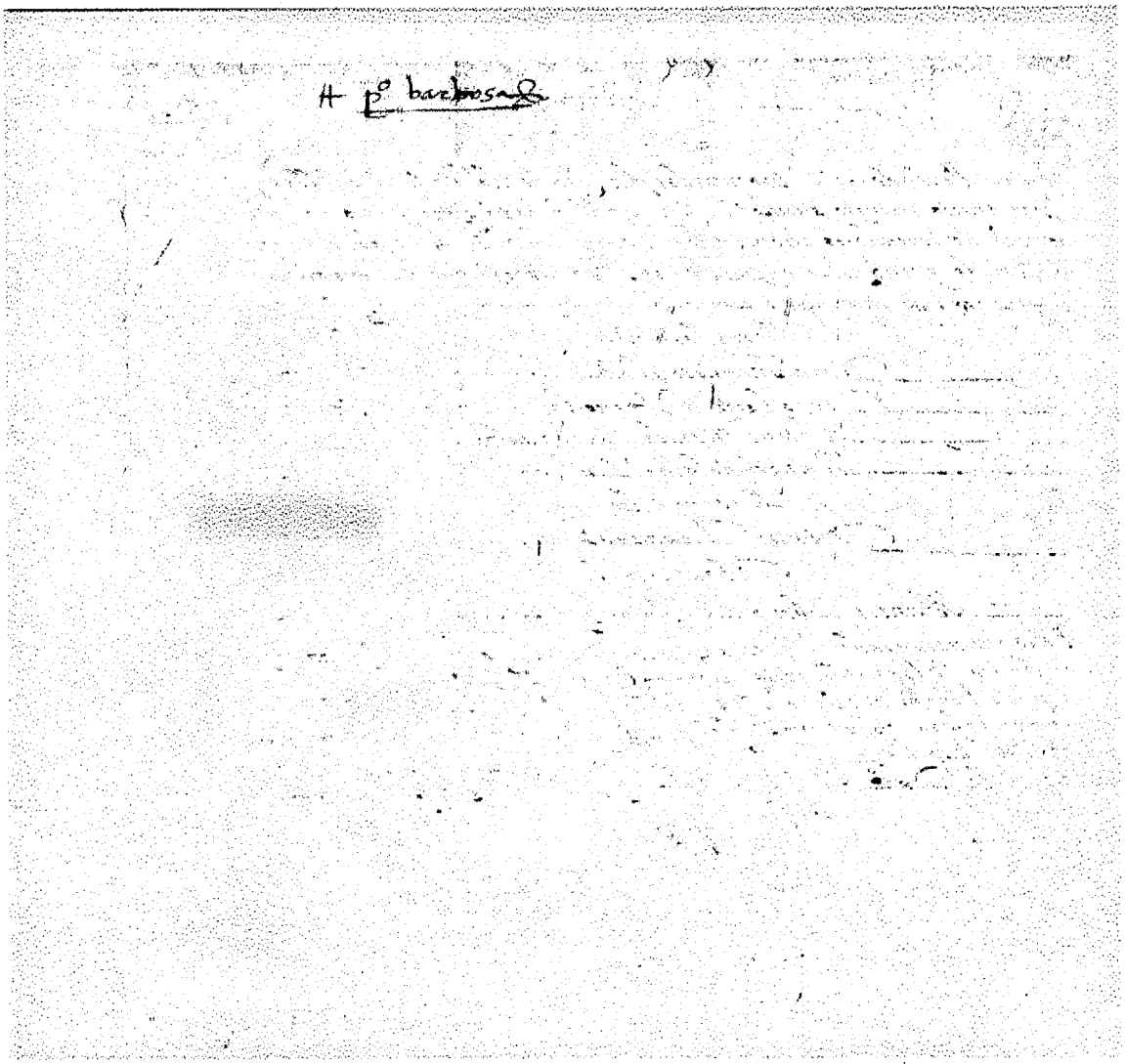
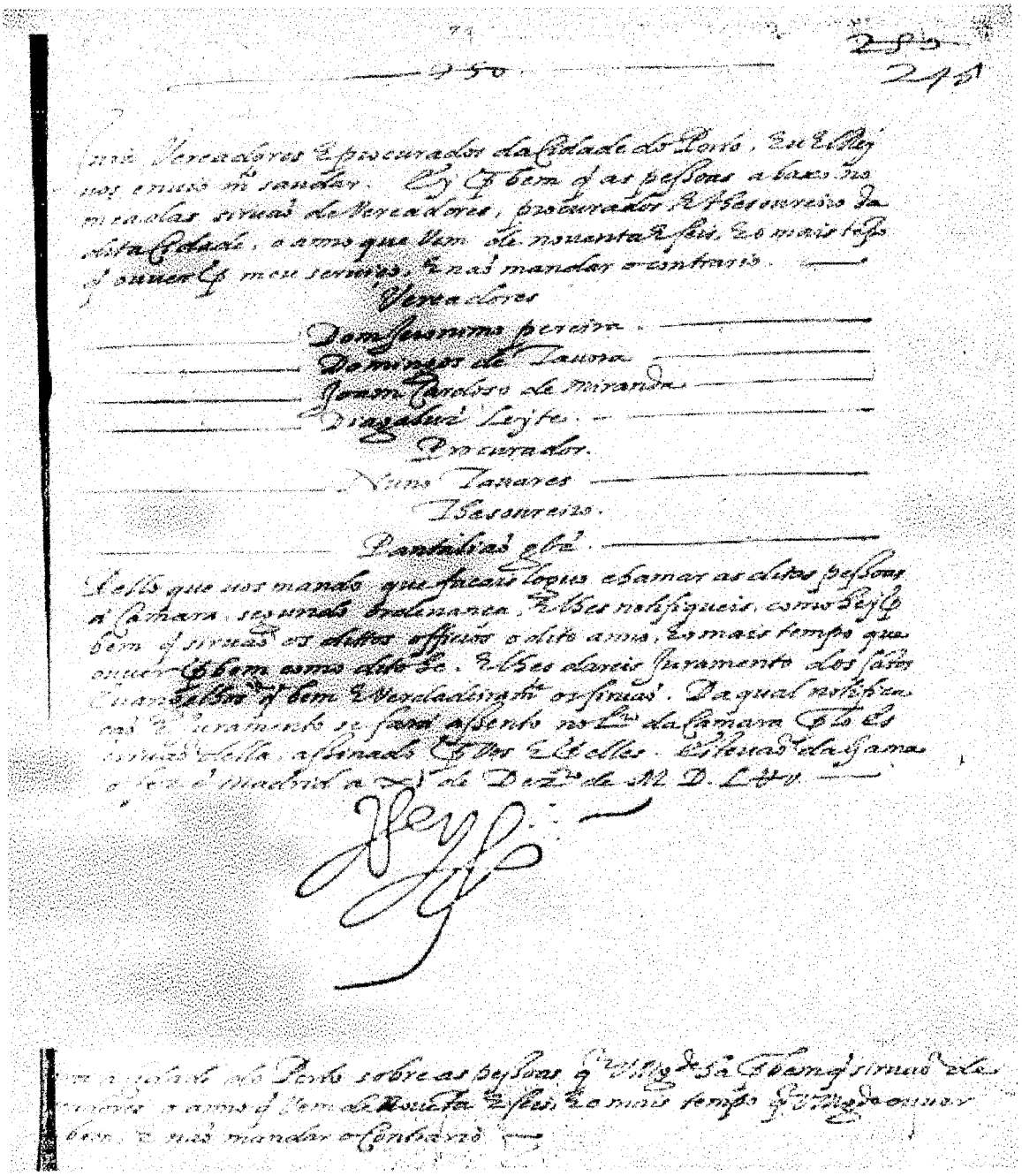


Fig. 3. Nuno Tavares – Procurador da cidade do Porto.

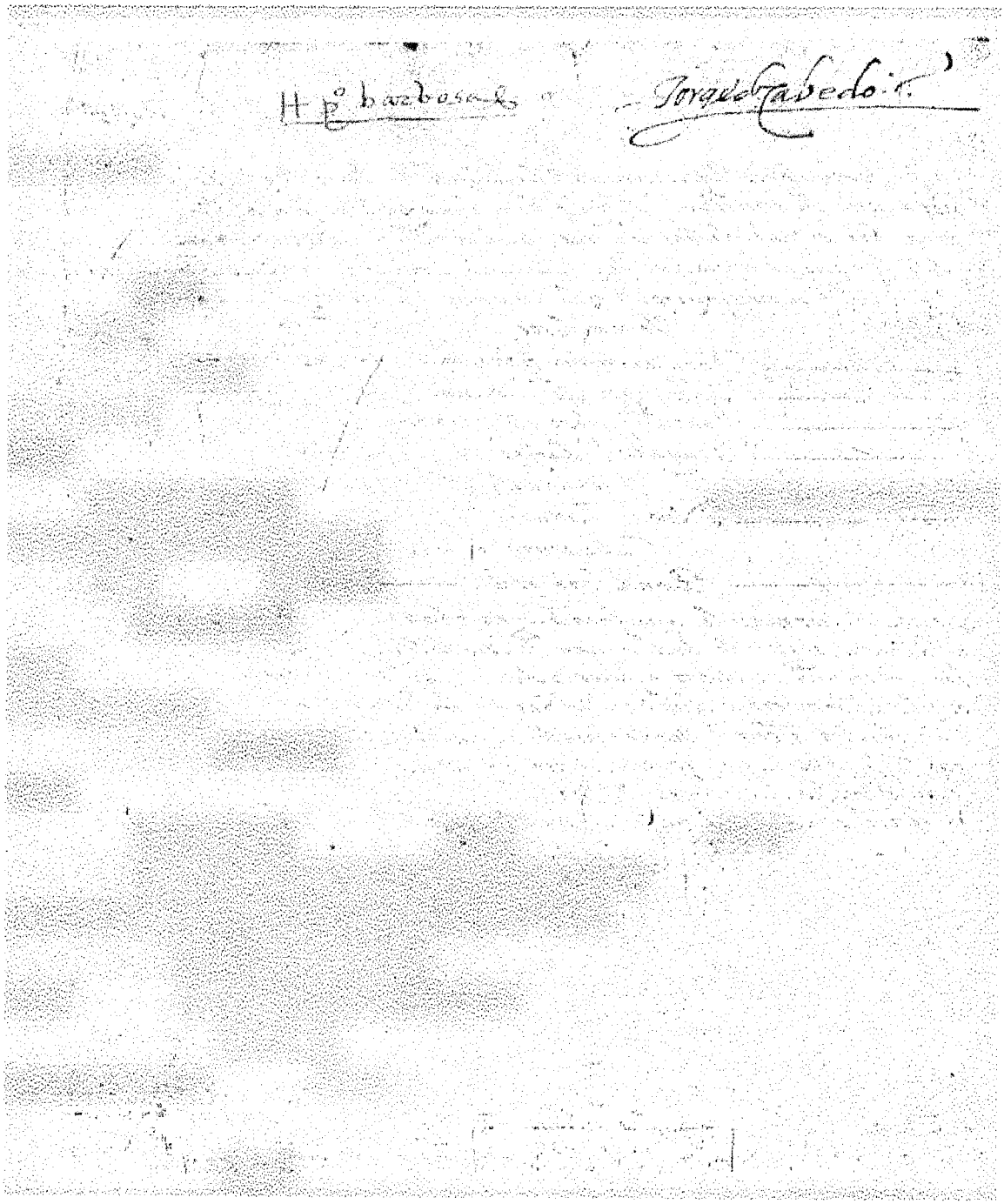
F. 160 do «Livro 3º de Cartas e Provizões – 1528 a 1589» da Casa do Infante – Arquivo Histórico Municipal do Porto



F. 160v (continuação)



F. 245 (continuação)



F. 245v (continuação)

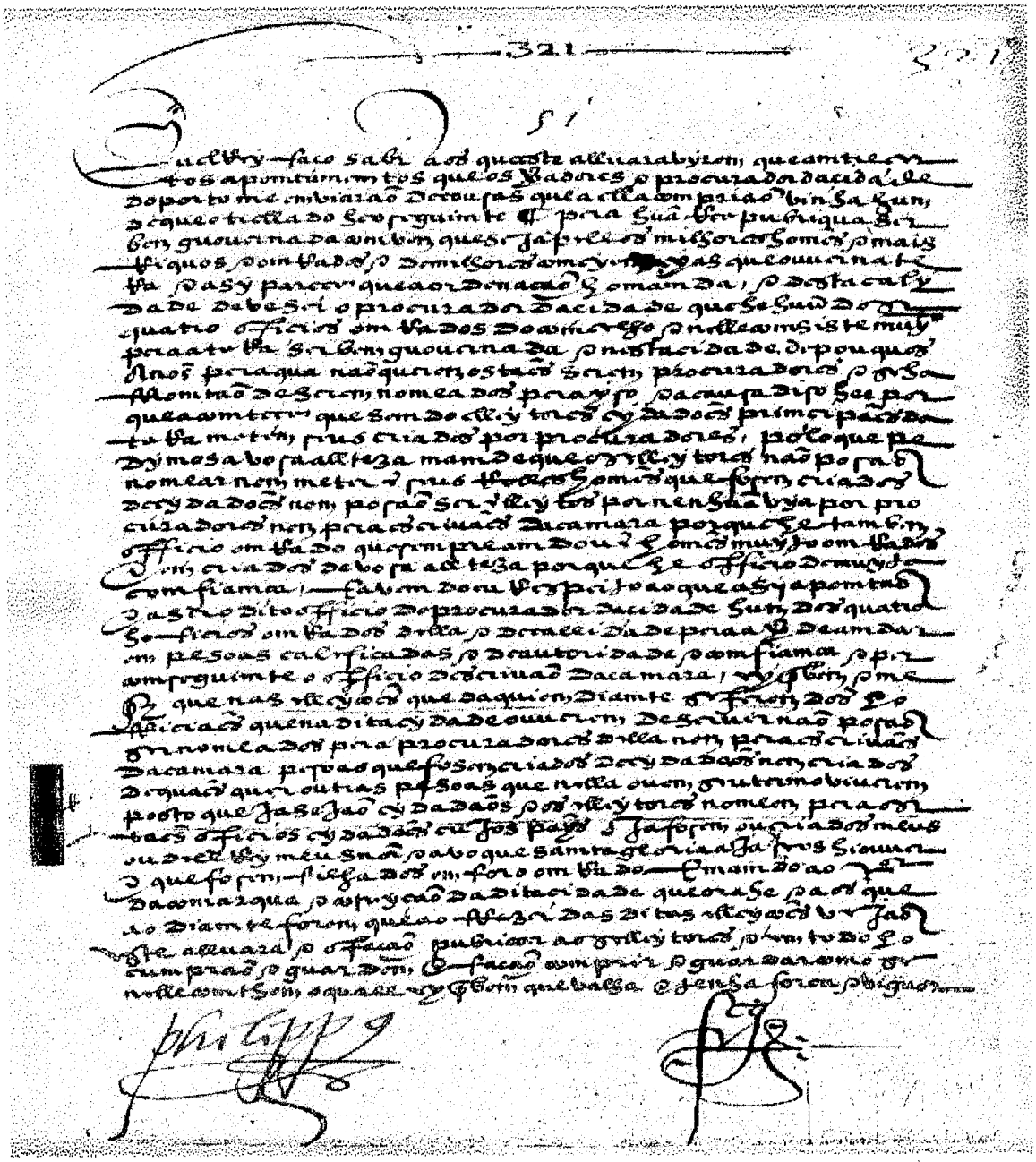
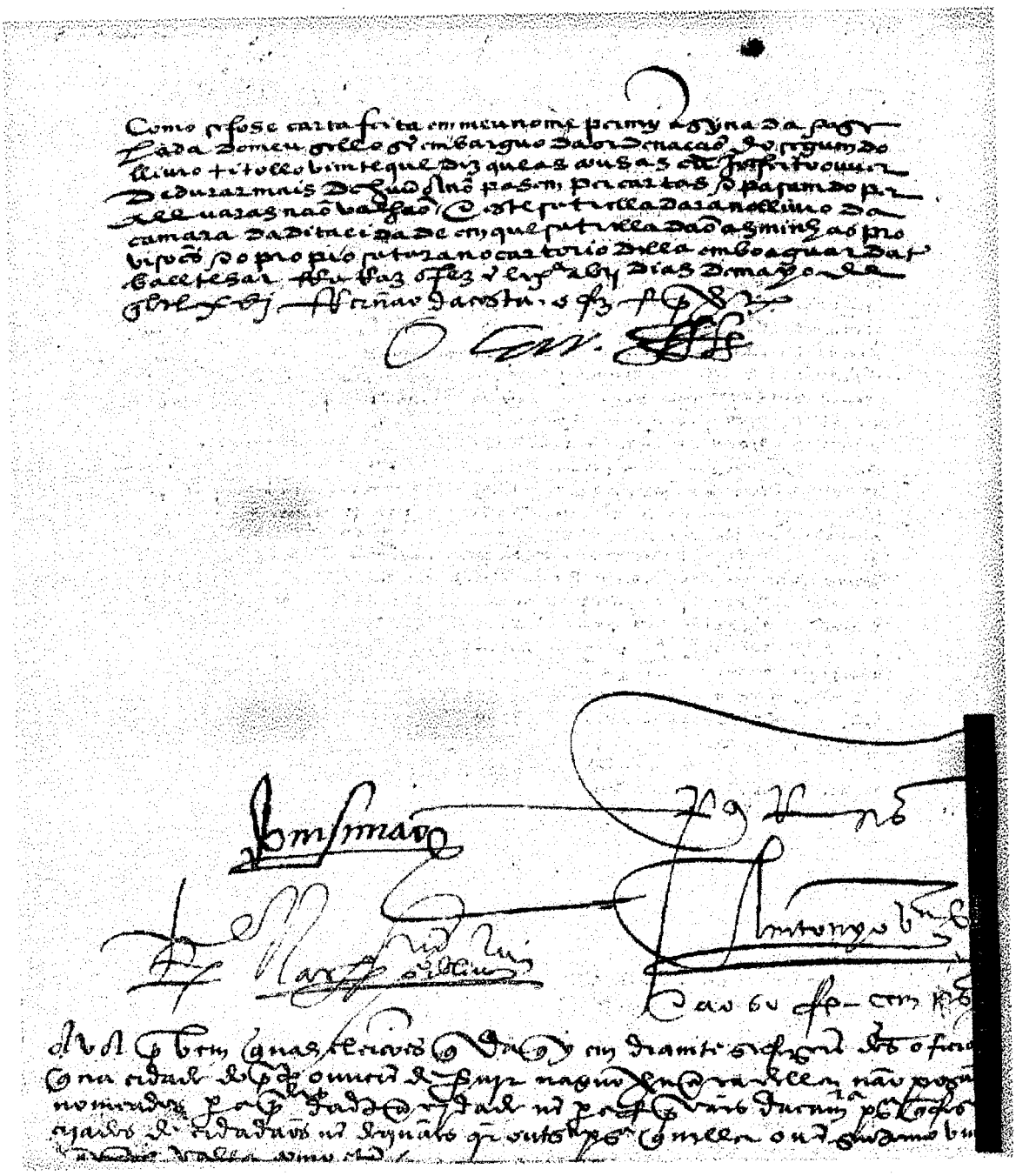


Fig. 4. Carta Régia de 7 de Maio de 1566

F. 321 do «Livro 2º de Cartas e Provizões – 1540 a 1575» da Casa do Infante – Arquivo Histórico Municipal do Porto



F. 321v (continuação)

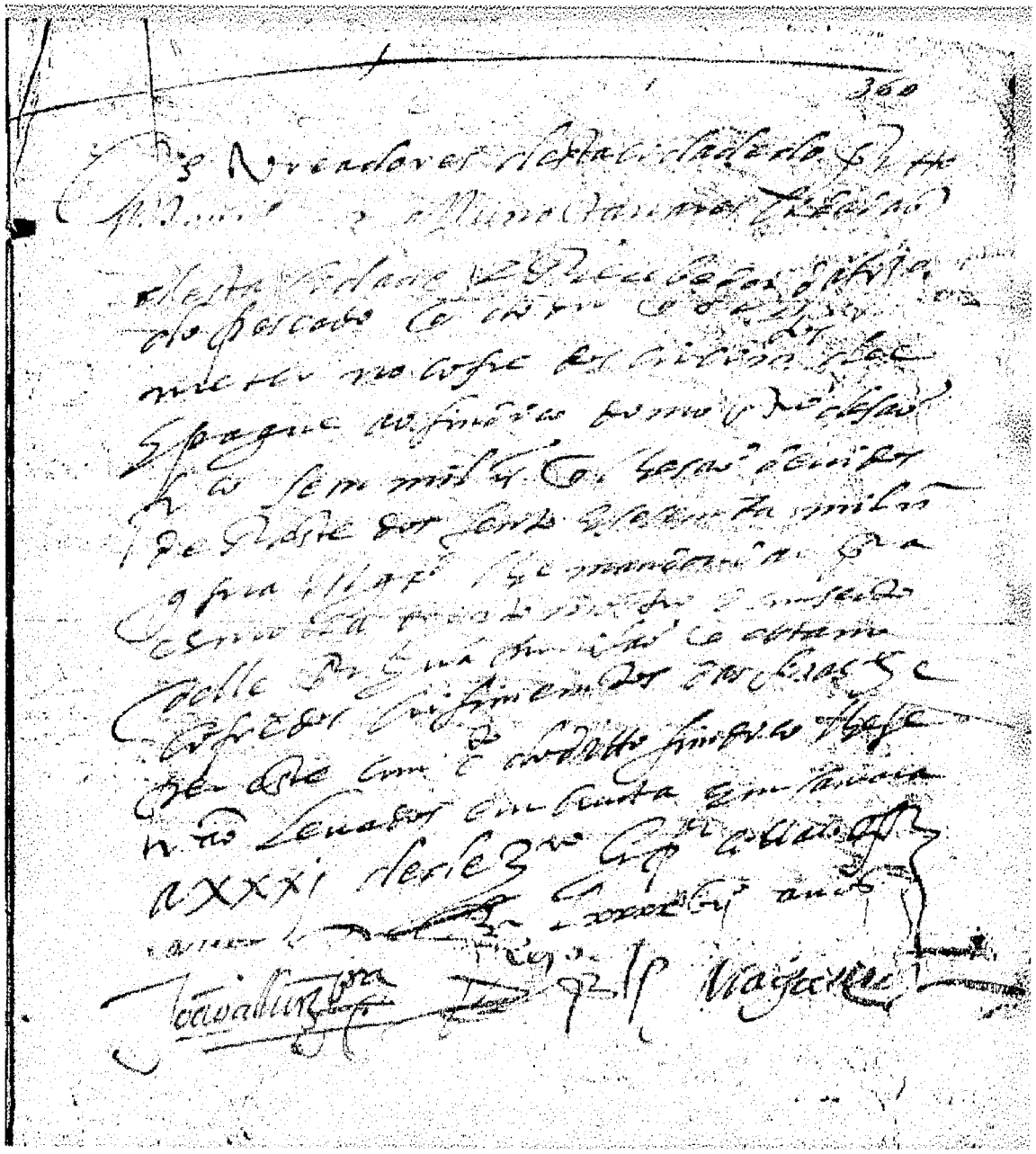
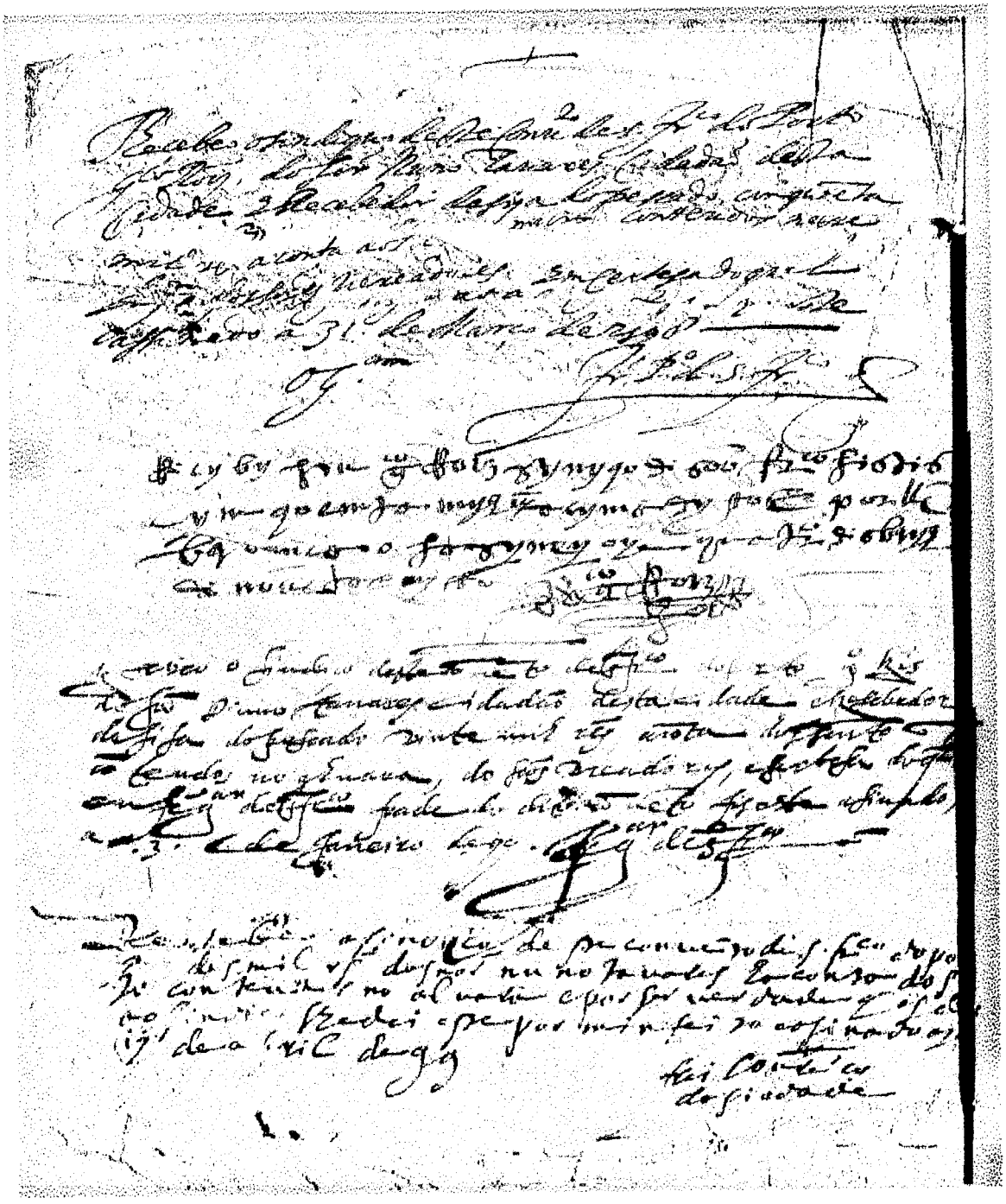
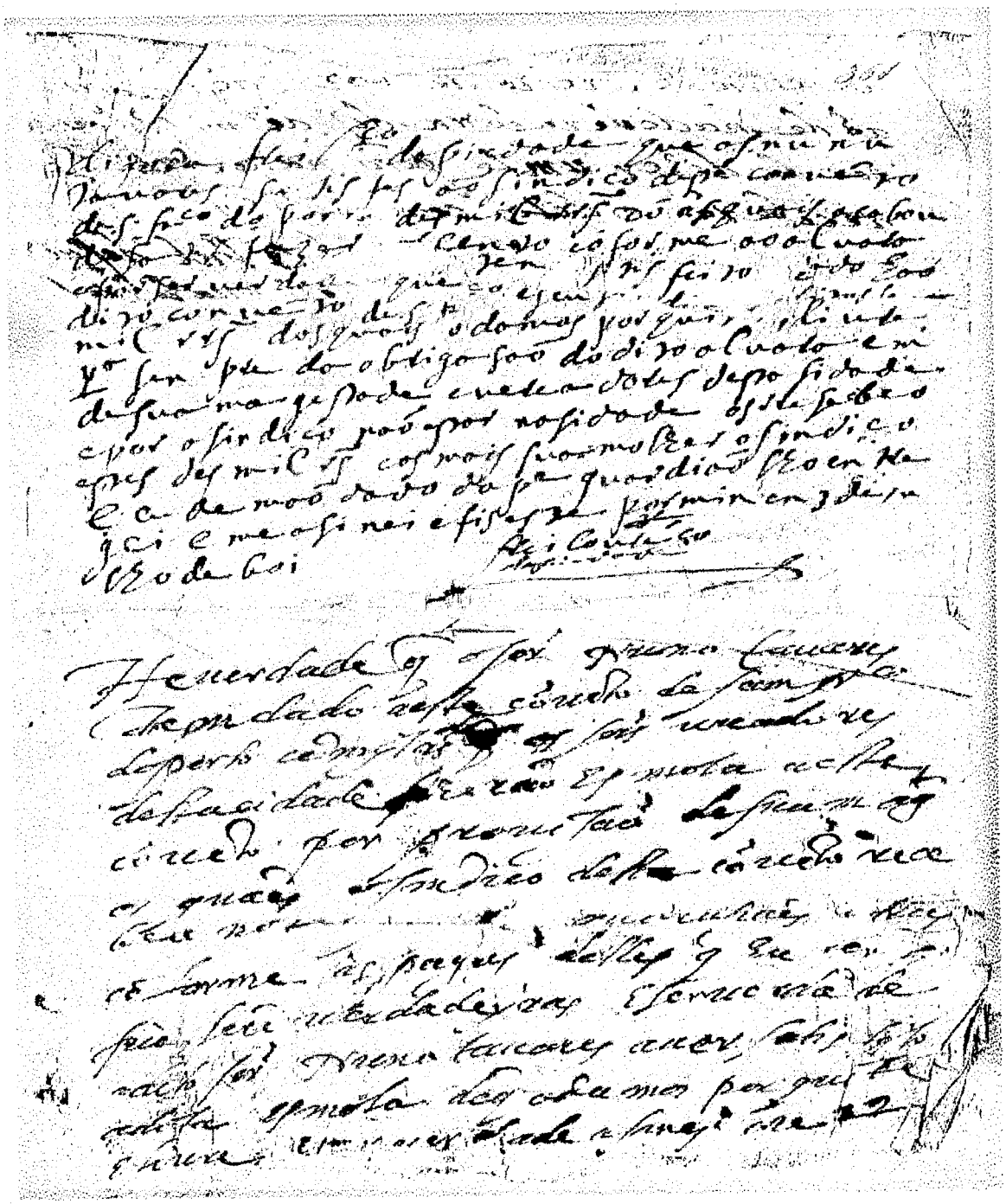


Fig. 5. Nuno Tavares – Recebedor da sisa do Pescado.

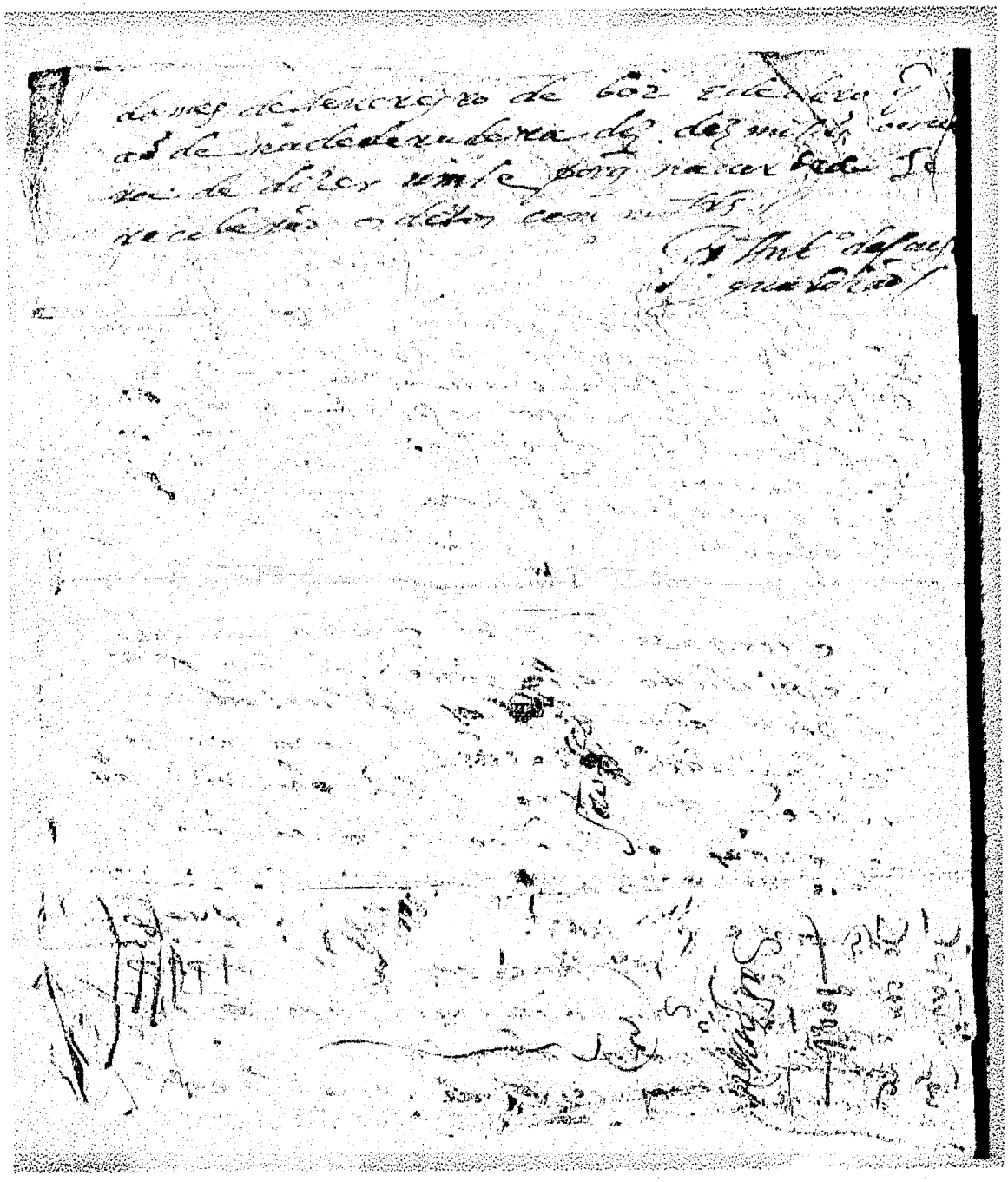
F. 360 do «Livro 3° do Cofre – 1590-1599» da Casa do Infante – Arquivo Histórico Municipal do Porto



F. 360v (continuação)



F. 361 (continuação)



F. 361v (continuação)

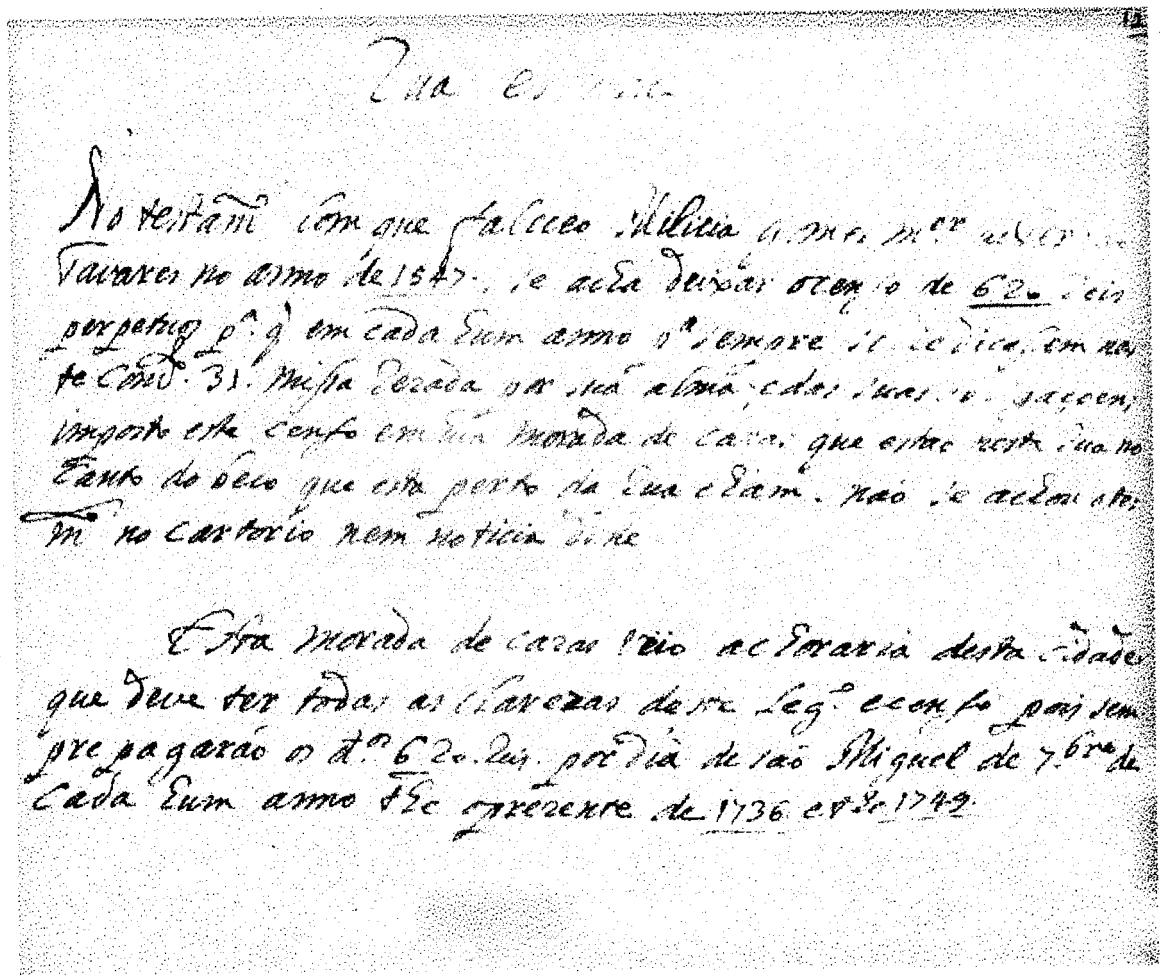


Fig. 6. Milícia Gomes – Doadora de um censo anual de 620 réis.

F. 121v do « Livro da Fazenda do Cartório do Mosteiro de S. Domingos» do Arquivo Distrital do Porto

Carneiro, que entretanto casou com Diogo Homem – de quem descendem os Homem Carneiro, de Atães[7].

João Carneiro teve dois filhos: Vasco e Francisco. De acordo com António Cruz (1940: 10), é de supor a existência de um outro filho – outro João Carneiro, Cidadão do Porto, nomeado a 27 de Janeiro de 1498, com outros cidadãos, para tratar de determinados negócios dos forais.

Para traçar a biografia de Tomé Tavares importa somente a pessoa de Vasco Carneiro e sua descendência. Relativamente, a Francisco Carneiro, convém notar que dele descendem os Carneiros da Ilha do Príncipe[8].

Vasco Carneiro casou com Maria Anes Sanches, filha de António Sanches e de Brites Martins Aranha. Desse casamento nasceram sete filhos: Vasco Carneiro, Luís Carneiro, João Carneiro (Mestre-escola da Sé de Braga e fundador da Capela de S. João Baptista, mais tarde apelidada de Desagravo, no mosteiro de S. Francisco[9]), Jorge Carneiro (bisavô do nosso poeta), Isabel Carneiro, Catarina Carneiro (casada com João Dias Leite, fidalgo da Casa Real e morgado de Ramalde) e Marquesa Carneiro (mulher de Gomes Pais, Juiz de Alfândega).

---

[7] Para o estudo das famílias do Porto, veja-se o códice 1939 – «Descripção historica e genealogica da origem e descendencia das Cazas dos Fidalgos da Cidade do Porto», título dos «Homens de Atães», que se encontra no Arquivo Distrital do Porto. Redigido em 1821, este códice é de extrema importância, até pela escassez de notícias e de obras do género.

[8] No códice nº 304 da Biblioteca Nacional de Lisboa, *Pombalina*, «o genealogista Manuel de Sousa da Silva, Capitão-mor de Santa Cruz de Riba-Tâmega, diz, citando os Livros da Contadoria do Porto, que em 1513 D. Manuel confirmou uma doação feita por António Carneiro, o Secretário, dumas casas da Rua Nova, a sua irmã Felipa Carneira, mulher de Vasco Dias, casas que havia herdado de seu pai Francisco Carneiro. Diz o mesmo genealogista que de João Carneiro, de quem não dá, porém, a filiação, Juiz no ano de 1447 e Vereador em 1472 – data esta que deve estar errada – como constava dos Prazos do Hospital, nasceram dois filhos, Vasco Carneiro, o Vélho, e o referido Francisco Carneiro, ascendente dos Condes da Ilha do Príncipe. (*apud* Cruz, 1941: 9).

[9] Nas «Memorias Sepulchraes», f. 12, António da Luz Foz refere que esta capela era fechada «com grades de ferro, nas quais, como remate, puseram o escudo das armas dos Carneiros com alguma diferença, porque neste, em vez da banda ser acompanhada pelos dois carneiros passantes, é acostada por êles, tendo o da ponta para esta virada a cabeça» (*apud* Anselmo Braancamp FREIRE, 1973: vol. II). Veja-se também os documentos referentes a esta capela de S. João Baptista e ao seu fundador, João Carneiro, Mestre-escola, que constam do «Cartório do Mosteiro de S. Francisco, livro 4º das Capelas», ff. 1r; 5r-5v; 6r-6v; 8r-8v, do Arquivo Distrital do Porto (fig. 7).

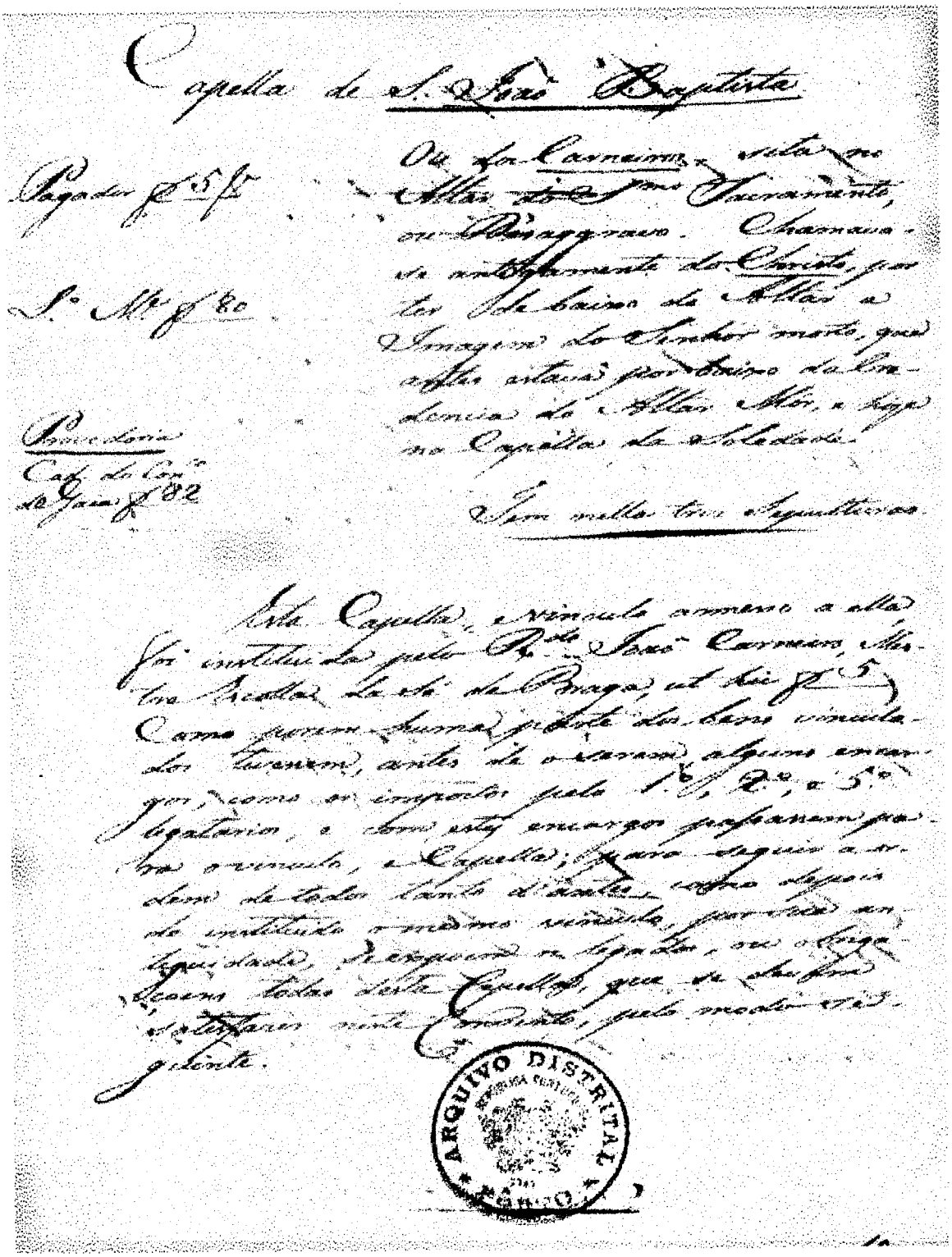
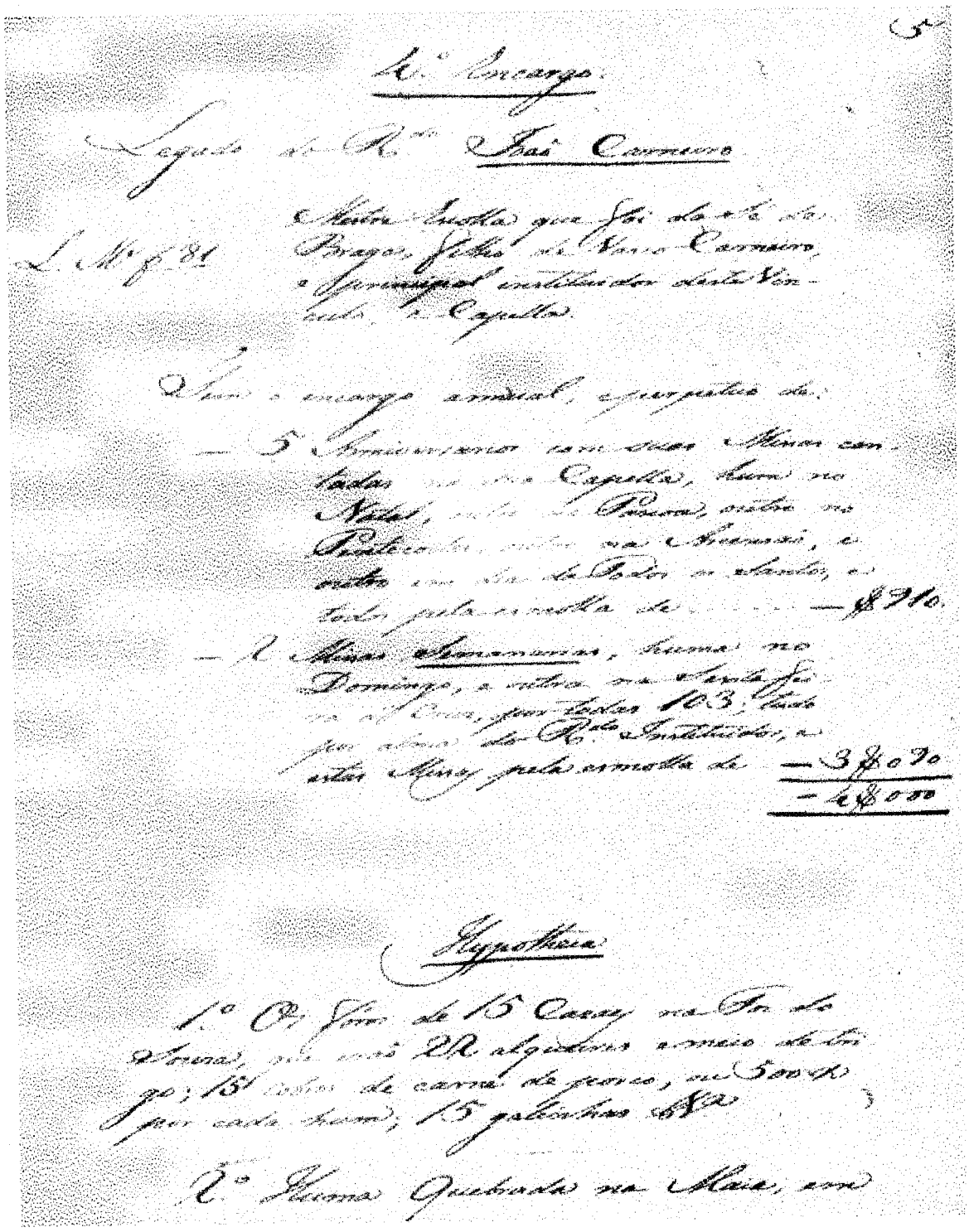


Fig. 7. João Carneiro – Mestre-escola e fundador da Capela de S. João Baptista.

F. 1 do «Livro 4º das Capelas do Mosteiro de S. Francisco» do Arquivo Distrital do Porto



4ª Encarga.

Legado de N.ª Sr.ª Boa Carneiro

L. M.º f.º 81 Manda Lembra que fôr de 4$ de Braga, filha de Manoel Carneiro, e freguesia [illegible] Vendo a Capella.

Uma encarga annual, e perpetua de:

— 5 Missas cantadas com Missa em todas as suas Capella, huma no Natal, outra da Paixão, outra na Ascensão, e outra no dia de Todos os Santos, e todas pela esmolla de — $910.

— 1 Missa Cantada, huma no Domingo, e outra na Terça feira da Paixão, por todos 103, todas por alma de Ana Emiliana, e seus Pays, pela esmolla de — 3$070

— 4$030

Hypotheca

1.º Q. Sitio de 15 Cazas na Estrada, [illegible] 2R alqueires e meio de milho; 15 [illegible] de carne de porco, a 500 R por cada hum; 15 galinhas 6$R

2.º Huma Quebrada na Mata, em

F. 5 (continuação)

em Valle de Comedo, de que Ro. pagarão
lo alguma dessa monta.

3.º Item mandão de casas na Rua da
Boavista (hoje Rebouças) digo Item lhe leixou
pra lhe pagarem de foro 800 rs.

4.º O mais bem, que digam serão com-
do este Novello, e Leyttal) pelos diferentes
administradores delles, e constão do Maço
sob fl 18, 20, e seguinte; e Tambem do 22 fl 16

Títulos

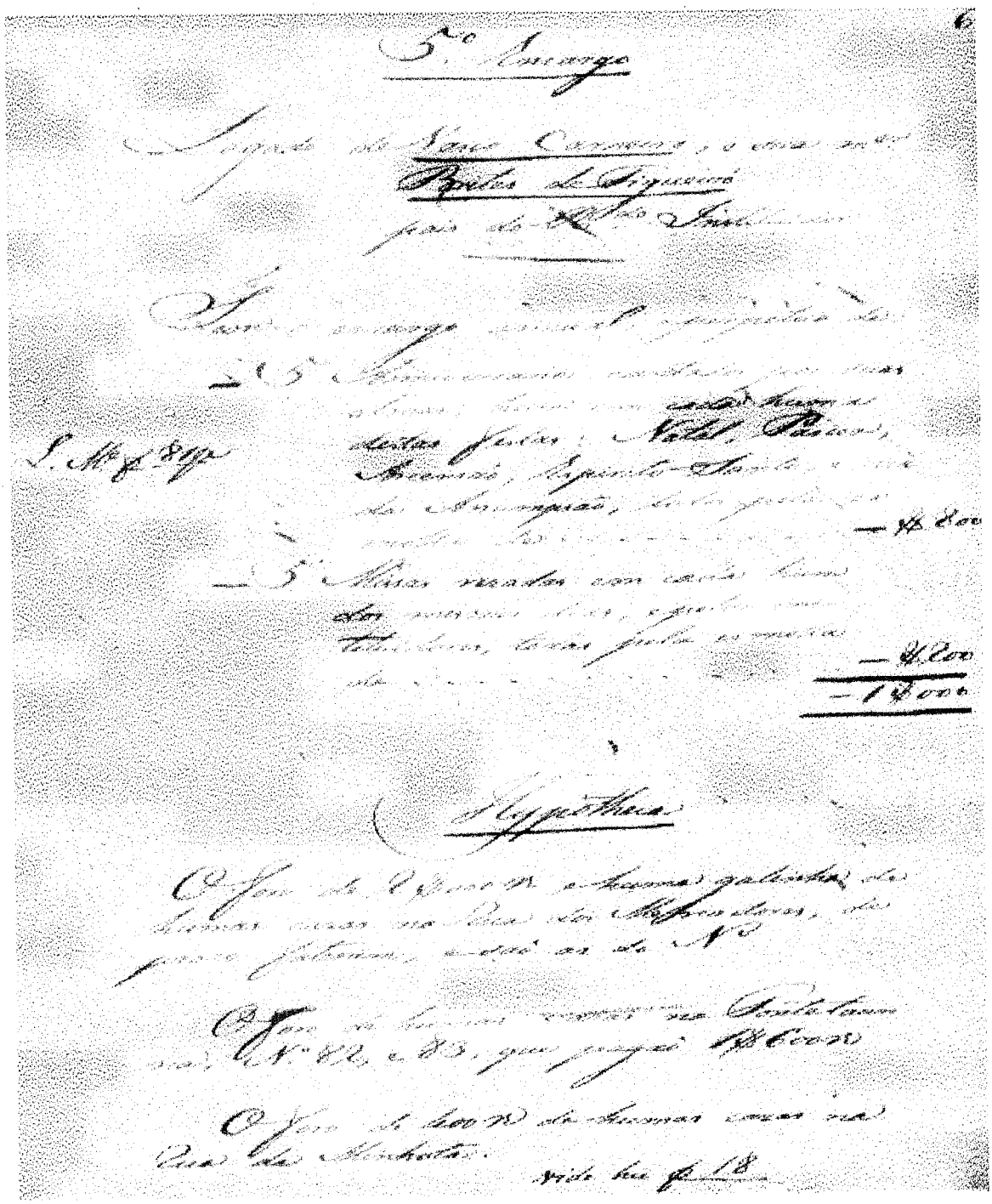
O testamento de Antonio Carneiro, mostrando
entertamentino de entidades, referido no fo
Encargo fl 8 fl pelas Certidões fl 32.

Huma Certidão extrahida do Orfão
dessa Capella, a fol 118 et seguintes
fl 119 Registada no Livro 2.º no Num. 37,
pelos seus cargos

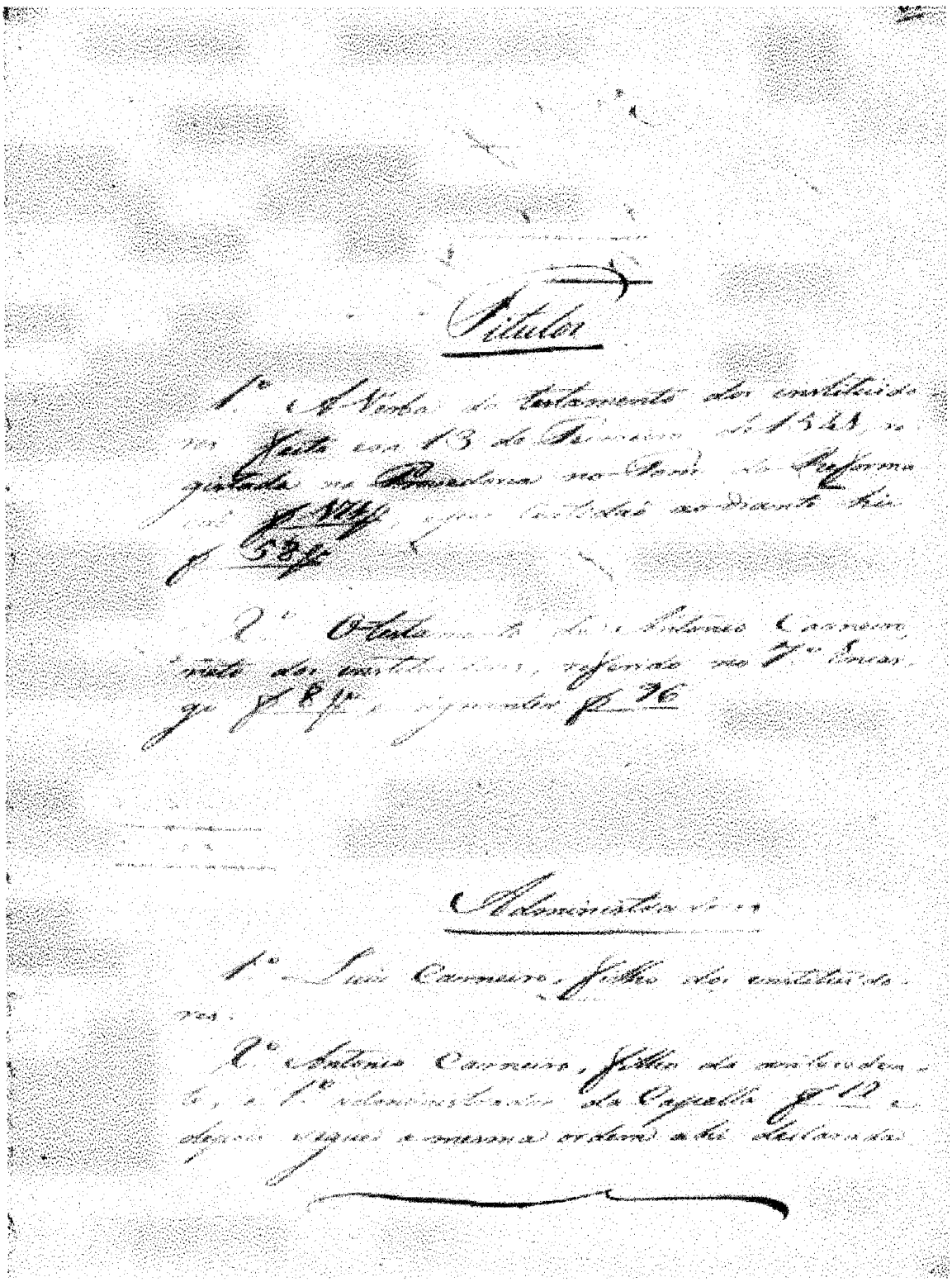
Administradores

1.º Leia Carneiro, coarão do instituidor.
2.º Antonio Carneiro, 1.º administrador da
Capella fl 18, e depois digno a mesma nomeação
ahi declarada.

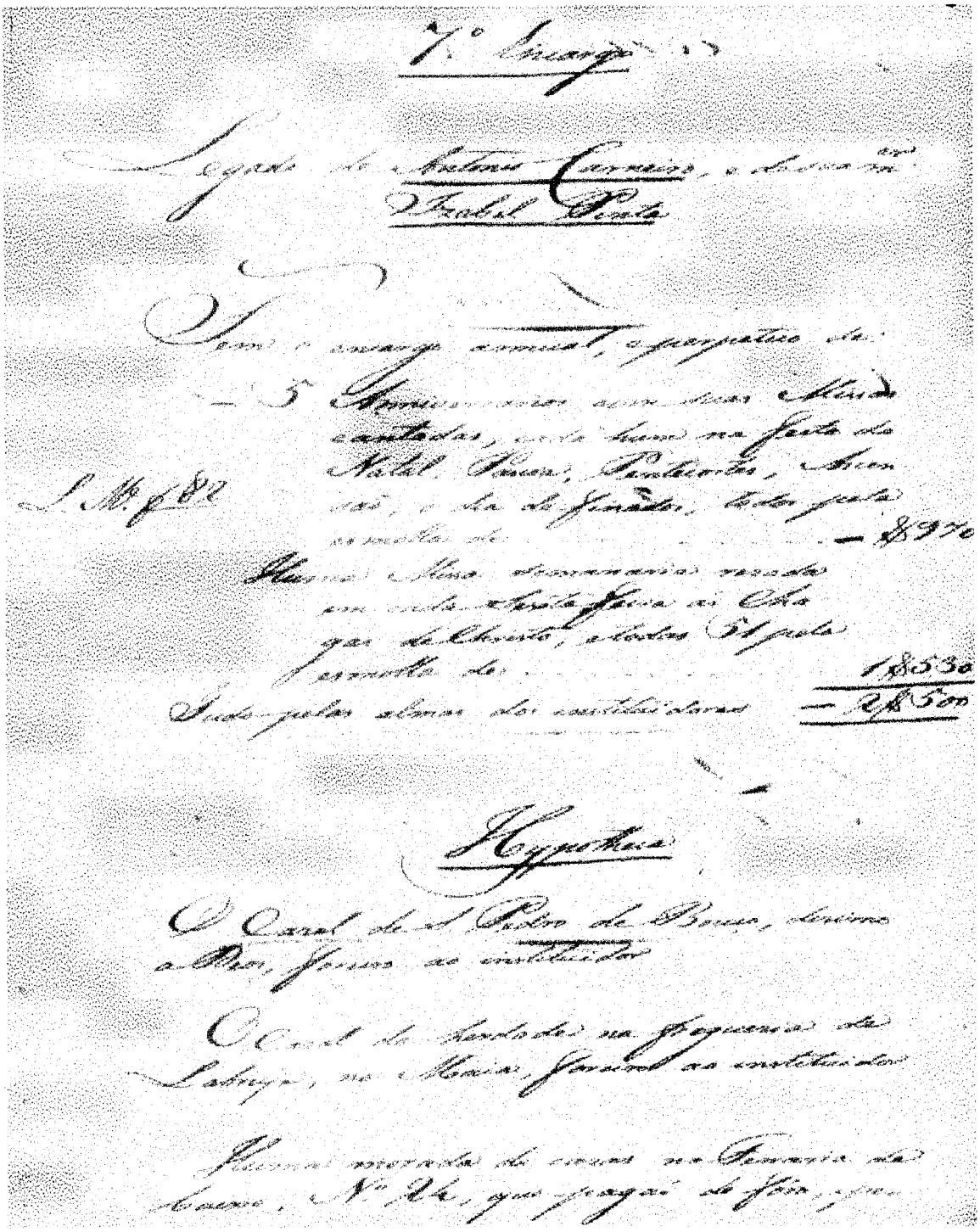
F. 5v (continuação)



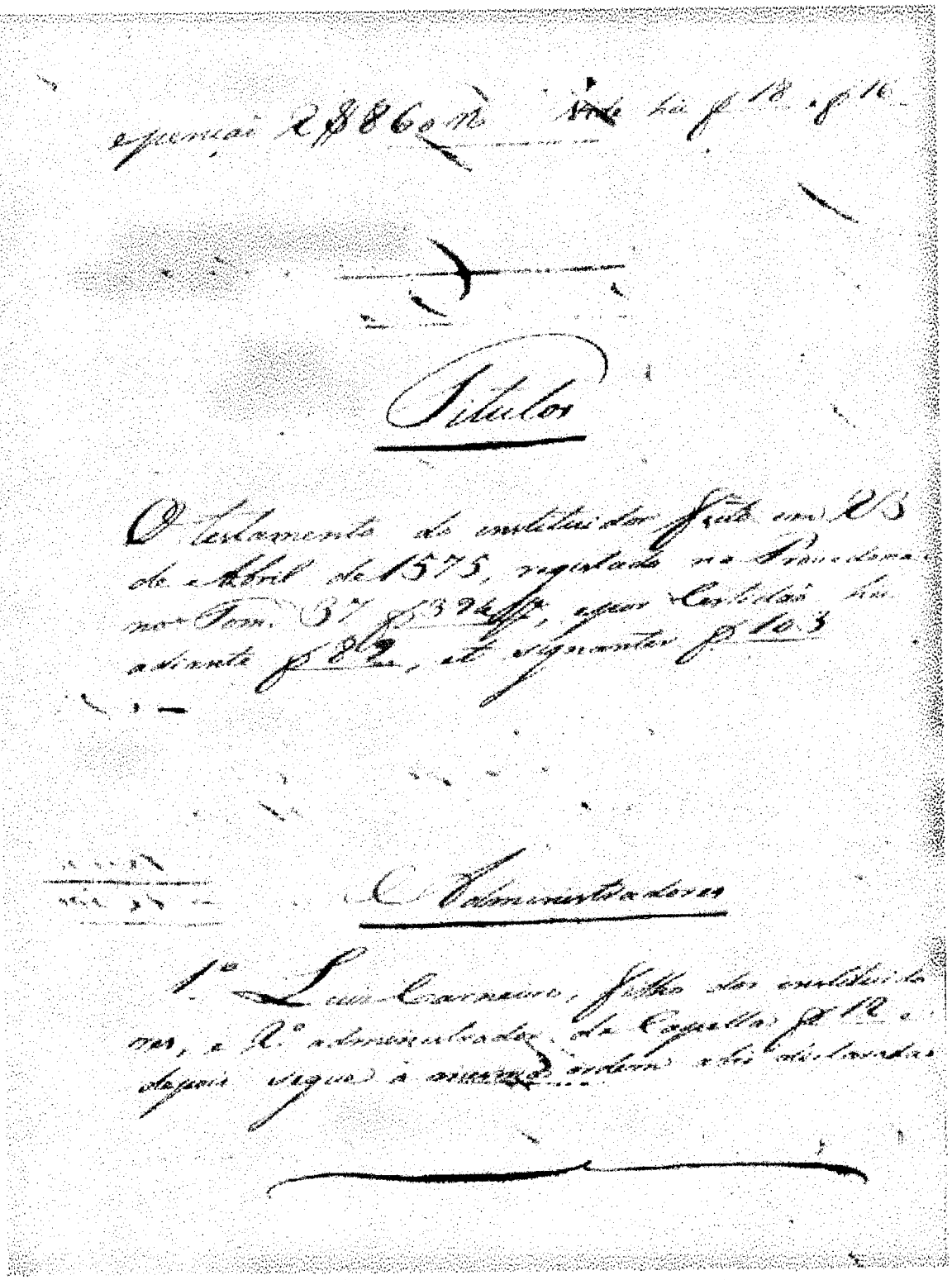
F. 6 (continuação)



F. 6v (continuação)



F. 8 (continuação)



F. 8v (continuação)

Escudeiro e Cidadão do Porto, Vasco Carneiro sucedeu a seu pai nas casas da Rua Nova, onde morreu. A 25 de Maio de 1490, foi-lhe passada uma Carta de privilégios para seus caseiros, amos e lavradores (Freire, 1973: vol. II). Também ele exerceu cargos de extrema importância na administração da cidade, como o comprova a Carta de 4 de Março de 1502 de D. Manuel I, em que o monarca, pensando estabelecer na cidade do Porto um grande hospital[10], o nomeia para o cargo de provedor e recebedor do mesmo[11]. Faleceu em 1516[12].

O bisavô do nosso poeta, Jorge Carneiro, teve somente uma filha – Catarina Carneiro, que casou com Tristão Rodrigues, «Alcaide da Cidade»[13]. Tiveram três filhas: Isabel Carneiro, Apolónia Carneiro e Joana Carneiro, mãe de Tomé Tavares.

Veja-se, a título de curiosidade, a tábua que se segue das oito gerações de descendência da neta de Jorge Carneiro[14]:

João Carneiro _____ irmão _____ Jorge Carneiro
(Mestre-Escola) |
D. Catarina Carneiro, c. c. Tristão Rodrigues

D. Isabel Carneiro, c. c. Gaspar de Anhaia	D. Apolónia Carneiro c. c. Belchior Moreira de Altero
Jorge Carneiro de Anhaia, Vereador em 1619. C. c. Paula de Sousa	Manuel Carneiro de Altero, m. s.
	Tomé Tavares Carneiro Carneiro,Abade de Santa Marinha de Rio Tinto
	Fernão Tavares Carneiro, Vigário de
D. Joana Carneiro c. c. Nuno Tavares	D. Catarina Carneiro, c. c. Luís Álvares de

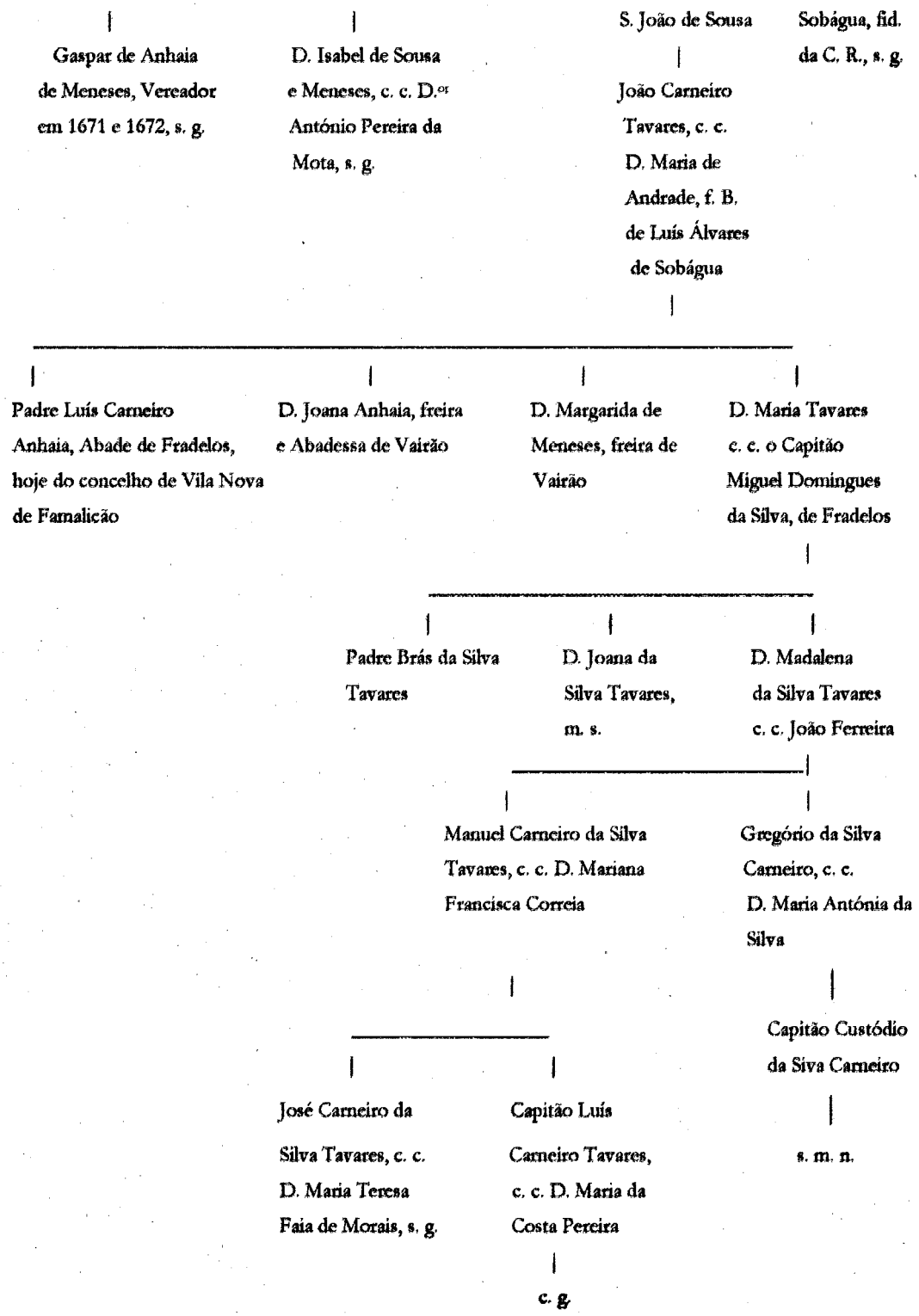
[10] Cf. Artur de Magalhães BASTO, 1934: vol. I, 167, sobre as diligências efectuadas para a fundação deste hospital.

[11] Veja-se a este propósito os documentos referentes ao «Livro 7º de Vereações – 1502», ff. 104r-104v; 105, que se encontram na Casa do Infante (fig. 8).

[12] Cf. Ms. 1588 – «Aparato Genealógico», título dos «Carneiros», da BPMP. Trata-se de uma cópia de 1840, realizada por António Manuel de Antas de Vasconcelos, da obra do Padre Marcelino Pereira.

[13] Cf. Francisco DIAS, 1937: 8.

[14] Tivemos como ponto de partida a tábua de descendência da família dos «Carneiros» traçada por António CRUZ (1941: 12), mas efectuámos algumas correcções e acrescentos.



A família do Abade Tomé Tavares Carneiro era bastante abastada, como o comprovam as inúmeras propriedades que possuíam seus pais e uma tia[15].

[15] Dá conta de alguns bens da família, a escritura de dote de casamento da sua irmã D. Catarina Carneiro. Pelo facto de se referir a uma capela de missas no mosteiro de S. Francisco, a escritura foi transcrita no livro 163°, ff. 49v-52r do «Governo Civil do Porto», depositado no Arquivo Distrital do Porto (cf. fig. 9).

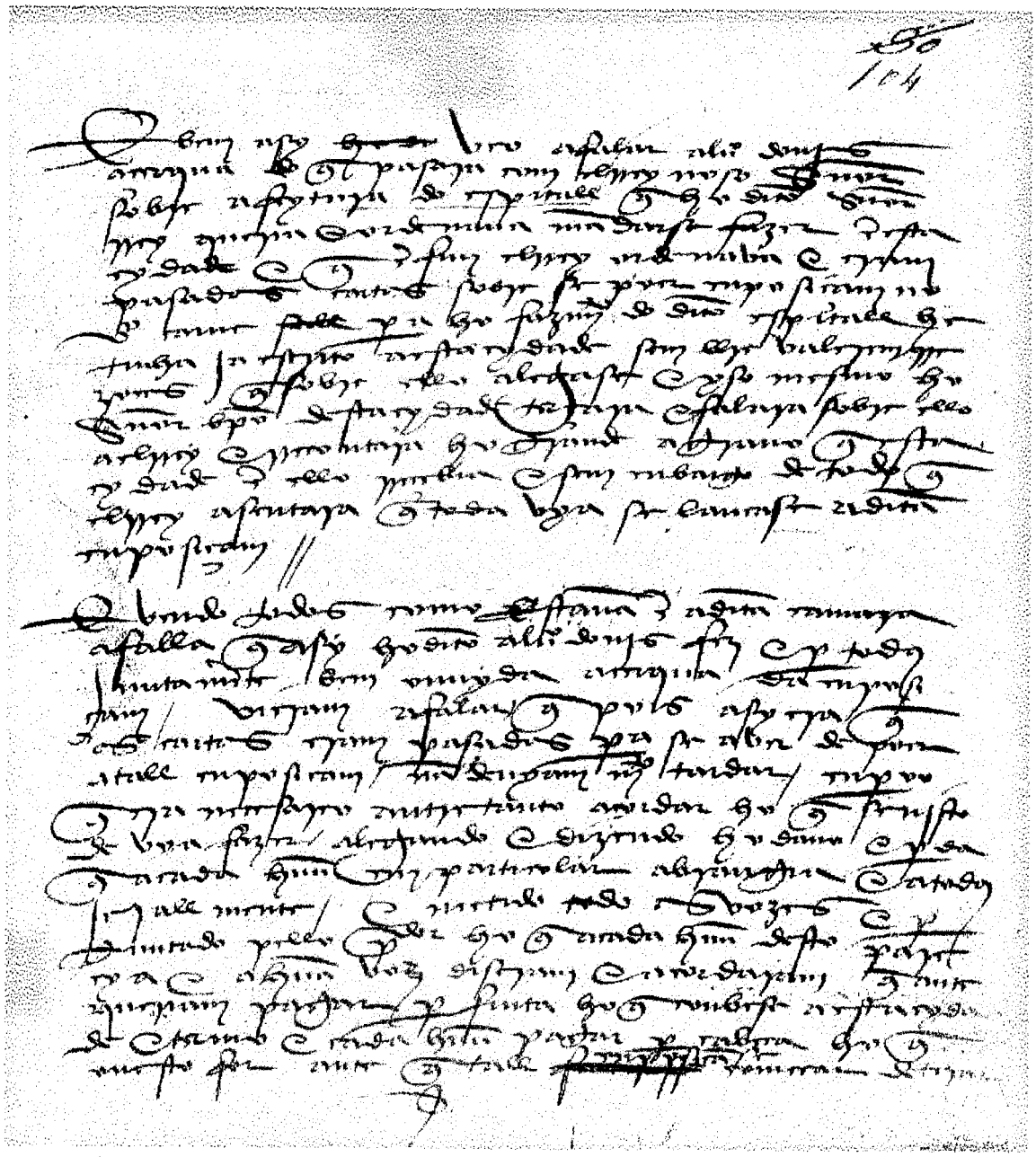
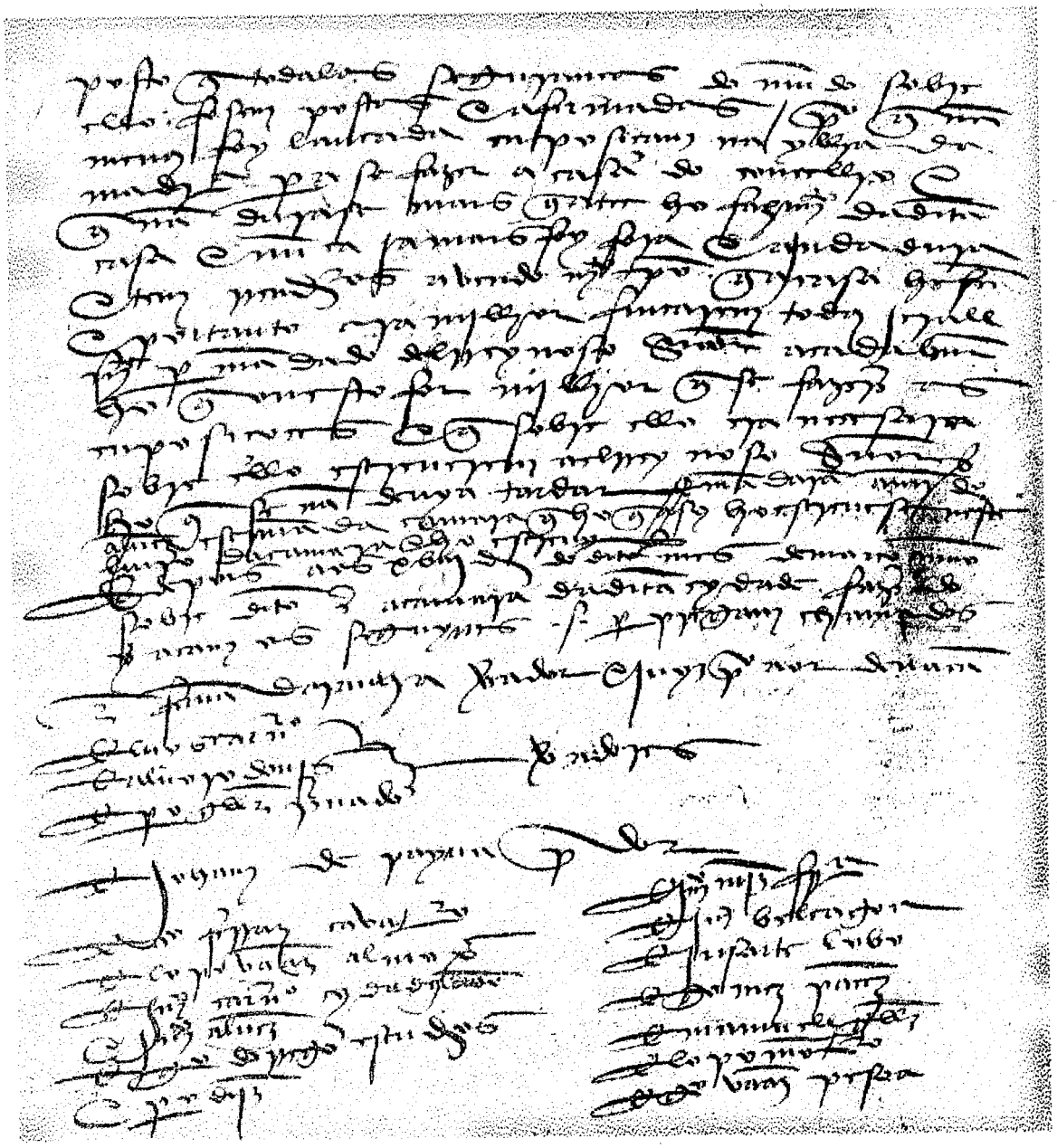
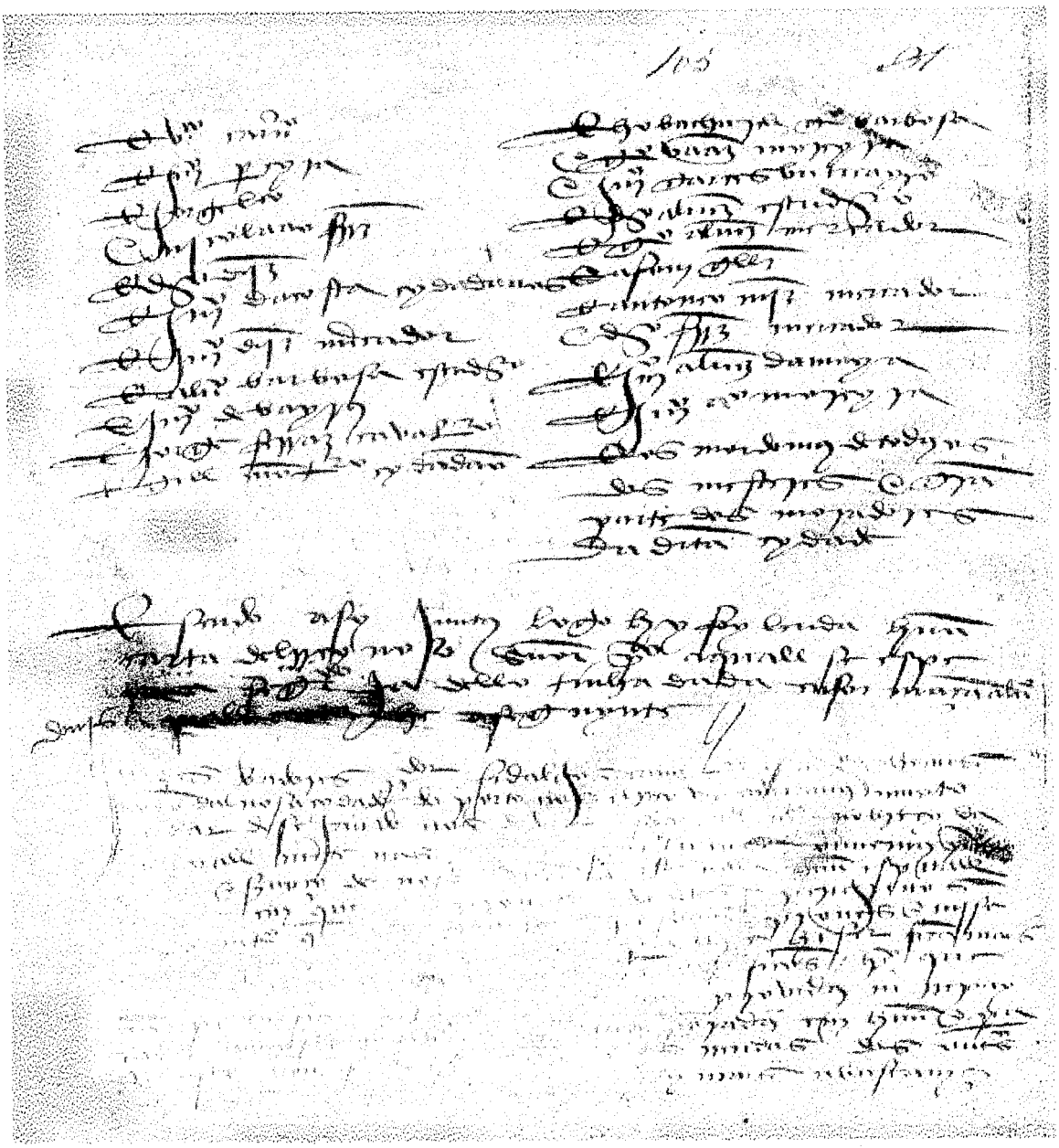


Fig. 8. Vasco Carneiro – Nomeação para cargo de Provedor.

F. 104 do «Livro 7º de Vereações – 1502» da Casa do Infante – Arquivo Histórico Municipal do Porto



F. 104v (continuação)



F. 105 (continuação)

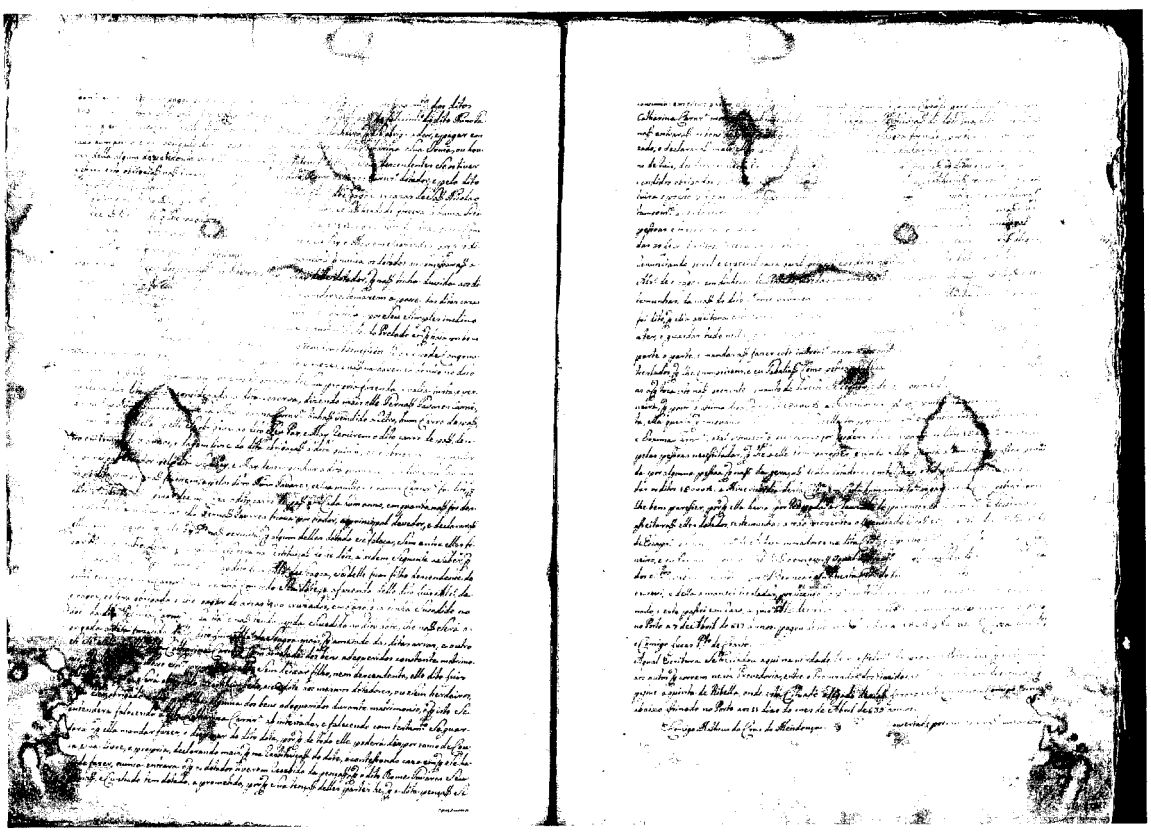
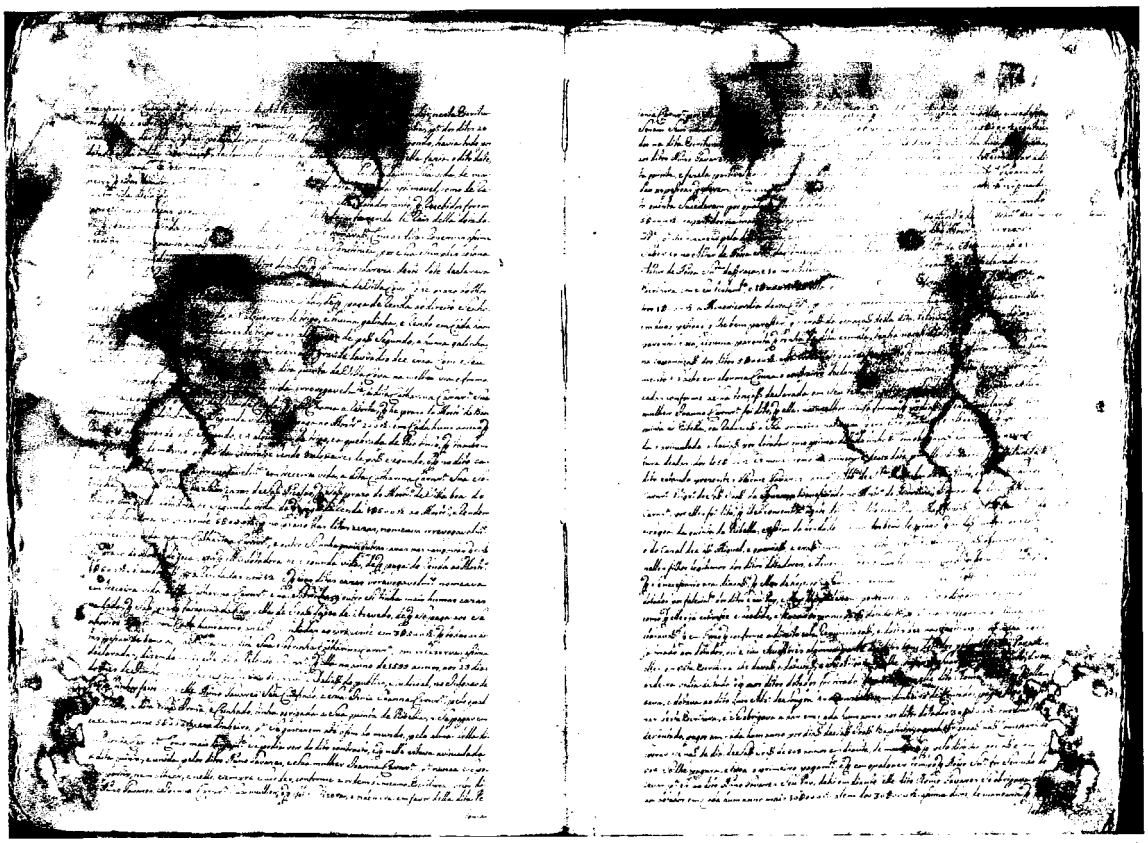
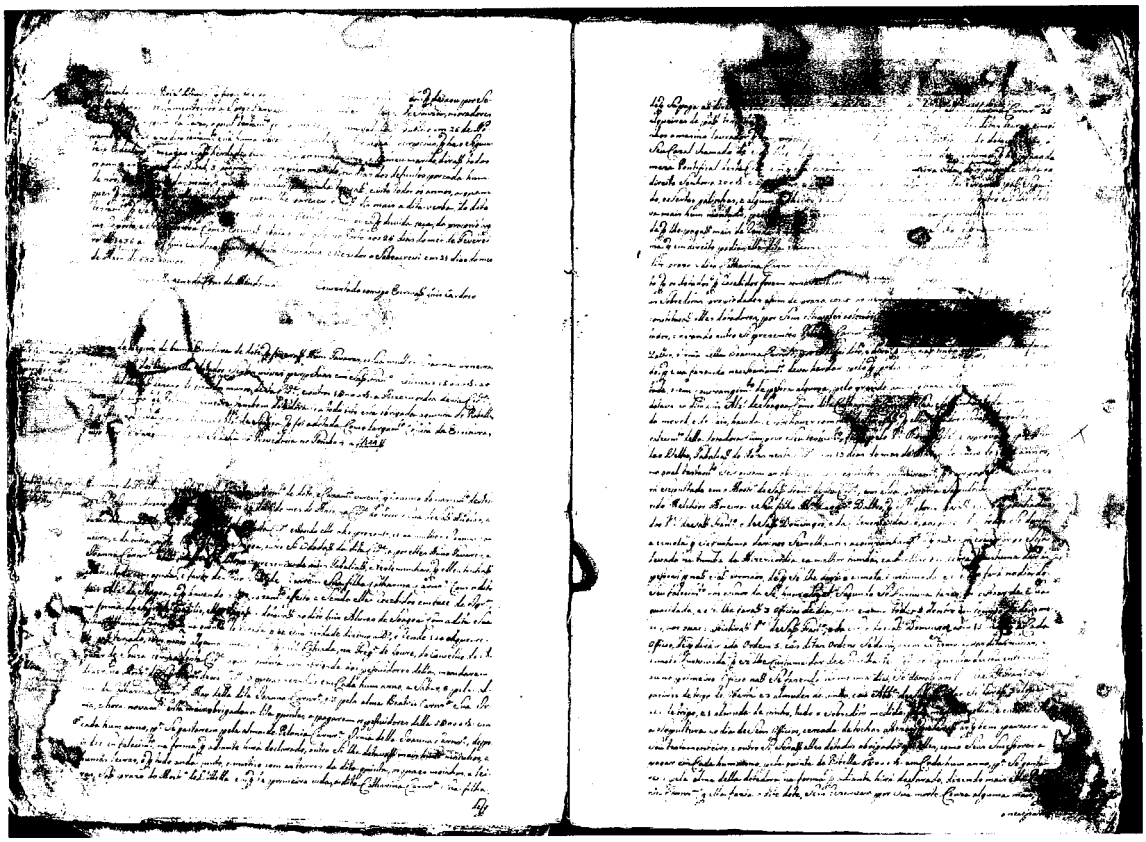


Fig. 9. Escritura e dote de casamento de D. Catarina Carneiro (irmã do poeta)
ff. 49v-52r (livro 163º) do «Governo Civil do Porto» do Arquivo Distrital do Porto



(continuação)



(continuação)

Na escritura de «dote e casamento» de D. Catarina Carneiro, irmã do nosso poeta, lavrada a 21 de Maio de 1605, nas casas da rua de S. Nicolau, onde Nuno Tavares residia, dá-se conta de forma minuciosa de alguns desses bens e propriedades. Nesta escritura, estiveram presentes, para além de Nuno Tavares e sua mulher, D. Joana Carneiro, uma irmã desta, Apolónia Carneiro (Dona viúva), os filhos do casal e o fidalgo e cidadão Luís Álvares de Sobágua[16], futuro marido de D. Catarina Carneiro.

De entre os bens que a família possuía, a noiva foi dotada:

– com a Quinta da Ribela, freguesia de Louredo, concelho de Aguiar de Sousa, que tinha como rendimento 120 alqueires de pão terçado e algumas miudezas. Eram obrigados os seus possuidores a mandar celebrar no mosteiro de S. Francisco

---

As fazendas 'obrigadas' a essa capela eram do domínio da coroa. Assim se compreende o facto de ter sido extinta a mesma capela, não se tendo assim conservado aquelas fazendas na posse das gerações futuras de Nuno Tavares, como testemunha uma nota no alto da primeira página da escritura do livro: «acabou esta Capella por serem as fazendas del Rej».

[16] No «Compêndio do cartório do Mosteiro de Santo Eloi» (liv. 87), do Arquivo Distrital do Porto, pode ler-se que Luís Álvares de Sobágua e D. Catarina Carneiro foram os primeiros possuidores da Capela-mor de Santo Elói, que lhes foi cedida pelo mosteiro da mesma invocação em 1618 (Cf. ff. 29r-36r; 1007-1010, fig. 10).

Luís Álvares de Sobágua ou Luís Álvares de Sobágua e Sá, como se lê no volume já citado, faleceu em 13 de Dezembro de 1621 e foi sepultado na mesma Capela-mor, tal como a sua filha D. Maria de Andrade, mulher de João Carneiro Tavares, que faleceu a 24 de Outubro de 1638. Foram ainda aí sepultados o mesmo João Carneiro Tavares, falecido a 8 de Julho de 1648, e sua tia, a instituidora D. Catarina Carneiro, que faleceu a 5 de Maio de 1649.

Luís Álvares de Sobágua, Fidalgo da Casa de El-Rei e sua mulher D. Catarina Carneiro estabeleceram, para essa Capela, um vínculo de 5.000 cruzados e renda de 100.000 réis, a que obrigaram as suas casas da Rua Nova, foreiras a El-Rei, a Quinta de Molares, em Celorico de Basto, parte do rendimento do Casal de Lavradores, em Lordelo, julgado de Bouças, e umas casas nas Cangostas. O Casal de Lavradores fora comprado, em 1559, por António de Madureira.

Sucedeu-lhe nesse Casal sua irmã D. Catarina de Madureira, casada com António da Mota, que o dotou a sua filha D. Petronilha de Madureira, mulher de Francisco Álvares de Sobágua – pais de Luís Álvares de Sobágua. Quanto às casas das Cangostas, sabe-se que as venderam, em 1478, João Campelo e Branca Luís a João Álvares, escudeiro do Prior do Crato.

Decorrido mais de um século, como se viu acima, pertenciam essas casas a Nuno Tavares. A Capela-mor de Santo Elói foi vendida pelos herdeiros dos instituidores a Pantaleão Alvo Godinho.

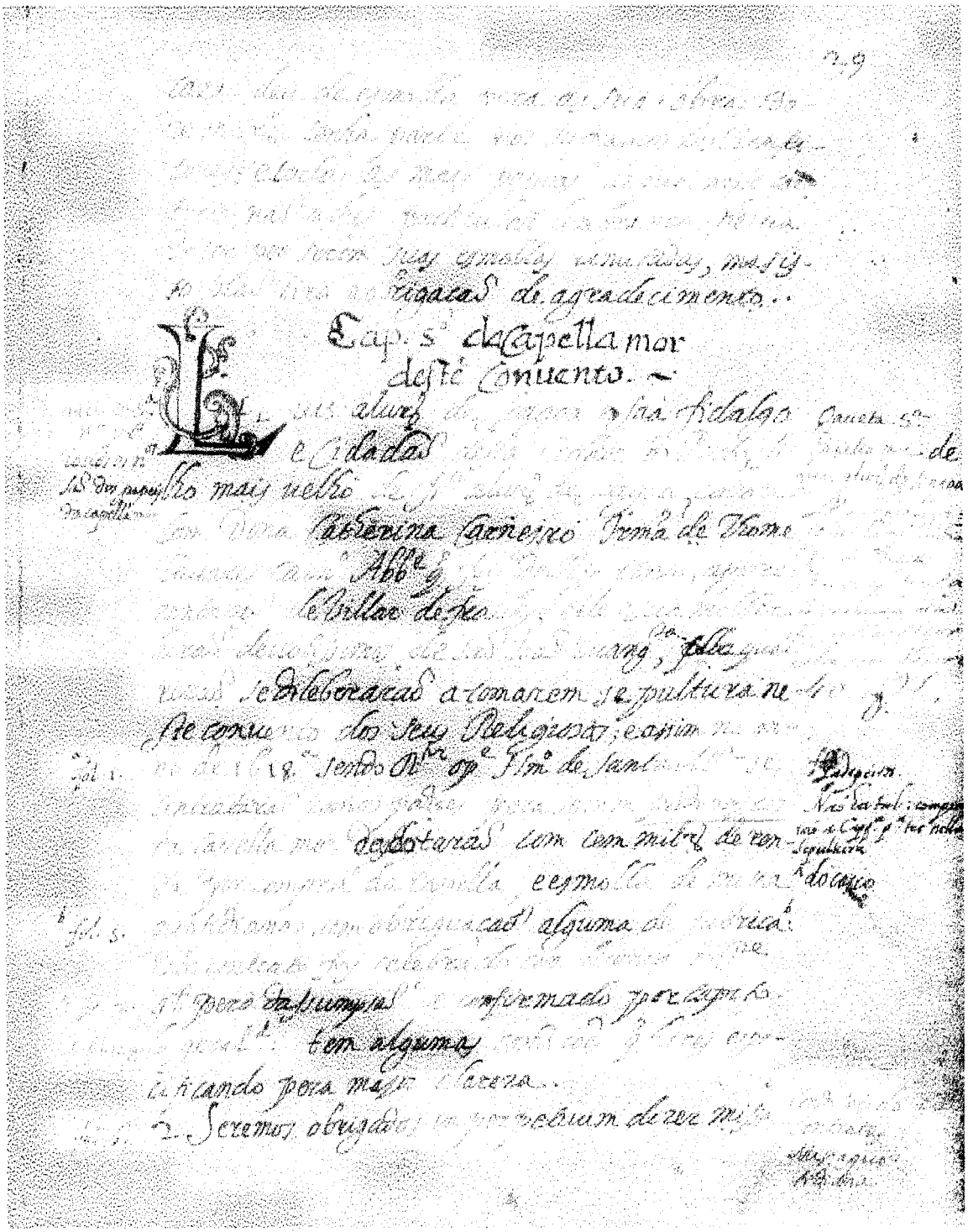
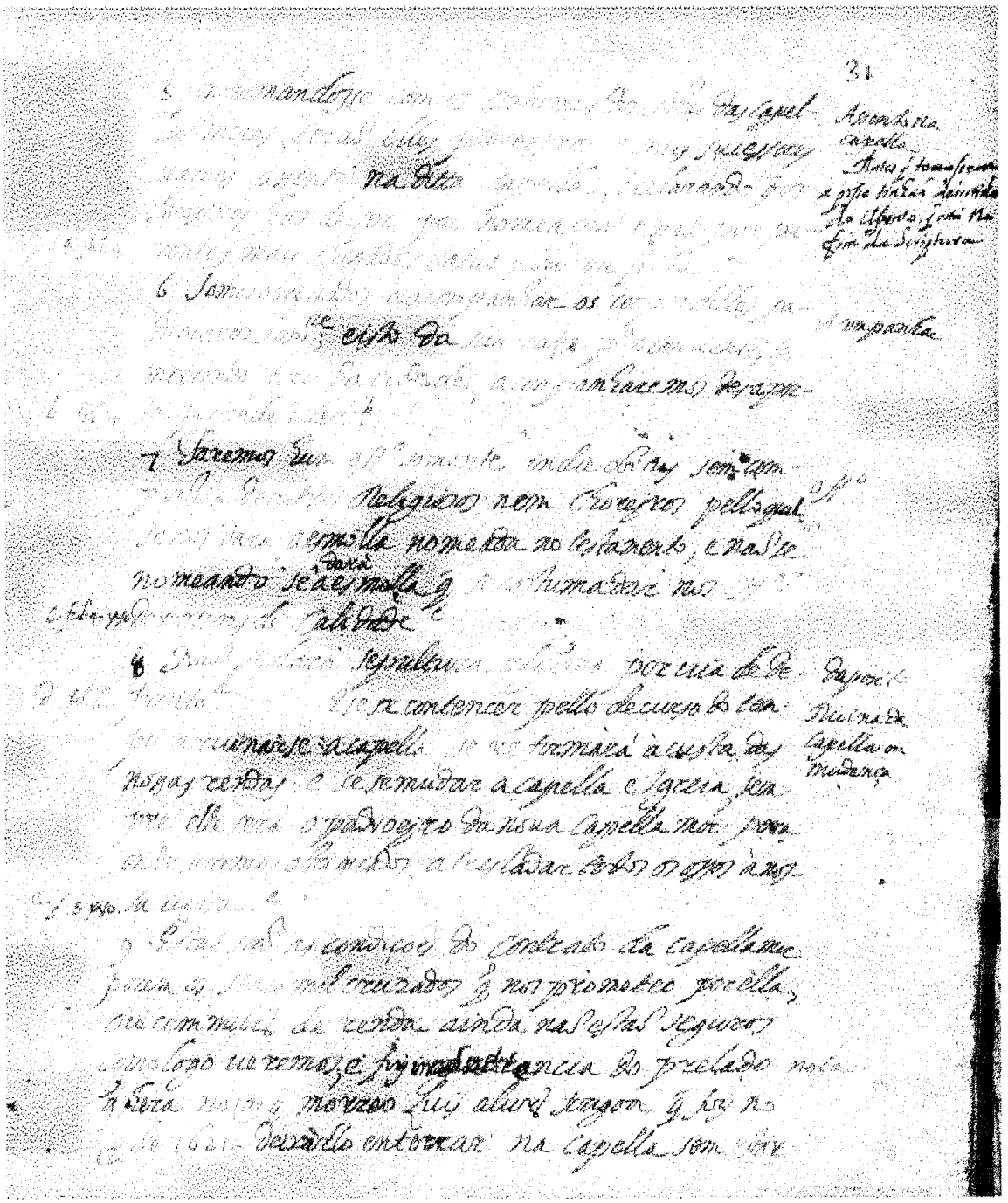


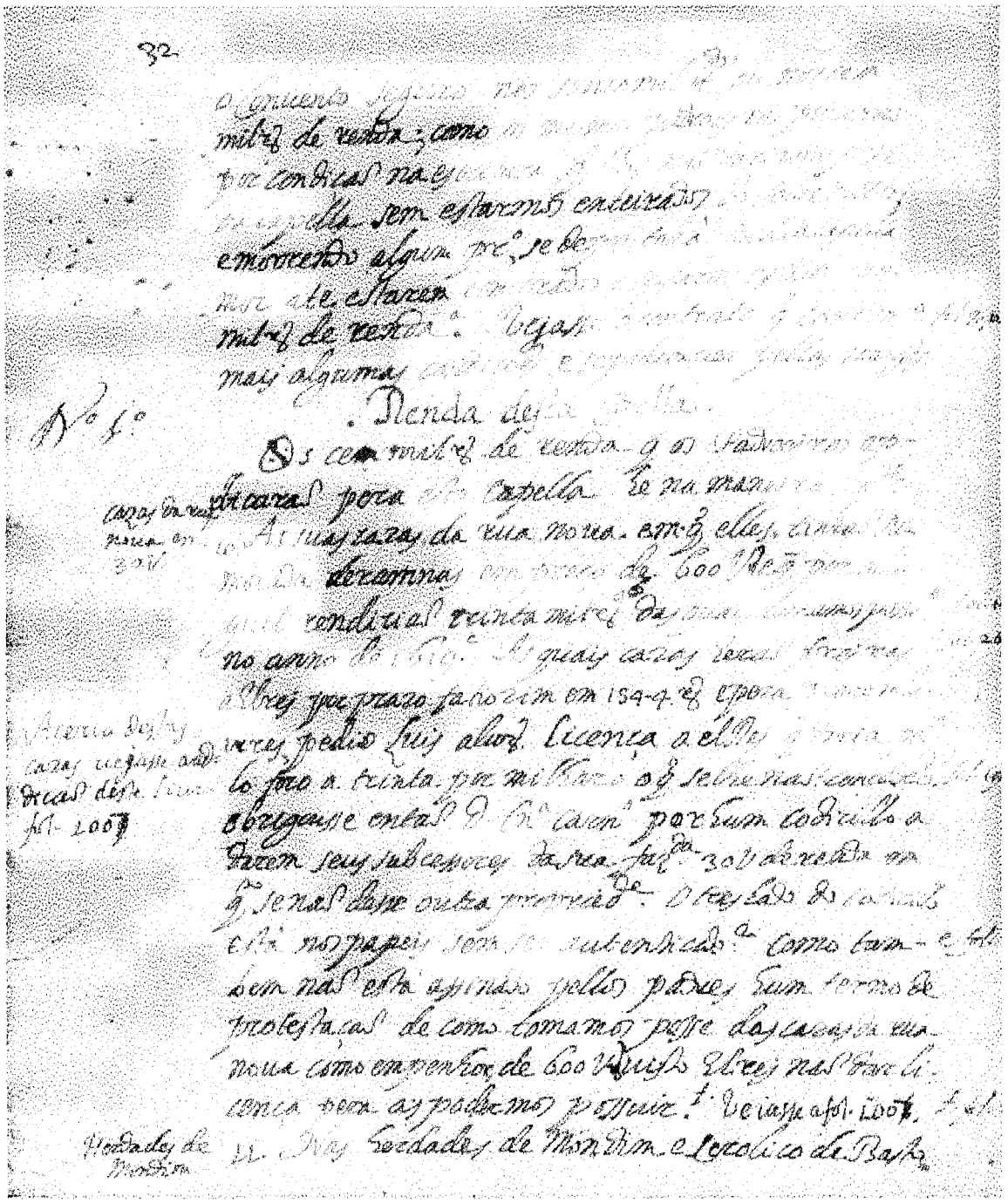
Fig. 10. Luís Álvares de Sobágua e D. Catarina Carneiro – Primeiros possuidores da Capela-mor de Santo Elói.

F. 29 (livro 87) do «Compêndio do Cartório do Mosteiro de Santo Elói» do Arquivo Distrital do Porto

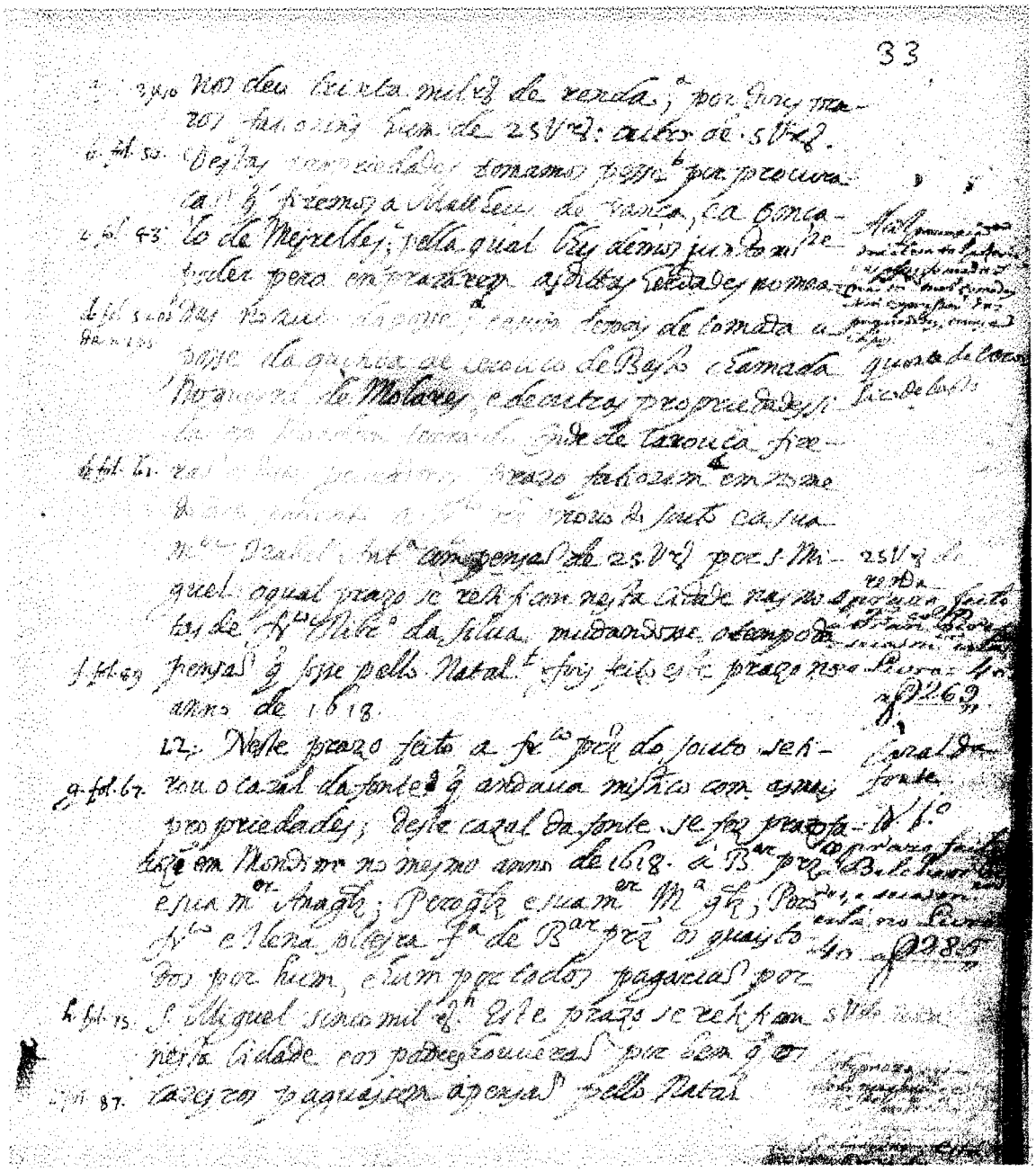
ẽmissa? Sepultura. As missas conforme ao Contrato Em-
de ser do santo em suas vidas; e nas mais almas q̃ se
se Rez.ª de Requiem. porem em Cumprimento Da Sen-
ouaçaõ da Sacristia fol.ª 24.ª acha Sua adver- fl. 24
tencia do Ex.mo D.or e Abbe.e da Rey.a q̃ as mesmas
q̃ Diz assim. E Luis Alvz de Sampaio mandou Rez
custa dos fls. 218 liv. nº 8. todos os Dias na Sua Capella missa quotidiana
Ao D.º da Trind.e // A 2.ª F.ª dos fieis
de D.s // A 3.ª F.ª de Sam.to Braz // A 4.ª de Sam.l Sam //
A 5.ª de Sta Cr.ª // A sesta do nome de Jesu //
Ao Sabb.º de N. Sr.ª // estas quer q̃ se lhe Rez.em
em suas vidas e por suas mortes se cumpra o
Emolla Contrato. Em vida de ambos se lhe deitar som.te
das missas em vida Cinte mil rs pagos por dia de Nossa Sr.ª da An- fl. 8.
nunciaçaõ em Março em q̃ se começarão a Rez.
estas missas; e por suas mortes os cem mil rs.
Mordomo da Capella 3 O Mordomo e Procurador da Capella serão seus f.
Elos legitimos ora.s q̃ tendo Como defuntos nas Suas
vidas q̃ quem elles quizerem nomear em vida ou q̃
Seus Herdeiros fiquem: e depois de seus mortes ẽ mesa. fl. 3
E Poderão Elles Mordomos dar a dita Capella os ornam.tos q̃
quem lhes parecer, e dar sepulturas, cabim carneiros
como lhes parecer com tanto q̃ se não impida o
uso da Capella e q̃ tambem poderão fazer os subcapellaes



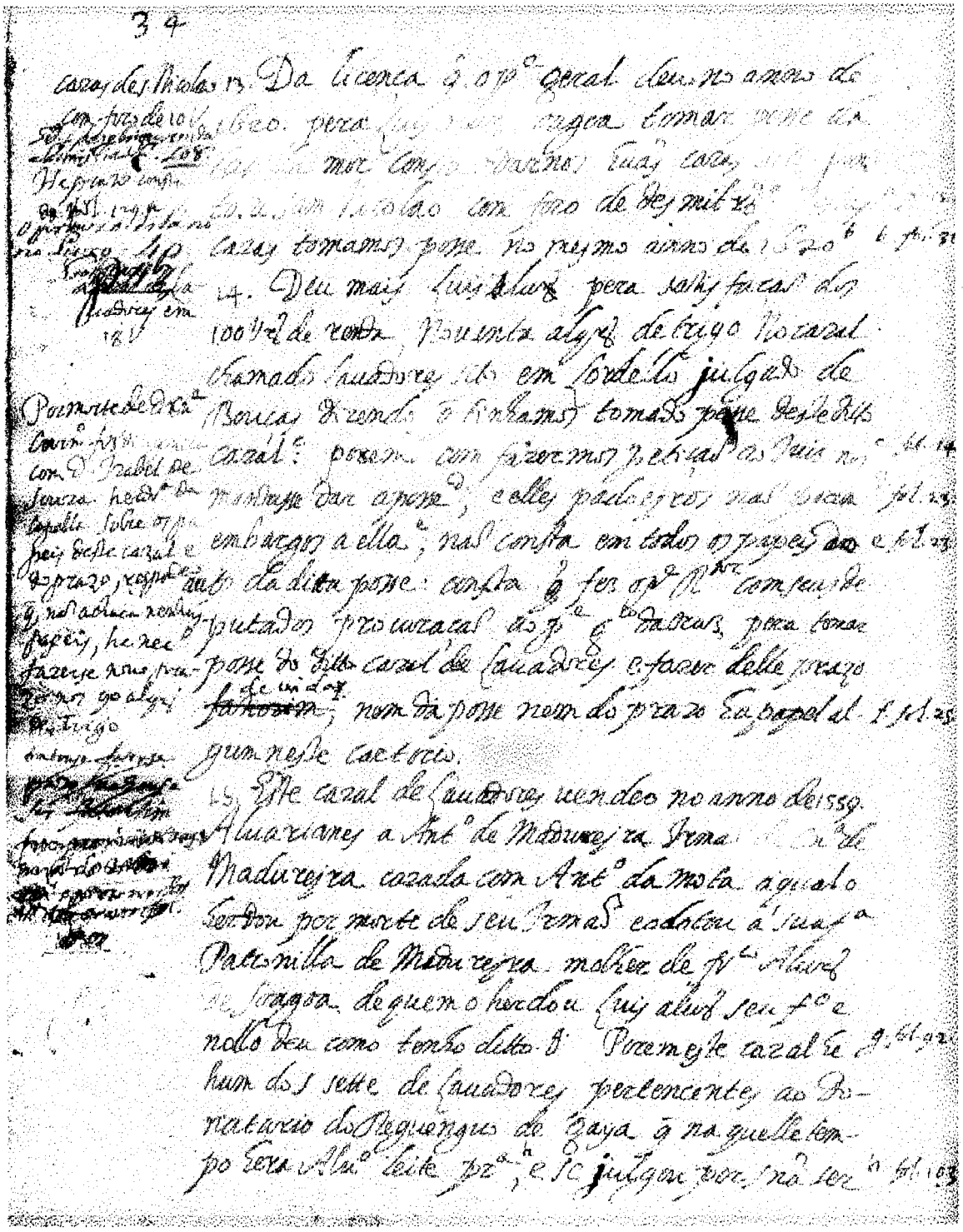
F. 31 (continuação)



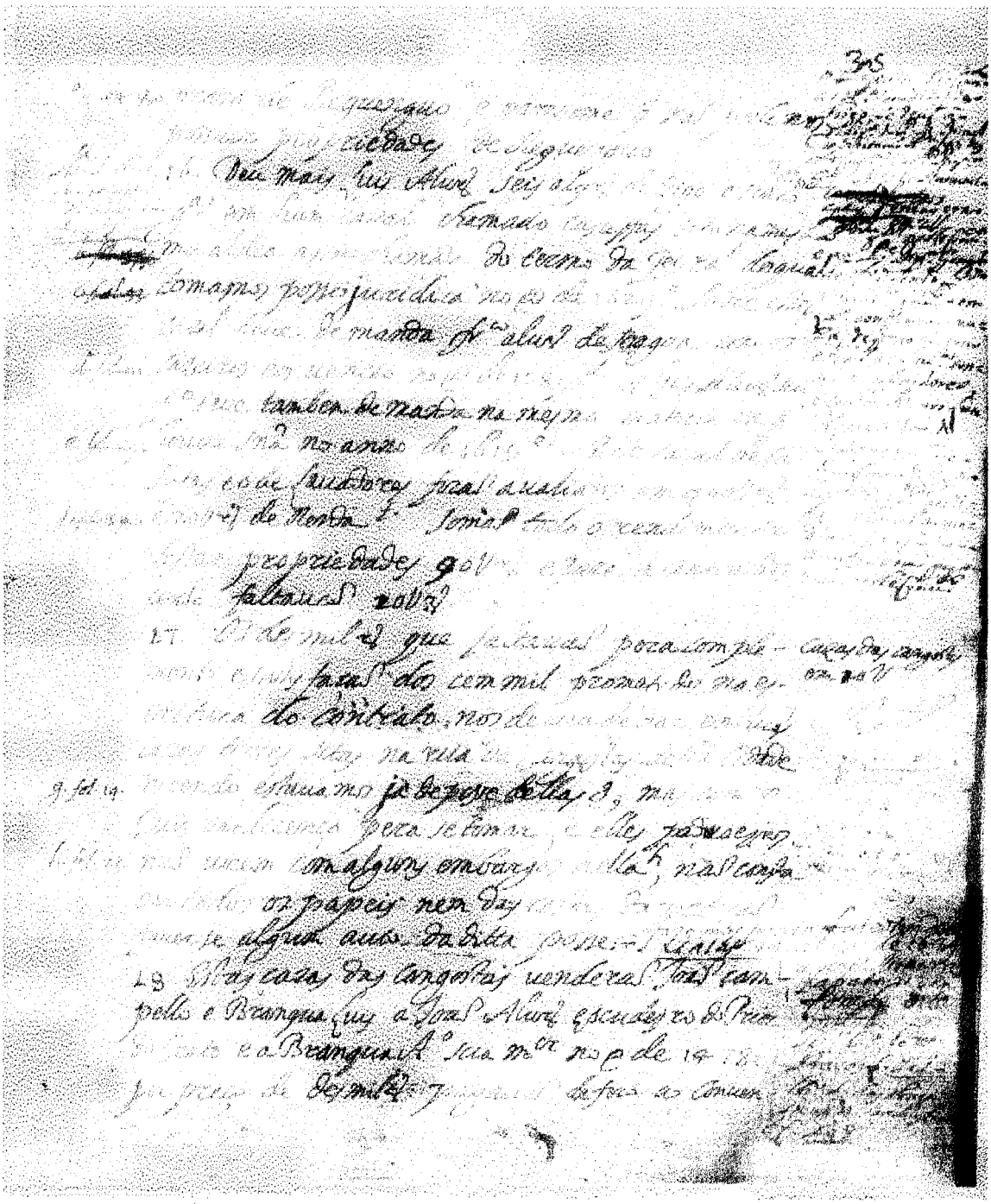
F. 32 (continuação)



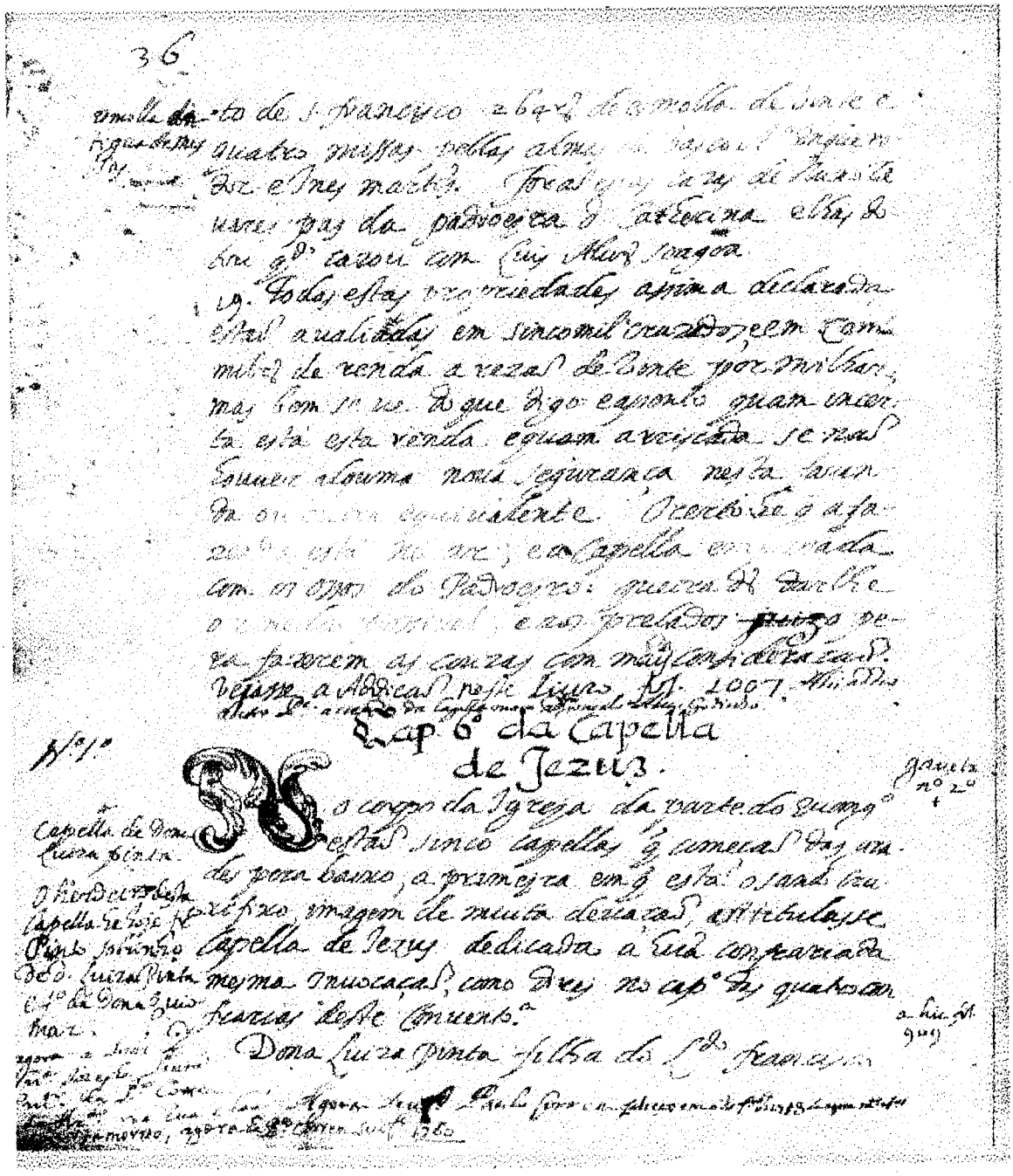
F. 33 (continuação)



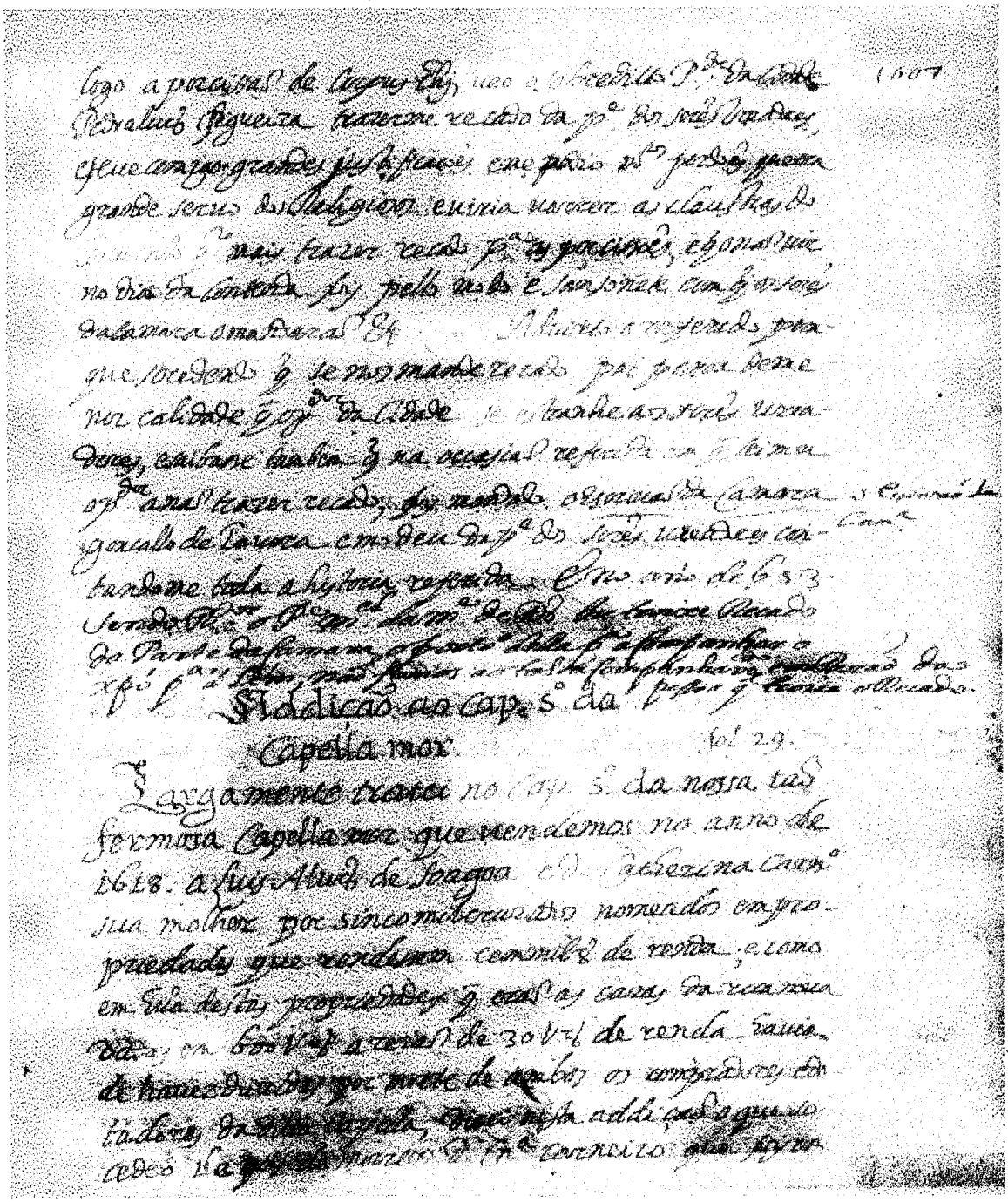
F. 34 (continuação)



F. 35 (continuação)



F. 36 (continuação)



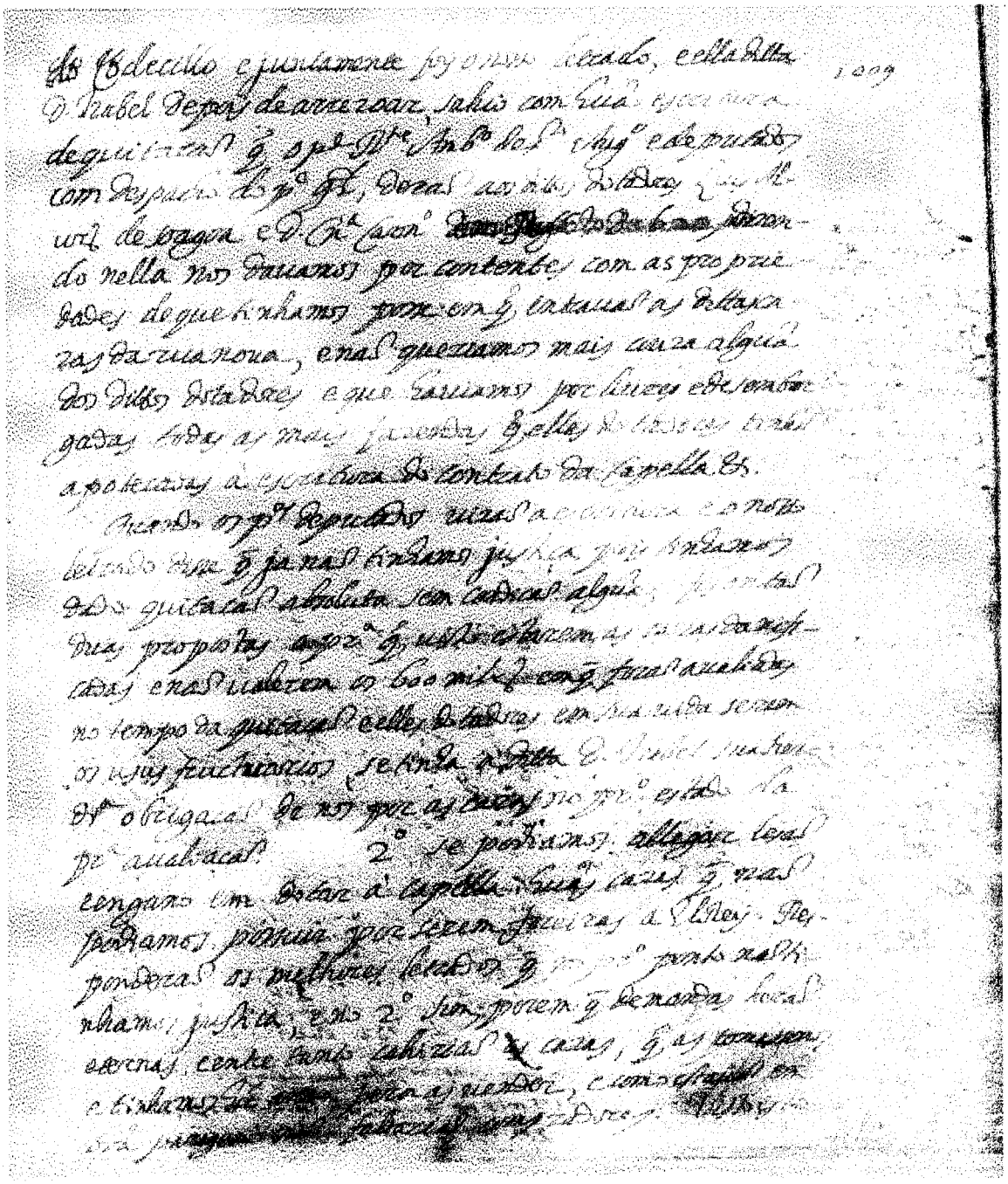
F. 1007 (continuação)

1008 mes de Mayo deste presente anno de 1703 annos que-
remta e nove.

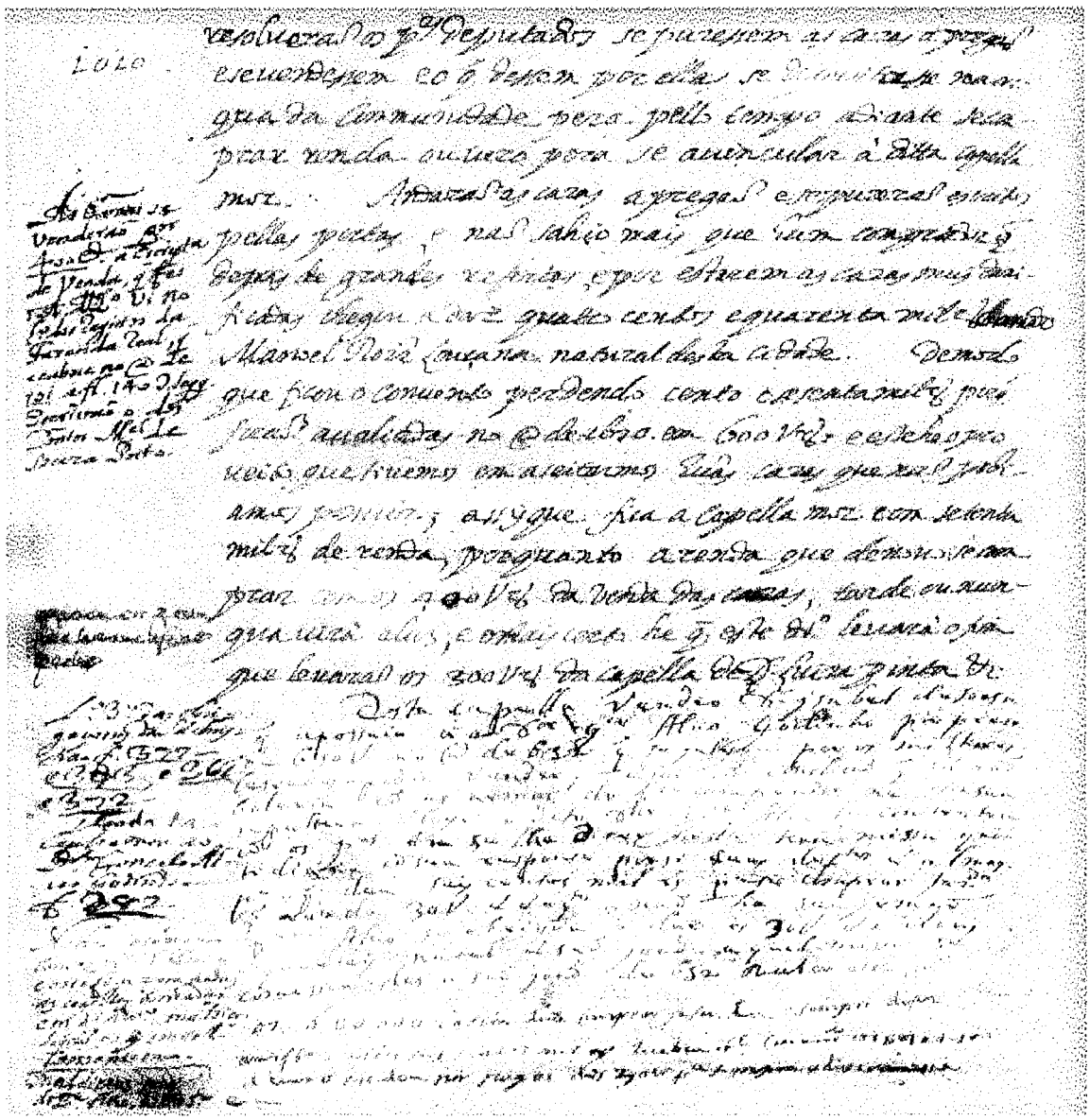
Dona Cr.ª Carn.º em seu ult.º testamento nomeou por
herdeira da Capella mor a sua Sobrinha D. Izabel de Me-
neses f.ª de Jorge [illegible] da Veiga e de Dona Paula
conforme a instituissão da Capella com que succedessem os
seus legitimos, e nas Fuezas, ou quem nomeasse a
uida, ou o ult.º q. morresse, e como D. Cr.ª Carn.º fez a
ultima que morreo, nomeou a dita sua sobrinha.

Entre os bens q. no tinha dotado Luis Alz. de Lo-
agoa pera a cantia de sinco mil cruzados, forão humas
cazas da rua nova, e cazas fortes a Elrey em 1544
e porque elrey não podiama possuir, foi Luis Alz. pos-
cas a mandar requerer o fizesse a troca por melhor no
que fosse escrito, obrigouse entre D. Cr.ª Carn.º por hum Ins-
tello feito no Anno de 1633 a dazer troca mil cruzados de renda da
Ad. Cruz de- dita sua fazenda em q.ª no nas Vaca. 600 cruzados em q. forão as cu-
ferão ao Conv.º do Valor de 643 sas de Elrey e cazas da rua nova, porem q. os dittos nas chegou
a mandar nem approuar, nem ajuntar pera sua mizer
de D. Cr.ª nem sabemos quem o fez como em seu lugar fica fol.
32. n. 10.

Morreo D. Cr.ª, tinhei cargo de procurar de sua her-
deira D. Izabel de Meneses a alburia em que estauamos
sobre esta sua. respondeo que não queria demandas
com este conuento e ajuntamos pazes cella auista
via os seus com o Nosso Letrado se auenguaria o que ma-
is conuiesse mandei [illegible] Letrado em o tribunal



F. 1009 (continuação)



F. 1010 (continuação)

Francisco nove missas cada ano, pela alma de Catarina Carneiro, avó do poeta[17], e três pela alma de sua tia Beatriz Carneiro, além do pagamento de 5000 réis, que seriam gastos em mercê da alma de Apolónia Carneiro;

– com moinhos e leiras, que eram prazo do mosteiro de Vilela e rendiam 25 alqueires;

– com o Casal de S. Miguel, pertencente à freguesia do Olival, couto de Crestuma, com um rendimento de 10 alqueires de trigo e 30 alqueires de pão segundo.

A sua tia Apolónia Carneiro, Dona viúva de Belchior Moreira de Altero, dotou a noiva com toda a sua fazenda, obrigando-a, contudo, ao cumprimento do que havia estipulado no seu testamento[18].

Desta fazenda constava a Quinta de Vila Cova, prazo do mosteiro de Pedroso, que rendia 40 alqueires de trigo e 66 de pão segundo, do Casal da Retorta, Vila do Conde, que era prazo do mosteiro de Vandoma e rendia 16 alqueires de pão segundo e 4 de trigo, dumas casas situadas em S. Nicolau, prazo do mosteiro de Vila

---

[17] Veja-se o Testamento lavrado pelo tabelião Simão Barbosa a 16 de Maio de 1557, reproduzido na página seguinte (fig. 11), com os bens que D. Catarina Carneiro deixou a sua filha, D. Joana Carneiro e a seu genro, Nuno Tavares (Livro 163.º, f. 53r do «Governo Civil do Porto» – ADP).

[18] No testamento lavrado pelo Padre Tomé Gonçalves e aprovado pelo tabelião Nicolau Velho, a 19 de Março de 1603, Dona viúva determina o seguinte:

> «primeiramente que o corpo della dotadora será sepultado em o mosteiro de São Francisco desta Cidade em sua propria sepultura com seu marido Melchior Moreira e seu filho Manoel Carneiro daltro que sancta gloria ajão e acompanhado dos Padres de São Francisco e de São Domingos e da cleresia da Sé aos quais padres todos se dará a esmola que se costuma dar nos semelhantes acompanhamentos e que outro si seu Corpo seja levado na tumba da Mizericordia E a melhor tumba e a melhor bandeira que custuma dar as pessoas que não são irmans de que se lhe dará a esmolha custumada e se lhe dará no dia de seu fallecimento nos sinos da Sé hum sinal segundo se custuma a fazer às pessoas de sua calidade e se lhe farão tres officios de dia mes e anno todos tres dentro em tempo de dous mezes aos quais asistirão padres de são Francisco e da Sé e de São Domingos com quinze missas a cada officio de que dirá cada ordem sinco e as ditas ordens se dará alem da esmola das ditas missas a esmolla custumada que se lhes custuma dar de semelhantes officios e que no dia de seu enterramento, ou no primeiro officio não se fazendo no mesmo dia se darão aos padres de são Francisco sinco alqueires de trigo de offerta e dous almudes de vinho e ao Abade de São Niculao se darão tres alqueires de trigo e hum almude de vinho tudo o sobredito medido pella medida velha» (ADP, «Governo Civil do Porto», livro 163.º, ff. 49v-52r – cf. fig. 9, p. 61).

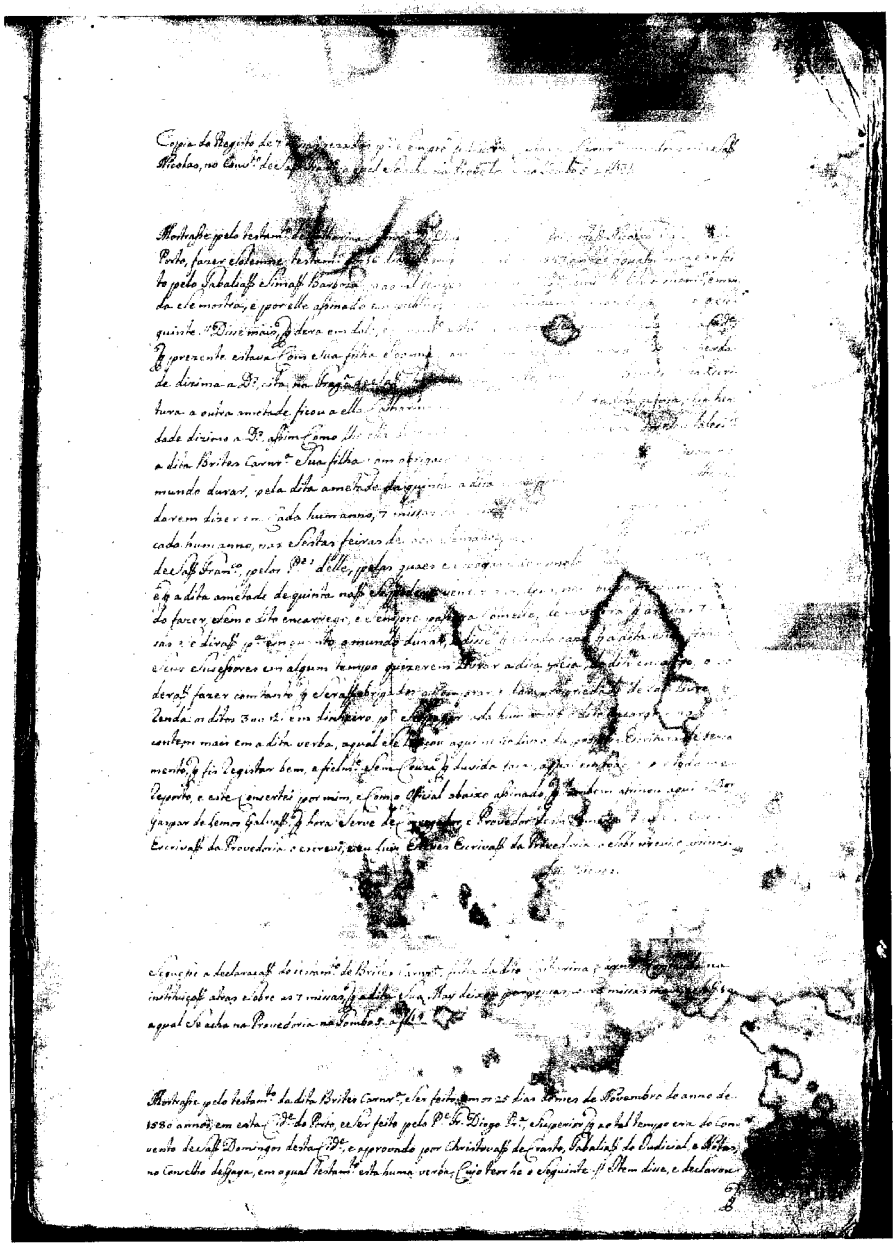


Fig. 11. Testamento de D. Catarina Carneiro (avó do poeta Tomé Tavares) lavrado a 16 de Maio de 1557.

F. 53 (livro 163º) do «Governo Civil do Porto» do Arquivo Distrital do Porto

Boa do Bispo, de outras casas nas Cangostas, prazo do mosteiro de Leça, e ainda de outras na Lada, «prazo fatiozim da capela de João Lopes de Azevedo».

Consentiram no dote os dois irmãos de D. Catarina Carneiro, que renegaram às suas heranças. Tomé Tavares dotou-a ainda com 400 cruzados em dinheiro e destinou-lhe 30.000 réis anuais, que seriam acrescidos de 10.000 quando falecesse seu pai, Nuno Tavares. Fernão Tavares Carneiro, Vigário de S. João de Sousa e beneficiado no mosteiro de Ferreira, dotou-a com as casas de S. Nicolau que eram suas e em que viviam os seus pais.

Outro aspecto da vida de Tomé Tavares sobre o qual dispomos de alguns elementos é a sua ordenação. De facto, embora não possamos precisar a data exacta em que ocorreu, apurámos que já em 1600 paroquiava a freguesia de Santa Marinha de Rio Tinto, no termo de Barcelos[19]. Sabemos ainda que morreu a 29 de Janeiro de 1634, na sua abadia[20].

Salientados os principais aspectos referentes à biografia de Tomé Tavares Carneiro, não poderíamos ficar alheios ao retrato que o nosso poeta faz do último quartel de quinhentos e primeiros anos de seiscentos – época em que o 'sonho da Índia' e com ele um século de trabalho metódico e persistente e a fama do nome luso, levada nas asas brancas das caravelas, se haviam já dissipado, dando lugar ao domínio castelhano.

O que era o Porto nos finais do século XVI? Quais seriam os hábitos, costumes, crenças desse século? São algumas das questões para que encontraremos

---

[19] Encontra-se no Arquivo Distrital de Braga o primeiro registo paroquial de que temos conhecimento assinado pelo Abade Tomé Tavares. Trata-se de um baptizado de 13 de Março de 1600 («Registo Paroquial de Esposende», livro 354.º, f. 13r – cf. fig. 12).

[20] No mesmo arquivo, mais precisamente no «Registo Paroquial de Esposende», livro 350º, f. 53v, pode ler-se:

> «Aos trinta e hum digo aos vinte e nove dias do mes de Janeiro de mil e seis centos e trinta e quatro annos faleceo o R^do abb^e desta Igreja Thome Tavares Carn^co foi confessado não lhe derão o Sôr por não estar p^a o receber mandou se lhe fisessem três off^os cada hum de des padres e desem as offertas costumadas era ut supra
>
> †
>
> Gaspar Lopes»

(cf. fig. 13).

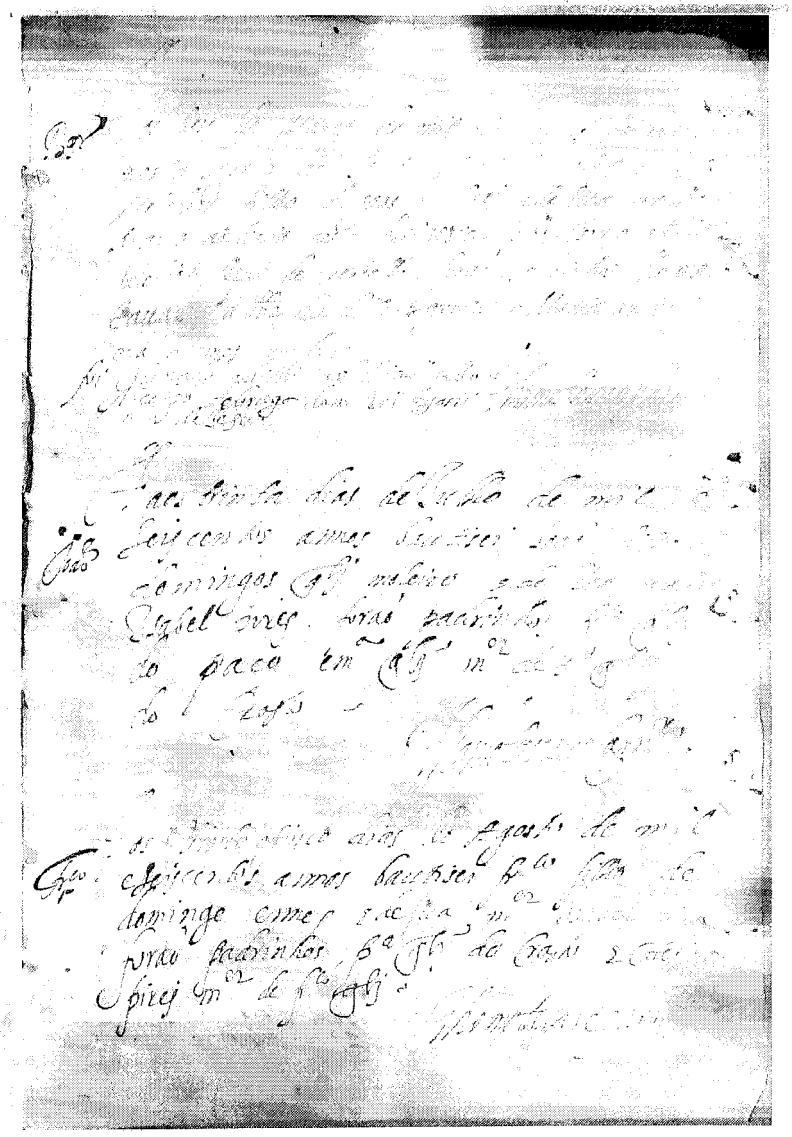


Fig. 12. Baptismo celebrado por Tomé Tavares a 13 de Março de 1600.

F. 13 (livro 354º) do «Registo Paroquial de Esposende» do Arquivo Distrital de Braga

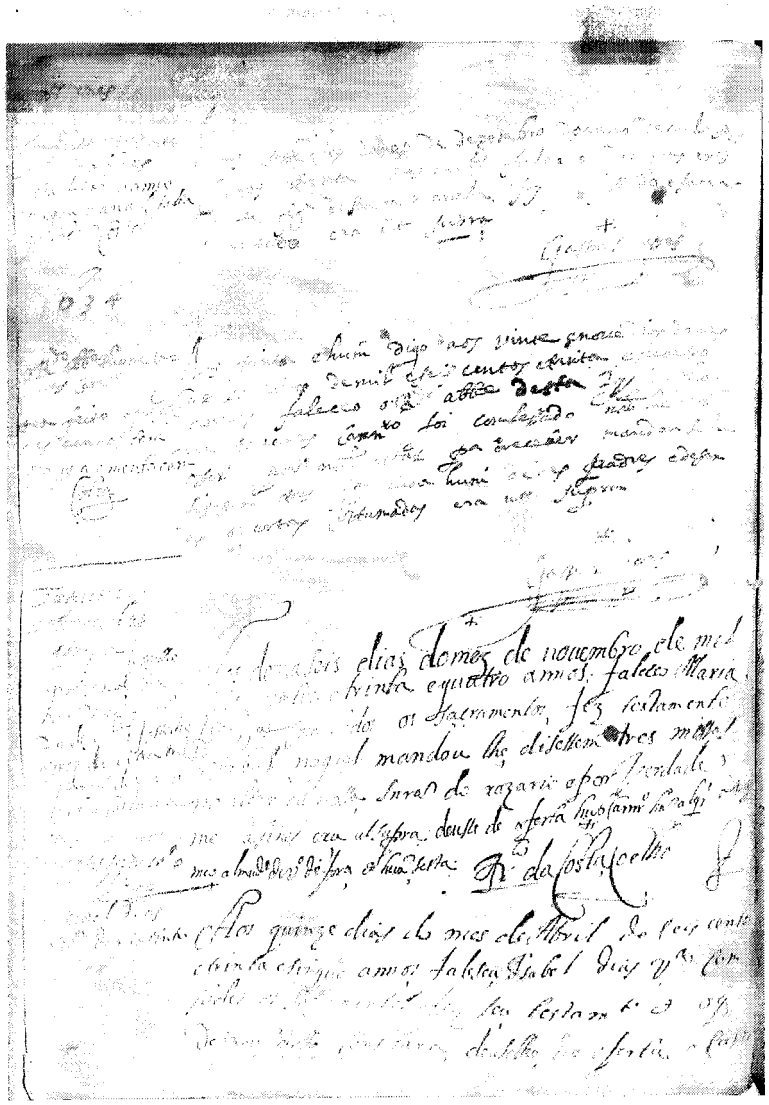


Fig. 13. Vinte e nove de Janeiro de 1634 – Ano de morte de Tomé Tavares Carneiro

F. 53v (livro 350º) do «Registo Paroquial de Esposende» do Arquivo Distrital de Braga

esboços de resposta nos 'pequenos quadros' traçados pelo Abade Tavares ao longo da sua obra.

Do seu olhar atento aos pequenos nadas, a um mundo movediço, de contrastes, sempre em mutação, resulta uma obra que interessa – mais do que pelo virtuosismo verbal e conceptual – como testemunho da sociedade nortenha da época, uma sociedade em que a disciplina, a moralidade e os costumes deixavam muito a desejar.

Um dos principais alvos do nosso poeta é a classe eclesiástica, satirizada pelo grau de indisciplina e de relaxamento a que chegara. Proliferavam os 'casos' entre frades e freiras:

«Mote

A ũa freira de Santa Clara que se lhe mudou a voz com a idade e falava com ũ frade do Desembargador Antão Mendes

Cantastes bem algũa hora,
porém já graça não tendes,
que sois nora de Antão Mendes [;]
Antão cantais como Nora.» (peça nº 53).

A veia satírica de Tomé Tavares não podia ficar indiferente a toda essa devassidão:

«Outro

Que lhe mandou ũa Freira que se fez Beata

Tem-me mostrado a ventura
todo o bem que em si contém [;]
quis bem, quiseram-me bem,
mas não há cousa segura
como da Ventura vem.

Resposta do Tavares

Quem do Mundo se recata
fuja dele de maneira
que salte de puta a freira,
porque de Freira a Beata
arrepia-se a Carreira.» (peça n.º 52).

Outro dos alvos da sua crítica é a ostentação, o cultivo das aparências e o arrivismo:

«Outro

Estando no Porto três cidadões gabando-se de grandes Fidalgos

Todos estes três fidalgos
postos em feixe e em nó
não fazem ũ fidalgo só.» (peça n.º 74).

A febre do luxo que teimava em permanecer no século XVI contaminou também a austera e recatada alta sociedade de outrora. Esquecidos da humildade que devia reger as suas vidas, os seus membros faziam gala em trajar ricamente:

«Outro

À mulher do Juiz de Barcelos, que sendo mui pequena trazia touca muito alta

Em tão pequena barquinha
metestes tão grande vela
que temo se vire asinha,
que do Juiz a varinha
não basta para sustê-la.» (peça n.º 63).

O exibicionismo encontra campo aberto nas manifestações religiosas que dominam a vida da colectividade, não sendo poupado pelo nosso autor:

«Mote

A ũ homem que ia na procissão de S. Sebastião com o autor e dezia muita parvoice

Mártir São Sebastião,
pois fostes de Cristo page,
livrai-me desta selvage
que vai nesta procissão.» (peça n.º 68).

Estes são apenas pequenos exemplos da atenta, subtil, engenhosa e bem-humorada observação da realidade que caracteriza a obra de Tomé Tavares[21].

2. A obra

A poesia tão alta
que tão bem sabe pedir,
desejo eu de servir
com lhe dar o que lhe falta.
Tomé Tavares Carneiro

O quotidiano, a vida comum, palpitante de agitação, é o principal pano de fundo das *Obras Burlescas do Famoso Tomé Tavares*, colectânea que se caracteriza por uma simplicidade e uma facilidade que são apenas aparentes.

A diversidade poemática sugere de imediato a capacidade do nosso autor, que pratica o dístico (1 texto), a elegia (1 texto), o poema em décimas (2 textos), o poema em oitava rima (1 texto), o poema em quintilhas (27 textos), o poema em redondilhas (1 texto), o poema em tercetos (5 textos), a quadra (20 textos), o romance (6 textos), o soneto (11 textos) e ainda o texto em prosa (2 textos), num registo

[21] João Soares de BRITO, no seu «Theatrum Lusitânia Litteratum» refere:
«Martialis projecto Lusitanus, miro namque viro in Epigramatis pangendis argutia Sales frequentissimi sed et fellis nonnichil: quae opera eruditorum manibus versantur, magnoque habentur in praetio» (*apud* Diogo Barbosa MACHADO, 1988: vol. III, 760).

registo predominantemente satírico. A mesma diversidade pode ser surpreendida no campo da métrica, em que ao lado do decassílabo – com variados esquemas acentuais – nos aparece a tradicional redondilha maior. O mesmo acontece ainda no que respeita às formas estróficas (terceto, quadra, quintilha, oitava) e aos modelos rímicos.

É grande também a diversidade de temas[22], apresentados sob uma orientação estético-literária que não é fácil identificar de imediato. À partida, e levando em conta que Tomé Tavares Carneiro viveu entre 1570 (data provável do seu nascimento) e 1634, diríamos que estamos perante um poeta de transição, do Maneirismo (1550-1620) para o Barroco (1620-1750)[23]. No entanto, a leitura da sua obra, revelando embora motivos dessas duas estéticas, evidencia sobretudo um lastro da literatura satírica do final da Idade Média.

Temas caros ao barroco, como a morte, também comparecem na obra do poeta portuense, mas com uma representação muito enfraquecida e com contornos satíricos que sublinham a diversidade da orientação estética. Sirva de exemplo o seguinte poema:

«Ao dó que tiraram os V'readores de Barcelos pelo Duque de Bargança

Dizem que a Morte descobre
(e é assi, que descobre muto),
mas às vezes também cobre

---

[22] Uma vez que o princípio de organização dos textos no seio das *Obras Burlescas de Tomé Tavares Carneiro* nem sempre é claro e o seu compilador, Cristóvão Alão de Morais, optou por reunir as composições poéticas do nosso autor sem ter em conta um critério visível (cronológico, formal, temático, alfabético); optámos, no sentido de proporcionar ao leitor uma melhor percepção da obra, por agrupar as composições em cinco capítulos distintos, constituídos de acordo com um critério temático: no primeiro, serão contemplados os poemas dirigidos ao Mestre-escola Francisco Roiz de Carvalho; no segundo, virão os poemas referentes a Pero Lopes Camelo; os poemas relativos a figuras secundárias serão parte integrante do terceiro; o quarto reúne os poemas de temática clerical; as restantes composições poéticas constarão do quinto capítulo, intitulado *Outros*.

[23] Os textos do Abade de Barcelos só apresentam dois dados cronológicos, ambos remetendo para o primeiro período: no poema «Considerando fomos nas malhadas» (peça nº 71), o autor declara ter 27 anos (se aceitarmos 1570 como data provável do seu nascimento, esse texto seria de 1597, em pleno período maneirista); na peça nº 42, «Ninguém a ser Poeta só se aprova», aparece a data de 1610.

gosto que seja de luto
muita gente honrada e pobre.

Muito à carne se acomoda
em tempo de tanto[s] frios
fazer a Morte tal boda
que vista a Câmara toda
de Baeta de cem fios.

Em que o nojo meta a lança,
nũca mata o seu rigor,
e aqui não se deu fiança
a ter sentimento e dor
pelo Duque de Bargança.

Posto que o luto é vestido,
o bom é não o trazer
a mulher pelo marido;
se ele por ela o trouxer,
ninguém console o dorido.

Isto são do Céu socorros
em capuzes disfraçados,
que despois de bem usados
podem servir de entreforros
para jubões de esposados.» (peça n.º 30)

Veja-se ainda o texto que dedica «À sepultura de ũa Dama célebre do seu tempo», em que explora o sentido duplo de "vaso":

Aqui jaz Dona Genebra,
de que o Mundo fez grão caso;
quebrou porque era bom vaso,
que vaso mau nũca quebra.» (peça n.º 41)

Esta orientação satírica – cujo alvo tanto pode ser individual como colectivo – assume por vezes contornos de erotismo que podem resvalar para uma obsceni-

obscenidade mais arcaica do que moderna, fazendo lembrar com frequência textos do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. A marca maneirista e barroca estará assim mais na escrita engenhosa que nos motivos temáticos ou na orientação ideológica da obra. Sirva de exemplo o seguinte poema em quintilhas:

«Ao mesmo Pero Lopes Camelo

De dous pais que Pedro tem
corre queixume comum,
pois do modo que contém
dão queixa os soldados de ũ
e doutro as Damas também.

Ambas partes agradando,
pudera satisfazê-las
o Pedro, às bolas trocando,
dando c'o pau duro nelas
e dando neles c'o brando.

Mas para juiz do caso
tirou-lhe o tempo o poder,
que setenta ao rabo ter
não lhe dão para isso o azo
que Pedro havia mister.» (peça n.º 14)

Movendo-se por entre jogos de sons ou de palavras, o poeta vai levantando o véu que cobre um mundo de aparências:

«A ũ Fuão Carneiro casado com ũa Cristã nova, que logo emprenhou; é do Tavares

Ũ Carneiro de semente,
filho de Ovelha ratinha,
conheceu ũa Cabrinha,
salva-nos, barrigalmente;
levedou-se-lhe o crecente
à cabra, porque o carneiro

é por casta sementeiro[;]
tomara agora saber
o que há dela de nacer,
se cabrito, se cordeiro.» (peça n.º 64)

Deste jogo resulta, porém, um duplo risco para o nosso poeta: o de ser encarado, ao seu tempo, como 'impopular', transgressor de regras e o de ser esquecido pelas gerações vindouras, para quem os acontecimentos quotidianos daquela época perderam interesse ou ganharam o estatuto de mera curiosidade de eruditos.

Tomé Tavares ficou assim votado a um imerecido esquecimento, de que tentaremos agora 'resgatá-lo', «dando-o como testemunho de uma sociedade em que a sátira escabrosa foi o inevitável contrapeso de uma espiritualidade forjada por dogmas que desviaram o homem do trilho diurno da sua natureza superada» (Natália Correia, 2000: 28). À visão melancólica do maneirismo o nosso autor prefere de facto a visão realista e viva do mundo que o rodeia, veiculada num estilo livre, «se a Musa se não sentir peada com os consoantes».

Aquilo que o tempo havia apagado tentaremos agora que seja reavivado mediante «ũ passeio pelo campo da memória» que resgate os «retalhos da mesma cor que o tempo ia já cobrindo de ortigas»:

«Carta

Do Impressor a certo Presbítero

Quem conhece o sujeito desta obra não acaba de encarecer a pouca deligência do Autor dela a respeito da grande empresa em que se meteu; e como a queixa disto seja tão geral, não foi possível deixar de ir à sua notícia. Querendo ele agora em algũa parte remediar esta falha, determinou outra vez dar ũ passeio pelo campo da memória, aonde achou algũs retalhos da mesma cor que o tempo ia já cobrindo de ortigas, que ainda que tem por ofício descobrir tudo, também o torna a encobrir ajudado do esquecimento...» (peça nº 25)

Ontem como hoje, a tarefa não é contudo fácil, pois «a murmuração andando no cio» pode dificultar a aceitação de um poeta incómodo:

> «O Autor me afirmou que seu passado descuido o deixou tão temeroso de presente que de nenhũa maneira se atreveria a sair com a segũda impressão se eu lhe não alcovitasse ũ Protector com que pudesse perder o receio de a murmuração andando no cio lhe não poder atirar quatro couces; não achei lugar onde pudesse ficar mais seguro deles que debaixo da sobrepeliz de V. M., a quem por ora não posso descobrir o nome, por me sentir mui empenhado com o apelido de Meneses que devo em outra parte.
>
> Frutuoso Lourenço» (peça n.º 25)

Este «passeio pelo campo da memória», embora assuma por vezes um pendor moralista, é dominado por um riso irreverente e quase condescendente para com os pecadores e os seus pecados.

A sátira burlesca é o remédio proposto para um quotidiano manchado pela hipocrisia, pela devassidão e pelas frivolidades mundanas. A obscenidade – tocada ou não pelo deleite e pela volúpia – é apenas mais um ingrediente de uma sátira de sentidos antitéticos:

> «A ũa freira de Viana, mandando ao Autor ũ frango com ũs colhões espetados
>
> Há em Viana e Aveiro
> de espetar várias feições:
> Viana espeta colhões,
> mas o espetar verdadeiro
> é de Aveiro os Mexilhões.
>
> Estes merecem espetados
> com todo o fero rigor;
> mas não os colhões coitados,
> que são tambores de Amor
> nos assaltos namorados.
>
> Espetai e usai rigores
> com mexilhões e com cricas,
> posto que passem mil dores,

mas não os passeis por picas
como Soldados traidores.

Ah!, não deiteis a perder
iguaria tão subida;
que é maldade conhecida,
de quem não pode comer,
esperdiçar a comida.» (peça n.º 58)

A obra de Tomé Tavares é uma permanente análise das condições psicológicas, sociológicas, políticas de uma sociedade de finais de Quinhentos e princípio de Seiscentos, onde cabe também a denúncia da mentira e da corrupção:

«Dando Pero Lopes ũa certidão falsa

Deu Pedro ũa certidão,
jurada de mil maneiras,
de que quinze léguas são
do Porto às Abitureiras,
cova do ladrão Gaião.

Por seu ofício chãmente
o jurou, e deu indício
de mentir publicamente,
pois jurou por seu ofício
e ele por ofício mente.» (peça nº 16)

Embora sob a previsível nota antijudaica, também o suborno é alvo da denúncia do autor:

«A ũ Judeu, que sendo culpado nũ ofício que servia, se livrou com dar ũ gato de dinheiro

Não há já que temer, não,
que quem dá, segura o trato,
que onde houver quebrar a mão,
haverá queda de cão
que fique em pé como gato.» (peça nº 60)

Apesar do tom humorístico destas sátiras, há nelas um inquietante juízo reflexivo que questiona os alicerces da sociedade. O riso de Tomé Tavares – sendo embora intermitente e talvez inconsequente – não é pois de tão curto alcance quanto aquilo que possa parecer à primeira vista.

Num outro plano, encontramos também textos dominados acima de tudo pela diversão. É o que acontece na «jornada … p'lo Douro acima com ũs Amigos» (peça nº 71), um poema de grande visualismo, marcado por uma saborosa auto-ironia:

«À jornada que fez o Autor p'lo Douro acima com ũs Amigos

Considerando fomos nas malhadas
que aqui já se fizeram em tempo antigo,
porque sempre para estas cavalgadas
foi certo alcouce e verdadeiro abrigo.
São cousas que se vem nũca cuidadas,
são mudanças que o tempo traz consigo;
nestas e noutras cousas praticando,
logo nos foi a China atrás ficando.

(...)

No tempo que a manhã nos descobriu,
despertámos e o sono nos deixou,
se pôde quem bocado não dormiu
com verdade dizer que despertou;
assi lentos do orvalho que caiu,
que toda a noite em nós sempre orvalhou,
levando ũ soão frio no focinho,
tornámos pelo Douro a abrir caminho.

(...)

Daqui à mão direita as Povoações
estão de Paiva[,] terra nomeada,

onde há gente de grandes opiniões,
a louçainha muito afeiçoada.
Esta Terra foi sempre de ladrões,
agora é de escudeiros habitada;
o mesmo será hoje que era então,
que o mesmo é escudeiro que ladrão.

Particularmente interessantes são os momentos mais introspectivos, mesmo que marcados por alguma (auto-)ironia:

«Da experiência tenho já alcançado,
no discurso dos meus vinte sete anos,
não me ter a Fortuna nũca dado
mais que perdas e inumeráveis danos.
Tudo acho falso, tudo solapado,
não colho de experiências mais que enganos;
qui-lo assi minha sorte esquiva e dura
que não nacesse para mais ventura.»

Num mundo dividido entre o ser e o parecer, corroído pela 'desventura', resta somente o pouco que cada um tem no seu interior:

«Enforque-se a Ventura; que nem eu
(pois se muda mil vezes a traidora)
quero ou desejo bem que seja seu
por não ter a mudança por senhora.
Já me não tirará ũ bem que é meu
que metido cá n'alma tenho agora,
com que a todos os males me defendo;
entenda-me quem pode, que eu me entendo.

Deste longo passeio pelas encostas do Douro, pelas vivências do Porto e de Barcelos, pelos meandros de uma época conturbada, fica o prazer da (re)descoberta de uma obra que é documento, acima de tudo, da «eterna verdade» da poesia (Shelley, 1946: 22).

O Verbo:
Metamorfose parodística
Capítulo III

O Verbo:

Metamorfose parodística

Tomé Tavares apresenta um modo próprio e exclusivo de organizar impressões e de as transmitir.

Um dos aspectos do seu estilo muito pessoal é o despojamento vocabular, que não depende do tema nem da forma poemática e que vai acompanhado da atenção à componente musical do verso.

É precisamente em torno deste alicerce da palavra nua, com «uma função imperativa adentro da técnica de conjuro» (Natália Correia, 2000: 26) que o poeta, recorrendo ao engenho e a uma apurada capacidade de análise, exprime perplexidades, desmascara e rompe o véu das aparências:

«A ũ moço e ũ velho que namoravam ambos ũa Dama

Não tomeis digo afeição
que caia já de madura
nem tão-pouco lanceis mão
da muito verde, que é dura;
colhei a fruta em sazão.

Se quereis saber quem sou
que vos dou tal desengano:
sou quem perdido ficou
por ũ buço soberano
que nesse rosto enxergou.

Beija a mão de Vossecê
este que mais não deseja
que entre vontades amigas
ver ocasião de brigas;
e sempre onde quer que esteja
tem dele Amor quatro figas.» (peça nº 67)

Nesta viagem pelo campo labiríntico da memória, onde são avivados factos pitorescos ou irrisórios da realidade quotidiana, o poeta faz jus à sua veia jocosa, denunciando um mundo impregnado de valores deturpados.

Uma das técnicas de que Tomé Tavares se vale é a paródia[1] de textos de insignes poetas, como Diogo Bernardes ou Camões. Posto claramente perante o poema que serve de ponto de partida, o leitor é convidado a penetrar nas múltiplas (re) ligações vocabulares, temáticas, estilísticas, prosódicas de ambos os textos e a descortinar o sentido oculto da tonalidade irónica do poema parodiante.

Veja-se o caso do soneto «Mestr'escola, Maltês, que te partiste» de Tomé Tavares Carneiro, que parodia o camoniano «Alma minha gentil, que te partiste»:

«Ao Mestr'escola de Barcelos, partindo-se para o Alentejo; contrafeito do soneto de Camões que começa «Alma minha gentil»

Mestr'escola, Maltês, que te partiste	Alma minha gentil, **que te partiste**
tão cedo de Barcelos e tua gente,	**tão cedo** desta vida descontente,
furtem eles lá na pátria eternamente,	repousa **lá** no Céu **eternamente**,
deixem Barcelos já roubado e triste.	e viva eu cá na terra sempre **triste**.
Se lá nesse Alentejo onde surgiste	**Se lá** no assento etéreo, onde subiste,
memória da Vieira[1] se consente,	**memória** desta vida **se consente**,

[1] Segundo Maria Lucília Gonçalves PIRES (2003: 46), embora a paródia não possa ser entendida como uma «criação do barroco, pois aparece em todas as épocas, na literatura culta como na popular, determinada por motivos vários que podem ir do mero prazer lúdico à necessidade psicológica de esconjurar o terror perante o numinoso», a verdade é que «a literatura do período barroco, «recorreu com frequência a este tipo de relação intertextual». Também a obra de Tomé Tavares não é indiferente a este processo de metamorfose parodística.

lembra-te tu daquele Amor ardente	não te esqueças **daquele amor ardente**
com que do seu farelo te serviste.	**que** já nos olhos meus tão puro viste.
E se achares que pode merecer-te	**E se** vires **que pode merecer-te**
quem cá o seu dinheiro te emprestou	alguma cousa a dor que me ficou
o gosto de perdê-lo, com perder-te:	da mágoa, sem remédio, de **perder-te**,
roga tu a quem Arcos te arrendou	**roga** a Deus, que teus anos encurtou,
para mais empenhar-te queira ir ver-te	que tão cedo de cá me leve a **ver-te**,
tão cedo quão barato lhe custou. (peça nº 3)	quão **cedo** de meus olhos te levou.[2]

Neste processo de transformação parodística, tudo é pensado até ao ínfimo pormenor. Optando por preservar uma estrutura prosódica idêntica, sobretudo no que concerne ao esquema rimático, mantendo, na quase totalidade dos versos, as mesmas palavras em posição de rima, o poeta vai esculpindo, bem ao seu gosto, um texto que é um documento vivo dos costumes sociais da época.

[2] Poema reproduzido a partir da edição de Luís de CAMÕES (1986-2002: 170).

Conclusão
Capítulo IV

Conclusão

A licença poética não dá
tanta largueza como vós tomais [;]
mudar-lhe o estilo é cousa perigosa.

Não sei como da feira vos irá
se ao Parnaso dizer forem que andais
soltando o verso mal, prendendo a prosa.
Tomé Tavares[1]

Procurámos reflectir sobre os diferentes prismas da obra de Tomé Tavares, tentando perceber os seus múltiplos sentidos e o mundo em mutação em que ela se inscreve. Filho de uma época de profundas metamorfoses, o Abade de Barcelos insere-se nas coordenadas de um espírito barroco, marcado pelo desnudamento das palavras e pela 'guilhotina' da sátira viperina e desmedida.

O que fica da leitura da sua obra é a surpresa perante a capacidade de contemplar o mundo sem pudor, numa mistura de palavras límpidas e mordazes, pautada pela musicalidade e por um refinado engenho verbal:

«A ũa mulher do Porto chamada N. Cortês

Não sei se por ser do Porto
ou por ser bom Português,
cortesia me tem morto,

[1] Cf. peça n.º 35.

pois morro por ser Cortês.» (peça n.º 48)

A obra do nosso autor permite-nos contemplar variadas telas, pintadas com mestria e rigor, de uma sociedade condenada pelas cores da hipocrisia, da mesquinhez, do vício e da desordem.

Assumindo a sátira como um sopro regenerador, Tomé Tavares denuncia – com um sorriso muitas vezes de cumplicidade – a realidade que se esconde atrás das aparências. Porque a palavra «es la representatión más directa de los actos y pasiones de nuestro ser íntimo...» (Shelley, 1946: 17), encontramos, nas composições poéticas do nosso Abade uma ligação umbilical entre a Palavra como impulso interior e o desejo humano de alcançar o seu Ser.

Moldando palavra a palavra, Tavares é capaz de (re)criar simultaneamente um espaço de «consciência reflexiva e de se instalar, por momentos, na consciência profunda ao nível da espontaneidade criadora, onde as energias naturais se desencadeiam na linguagem antes de qualquer conceptualização» (António Ramos Rosa, 1986: 26). Criando-se e inventando-se.

Tomé Tavares é, então, a encarnação de uma sensibilidade riquíssima sem perder ou desfigurar os traços característicos do Barroco.

Reabilitá-lo é, pois, estabelecer uma ponte entre os requintes do engenho agudo, a acrobacia das subtilezas e a multiplicidade de impressões internas e externas de um mundo todo ele composto por reentrâncias.

Descrição Codicológica do Ms. 736 da Biblioteca Pública Municipal do Porto

Capítulo V

Descrição Codicológica do Ms. 736

da

Biblioteca Pública Municipal do Porto

Tomé Tavares Carneiro não publicou em vida nenhuma das composições poéticas patentes no Manuscrito hoje pertencente à Biblioteca Pública Municipal do Porto. Embora o público desconheça essas composições, podemos encontrar algumas referências acerca do poeta na *Biblioteca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado(1998); no *Theatrum Lusitanum Litterarum*, onde Soares de Brito lhe faz um rasgado elogio *quae opera manibus eruditorum versantur, magnoque habentur in praetio*[1], e numa separata do *Boletim Cultural* (Câmara Municipal do Porto) escrita por António Cruz (1941), em que o autor deixa entrever algumas engenhosas composições de Tomé Tavares, dedicadas a figuras, usos e costumes do seu tempo:

– *Dizem que a Morte descobre* [f. 4r-4v] – Quintilhas
– *Os sessenta mil, Senhora* [f. 5v-6v] – Quintilhas
– *O morgado de Gaia* [f. 8v] – Quintilha
– *Aqui jaz Pisco Ribeiro* [f. 10r] – Terceto
– *No estado em que estou posto* [f. 9v] – Quintilha
– *De Fidalguia e sumagre* [f. 7v] – Redondilha
– *Para o monte fui no berço* [f. 8r] – Quadra
– *Ágoas, tornai-vos aos montes* [f. 21v] – Quadra
– *Muito bom é visitar* [f. 29r] – Quintilha
– *Considerando fomos nas malhadas* [f. 29v-35r] – Outavas

[1] João Soares de BRITO, *Theatrum Lusitaniae Litteratum*, lit. T. n. 15, *apud* António CRUZ, 1941: 16.

Também no periódico portuense *O Primeiro de Janeiro*, Artur de Magalhães Basto (1952: 1 e 5) deu a conhecer alguns dos poemas de Tomé Tavares:

– *Não sei agora o que faça* [f. 25r-25v] – Décimas
– *O ilustre ramo dos Sousas* [f. 25v] – Quadra
– *Está mui belo e galante* [f. 36r] – Quadra
– *Fazer cana de pescar* [f. 29r] – Quadra
– *Muito bom é visitar* [f. 29r] – Quintilha
– *De Fidalguia e sumagre* [f. 7v] – Redondilha
– *O melão é mui fermoso* [f. 25v] – Quadra
– *Nesta Rua anda ũ rancho* [f. 10r] – Quintilha
– *Mestr'escola, Maltês, que te partiste* [f. 6v-7r] – Soneto
– *Dez meses de cantor que não se ouvia* [f. 26v-27r] – Soneto

O códice em causa apresenta na lombada três cotas distintas: nº 736 – cota geral atribuída por Diogo de Góis Lara de Andrade (cf. f. 1r – nomeado bibliotecário em 10 de Julho de 1833 e demitido em 1 de Outubro de 1836); nº 666 – ordem de catalogação; e o n.º primitivo 197, cuja proveniência desconhecemos. Da lombada constam ainda as seguintes indicações, gravadas a letras douradas: *Obras de Thome Tavares.*

Na folha de rosto pode ler-se *Obras Burlescas do/ Famoso/ Thome Tavares Abbade de Rio-tinto/ junto a Barcellos e natural da/ Cidade do Porto. / Que ajuntou na dita Cidade/ Christovão Alão de Morais/ No/ Anno/ De/ MDCLIII.* Esta colecção autógrafa constitui-se como um testemunho relevante, da responsabilidade de Cristóvão Alão de Morais, poeta, Juiz dos Órfãos do Porto, Desembargador da Relação do Porto e um dos mais consultados genealógicos, como corrobora a *Pedatura Lusitana.* No verso do frontispício vem uma citação laudatória de Manuel de Faria e Sousa.

Os poemas antologiados ocupam os fólios 1r a 48v. O códice evidencia claramente uma sequência temática, que se percebe até pelas legendas que precedem os poemas. Há um erro de numeração: existem dois fólios com o número 46. Optámos por designar o segundo como $46r^1/46v^1$. É de salientar também a existência de um texto incompleto, de que o compilador nos deixou apenas alguns versos. Referimo-nos ao poema em oitava rima *Considerando fomos nas malhadas* (ff.

29v-35r). Para além de não podermos precisar quantas estrofes faltam depois da legenda (f. 29v), visto que graficamente se evidencia um espaço lacunar entre a legenda e a estrofe que se segue, o poema apresenta também mais duas estrofes incompletas: *Defronte de Valbom vimos o assento* (f. 30v) e *Com toda a paciência nos lançamos* (f. 31r).

O manuscrito contém um romance (*Com título de Meirinho*, ff. 19r-21r) que é transmitido também por outro códice (Ms. 405, ff. 45v-46r), da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, o qual apresenta variantes significativas. O códice do Porto apresenta um total de 77 textos, distribuídos da seguinte forma: 1 dístico; 1 elegia; 2 poemas em décimas; 1 poema em oitava rima; 27 poemas em quintilhas; 1 poema em redondilhas; 5 poemas em tercetos; 20 quadras; 6 romances; 11 sonetos; 2 textos em prosa.

Igualmente relevante é o facto de o códice apresentar, ao longo do texto, palavras sublinhadas, que remetem para notas marginais nos ff. 4r, 7r, 9r, 10r-10v, 14v, 15r-15v, 16r-16v, 17r-17v, 18r-18v, 19v, 20v-21r, 22r, 23r, 24v, 27r, 35v, 36v, 38r, 40r, 43v, 47r e 48v, escritas pela mesma mão do texto principal e que ora constituem lições alternativas (ff. 26v-27r – ao lado do poema vem a seguinte anotação *a outra cópia diz larga*), ora são notas elucidativas para a identificação de algumas figuras relevantes para o texto (ff. 6v-7r – *Vieira era uma padeira de Barcelos que lhe vendia farelos para o cavalo*).

Trata-se de um códice em papel vergado fino com 6 cadernos (f. 2 é de 145 x 203), sendo o primeiro constituído por 9 fólios. As folhas têm uma média de 21 linhas por página. A distância entre os pontusais é de aproximadamente 23 mm e entre as vergaturas de sensivelmente 28 mm. Uma vez que os pontusais vão da esquerda para a direita sobre a página do livro e a marca de água se encontra ao meio do livro na dobragem, estamos perante um in-quarto.

O manuscrito encontra-se em bom estado de conservação, embora apresente uma mancha de humidade no canto superior direito e no canto inferior esquerdo junto à lombada. A encadernação parece ser a da época, assim como o tipo de letra. A capa é de cartão revestida de couro sem qualquer decoração. Contém cinco nervos e folhas de protecção em papel (2 frente + 3 verso – deixando transparecer uma filigrana datada de 1785, pelo que se depreende que depois de compilados os poe-

poemas em 1653, como o comprova a folha de rosto, a encadernação terá sido feita nessa data). Para além desta filigrana, o manuscrito apresenta, em quase todos os fólios, filigranas que se encontram no meio do livro na dobragem e que não foram identificadas. Contém reclamos em quase todos os fólios, localizados no canto direito da margem inferior da página.

Normas de Transcrição dos Poemas
e
Critérios da Edição
Capítulo VI

Normas de Transcrição dos Poemas

e

Critérios da Edição

1. Objectivos e critérios gerais

A presente edição foi pensada tendo em conta dois factores que tomou como basilares: a circunstância de se tratar de uma obra inédita que importa tornar acessível ao leitor actual; o facto de essa obra ser claramente um testemunho de uma época e de um meio em que o autor viveu. Procurámos assim realizar uma actualização prudente e cautelosa do texto, de modo a oferecer ao leitor médio dos nossos dias, um texto crítico fidedigno, antes de mais do ponto de vista linguístico. Deste modo, tivemos a preocupação de salvaguardar os aspectos fonéticos, morfológicos e sintácticos dos textos e de não descaracterizar o estilo do autor das *Obras Burlescas.*

As alterações efectuadas serão devidamente assinaladas e justificadas, quer nas Normas de Transcrição, a seguir apresentadas, quer ao longo do texto, em pé de página.

2. Normas de transcrição

2.1. Vogais

■ Embora não esteja determinada, com exacto rigor, a época do alteamento das átonas, sabendo-se apenas que terá começado no século XVI, optámos por preservar a representação da vogal oral fechada em posição átona, mantendo *encuberto, cubiçosas, custureira, jugadores, descubriu*, em vez de *encoberto, cobiçosas, costureira, jogadores, descobriu*, e vice-versa: *Manoel, sostê-la, sostinha* em vez de *Manuel, sustê-la, sustinha*, uma vez que estes vocábulos poderão corresponder a uma realização diferente da actual;

■ Substituímos o *y* por *i*, em vocábulos como *veyo, saya, Gaya, Bayões*;

■ Regularizámos as grafias das vogais nasais, de acordo com a norma actual: seguidas de *m* ou *n* antes de consoante, de *m* em final de palavra, com til antes de vogal e, em palavras como *Cristã*, em final de vocábulo. Procedemos também à actualização do hiato resultante da queda do *-n-* intervocálico: *Christãa* > *Cristã*, uma vez que o fenómeno estaria concluído desde finais do século XV. Optámos, contudo, por preservar algumas realizações diferentes que se verificavam ainda na época, como *selvage* (*selvagem*) ou *page* (*pagem*), mesmo quando coexistiam com uma divergência de variedades dialectais, como *assi / assim; co / cum / com; mui / muto / muito*;

■ Quanto à forma feminina do pronome indefinido *alguma*, ela vem sempre grafada como *algũa*. O mesmo se verifica relativamente às formas *um* (*ũ*), *uma* (*ũa*), *algum* (*algũ*), *alguma* (*algũa*), *nenhum* (*nenhũ*), *nenhuma* (*nenhũa*), *nunca* (*nũca*), *segundo* (*segũdo*), *segunda* (*segũda*), *num* (*nũ*), *numa* (*nũa*). Embora a grafia moderna só se tenha generalizado no século XVIII, a evolução da consoante em questão terá ocorrido em finais do século XVI, sendo assim de admitir que o processo ainda

não estivesse consolidado na época do autor. Optámos assim por manter *ũ / ũa, algũ / algũa, nenhũ / nenhũa, nũca, segũdo / segũda, nũ / nũa,*

■ Tendo em conta a norma actual, actualizámos a representação dos ditongos nasais: vogal seguida de *e* (e, excepcionalmente, de *i*) ou de *o*, com til sobre a primeira, ou vogal seguida de *m* ou *n*. Deste modo, *cham, estavão*, passaram a ser grafadas como *chão, estavam;*

■ Actualizámos a grafia dos ditongos orais, grafando com *i* e *u* as semivogais. Deste modo: *vea* > *veia*; as formas de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos da 1ª conjugação (como *ganhaes*) > *ganhais; cea* > *ceia; alhea* > *alheia;* as formas rizotónicas do presente do indicativo de verbos em -ear (como *ateam*) > *ateiam; Deos* > *Deus;* as formas de 3ª pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 2ª conjugação (como *comeo*) > *comeu; poes* > *pois;* as formas de 3ª pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 3ª conjugação (como *pedio*) > *pediu*. Respeitámos também realizações, provavelmente regionais, como *igreija;*

■ Quanto aos ditongos orais crescentes, optámos por manter a grafia original – *légoas, ágoa, frágoa, guela, muela, égoa* –, em vez de *léguas, água, frágua, goela, moela, égua,* admitindo uma realização diferente à época do nosso autor;

■ Preservámos determinadas formas arcaicas de grafia dupla – na maior parte das vezes resultantes de dissimilação ou de dilação –, e que equivalem a realizações alternantes, algumas das quais se mantiveram: a oscilação entre *e* e *a*, como em *pera / para, desempara / desampara, diente / diante, disferçado / disfarçado;* entre *e* e *i*, como em *dezia / dizia, enveja / inveja, deficuldade / dificuldade, ceremónia / cerimónia, pepino / pipino, deligente / diligente, vendima / vindima;* entre *e* e *o*, como em *fermoso / formoso, per / por;*

■ Preservámos igualmente determinadas formas arcaicas com realizações alternantes que ainda se mantinham na época, como *inda* > *ainda; despois* > *depois;*

2.2. Consoantes

■ Suprimimos o *h* inicial (como na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *ser*), em posição intervocálica (como em *sahindo*) e nos denominados dígrafos helenizantes, como *th* (*Mathemática*); inserimo-lo em casos como *ouver*;

■ Simplificámos as consoantes dobradas, à excepção do *r* e *s* em posição intervocálica e com valor, respectivamente, de vibrante múltipla e sibilante surda. Constituem exemplo: *occasiões* > *ocasiões*; *officio* > *ofício*; *Rellação* > *Relação*; *appellação* > *apelação*; *mottes* > *motes*;

■ Normalizámos de acordo com o uso moderno grupos em posição medial como *-ct-* (*practicando* > *praticando*). Admitimos, no entanto, em grupos como *-bt-*, oscilações do tipo *sutil* / *subtil*. Quanto ao grupo *-sc-*, optámos por manter formas como *nacer*, *crecente*, *florece*, ainda hoje se observáveis no Brasil e em algumas zonas de Portugal;

■ Relativamente às oclusivas velares, substituímos o dígrafo *ch* por *c*, em palavras como *Christã*; e *c* e *g* antes de *a*, *o* e *u* (*nunqua* > *nunca*; *liquor* > *licor*);

■ Optámos, quanto às consoantes fricativas, por normalizar a sua representação. Deste modo, a fricativa labiodental sonora virá transcrita como *v*. Tal, implicou a substituição do *u* sempre que este apresentava valor consonântico; a fricativa alveolar sonora virá representada segundo o uso moderno, pelo que *mezes* passará a *meses*; a fricativa palatal sonora será grafada como *g* ou *j*, de acordo com a norma actual. Também se procedeu à substituição do *i* por *j* sempre que aquele apresentava valor consonântico (*iogo* > *jogo*, *iaz* > *jaz*, *ia* > *já*);

■ Relativamente às formas de variação estilística, diastrática ou diatópica de grafia dupla, mantivemos sobretudo aquelas que evidenciam ocorrências metáticas do grupo consoante + *r*, como em *disfraçados*. Partindo desse

pressuposto, conservámos grafias como *preguntou, reprensão, Bargança, ofreças, almário, troce* (de *torcer*);

2.3. Aspectos morfológicos

■ No caso em que se tratava de mera convenção ortográfica, optámos por separar e unir as palavras, de acordo com o uso actual. Assim passámos a grafar *por que* em vez de *porque* (quando *que* é advérbio interrogativo ou pronome relativo), *jamais* com valor adverbial em lugar de *já mais*;

■ Desenvolvemos as abreviaturas (*q* passou a *que; &* passou a *e*);

■ Preservámos variações morfológicas em vocábulos como *cidadões* (plural de *cidadãos*), *dês* (forma apocopada da preposição *desde*), *estê* (variante arcaica da 1ª pessoa do singular do presente do conjuntivo do verbo *estar*), *pês* (variante arcaica de *pese*), *aução* (*acção*), *acredor* (*credor*), *afouta, Mouta, cousa, dous, anoutece, doudo, bauptizado* (variação de formas tradicionais que, entretanto, foram substituídas por formas mais alatinadas);

2.4. Diacríticos

■ Actualizámos o uso de acentos, preservando porém a forma monossilábica da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ter (*tem*), *ver* (*vem*), dar (*dem*), *pôr* (*põe*) e seus compostos;

■ Normalizámos o emprego do hífen, sobretudo no que se refere às formas perifrásticas (*ha de* passou a *há-de*) e às formas oblíquas átonas dos pronomes pessoais em posição enclítica (*vendoo* passou a *vendo-o, pondelhe* passou a *ponde-lhe*) ou mesoclítica (*darmeeis* passou a *dar-me-eis*);

2.5. Itálico

■ Preservámos as passagens em itálico;

2.6. Maiúsculas e pontuação

■ Embora tenhamos procurado intervir o menos possível na pontuação, optámos por substituir a utilização dos dois pontos pelo ponto e vírgula, sempre que o uso actual desses sinais o exigia. De acordo ainda com este princípio, retiraram-se algumas vírgulas (como por exemplo entre sujeito e predicado, antes de algumas conjunções...) e acrescentaram-se outras, ora para preservar a gramaticalidade da frase, ora para dissipar eventuais ambiguidades;

■ Quanto ao uso da maiúscula, optámos por não introduzir significativas alterações. Assim e tendo patente o seu valor expressivo, procurámos manter a ocorrência das maiúsculas, mesmo nos casos em que se distanciavam da norma actual. Apesar disso, procurámos generalizar o uso da maiúscula em palavras como *Céu, Deus, JESUS.*

3. Aparato Crítico

3.1. Apresentação do texto crítico

No sentido de proporcionar ao leitor uma melhor percepção da obra e do espírito engenhoso de Tomé Tavares, agrupámos as suas composições poéticas em cinco capítulos distintos: no primeiro capítulo, serão contemplados os poemas dirigidos ao Mestre-escola Francisco Roiz de Carvalho; no segundo capítulo virão os poemas referentes a Pero Lopes Camelo; os poemas relativos a figuras secundárias serão parte integrante do terceiro capítulo; o capítulo quarto é inteiramente dedicado à temática clerical; as restantes composições poéticas que, pelo seu conteúdo, não dizem respeito a nenhuma figura identificável em concreto nem são de teor religioso, e como tal não se inserem em nenhum dos capítulos referenciados anteriormente, constarão do quinto capítulo, intitulado *Outros.*

A edição das composições comportará um número de ordem, ininterrupto; uma legenda, seguida do poema, cujos versos surgirão numerados de cinco em cinco, com os algarismos colocados à esquerda. Quando um poema for transmitido por mais que um testemunho, será atribuída a letra *A* para designar o testemunho que elegermos como base.

As alterações serão convenientemente assinaladas quer no *corpus* do texto, quer em pé de página, sendo a chamada feita a partir do número de verso. O mesmo se verificará com outras anotações necessárias ao esclarecimento do texto.

Nas correcções realizadas, serão utilizadas chavetas para as supressões e colchetes para as adições. Serão notadas entre barras oblíquas, antecedidas de asterisco todas as passagens cuja lição seja dúbia.

3.2. Apresentação do aparato

O aparato, separado do texto crítico por uma linha e apresentado em corpo menor, virá ao fundo da página e poderá incluir três partes fundamentais:

A. Variantes:

B. Justificação de emendas:

C. Notas:

1. Referência aos sublinhados efectuados pelo copista;
2. Registo das notas localizadas à margem;
3. Vocabulário e notas necessárias para a compreensão do texto. Poderá haver também observações que digam respeito a aspectos gramaticais, métricos e acentuais dos versos;
4. Tradução de passagens em latim;
5. Anotações sobre a poética do texto.

Na elaboração deste aparato tivemos como principal objectivo tornar as composições acessíveis ao leitor actual, procurando dissipar as barreiras que eventualmente pudessem ocorrer. Assim, o leitor será confrontado com uma pluralidade de opções e de leituras, não lhe sendo, porém, vedada a possibili-

possibilidade de realizar as suas próprias escolhas e de efectuar uma leitura pessoal dos textos.

Comparação esquemática entre a disposição dos textos no Ms. 736

e

na edição crítica

Capítulo VII

Comparação esquemática entre a disposição dos textos no Ms. 736 e na Edição Crítica

Manuscrito n.º 736	Edição Crítica
	I. Poemas dirigidos ao Mestre-escola Francisco Roiz de Carvalho
1. Elegia *Cantava Pedro ũ dia ao som das ágoas*	1. Elegia *Cantava Pedro ũ dia ao som das ágoas*
2. Quintilhas *Dizem que a Morte descobre*	4. Quintilhas *Os sessenta mil, Senhora*
3. Quintilhas *Vendo em conserva o pipino*	5. Soneto *Mestr'escola, Malteês, que te partiste*
4. Quintilhas *Os sessenta mil, Senhora*	6. Soneto *Conservador da Ordem dos Malteses*
5. Soneto *Mestr'escola, Malteês, que te partiste*	19. Quintilha *Nesta Rua anda ũ rancho*
6. Soneto *Conservador da Ordem dos Malteses*	30. Soneto *Príncipe por excelência só nacido*
7. Redondilha *De Fidalguia e sumagre*	42. Soneto *Dez meses de cantor que não se ouvia*
8. Quadra *Com só vinho e com só fruta*	67. Soneto *Ah, saudoso Lima, quem pudera*
9. Quadra *Para o monte fui no berço*	68. Soneto *Quem tirava em Barcelos tão certeiro*
10. Quintilha *Não há já que temer, não*	69. Romance *No peito ũa Cruz de Malta*
11. Quintilha *O morgado de Gaia*	70. Romance *Corrente branda do Lima*
12. Terceto *Aqui jaz Caim e Abel*	71. Romance *Ũ Romance de Fileno*
13. Quintilha *Legou-me a Velhacaria*	
14. Quintilha *Em tão pequena barquinha*	
15. Quintilha *A tenção é estremada*	**II. Poemas dirigidos a Pero Lopes Camelo**
16. Quintilha *No estado em que estou posto*	23. Quintilhas *Quando o ver me desempara*
17. Quintilha *Quem do Mundo se recata*	24. Quintilhas *De dous pais que Pedro tem*
18. Quintilha *Aqui jaz Pisco Ribeiro*	25. Quintilhas *Que não haja V'reador*
19. Quintilha *Nesta Rua anda ũ rancho*	26. Quintilhas *Deu Pedro ũa certidão*
20. Décima *Ũ Carneiro de semente*	27. Quintilhas *Naceo entre Douro e Minho*
21. Quintilhas *Sobeja razão à Dama*	28. Quintilhas *Pedro, até agora avisado*
22. Quintilhas *Senhor Mendonça, entre nós*	34. Romance *De ũa cólica reinal*
23. Quintilhas *Quando o ver me desempara*	73. Romance *Adindo o seu Testamento*
24. Quintilhas *De dous pais que Pedro tem*	74. Quintilhas *Mudou-se da casa antiga*
25. Quintilhas *Que não haja V'reador*	49. Quadra *Quem viu cousa mais galante*
26. Quintilhas *Deu Pedro ũa certidão*	50. Terceto *Só Pedro Lopes Camelo*
27. Quintilhas *Naceo entre Douro e Minho*	75. *Vida de Pero Lopes Camelo*
28. Quintilhas *Pedro, até agora avisado*	76. Carta de Frutuoso Lourenço
29. Soneto *Queixa-se que o comestes às pernadas*	77. Soneto *Musa que com tal voz, zelo tão pio*

30. Soneto *Príncipe por excelência só nacido*
31. Romance *Com título de Meirinho*
32. Quintilha *Grande cruz traz Pero Vaz*
33. Quadra *Águas, tornai-vos aos montes*
34. Romance *De ũa cólica reinal*
35. Décimas *Não sei agora o que faça*
36. Quadra *O ilustre ramo dos Sousas*
37. Quadra *O melão é mui fermoso*
38. Quintilhas *Não tomeis digo afeição*
39. Quadra *Mártir São Sebastião*
40. Quadra *Aqui jaz Dona Genebra*
41. Quintilha *Com estes frios que vão*
42. Soneto *Dez meses de cantor que não se ouvia*
43. Soneto *Ninguém a ser Poeta só se aprova*
44. Soneto *Se algũ destes que calçam ponto agudo*
45. Quadras *Homero grego preitez*
46. Quadra *Cantastes bem algũa hora*
47. Quadra *Quem de fastio não come*
48. Quadra *Levava as asas nos pés*
49. Quadra *Quem viu cousa mais galante*
50. Terceto *Só Pedro Lopes Camelo*
51. Quadra *Fazer cana de pescar*
52. Quintilha *Muito bom é visitar*
53. Outavas *Considerando fomos nas malhadas*
54. Dístico *O chantre foi a Vairão*
55. Quadra *Amor falso lisonjeiro*
56. Quintilhas *Há em Viana e Aveiro*
57. Quadra *Está mui belo e galante*
58. Terceto *Vi-eira em que se malhava*
59. Terceto e volta *Mando-vos essa cabeça*
60. Quadra *Eu não sei que razão tenha*
61. Quadra *Não sei se por ser do Porto*
62. Terceto *Todos estes três fidalgos*
63. Quadra *Descendente de Israel*
64. Quadra *Em todas as conjunções*
65. Quadra *A poesia tão alta*
66. Soneto *De entrarem no Parnaso mil cabrões*

III. Poemas dirigidos a outras figuras

11. Quintilha *O morgado de Gaia*
18. Quintilha *Aqui jaz Pisco Ribeiro*
66. Soneto *De entrarem no Parnaso mil cabrões*
2. Quintilhas *Dizem que a Morte descobre*
7. Redondilha *De Fidalguia e sumagre*
8. Quadra *Com só vinho e com só fruta*
15. Quintilha *A tenção é estremada*
22. Quintilhas *Senhor Mendonça, entre nós*
29. Soneto *Queixa-se que o comestes às pernadas*
31. Romance *Com título de Meirinho*
32. Quintilha *Grande cruz traz Pero Vaz*
35. Décimas *Não sei agora o que faça*
36. Quadra *O ilustre ramo dos Sousas*
37. Quadra *O melão é mui fermoso*
40. Quadra *Aqui jaz Dona Genebra*
43. Soneto *Ninguém a ser Poeta só se aprova*
44. Soneto *Se algũ destes que calçam ponto agudo*
45. Quadras *Homero grego preitez*
48. Quadra *Levava as asas nos pés*
57. Quadra *Está mui belo e galante*
58. Terceto *Vi-eira em que se malhava*
61. Quadra *Não sei se por ser do Porto*
63. Quadra *Descendente de Israel*

IV. Poemas de temática clerical

3. Quintilhas *Vendo em conserva o pipino*
16. Quintilha *No estado em que estou posto*
17. Quintilha *Quem do Mundo se recata*
46. Quadra *Cantastes bem algũa hora*
47. Quadra *Quem de fastio não come*
52. Quintilha *Muito bom é visitar*
54. Dístico *O chantre foi a Vairão*

67. Soneto *Ah, saudoso Lima, quem pudera*
68. Soneto *Quem tirava em Barcelos tão certeiro*
69. Romance *No peito ũa Cruz de Malta*
70. Romance *Corrente branda do Lima*
71. Romance *Ũ Romance de Fileno*
72. Quintilhas *Sobre a lebre o que me ocorre*
73. Romance *Adindo o seu Testamento*
74. Quintilhas *Mudou-se da casa antiga*
75. *Vida de Pero Lopes Camelo*
76. Carta de Frutuoso Lourenço
77. Soneto *Musa que com tal voz, zelo tão pio*

55. Quadra *Amor falso lisonjeiro*
56. Quintilhas *Há em Viana e Aveiro*

V. Outros

9. Quadra *Para o monte fui no berço*
10. Quintilha *Não há já que temer, não*
12. Terceto *Aqui jaz Caim e Abel*
13. Quintilha *Legou-me a Velhacaria*
14. Quintilha *Em tão pequena barquinha*
20. Décima *Ũ Carneiro de semente*
21. Quintilhas *Sobeja razão à Dama*
33. Quadra *Águas, tornai-vos aos montes*
38. Quintilhas *Não tomeis digo afeição*
39. Quadra *Mártir São Sebastião*
41. Quintilha *Com estes frios que vão*
51. Quadra *Fazer cana de pescar*
53. Outavas *Considerando fomos nas malhadas*
59. Terceto e volta *Mando-vos essa cabeça*
60. Quadra *Eu não sei que razão tenha*
62. Terceto *Todos estes três fidalgos*
64. Quadra *Em todas as conjunções*
65. Quadra *A poesia tão alta*
72. Quintilhas *Sobre a lebre o que me ocorre*

1.

Índice de poemas

Índice de poemas

I. Poemas dirigidos ao Mestre-escola Francisco Roiz de Carvalho 123

1. Elegia *Cantava Pedro ũ dia ao som das ágoas* 124
2. Quintilhas *Os sessenta mil, Senhora* 132
3. Soneto *Mestr'escola, Malteês, que te partiste* 135
4. Soneto *Conservador da Ordem dos Malteses* 137
5. Quintilha *Nesta Rua anda ũ rancho* 139
6. Soneto *Príncipe por excelência só nacido* 140
7. Soneto *Dez meses de cantor que não se ouvia* 142
8. Soneto *Ah, saudoso Lima, quem pudera* 144
9. Soneto *Quem tirava em Barcelos tão certeiro* 146
10. Romance *No peito ũa Cruz de Malta* 148
11. Romance *Corrente branda do Lima* 152
12. Romance *Ũ Romance de Fileno* 156

II. Poemas dirigidos a Pero Lopes Camelo 159

13. Quintilhas *Quando o ver me desempara* 160
14. Quintilhas *De dous pais que Pedro tem* 164
15. Quintilhas *Que não haja V'reador* 165
16. Quintilhas *Deu Pedro ũa certidão* 167
17. Quintilhas *Naceo entre Douro e Minho* 168
18. Quintilhas *Pedro, até agora avisado* 176
19. Romance *De ũa cólica reinal* 179
20. Romance *Adindo o seu Testamento* 188

21. Quintilhas *Mudou-se da casa antiga* 201
22. Quadra *Quem viu cousa mais galante* 204
23. Terceto *Só Pedro Lopes Camelo* 205
24. *Vida de Pero Lopes Camelo* 206
25. Carta de Frutuoso Lourenço 207
26. Soneto *Musa que com tal voz, zelo tão pio* 208

III. Poemas dirigidos a outras figuras 209
27. Quintilha *O morgado de Gaia* 210
28. Quintilha *Aqui jaz Pisco Ribeiro* 211
29. Soneto *De entrarem no Parnaso mil cabrões* 213
30. Quintilhas *Dizem que a Morte descobre* 214
31. Redondilha *De Fidalguia e sumagre* 216
32. Quadra *Com só vinho e com só fruta* 217
33. Quintilha *A tenção é estremada* 219
34. Quintilhas *Senhor Mendonça, entre nós* 220
35. Soneto *Queixa-se que o comestes às pernadas* 224
36. Romance *Com título de Meirinho* 227
37. Quintilha *Grande cruz traz Pero Vaz* 235
38. Décimas *Não sei agora o que faça* 239
39. Quadra *O ilustre ramo dos Sousas* 241
40. Quadra *O melão é mui fermoso* 243
41. Quadra *Aqui jaz Dona Genebra* 248
42. Soneto *Ninguém a ser Poeta só se aprova* 249
43. Soneto *Se algũ destes que calçam ponto agudo* 251
44. Quadras *Homero grego preitez* 252
45. Quadra *Levava as asas nos pés* 254
46. Quadra *Está mui belo e galante* 256
47. Terceto *Vi-eira em que se malhava* 257
48. Quadra *Não sei se por ser do Porto* 258
49. Quadra *Descendente de Israel* 259

IV. Poemas de temática clerical 260
50. Quintilhas *Vendo em conserva o pipino* 261
51. Quintilha *No estado em que estou posto* 263
52. Quintilha *Quem do Mundo se recata* 264
53. Quadra *Cantastes bem algũa hora* 265
54. Quadra *Quem de fastio não come* 266
55. Quintilha *Muito bom é visitar* 267
56. Dístico *O chantre foi a Vairão* 268
57. Quadra *Amor falso lisonjeiro* 269
58. Quintilhas *Há em Viana e Aveiro* 273

V. Outros 275
59. Quadra *Para o monte fui no berço* 276
60. Quintilha *Não há já que temer, não* 277
61. Terceto *Aqui jaz Caim e Abel* 278
62. Quintilha *Legou-me a Velhacaria* 279
63. Quintilha *Em tão pequena barquinha* 280
64. Décima *Ũ Carneiro de semente* 281
65. Quintilhas *Sobeja razão à Dama* 282
66. Quadra *Ágoas, tornai-vos aos montes* 284
67. Quintilhas *Não tomeis digo afeição* 285
68. Quadra *Mártir São Sebastião* 286
69. Quintilha *Com estes frios que vão* 289
70. Quadra *Fazer cana de pescar* 290
71. Outavas *Considerando fomos nas malhadas* 291
72. Terceto e volta *Mando-vos essa cabeça* 304
73. Quadra *Eu não sei que razão tenha* 305
74. Terceto *Todos estes três fidalgos* 306
75. Quadra *Em todas as conjunções* 307
76. Quadra *A poesia tão alta* 308
77. Quintilhas *Sobre a lebre o que me ocorre* 309

Edição Crítica
Capítulo VIII

1.

Poemas dirigidos ao Mestre-escola

Francisco Roiz de Carvalho

1.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 1r-3v

Elegia

Feita à imitação da Égloga 14 de Diogo Bernardes intitulada *Sílvia*, que começa «Cantava Alcido ũ dia ao som das ágoas»; introduz a falar ũ criado do Mestr'escola de Barcelos, Francisco Roiz de Carvalho

Cantava Pedro ũ dia ao som das ágoas
que do Burral do Lima a cepa cria,
dizem que pera alívio de suas mágoas.

Ao longo de ũ pichel de que bebia,
despois de encher a pança sequiosa,
contra a ágoa natural assi dezia:

Leg. Francisco Roiz de Carvalho – foi Reverendo Mestre-escola da Colegiada e Conservador da Ordem de Malta (cf. peças n.º 4 e 10 da nossa edição). Supomos que era natural do Alentejo (cf. peça n.º 3 da nossa edição).

2. Burral do Lima – embora *burral* possa designar uma certa casta de uva, supomos que se trata de um topónimo que tem como forma actual *Beiral do Lima*, freguesia do concelho de Ponte de Lima. Há registo documental do nome desde 1132, sob formas diversas: *Villa de Burrial* (1132); *Sancta Maria de Burroos* (1220); *Santa Maia de Buria* (1258). Beiral do Lima fica nas abas da serra de Serdedelo, a 3 km da margem esquerda do Lima e a 9 da sede do concelho.

3. Mesmo que admitamos uma sinérese em *alívio*, o verso é hipermétrico. Uma emenda possível consistiria na substituição de *suas* por *umas*.

«Ágoa nestes meus olhos tão penosa,
cuja propriedade o peito encrua,
por mais clara que sejas e fermosa:

quem por te celebrar trabalha e sua
em ti morra afogado porque veja,
se tão fermosa és, porque és tão crua.

Por que desprezas Maio, que deseja
mais ũa rega de ti que a própria vida,
e quando em Julho a dás morre d'enveja?

A sede que em meu peito anda escondida
de tal maneira está posta em seguro
que não será de ti nũca ofendida.

Ũ fermoso pichel, se é de maduro,
posto à boca, virado o fundo acima,
me faz o ardor da sede menos duro.

Por que queres, cruel, quem não te estima?
Vai-te regar o campo, rega as flores,
como faz mansamente o manso Lima.

Não esperes de mim outros amores,
que não sou dos vadios que cantando

---

12. crua.] crua?

gastam tão mal o tempo em teus louvores.

Crê-me que não to digo gracejando;
só por nacer em ti não como peixes
todas as conjunções que infermo ando.

Ou te queixes de mim ou não te queixes,
quero que sempre irosa me respondas[,]
na força da mor sede então me deixes.

Assi por onde for de mi te escondas[,]
como posto no mar de Amor à vela
com a do cabelinho crespo em ondas.

Com seis quartilhos dei nesta guela
à vista da cachopa, que isto vendo
me fez de verde parra ũa capela.

Não perdeu o feitio, porque entendo,
segundo o desenfado que tivemos,
que não irá de mim queixas fazendo.

Despois que já da cama nos erguemos,
atentando o piolho de ũa banda,
a pulga e percevelho da outra vemos.

---

30. Não é claro o sentido do verso. Supomos que deve ser lido *que* (com valor explicativo) *infermo ando todas as conjunções* (isto é, sempre, tomando *conjunção* no sentido de *ocasião, altura*). Outra hipótese de leitura seria: *não como peixes todas as conjunções* (sempre, todas as vezes) *que ando infermo.*

E por mais que a morena estava branda,
contra o gado se pôs tão agra e dura
que o que entre as unhas colhe ali o abranda.

Tornei-lhe a atarracar a ferradura,
três vezes torno a dar c'o facho em terra,
outras tantas /*gastei/ da prata pura.

Qualquer lugar que o vinho não encerra
nũca o verei sem dor, nũca sem mágoa,
ou seja campo ou bosque, vale ou serra.

De ũ vinho montanhês que nace em frágoa
tem duas pipas ũ vendeiro amigo,
amigo como eu bem pouco de ágoa.

Saltou o nosso Costa já comigo,
que o lugar onde estavam lhe dissesse;
"Não trabalhes, irmão Costa, lhe digo".

Tão tomado se foi que se soubesse
onde estas ora estão, tenho por certo
que em menos de oito dias as bebesse.

Mas não lhe poderá chegar tão perto,

---

58. saltar com alguém – de acordo com Morais, acometer alguém de repente.

61. tomado – no sentido de ofendido, ressentido, magoado, agastado.

que além de andar da bolsa mui varado,
dá-se por aderência e encuberto.

Enquanto ele durar perde o cuidado[,]
que nem ao pensamento[,] ágoa[,] me venhas[;]
não sou eu do miolo tão furado.

Antes se donde naces te despenhas
correndo para o mar com pressa tanta,
rogo-te que por mim não te detenhas.

Que enfim não és licor daquela planta
cuja virtude é tal contra o trabalho
que o faz esquecer, vence e quebranta.

Ah, fortuna cruel, tão pouco valho
contigo, a quem cuidei que merecia
sequer de teu favor ũ leve orvalho?

Não digo pelo orvalho de ágoa fria,
mas que me dês que beba, isso espero
há tantos dias já de dia em dia.

E não me mostres sempre o rosto fero,
bem fero, bem cruel e bem raivoso,
pois me entendes e negas o que quero.

---

65. andar da bolsa mui varado – andar muito seco da bolsa, isto é, sem dinheiro.

66. Entenda-se: esse vinho só se dá por aderência (no sentido de especial favor) e às escondidas.

Mil vezes estou eu tão sequioso,
deslapidado, fraco, froixo e frio,
que me sinto da vida duvidoso.

Tal vez sonho também que de algũ rio
de vinho esta garganta está banhada,
mas desperto conheço o desvario.

Assi com leves sonhos salteada
trago a imaginação não sei por onde
em desejos de vinho transportada.

Se algũa pipa alheia alguém me esconde,
a fama sobre mim dá logo ũ grito,
que aprova o Eco quando lhe responde.

Aqui com novas forças meu esp'rito
para beber remédios mil granjeia
de quantos em meu peito tenho escrito.

Muitas vezes de noite sem candeia
os frascos vou correr a passo leve
por ver se ficou vinho algũ da ceia;

mas tornando-me à cama em tempo breve
de ronceiro me acuso porque caio,
que mais ligeiro que eu Costa andar deve.

Logo em amanhecendo, como ũ raio

à taverna me vou, nũca me esquece,
que receio em jejum muito ũ desmaio.

Aqui bebo o que posso e me parece
pode a bolsa chegar, que onde não chega
logo o crédito meu desaparece.

O vulto do vendeiro se carrega,
lá lhe sinto comigo ũ certo pejo,
que morre com me ver dentro na adega.

Mas em que posso ver de quanto vejo
quando a sede me abrasa em vivo fogo,
se está só na taverna o meu desejo[?]

Faz a necessidade de mim jogo[;]
tu, Fortuna, inda mais, pois não te movem
tantas lágrimas tristes, tanto rogo.

Que entranhas como as minhas há que provem
ver ũas unhas como azougue vivas
faltar-lhe ocasiões que a outros chovem[?]

E sofrendo misérias excessivas,
Fortuna ocasiões nũca me guarde
com que molhar sequer possa as gengivas[?]

---

123. chovem[?]] chovem.

126. gengivas[?]] gengivas.

Se ora viesse algũa inda esta tarde,
veriam minhas faces mais rosadas
do que são as do Sol quando mais arde.

Viriam após mim às marteladas
Felipas e Monegas tão ciosas
que andassem sobre mim às bofetadas.

Não sei que as traz de mim tão cubiçosas,
mas sei que não é prata nem é ouro
o que assi as faz andar tão revoltosas.

Eu só veria a prata porque mouro[;]
quando correm a mão pelo seu rosto
vantagem lhe não faz nenhũ tesouro.

Esta lograra eu co{m} assaz de gosto
se pudera a misérias ir fugindo
que em tão mofino estado me tem posto.»

Ah, Pedro, que real não possuindo
tens em beber fiado as esperanças!
O vendeiro de ti está-se rindo,
tu de chamar por ele não te cansas.

---

139. A apócope é imposta pela métrica.

135. Este verso tem 11 sílabas. Uma emenda possível consistiria na supressão do artigo inicial.

A elegia é constituída por decassílabos, agrupados em tercetos e numa quadra final.

2.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 5v-6v

Outras

Do mesmo Tavares

A ũa Freira que deu sessenta mil réis a Pero da Cunha para lhos dar ao ganho, os quais se deram ao Mestr'escola de Barcelos, Francisco Roiz de Carvalho, homem que não pagava

Os sessenta mil, Senhora,
de que saudosa estareis,
nem por tardarem cuideis
o que cá dizem por fora[:]
que tarde ou nũca os vereis.

Quem os ___os em ouro,
mas não vo-los torna à mão,
porque com esta invenção
como em lugar de tesouro
tenhais nele o coração.

Verdade seja porém
que não correndo seu risco,
porque o Francisco que os tem

Leg. Outras – entenda-se: quintilhas.
dar ao ganho – emprestar com juros.

isto só tem de Francisco,
nũca às riquezas quis bem.

Se em pessoa secular
cabe virtude tão rara,
que desculpa pode dar
a Freira de Santa Clara
que dá dinheiro a ganhar?

Em dá-lo esteve o pecado,
porque vos era proibido,
mas na forma em que foi dado
bem lhe era o ganho devido,
pois se deu tão arriscado.

O pior está nos ditos
em que algũa gente deu,
porque pessoa sei eu
que pasma de ter cabritos
quem não tem cabras de seu.

---

19. Santa Clara – Certamente o Mosteiro de Santa Clara que, segundo J. Augusto Ferreira (1928: 25-27), teve origem, no meado do século XIII, na freguesia ainda hoje chamada *Santa Clara do Torrão*, vulgarmente denominada de *Entre-Ambos-os-Rios*, por estar na confluência do Tâmega com o Douro, concelho de Marco de Canaveses. Foi fundado por D. Chámoa Gomes, casada com D. Rodrigo Frojaz (a meia-légua de distância existiu na freguesia de S. Vicente do Pinheiro, junto à Ermida de Santa Iria, um *Recolhimento de Beatas*, as quais, com três freiras, vindas de Zamora, deram princípio à população do Mosteiro de Santa Clara do Torrão). A experiência dos tempos revelou a necessidade da mudança do Convento para outro lugar, pelo que Mestre Frei João Xira, visitador do Convento e confessor d'el Rei D. João I, pediu à rainha D. Filipa de Lencastre que interferisse a fim de o mudar para a cidade do Porto. A primeira pedra foi lançada a 28 de Março de 1416.

Dizem que vos fez o bico
haver sido dispenseira[;]
quem vos dera na melgueira
de topar c'ũ negro rico
como o de Val de Pereira.

Fazei, Senhora, no Céu
o tesouro verdadeiro
que a traça nũca comeu[;]
não vos conheça o dinheiro,
ponde-lhe diante o véu.

Guardai, não vos veja ũ' hora
com vista de Basilisco,
deixai-o andar cá por fora;
antes ele corra o risco
que vós o corrais, Senhora.

Não digam que se guardais
ser tão casta como pobre,
inda de boubas cervais
em vós mostrará sinais
o tempo, que nada encobre.

---

33. melgueira – cortiço com favos de mel; fig. algo que proporciona bons lucros sem exigir esforço.
42. basilisco – lagarto ou serpente fabulosa, cujo olhar e cujo bafo, dizia-se, tinham o poder de matar.

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados em quintilhas, com esquema rimático do tipo ABBAB (est. 1, 2, 6 e 7), ABABA (est. 3, 4, 5, 8 e 9) e ABAAB (est. 10).

3.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 6v-7r

Soneto

Do mesmo Autor

Ao Mestr'escola de Barcelos, partindo-se para o Alentejo; contrafeito do soneto de Camões que começa «Alma minha gentil»

Mestr'escola, Maltês, que te partiste
tão cedo de Barcelos e tua gente,
furtem eles lá na pátria eternamente,
deixem Barcelos já roubado e triste.

Se lá nesse Alentejo onde surgiste
memória da Vieira[1] se consente,
lembra-te tu daquele Amor ardente
com que do seu farelo te serviste.

E se achares que pode merecer-te
quem cá o seu dinheiro te emprestou
o gosto de perdê-lo, com perder-te:

[1] Vieira era uma padeira de Barcelos que lhe vendia farelos para o cavalo.

2. A métrica impõe a sinérese em *tua*.

roga tu a quem Arcos te arrendou
para mais empenhar-te queira ir ver-te
tão cedo quão barato lhe custou.

Trata-se de um soneto de versos decassílabos, com esquema rimático do tipo ABBA/ ABBA/ CDC/ DCD.

4.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 7r-7v

Outro

Do mesmo Tavares

Ao mesmo Mestr'escola

Conservador da Ordem dos Malteses,
em quem chove a perder como na Rua,
mudável muito mais que a mesma lua,
vida vária composta de entremezes;

perdida como fato de Franceses,
casa sem enxoval de roupa nua,
que te serves da alheia como tua,
vai para doudo, de ũa até cem vezes.

A terra que te deu essa te gaste,
a puta que te gasta e que te empenha
c'ũ frade se entretenha e desagaste;

besta que te trouxer nũca cá venha,

---

5. fato de Franceses – provavelmente o mesmo que *roupa de franceses*, que, segundo Morais, é uma expressão irónica usada a propósito de um objecto a que muitos se julgam com direito.

as três te morram que de cá levaste
e quem de ti as fiou má Páscoa tenha.

Trata-se de um soneto de versos decassílabos, com esquema rimático do tipo ABBA/ ABBA/ CDC/ DCD.

5.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 10r

Outro

A Manoel Preto, de Barcelos, avisando-o que escondesse ũs leitões do Mestr'escola

Nesta Rua anda ũ rancho
que é de mamotes de siso[;]
o Mestr'escola tem gancho,
Rei dom Sancho, Rei dom Sancho,
no digas que no te aviso.

2. mamote – que mama, mamão.

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados numa quintilha, com esquema rimático do tipo ABAAB.

6.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 18v-19r

Outro

Ao Duque de Bargança em nome do Mestr'escola de Barcelos, que lhe mandava ũa caixa de confeitos que lhe deu o Arcebispo D. Afonso Furtado; é do Tavares

Príncipe por excelência só nacido,
a Portugal do Céu por mercê dado,
aquele incorrigível e estragado,
também por excelência conhecido;

aquele que de Ourém foi excluído
por me achar o Mexia desmedrado[,]
tão roto nos costumes e safado
que me lançou dali por mal vestido;

Leg. Outro – entenda-se: Soneto.

Duque de Bargança – Certamente D. Teodósio II (1568-1630), 7.º Duque de Bragança, pai do futuro rei D. João IV.

Arcebispo D. Afonso Furtado – Segundo Diogo Barbosa Machado (1998, I: 36-37), D. Afonso Furtado de Mendonça nasceu em Lisboa ou em Montemor-o-Novo, na Província do Alentejo, no ano de 1561. Graduado pela Universidade de Coimbra Doutor na faculdade dos Sagrados Cânones, foi admitido como colegial do Colégio de S. Pedro, a 10 de Maio de 1592, donde passou a reitor desta mesma Universidade. Foi Bispo da Guarda, de Coimbra, de Braga e de Lisboa. Faleceu em 1630. Escreveu *Constituições do Bispado da Guarda* e *Ad Limina Apostolorum*.

1. A menos que se suprima a segunda sílaba de *excelência*, o verso tem 11 sílabas.

ũ mar já feito de arrependimento,
ante esses pés reais (refúgio meu)
prostrado c'o devido acatamento,

o prémio of'reço que ũ primaz me deu,
porque soube humilhar o pensamento
a quem cuidava ser mais doudo que eu.

Trata-se de um soneto de versos decassílabos, com esquema rimático do tipo ABBA/ ABBA/ CDC/ DCD.

7.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 26v-27r

Soneto

A ũ Músico do Mestr'escola de Barcelos que lhe fugiu por lhe faltar com a porção

Dez meses de cantor que não se ouvia
serviu Cordeiro com garganta bela;
mas por não ser garganta e ser guela,
veio o tempo a mostrar que não servia.

Dava em comer galinha cada dia,
que não se contentava só com vê-la;
porém seu Amo, usando de cautela,
lhe dava em lugar dela vaca fria.

Vendo ele do Tempo os desenganos
e faltarem-lhe os mimos cada hora,
determina fazer sua partida.

Dizendo: «Eu servira ũ milhão de anos
ao Senhor Mestr'escola, se não fora

1. Clara paródia do soneto de Camões *Sete anos de pastor Jacob servia.*

para quem passa mal tão larga a vida».

---

14. Embora no original a forma seja *curta* (como no soneto de Camões), ao lado vem a anotação *a outra cópia diz* larga, que se adequa melhor ao contexto. Optámos assim por acolher a sugestão e efectuar a emenda.

Trata-se de um soneto de versos decassílabos, com esquema rimático do tipo ABBA/ ABBA/ CDE/ CDE.

8.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 37v-38r

Outro

Em resposta de ũ que fez o Mestr'escola de Barcelos, Francisco Roiz de Carvalho, indo para Abade de Anha; pelos mesmos consoantes, falando com o Rio Lima, em seu nome

Ah, saudoso Lima, quem pudera
à vista dessas ágoas abrandar,
ou já que se pudesse descuidar,
pois a falar verdade tão bom era!

Que festas deste monte te fizera,
no tempo que costumas a crestar
cortiços que Viana manda ao mar,
que tanto mel te rende e tanta cera!

Porém se meu destino não consente
que deixe de seguir ũ pensamento
com que viver não posso estando ausente;

---

11. com *está sublinhado. Ao lado, vem a seguinte anotação:* al. sem.

Leg. Anha – freguesia do concelho de Viana do Castelo.

6-7. crestar cortiços – colher-lhes o mel.

para que peço ao Lima sentimento,
que não me pode dar, pois que não sente,
podendo-me curar co'o esquecimento?

Trata-se de um soneto de versos decassílabos, com esquema rimático do tipo ABBA/ ABBA/ CDC/ DCD.

9.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 38r-38v

Outro

Ao mesmo Mestr'escola, passando para Anha

Quem tirava em Barcelos tão certeiro
transformou-se em Centauro junto ao Lima:
vai poeta da cinta para cima,
da cinta para baixo vai sendeiro.

Para signo celeste andou traseiro,
mas dizem que do Céu não desanima;
porque segũdo é destro em certa esgrima,
ir-se-á meter no signo de Carneiro.

Enfim que de Viana ao que parece
mediado em tudo vai de meio a meio,
e em verdade inda muito mais merece.

De dinheiro não deve de ir mui cheio,
porque jamais a Musa o favorece

Leg. Anha – freguesia do concelho de Viana do Castelo.

1. tirar – atirar.

2. Centauro – ente fantástico, com rosto, torso e braços de homem, garupa e pernas de cavalo.

quando ele tem de seu real e meio.

Trata-se de um soneto de versos decassílabos, com esquema rimático do tipo ABBA/ ABBA/ CDC/ DCD.

10.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 38v-39v

Romance

Ao mesmo Mestr'escola, conservador de Malta, indo-se para o Alentejo

No peito ũa Cruz de Malta,
que pôs a seu alvedrio;
se foi acaso sem ordem,
já deu à penhora o siso.

No meio de dous ladrões
a quem tinha prometido
levar a Vila Viçosa,
onde tem seu Paraíso;

galhardo outra vez o Mestre
sai de Entre-Douro-e-Minho
para as partes do Alentejo,
não qual de antes escondido.

Porque se da vez primeira
se pejou de ser lá visto,

1. Cruz de Malta – também conhecida como Cruz de S. João, é o emblema da Ordem dos Cavaleiros de S. João, da ilha de Malta, sendo também muito usada em condecorações. Tem oito pontas, que simbolizam as oito bem-aventuranças.

em mostrar que teve pejo
tem para si que deu cinco.

As saüdosas lembranças
que deixa neste destrito,
no que toca aos Acredores
durava tempo infinito.

As galinhas e perus,
patos, carneiros, cabritos,
solenizam esta jornada
com seu natural distinto.

Os galos, cantando, as noutes
medem por direito fio,
o que não faziam de antes
com temor de ser ouvidos.

As mansas Aves caseiras,
que o medo tinha escondido,
de verem solto o Flamengo
e o Costa desimpedido;

---

17. A métrica impõe a diérese em *saudosas*.

16. dar cinco – *dar cincos* ou *dar cincas*, segundo Morais, no jogo da bola, perder cinco pontos por não passar a bola além de certo limite; em sentido figurado, errar.

19. acredor – variante de *credor*.

23. Este verso tem 8 sílabas.

os parabéns se dão todas,
cada qual por seu estilo,
e usando da liberdade
a seus donos poupam milho.

O gado se dorme fora
morrerá de dor ou frio;
mas não morre de estocadas
ou como em guerra cativo.

Os Porcos andam medrados
e tem mais largos pacigos,
pois já vão fora dos muros,
sem ter vista do inimigo.

Os pendurados presuntos,
que enforcam por benefício,
os fumos vencem já agora
nos fumeiros residindo.

As teias em seus teares[,]
meadas, massas de linho;
as nassas dos Lampreeiros
estão quietas no Rio.

Seus donos dizem que folgam
(o Demo lhes creia isto);

---

42. pacigo – segundo Morais, o mesmo que *paseigo*, o lugar onde pasce o gado, pastagem.

só aos Taverneiros pesa
da ausência dos Levantiscos.

Pesa-lhe pelo que perdem,
que estes eram os padres Trinos
que resgatavam os despojos
em tão justa guerra havidos.

Deus os torne cedo à Terra
onde estavam tão bem quistos;
seja antes de três semanas
depois de vir o Anti-Cristo.

---

56. Levantisco – do Levante.

58. Trino – pertencente à ordem religiosa dos Trinatários, que se ocupava da redenção dos cativos.

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo do poema.

11.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 39v-41r

Romance

A outro que fez o Mestr'escola de Barcelos sendo já Abade de Anha, em que descrevia a corrente do Rio Lima chamando-lhe *caminho de prata pura etc.*

Corrente branda do Lima,
caminho de prata pura,
que sendo Rio de prata
ninguém traz de ti ũa unha;

dizem que foi este Rio
privado ũ tempo das Musas;
agora é fama que os leva;
bem o perseguiu Fortuna.

Faltou-lhe seu amo Alcido[1],
cuja natural brandura

[1] Era Diogo Bernardes Pimenta.

Leg. Anha – Freguesia do concelho de Viana do Castelo.

Nt. 1. Diogo Bernardes Pimenta – Segundo Diogo Barbosa Machado (1998, I: 636), foi pai de Diogo Bernardes, insigne poeta, e de Frei Agostinho da Cruz, poeta e religioso Arrábido.

pode obrigar a dureza
daquela fermosa e crua.

Então criava a Ribeira
flores que o tempo não murcha;
já como cousa sem dono,
nem dá flores nem dá fruta.

'Te que agora vês Fileno
(que o Céu lhe dê vida muita)
cultivar de engenho a terra
que há tanto que não dá fruta.

E dando em Parnaso ũ salto,
sem deficuldade algũa,
porque do Lima ao Parnaso
não vai ũ salto de pulga;

alcançou logo de Apolo,
por intervenção das Musas,
ũ prazo daquela terra
que estava de engenhos nua.

Dizem que Apolo o assinou
bem contra vontade sua,

---

17 e 33. Fileno – certamente o pastor Fileno, presente na Écloga de *Fileno, Zambardo e Cardónio* de Juan de Encina.

27. prazo – no sentido de *aforamento*.

porque foi pastor de rezes
e achou já menos algũa.

Fileno com prazo feito
fez benfeitorias muitas,
fez a corrente do Lima
caminho de prata pura.

À soldadesca o vestiu
(sabe Deus o que lhe custa)
de Coura apassamanada,
não sei se chapéu de plumas.

Ele vendo-se soldado[,]
soberbo com tantas chuvas[,]
anda saído de madre
e já comete as clausuras,

notando as Religiosas,
quiçá de pouco sisudas,
porque no Natal não teve
consoada de nenhũa.

Chega o tempo à Primavera
revestido de verdura,

---

39. coura – gibão de couro com abas, para resguardar o corpo na guerra.
apassamanado – guarnecido ou ornado de passamanes (fitas tecidas com fio de prata, ouro ou seda).
43. madre – o leito dentro das margens; *sair da madre* significa *transbordar*.

para que Fileno torne
a reconhecer brandura.

Não se descuide Viana
porém da defensa sua
de Baco da confiança
com que Fileno assegura.

Porque se bem os anima
Fileno a não ter temor,
não põe de prata penhor
mais que a corrente do Lima.

51, 56 e 58. Fileno – certamente o pastor Fileno, presente na Écloga de *Fileno, Zambardo e Cardónio* de Juan de Encina.

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo do poema.

12.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 41r-42r

Outro

Ao mesmo assunto

Ũ Romance de Fileno
vindo do Rio da prata
deu c'ũ navio Holandês,
que foi bem grande desgraça.

Despiram-o de conceitos
e puseram-o na praia,
donde com carta de guia
chegou pedindo a Viana.

Viana o favoreceu
com mão grandiosa e larga,
porque da poesia dele
se sente muito obrigada.

Mas topou c'ũ Julgador
tão sem consciência e alma

9. Romance de Fileno – trata-se, provavelmente, da Écloga de *Fileno, Zambardo e Cardónio* de Juan de Encina.

que o quis prender por vadio
se o não tomaram à fiança.

Foi-se aos Mosteiros das Freiras,
onde não lhe deram nada,
que assi paga pela boca
quem com ela se desmanda.

A Santa Misericórdia
cavalgadura lhe dava,
porém não teve almocreve
que a sua quisesse dá-la.

A clerezia da Vila
entre si lhe deram carta
para o clero de Barcelos,
e vem tão recomendada

que o Dom Prior e o Cabido
se dispõe esta semana
a pedir para ele esmola
e do seu não darem nada.

Eles sabem o porquê,
enfim é história larga;

---

16. O verso tem 8 sílabas, a menos que admitamos uma sinérese em *fiança* ou que seja aceitável a leitura da forma verbal com terminação oral, o que permitiria a sinalefa.

como pende de litígio,
corre devagar a cousa.

Dizem que entanto Fileno
quer ir ver do Tejo a pátria;
a barriga leva à boca,
tão prenhe vai de esperanças.

Mas se o Tejo produz ouro
como já o Lima prata,
mui bem pudera Fileno
quietar-se em Santa Marta.

---

39. *estar com a barriga à boca* significa, de acordo com Morais, estar quase a dar à luz.

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo do poema.

2.

Poemas dirigidos

a

Pero Lopes Camelo

13.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 12v-13r

Solilóquio

Que fez o Tavares aos dous óculos que punha Pero Lopes Camelo

Quando o ver me desempara,
se estes no nariz encaixo
torno a achar a vista clara;
quem para as partes de baixo
outro tal remédio achara?

Mas não tem apelação
nisto a fraca humanidade,
que as sentenças que se dão
contra os setenta de idade
morrem nesta Relação.

E quem como eu os tiver
convém por elas estar,
que mal se pode prover
quem para baixo apelar,
se apela de não se erguer.

Nos tempos que já lá vão
(quem neste tempo então fora [!]),

diz o amigo Frei João
que eram os duzentos de então
como vinte anos de agora.

Mas veio tanto a enfraquecer
a potência do folgar
que se pode hoje temer
que entre o nacer e o morrer
falte o tempo de gerar.

E pois que de velho o Mundo
veio a dar em ser tão fraco,
Pedro, provisão no saco
se se não for pelo fundo,
que é mui velho em ser valhaco.

---

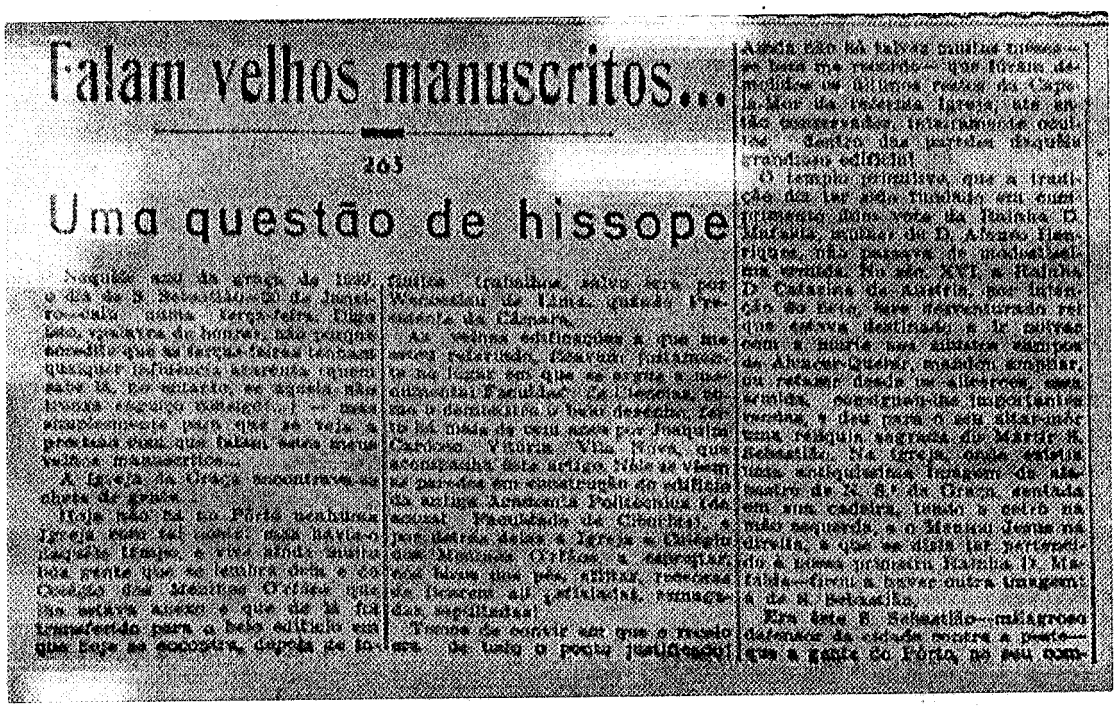
18. A menos que admitamos uma sinérese em *João*, o verso é hipermétrico. É de supor que *Frei* esteja a mais.

Frei João – Provavelmente Frei João de Lima, pregador afamado. Veja-se, a propósito desta figura, Artur de Magalhães Basto, 1936: 1, reproduzido na página seguinte (fig. 14).

19. Este verso também apresenta 8 sílabas. A emenda mais óbvia consiste na supressão do artigo.

21. O verso tem 8 sílabas, a não ser que pronunciemos *veio* como monossílabo, realização para a qual poderá apontar a forma *veo* do original manuscrito.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em quintilhas, que obedecem ao esquema ABABA (est. 1, 2 e 3), ABAAB (est. 4 e 5) e ABBAB (est. 6).



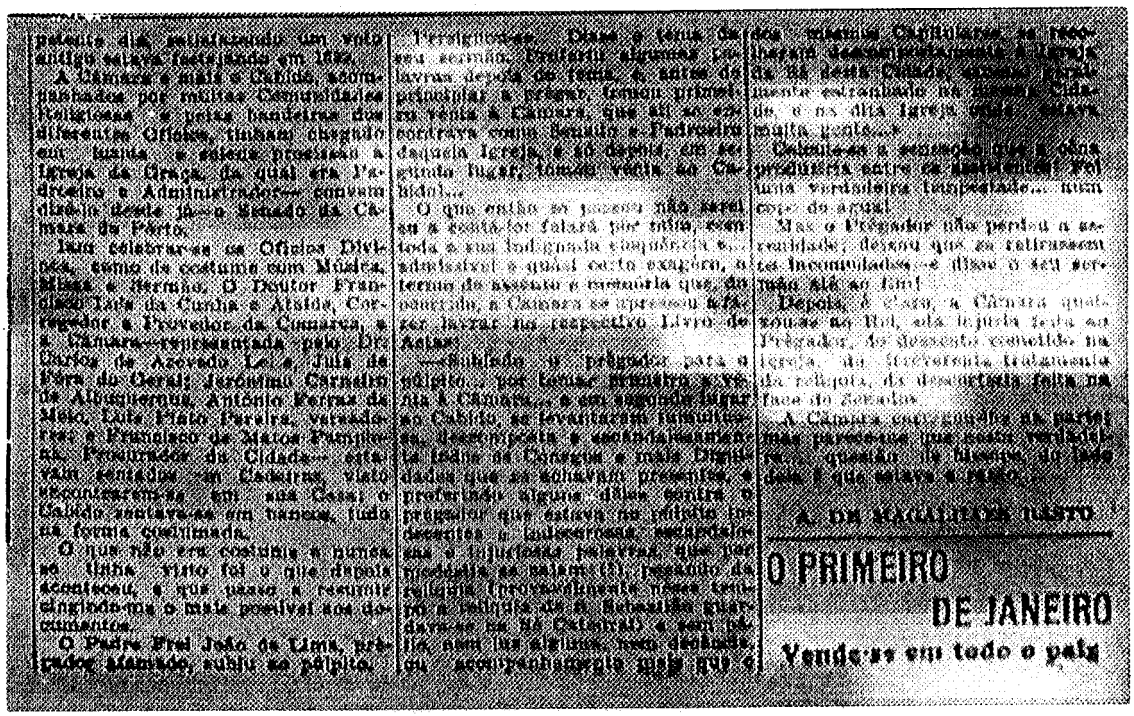
Falam velhos manuscritos...

263

Uma questão de hissope

Fig. 14. Frei João – Pregador afamado.

P. 1 do periódico portuense «O Primeiro de Janeiro» de 21 de Agosto de 1936 da Biblioteca Pública Municipal do Porto



(continuação)

14.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 13r-13v

Quintilhas

Ao mesmo Pero Lopes Camelo

De dous pais que Pedro tem
corre queixume comum,
pois do modo que contém
dão queixa os soldados de ũ
e doutro as Damas também.

Ambas partes agradando,
pudera satisfazê-las
o Pedro, às bolas trocando,
dando c'o pau duro nelas
e dando neles c'o brando.

Mas para juiz do caso
tirou-lhe o tempo o poder,
que setenta ao rabo ter
não lhe dão para isso o azo
que Pedro havia mister.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em quintilhas, que obedecem ao esquema ABABA (est. 1 e 2) e ABBAB (est. 3).

15.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 13v-14r

Outras

Pedindo Pero Lopes o ordenado aos V'readores

Que não haja V'reador
que dê nada adiantado
ao Sôr Sargento-mor,
porque o vê mui arriscado
em guerras civis de Amor.

E assim dormem quanto à paga
para acordar em Janeiro,
mas é Pedro tão braceiro
que bola do Porto à Braga
e sempre leva dinheiro.

Quando vivia enganado
c'o Sargento-mor o povo,
foi o ofício tão medrado
que de criar sangue novo
cada passo era sarjado.

---

15. sarjar – abrir sarjas, isto é, incisões superficiais na pele feitas com lanceta para tirar sangue, pus.

Vieram a dar-lhe na trilha,
ficou Pedro c'o Bastão,
que é ficar c'ũ pau na mão
e sem ele na barguilha;
vede onde si e onde não.

Porém nisto não tratemos
nem falemos mais por ora,
porque se antes não morremos,
de hoje a trinta anos seremos
tão velhos como ele é {a}gora.

---

25. A métrica impõe esta aférese.

16. dar na trilha – descobrir os propósitos de alguém.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em quintilhas, que obedecem ao esquema ABABA (est. 1 e 3), ABBAB (est. 2 e 4) e ABAAB (est. 5).

16.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 14r-14v

Outras

Dando Pero Lopes ũa certidão falsa

Deu Pedro ũa certidão,
jurada de mil maneiras,
de que quinze légoas são
do Porto às Abitureiras,
cova do ladrão Gaião.

Por seu ofício chãmente
o jurou, e deu indício
de mentir publicamente,
pois jurou por seu ofício
e ele por ofício mente.

---

4. Abitureiras – freguesia do concelho de Santarém.

5. cova do ladrão Gaião – Refere-se certamente à lenda do Ladrão Gaião – Numa edificação alta, conhecida pelo povo de Areias como Torre do Langalhão (situada entre os lugares de Pereiro e Avecasta), vivia um gigante (Gaião) que ali espreitava os viandantes com a intenção de os roubar. Certo dia, o gigante avistou um anão que por ali passava e logo se preparou para o assaltar. No entanto, o pobre viajante percebeu o propósito do ladrão e, assim que este se baixou para lançar mão à bolsa, deu-lhe uma facada fatal. Porém, ao cair acabou por esmagar o infeliz anão.

6. chãmente – com lisura, de boa fé.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em quintilhas, que obedecem ao esquema ABABA.

17.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 14v-16v; 48v-46v[1]

Outras

Ao mesmo, com ũa reprensão de ũ tolo. Conta-se a sua vida desordenada

Naceo entre Douro e Minho
Pedro, ao primeiro de Agosto
da era[;] não é seu gosto
que se diga: foi meirinho
quando reinava o sol-posto.

No melhor da verde Idade
dotado e rico casou;
neste estado Amor lhe armou
afirmam que certa grade[I],
para o Brasil se passou.

Os Patigares venceu
despois de prolixa guerra,

---

[1] Foi degradado por entrar em um convento de freiras do Porto escondido em um carro de mato.

---

4. diga *está sublinhado. Ao lado, vem a seguinte anotação:* al. trate.

11. Patigares – o mesmo que *Potiguares*, grupo indígena brasileiro do litoral norte da Paraíba.

adquirindo para o Céu
mais almas do que bebeu
vezes de vinho na Terra.

Para este Reino fez volta,
onde El-Rei o despachou,
Sargento-mor se ordenou;
saudoso da vida solta,
a de casado deixou.

Não lhe foi deficultoso,
que o seu jugo de casado[II],
por ser sem lua cortado,
deu logo em ser carunchoso
e em poucos dias quebrado.

No militar exercício
fez sujeitos espantosos,
tão adestrados no ofício
que abalam já do seu quício
aos capitães mais famosos.

II Foi casado com Maria Alva, de quem se apartou.

---

13. adquirindo *está sublinhado. Ao lado, vem esta anotação:* al. bautizando.

18. se *está sublinhado. Ao lado, vem a seguinte anotação:* al. o.

25. quebrado *está sublinhado. Ao lado, vem esta anotação:* al. gastado.

29. quício – gonzo de porta; dobradiça; eixo.

Com ter feito tais progressos,
é tão mal remunerado
na pátria onde foi gerado
que lhe fazem mil avessos
sobre seu triste ordenado.

Já quis como Cipião
a ingrata pátria deixar,
mas vendo que este varão
foi tão pouco garanhão
em nada o quer imitar.

Chegando à Idade viril
teve estranhas aventuras
e desaventuras mil,
bem que nũca sobre o ril
lhe fez Amor mataduras.

---

31. tais] mais

31. Embora no original a forma seja *mais*, ao lado vem a anotação *al. tais*, que se adequa melhor ao contexto. Optámos assim por acolher a sugestão e efectuar a emenda.

34. avesso – malefício, dano, ofensa.

36. Cipião – Públio Cornélio Cipião, *o Africano* (236-184), o mais notável representante da família dos Cipiões, destacou-se no plano político e militar. Pouco antes da morte, sentindo o orgulho ferido pelas acusações de peculato formuladas por Catão contra o seu irmão Lúcio Cipião, retirou-se para Literno, sua terra natal. No túmulo, mandou gravar a famosa inscrição: *Ingratia pátria, ne ossa quidem mea habas!*

44. ril – variante arcaica de *rim*.

Neste Equinócio da Vida
tão difícil de passar,
trataram de lhe tirar
a metade da comida,
de que não quis apelar.

Atento ser-lhe deixado
na vida de cabaneiro
seu direito reservado,
que em que há muito que é casado,
inda há mais que está solteiro[;]

sua fazenda vendeu
para os pobres sustentar;
mas quis por si começar
e de sorte a despendeu
que aos mais não ficou que dar.

Quando sucede algũ' hora
que o pobre se lhe avezinha,
compassivo se mesquinha[,]
em verso responde: «Agora

---

49. a metade da comida *está sublinhado. Ao lado, vem a seguinte anotação:* al. certa porção d.c.

55. *À margem, uma nota informa:* Aqui faltam sete coplas que vão f. 48v. *No fólio referido, vem outra nota lateral:* A vida de Pero Lopes que havia de continuar aqui fica a f. 14v° e o testamento a f. 21v e o codecilho a f. 42ro.

51. atento – no sentido de *visto, ponderado, levado em consideração.*

52. vida de cabaneiro – vida de pobreza.

já vos dei tudo o que tinha.

Por minha fé, alma e vida,
que não tenho mais que dê;
crede-me isto, irmão, porque
jura é para ser crida
a alma, a vida e a fé.

I-vos, não me importuneis,
pois vos digo em verso que,
meu amigo, perdoeis;
na prosa já o sabeis;
que mais quereis que vos dê?»

No que é verdade tratar
sempre diante a levou;
mas ela deu em andar,
tanto dele se alongou
que nunca a pôde alcançar.

Nas trapaças de Sisudo
Mercúrio assi lhe valeu,
que hoje inda pelo meudo
compra mais do que vendeu
com chegar a vender tudo.

A quinta que pertendia
espera comer mui cedo,
se o litígio que a desvia

não vence o da Primazia
que traz com Braga Toledo.

Passou os sessenta e três
cada vez mais rijo e forte,
sempre brindador de sorte
que hajam mau grado e mau mês
quantos vivem junto ao Norte.

Nesta idade se crismou,
que não era inda crismado;
dizem que bem lhe pesou
porque estava bautizado
e a causa logo apontou.

Que como sempre temeu
fazer c'o demo a vendima,
fora para ele de estima
nas contas que tem c'o Céu
irem cárregas acima.

Quer a Morte derribá-lo
porque não há medo dela,
mas não sabe cambadela

---

95. vivem *está sublinhado. Ao lado, vem a seguinte anotação:* al. estão.

107. *O verso está sublinhado. Ao lado, vem a anotação:* al. porque não faz conta dela.

105. cárrega – variante antiga de *carga.*

108. cambadela – rasteira, queda, trambolhão.

por onde possa tomá-lo
quando ele luta com ela.

Ũas casas alugou
na rua de São Miguel,
dinheiro nelas achou;
algũ soldado o deixou
de quando aqui foi quartel.

E como o dinheiro faça
sede para mais dinheiro,
feito com ele onzeneiro,
foi calcado na devassa
que se tira por Janeiro.

Quem desvario tamanho
pudera jamais cuidar:
que desse Pedro em tacanho,

---

109. tomá-lo *está sublinhado. Ao lado, vem esta anotação:* al. levá-lo.

119. foi calcado *está sublinhado. Ao lado, vem a anotação que se segue:* al. deu consigo n.d..

112. rua de S. Miguel – situa-se frente à porta da Igreja da Vitória, no Porto, ligando a Rua de S. Bento da Vitória à Rua das Taipas. Esta rua é o antigo arruamento da colónia israelita, a chamada Rua da Judiaria Nova. Percorrendo a Rua de S. Miguel vamos desembocar na Rua das Taipas, assim chamada por terem encerrado as entradas (entaipadas) aquando de uma das grandes pestes do século XVI. Mesmo à saída da Rua de S. Miguel, temos, do lado esquerdo, a antiga casa brasonada do Visconde de Alcobaça e do lado direito surge a antiga Casa da Reclusão e o Distrito de Recrutamento.

trazendo dinheiro ao ganho
que sempre botou no Mar[?]

Movido de compaixão,
ũ amigo que lhe preste
preparou a reprensão
que vai enxirida neste
porque sabe à pregação.

---

124. trazer dinheiro ao ganho – emprestar dinheiro com juros.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em quintilhas, que obedecem ao esquema ABBAB (est. 1, 2, 4, 5, 7, 10, 12, 13, 14, 19, 21, 22 e 24), ABAAB (est. 3, 6, 8, 9, 11, 15, 18, 23 e 25), ABABA (est. 16, 17, 20 e 26).

18.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 16v-18r

Reprensão que ũ louco chamado Pero Pinheiro deu a Pero Lopes Camelo

Pedro, até agora avisado[,]
para que ajuntas mais bens?
És por ventura casado?
Que filhos ou filhas tens
que te dem esse cuidado?

A Justiça te ameaça,
todo o mundo te condena,
a teus amigos dá pena
andar público na praça
que dás dinheiro à onzena.

Distribui pelo povo
isso que tens mal levado,
pois inda do bem ganhado
ficas cheio como ũ ovo
para viver descansado.

---

8. dá] da

10. dar dinheiro à onzena – emprestar dinheiro a juros.

A esses hospitais mormente
faze esmola avantajada
e lava a pobre doente,
e não lhe of reças pousada,
que é dar que falar à gente.

Vê as contas atrasadas[:]
acharás se bem as deitas,
de vendeiras ocupadas,
por ti muitas as chamadas
e poucas as satisfeitas.

Só nos despojos que tens
da milícia aqui te aferra,
porque semelhantes bens
são havidos em boa guerra
e justamente os reténs.

Obrando desta maneira,
podes ir mudando o fato
a essa pátria verdadeira,
se tens alvará do gato
para ir pela trapeira.

---

18. e lava *está sublinhado. Ao lado, vem a seguinte anotação:* al. lá vem a pobre d..

27. Embora no original a forma seja *a que*, ao lado vem a anotação al. Aqui, que se adequa melhor ao contexto. Optámos assim por acolher a sugestão e efectuar a emenda.

29. O verso tem 8 sílabas.

35. trapeira – espécie de alçapão ou pequena janela no telhado para dar luz e ar à casa.

Não rebateu Pedro ao toque,
antes respondeu sujeito:
«Amigo, o conselho aceito
tirado pelo batoque
da vasilha desse peito.»

Veremos que ementa tem,
que sempre lhe deram gabo
de ouvir os conselhos bem;
na execução porém
aqui troce a porca o rabo.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em quintilhas, que obedecem ao esquema, ABABA (est. 1, 4, 6 e 7), ABBAB (est. 2, 3 e 8) e ABAAB (est. 5 e 9).

19.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 21v-25r

Testamento

De Pero Lopes Camelo, Sargento-mor

De ũa cólica reinal
causada de ũ grande excesso,
que sempre excessos de Amor
tem mau fim se bom começo;

entregue ao poder da Parca,
que é ordinário estipêndio,
com mil saudades da vida
agonizado está Pedro;

que vendo-se em tal estado,
ordenou seu testamento,
para tratar só do corpo,
porque a alma inda tem tempo.

Primeiramente dispõe
que morto o deixem estar quedo

---

6. *O verso está sublinhado. Ao lado, vem a seguinte anotação:* al. ordinário e estupendo.

12. *O verso está sublinhado. Ao lado, vem esta anotação:* al. que co'a alma está quieto.

tempo de vinte e quatro horas,
por ver se faz algũ termo.

Passadas elas lhe arrimem
ũa fêmea ao lado esquerdo;
se não se virar para ela,
tratem então de seu enterro.

Não quer que lhe tanjam sinos,
porque ao som deste instrumento
seus acredores não chorem
nem seus inimigos bebam.

Porque destas vaïdades
foi contrário em todo o extremo
e quer atalhar paixões
entre Frades e coreiros;

manda se busque ũ seirão,
onde seu corpo metendo

---

15. Embora no original a forma seja *termo*, o contexto parece mostrar que se trata de uma gralha, provavelmente influenciada pela presença da mesma palavra no verso seguinte. Na margem, vem aliás a lição alternativa *al. tempo*, que se adequa melhor ao contexto. Optámos assim por acolher a sugestão e efectuar a emenda.

25. A métrica impõe a diérese em *vaidades*.

20. O verso tem 8 sílabas, a menos que admitamos a leitura *tra/ten/tão*.

nu, qual entre os Pitagares
andou no Brasil ũ tempo;

o entreguem logo a ũa dona
das do ofício e bom cabresto,
que faltando na cidade
se buscará pelo termo.

A qual sem mais ceremónia
dê com ele de arremesso
na quinta nova da Raba,
casa de prazer dos Bentos.

E quando depois de morto,
que assi costumam fazê-lo,
venham pedir boticários
xaropes, purgas, unguentos;

manda que em algũs papéis
que tem de requerimentos
lhes paguem o que por receitas
constar que fica devendo.

Em caso que quando a hora
chegar de seu passamento

45.-56. Estas três estrofes apresentam-se na ordem 1, 3, 2, aparecendo à esquerda do verso inicial o respectivo número de ordem.

31. Pitagares – o mesmo que *Potiguares*, grupo indígena brasileiro do litoral norte da Paraíba.

lhe tenha pago a cidade
já de antemão o estipêndio;

do remanecente quer
paguem ũ rocim e ũ jumento,
de que fez doação livre
a ũ Amigo sendo alheios.

Dos Médicos vai queixoso,
que põe na forca ũ enfermo,
sendo condenado à morte
só pelas leis de Galeno.

Declara que entre seus móveis
fica ũa sela e ũ freio,
que deixa para os senhores
que então forem do governo.

A sua quinta de Mouriz,
que é sua só no desejo
e está presa a ũ trabalho
de litígio sempiterno;

57.-60. Esta estrofe vem escrita à margem.

60. leis de Galeno – de origem grega, Galeno (131-200) foi um dos maiores médicos da Antiguidade. Por metonímia, *Leis de Galeno* significa *leis da medicina.*

65. A menos que admitamos uma sinérese em *sua*, o verso tem 8 sílabas. A solução mais óbvia passaria pela supressão do artigo.

Mouriz – freguesia do concelho de Paredes.

declarou que a escolhia,
por vir de seus avoengos,
para o terço da sua alma
e a deixava aos padres Bentos.

Para poder testar dela,
declarou com juramento
não ter herdeiro forçado
que em direito possa sê-lo.

Assi mais todo seu móvel,
onde há mil peças de preço,
como consta do inventário
que fez dele há pouco tempo;

manda que posto a pregão
se converta em juro ou censo
para os sobreditos Monges,
onde tem jazigo certo.

Os quais lhe farão cad'ano
na dita quinta ũ saimento,
que por ser fora dos muros
manda que não seja seco.

Far-se-á no dia do Mártir
que por seu merecimento

---

72. padres Bentos – padres Beneditinos, os chamados monges negros. Vestiam-se de lã preta por tingir. Usavam hábitos com mangas, capeirote com capuz (cuculla), calçavam sapatos e meias.

leigos o trazem arrastado,
frades lhe rezam antetempo.

Não podendo ser no dia,
quer então que seja dentro
do outavário atrasado
que consta de mês e meio.

Disse mais: que inda que estava
da vida no último termo,
Tem posto embargos à morte,
em caso que se recebam.

Vivendo mais algũs dias,
será herdeiro de si mesmo,
com que sempre para os Frades
fique a herança em pé-de-vento.

No que toca a seus criados
nada lhe fica devendo,
que sempre os meteu na Ordem

91-92. Ambos os versos têm 8 sílabas, a menos que seja de admitir a leitura das formas verbais com terminação oral, o que permitiria a sinalefa.

102. O verso tem 8 sílabas.

107-108. Ordem dos Terceiros – Certamente a Terceira Ordem de S. Francisco de Assis. A Terceira Ordem subdivide-se em Secular e Regular. À Ordem Terceira Secular, fundada em 1221 por S. Francisco, agregaram-se também sacerdotes e religiosos, além dos leigos, casados e solteiros. A Terceira Ordem Regular, foi estabelecida em 1250 e é composta exclusivamente por religiosos e sacerdotes, que seguem as regras de suas constituições franciscanas. Usavam originalmente hábito cinzento (agora castanho), com capuz e um cinto de corda com três nós, simbolizando os três votos de pobreza, obediência e castidade. Não usavam sapatos e era-lhes vedado montar a cavalo.

a que chamam dos Terceiros.

Às amas que o tem servido
tem pago todo o seu tempo,
porque fazia com elas
contas a cada momento.

A seus donos deixa as casas
que ocupou como Sargento,
a ação das benfeitorias
ao Dom Prior de Barcelos.

Com isto disse que havia
por feito seu testamento,
de que foram testemunhas
seis coifas e ũ capelo.

Para sua sepultura
deixa ũ epitáfio em verso,
onde ele finge que fala
desta maneira dizendo:

---

111. fazia *está sublinhado. Ao lado, vem a seguinte anotação:* al. safava

115. ação – variante antiga de *acção.*

120. coifas – rede para os cabelos, touca; capelo – protecção para a cabeça, capacete, espécie de capuz. Ambas as palavras estão aqui em sentido metonímico, não sendo porém fácil precisar o seu significado.

Epitáfio 1.º

Amor me soube acabar,
que a morte em mim não fez nada,
se acaso não se culpar
pelos indícios da espada,
com que costuma matar;
libidinoso furor
me fez em quinhões, de sorte
que a alma será cuja for[;]
a carne comeu-a Amor
e deu os ossos à Morte.

Epitáfio 2.º

O Pero que não negou
em sua vida ao Deus Cupido
e que jamais se mostrou
de servi-lo arrependido
por mais que o Galo cantou;
entre estes tonéis sagrados
quis seu corpo a /*tantos/ dar;
pede aos irmãos muito amados

O 2.º Epitáfio vem escrito na margem esquerda do fólio.

1-5, Epitáfio 2.º – Clara alusão ao passo bíblico referente às três negações de Pedro (Mc, 14-16).

que aqui vierem brindar
não se esqueçam dos finados.

A parte principal do poema é um romance, formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo do poema. Os dois epitáfios são décimas constituídas por versos heptassilábicos, com esquema rimático do tipo ABABACDCCD e ABABACDCDC.

20.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 42v-46r

Codecilho

De Pero Lopes Camelo, cujo Testamento fica atrás f. 21 verso

Adindo o seu Testamento
por descargo de sua alma,
porque os encargos da vida
só na morte tem descarga;

o Sargento-mor que ũa hora
fora dos da vida airada,
hoje é escravo da Virgem
e de esclavitud tem carta;

Leg. codecilho – o mesmo que *codicilo*, escrito particular de última vontade, pelo qual alguém estabelece disposições sobre o seu enterro, dá esmolas e lega móveis, roupas ou jóias de seu uso particular e pouco valiosas, e nomeia ou substitui o testamenteiro.

1. adindo – gerúndio de *adir*, acrescentar.

7. escravo da Virgem – o que se converteu aos Carmelitas.

8. esclavitud – consagração, compromisso – a imposição do escapulário era uma investidura oficial, uma espécie de juramento oficial, uma vez que era reconhecido pela sociedade. Esta escravatura era voluntária.

carta – escapulário ou também a *regra*. Ao impor o escapulário sujeita-se voluntariamente à regra que, segundo José Leite (1987: 381), «se resume no trabalho, meditação das Escrituras, devoção a Maria Santíssima, vida contemplativa e mística».

que lhe deram os Carmelitas
por salvação de sua alma,
que foi armazém de Amor
e cursou suas almadravas;

tratando de fazer contas
com seus criados e amas,
a quem já não sabe os nomes
por serem tantos e tantas;

contudo manda tomar
quatro bulas de cruzada,
de composição que importam
mais que o terço de sua alma.

Porque se mais lhe devia,
bem se pagaram em alfaias
e em prata de seu serviço
e outras mil peças de casa.

---

9. Carmelitas – Irmãos de Nossa Senhora do Monte Carmelo. Trata-se de uma ordem mendicante. Usavam originalmente uma túnica cintada, escapulário e capuz, preto, castanho ou cinzento. Por volta de 1287 adoptaram o manto branco. Usam hoje hábito castanho e capa branca.

11. armazém de Amor – vida dissoluta, de paixões.

12. cursou – frequentou, percorreu, deixou-se amarrar.

almadrava – armação para a pesca de atum.

18. bula de cruzada – bula pontifícia que concedia graças e indulgências aos que se dedicavam a fazer guerra aos infiéis ou que para esta colaboravam com dinheiro, armas, assim como para a obra de descobrimentos e conquistas, edificação e reparação de igrejas nos lugares conquistados.

Com que ficam satisfeitos
ũs e outros, e sua alma
mais leve que a Andorinha,
que foi sua Égoa de fama;

que o serviu mais que o Babieca
ao Cid e o aconselhava
em mil casos de milícia,
quando nisso o consultava.

Manda por seu bom serviço
que ũ túmulo se lhe faça
com as armas dos Camelos
e por timbre ũa almofaça.

E na festa da Bandurra
que fazem cada ano em Braga

---

29. Babieca – cavalo branco de El Cid, que o acompanhou fielmente em combate durante 30 anos.

30. Cid – (Rui ou Rodrigo) o *Campeador.* Foi o maior de todos os heróis da era cristã. Destacou-se na Reconquista da Península, o movimento que deu fim aos 700 anos de ocupação moura na Península Ibérica. Tal valeu-lhe o cognome de Cid (Senhor). Tornado herói semilendário nos poemas medievais (século XII) *Crónica Rimada del Cid, Crónica del Cid* e, sobretudo, no *Cantar de Mio Cid* (o primeiro grande documento da literatura castelhana), inspirou a célebre tragédia *Le Cid* (1636), que constitui a obra-prima da dramaturgia de P. Corneille.

35. armas dos Camelos – segundo Alão de Morais (1997: Tomo I, vol. I, 317), as armas dos Camelos «são em Campo de prata, três vieiras azuis em roquete tocadas de ouro Timbre, meio Camelo de sua cor com manilhas azuis nas ventas».

36. almofaça – escova metálica para limpar as cavalgaduras.

37. Bandurra – do latim *pandura,* espécie de viola de braço curto de três a seis cordas. De todas as violas portuguesas é a mais rústica e a que apresenta mais profusão de motivos ornamentais. Tem a função de acompanhar decantes festivos.

se ofereçam aos Mordomos
em seu nome duas albardas.

E porque deseja em tudo
dar satisfação plenária,
porque morto digam todos
"San Miguel te aya el alma";

deixa por restituição
a algũs Capitães da Maia,
que o Camelo[1] bem conhece,
mil alqueires de cevada

que pediu para alimentos
desta Égoa celebrada,

[1] Damião de Figueiroa Camelo.

44. San Miguel – São Miguel é um dos três anjos nomeados na Bíblia e que a tradição cristã conta entre os sete anjos que assistem diante de Deus, atribuindo-lhe a missão de resgatar as almas dos crentes do poder do inimigo, especialmente na hora da morte. A sua iconografia apresenta-o sobretudo como cavaleiro a dominar o demónio, segurando a balança de pesar as almas.

48. alqueire – medida de capacidade para sólidos e líquidos, equivalente a cerca de 16 litros.

Nt. I. Damião Figueiroa Camelo – era, segundo Alão de Morais (1997: Tomo VI, vol. II, 49-51), filho de Jerónimo de Figueiroa, que viveu no Porto com o Bispo D. Rodrigo Pinheiro, e de Luísa Camelo, filha de Manuel Camelo e de Briolanja Francisca. Foi muito poderoso, razão pela qual lhe chamavam o Rei da Maia. Foi feitor das madeiras e lonas de El-Rei no Entre-Douro-e-Minho. Era também um *Irmão Nobre* da Santa Casa da Misericórdia. Confira-se a este propósito as figuras 15, 16 e 17.

e tomou para seu prato
com muitos carros de palha.

A Gaspar Álvares lhe deixa,
em satisfação das casas,
ũs guademexins de preço,
posto que manchados d'ágoa;

que por não fazer consertos
nos telhados, deu mil causas
a se perderem armações[,]
retratos e roupa branca;

que estimava em mil cruzados
e por tanto o demandava,
mas antes quer perder tudo
que no cível ter demandas;

pelo mal que lhe sucedem
neste juízo as trapaças,
pagando custas que custam
mais do que importam as cousas.

A Gaspar das Naus Gonçalves,

---

53. Este verso tem 8 sílabas.

55. guademexim – variante de *guadamexim* ou *guadameci(m)*, antiga tapeçaria de couro pintado e dourado, originária de Gadamés, cidade da Tripolitânia.

59. armação – conjunto de tecidos, tapeçarias e couros com que se guarnecem paredes, tectos, janelas.

69. Gaspar das Naus Gonçalves – cf. peças n.º 21 e 26 da nossa edição.

por conselhos que lhe{s} dava
e de o livrar das prisões
em que esteve por fianças;

deixa quatrocentos réis
e ũas polainas usadas
e ũ cavalete de selas
que serve de almário em casa.

E assi lhe deixa mais
o direito da demanda
da sua quinta do Trambolho
que está junto da Arrifana;

com mais ũa légoa de terra
que no Brasil tem marcada
e as três letras do sinal,
que à vista lhe foram pagas;

se se não perdem de vista
por serem jornadas largas

---

70. O contexto parece mostrar que se trata de uma gralha do original.

75. cavalete – banco em que se põem as selas.

76. almário – o mesmo que *armário.*

80. Arrifana – também conhecida como *Arrifana de Santa Maria,* província de Santa Maria, concelho e comarca da Feira, diocese do Porto, província do Douro.

81. Este verso tem 8 sílabas.

e não haver no caminho
estalagens nem pousadas.

O seu móvel da cozinha
deixa todo a Vilaparda,
porque do malcozinhado
comeu sempre em sua casa.

Ũa bacia, três copos,
dous frascos, duas cabaças
e ũa pinseira velha
que já serviu de alcaparras.

Ũ ourinol, ũa peneira
e assi mais ũa canastra
que ũ Fidalgo seu amigo
lhe mandou co{m} a consoada.

Ao Marmanjo-mor ordena
por seu Albacea da alma,
por ser homem nobre, sóbrio,
que não bebe vinho de ágoa;

---

100. A apócope é imposta pela métrica.

95. Pinseira ou *pinceira*. Também se pode admitir uma outra leitura – *pinsoira/pinçoira*.

96. alcaparra – botão floral da alcaparreira, verde, aromático e de sabor peculiar, conservado em vinagre, usado como condimento, especialmente em peixes, e muito reputado pelas suas propriedades digestivas.

97. O verso apresenta 8 sílabas, a menos que admitamos uma só sílaba em *ũa*.

102. albacea – testamenteiro.

manda que ágoa lhe não lancem
em seu corpo, porque o ama
e quer só que em vinho e alhos
se lhe conserve sua calda.

E assi há por revogado
o seu jazigo na Raba,
tendo seu túmulo certo
em Santo Ildefonso e caixa.

E o codecilho que fez
ũ Amigo, em que alegava
mil textos e nulidades,
diz que também quer que valha.

A mulherinhas de bem
das que vinham a sua casa
buscar pousada e comida,
deixa seis ou sete camas;

que elas lha deram de boubas,

---

108. A métrica impõe a sinérese em *sua*.

118. A métrica impõe a sinérese em *sua*.

112. Santo Ildefonso – certamente a freguesia do concelho do Porto
caixa – supomos que o termo ocorre com o sentido de *caixão*.

113. codecilho – o mesmo que *codicilo*, escrito particular de última vontade, pelo qual alguém estabelece disposições sobre o seu enterro, dá esmolas e lega móveis, roupas ou jóias de seu uso particular e pouco valiosas, e nomeia ou substitui o testamenteiro.

121. bouba – pústula venérea.

porque a ter roupa lavada
vivera mais que Noé
e nũca a morte o guindara.

Do seu cargo não dispõe,
porque acha em Deus e sua alma
pertence a ũ João Carneiro,
filho de um seu camarada.

E com isto houve por findo
este Codecilho e manda,
de que foram testemunhas
cinco cestas, duas borrachas,

que dependuradas tinha
no lanceiro de suas armas.
Por não saber escrever,
assinou por elas sua ama,

Jabel Gonçalves, matrona
e Duenha de honor de casa,

---

127. João Carneiro – Provavelmente João Carneiro Tavares que, segundo Cristóvão Alão de Morais (1997: Tomo I, vol. II, 471-472) viveu no Porto e casou com D. Maria de Andrade, filha bastarda de Luís Álvares de Sobágoa.

130. manda – disposição testamentária.

132. A menos que admitamos a sinérese em *duas*, o verso tem 8 sílabas.

134. lanceiro – cabide de lanças e armas.

138. Duenha de honor – *dueña de honor* ou *dona de honor*, senhora que serve no paço; no contexto, tem a acepção de *ama*.

mulher que em favor do vinho
tem feito voto contra a ágoa.

Deixou também se pusesse
ũ epitáfio na caixa
de pedra, onde a quantos passam
desta maneira lhes fala:

Epitáfio

Aqui jaz em vinho e alhos,
por não dar seu corpo à terra,
ũ Sargento-mor que a guerra
partiu para isto em tassalhos.
Descansa de seus trabalhos;
pede a quantos vão e vem
que bebam por ele. Amém.

---

4. tassalhos – pedaços.

A parte principal do poema é um romance, formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo do poema; o epitáfio reveste a forma de sétima em versos de redondilha maior, com rima ABBAACC.

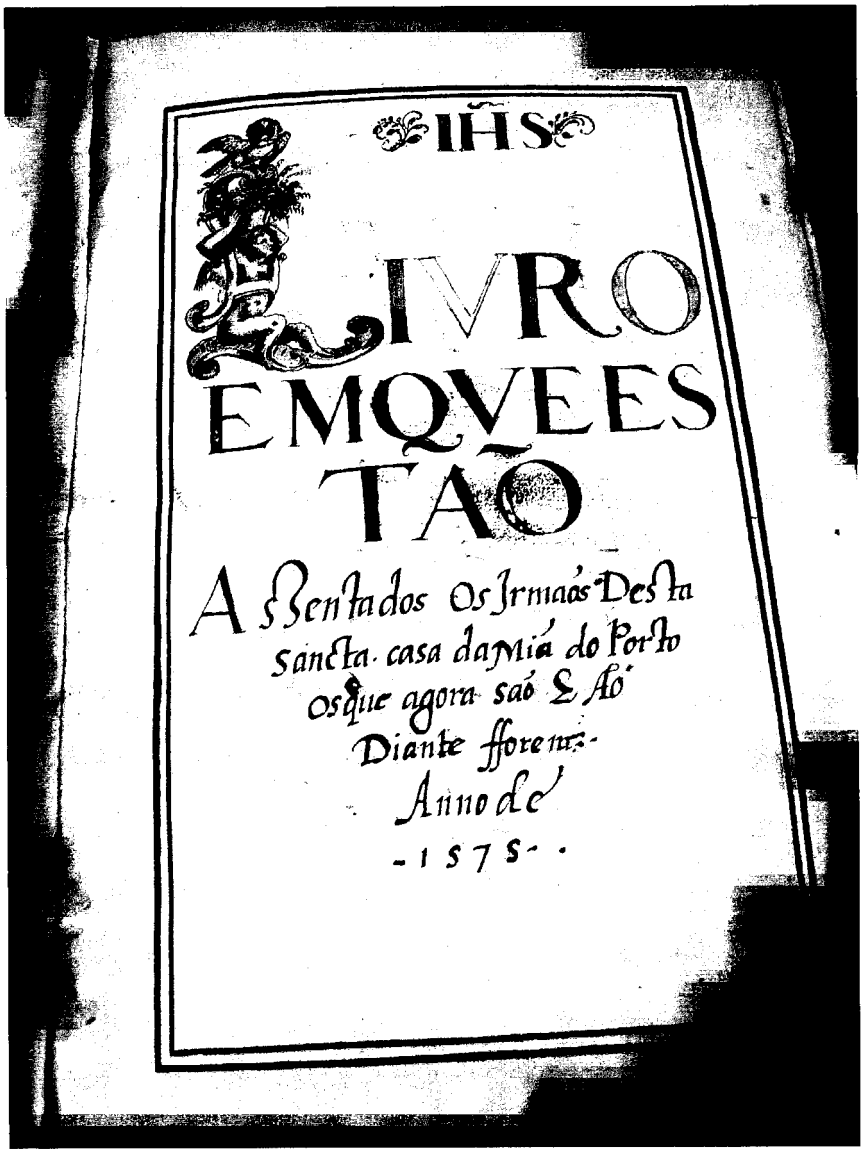


Fig. 15. Folha de rosto do livro dos «Irmãos Nobres» da Santa Casa da Misericórdia do Porto do Arquivo Histórico da Misericórdia do Porto

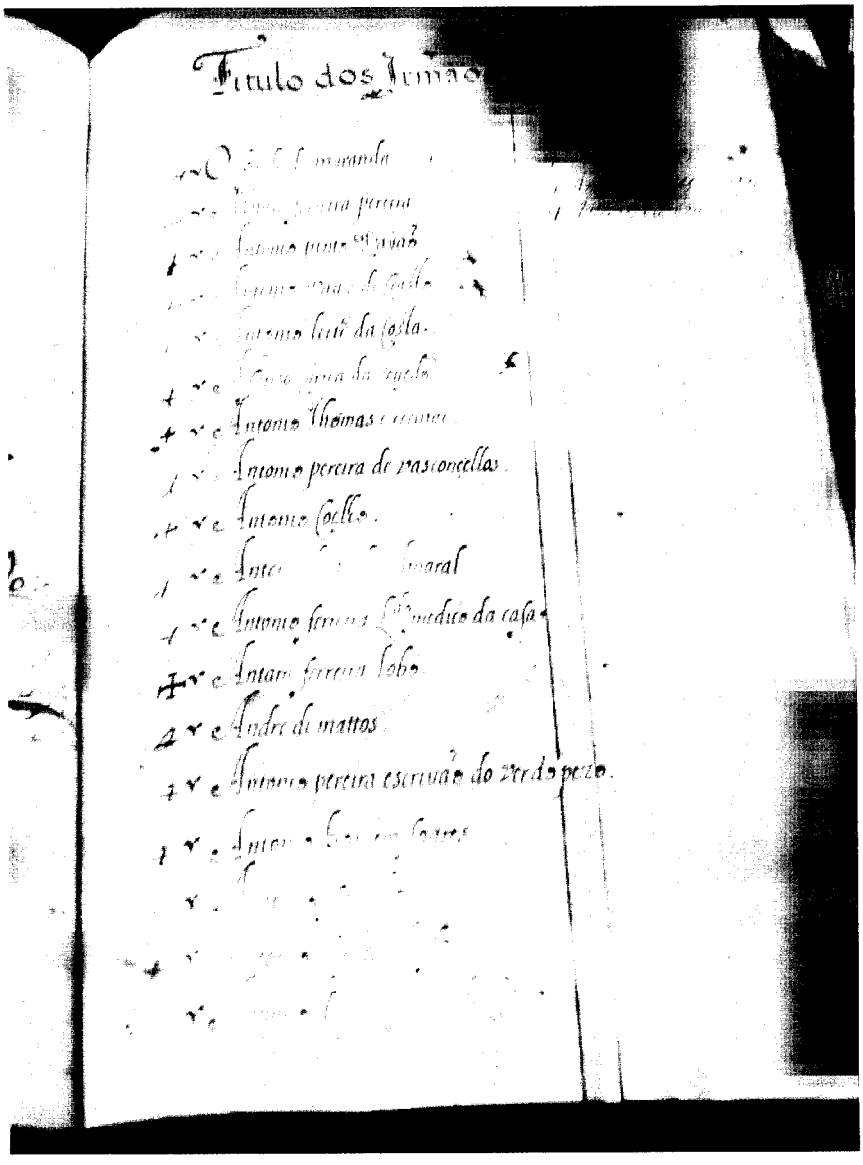


Fig. 16. F. 4 do livro dos «Irmãos Nobres» da Santa Casa da Misericórdia do Porto do Arquivo Histórico da Misericórdia do Porto

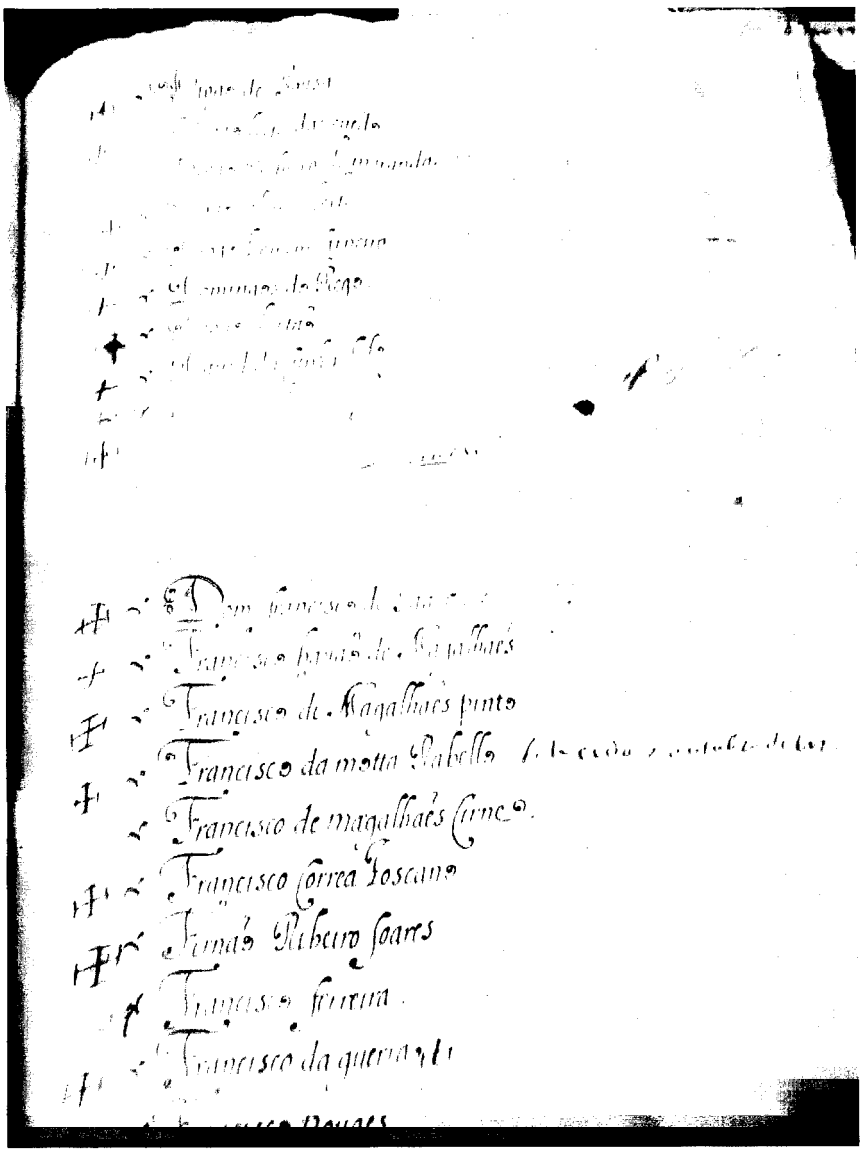


Fig. 17. Damião de Figueiroa – «Irmão Nobre» da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

F. 5 do livro dos «Irmãos Nobres» da Santa Casa da Misericórdia do Porto do Arquivo Histórico da Misericórdia do Porto

21.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 46r-47r

Quintilhas

Ao mesmo, mudando de casa

Mudou-se da casa antiga
o Pedro, e faz obras e horta,
e para detrás fez porta;
praza a Deus que não se diga
ninho feito, pega morta.

Mil contas funda no ar
sobre seu triste dinheiro,
que recebido em Janeiro
quando muito a arrebentar
lhe não chega a Fevereiro.

Estes dous meses está
em férias mui descansado;
mas o dinheiro gastado
infinitas traças dá
en su sangre rebalsado.

Ora se faz demandão,

16. demandão – o mesmo que *demandista*, pessoa que está muitas vezes envolvida em querelas judiciais.

seguindo sem fundamento
causas fundadas no vento;
se algũa cousa lhe dão,
não lhe dura ũ só momento.

No triste ofício que tem,
esse pouco que garama
mil damas a casa vem,
até não ficar vintém,
posto que renegue a ama.

Ũ dia vos aparece
ũ alegre Conde Andeiro,
isto quando com dinheiro;
mas ai que quando anoutece
já está posto no estaleiro.

No outro dia o vereis
melancólico, trocista,
com óculos Lince em vista,
andar buscando papéis,
ũ Gaspar das Naus jurista.

---

22. garama – parece tratar-se de uma forma verbal, de que não encontramos contudo registo. Tratar-se-á do equivalente do espanhol *garramar*, com o sentido de *furtar*? Morais regista o substantivo *garrama*, na acepção de *tributo*, mas não um verbo com o mesmo étimo.

30. posto no estaleiro – Morais regista a expressão *pôr alguém no estaleiro* com o sentido de *reduzir alguém à miséria*.

33. óculos Lince em vista – em sentido figurado, indivíduo que vê muito bem, perspicaz e inteligente.

35. Gaspar das Naus – trata-se de Gaspar das Naus Gonçalves que, segundo supomos, foi jurista (cf. v. 35). Aparece também referenciado nas peças 20 e 26 da nossa edição.

Já trata de demandar
quintas, morgados e terras,
ir servir a El-Rei nas guerras,
sem seus anos discursar,
despenhando-se por serras.

A paz que Deus tanto amou
em nenhũa cousa estima;
dá casa de jogo em cima,
e os baixos dela alugou
a ũ Negro Mestre de esgrima.

Ora deixemo-lo estar
até ver isto em que pára,
que a casa ficará cara
se o Zarambelho[1] tornar
a ser admitido à vara.

---

[1] O Zarambelho era um Clérigo que antes morava na casa.

---

39. discursar – no sentido de *pensar sobre*, o verso significará então *sem pensar em seus anos.*

O poema é formado por versos de redondilha maior agrupados em quintilhas, que recorrem ao esquema rimático ABBAB (est. 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9 e 10) e ABAAB (est. 5).

22.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 28v

Outro

Sobre ũs dentes postiços de Marfim que trazia o célebre e fadado Pedro Lopes Camelo

Quem viu cousa mais galante
ou arteficio mais belo,
que traz dentes ũ Camelo
que já foram de elefante[?]

Leg. Outro – entenda-se: Mote.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABBA.

23.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 29r

Outro

Ao mesmo, que levantava a barba e dela fazia os bigodes

Só Pedro Lopes Camelo
com seu artefício pode
fazer da barba bigode.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados num terceto, que obedece ao esquema ABB.

24.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 47r-47v

Vida

De Pero Lopes Camelo Sargento-mor do Porto com o seu Testamento

Do Autor a certa Personagem

Bem sei quanto me pudera já correr de escrever neste estilo; mas não me dá Pedro liberdade para tratar dele em outro, onde por ventura, se a Musa se não sentir peada com os consoantes, em tal campo de novidade se pode meter que faça dano irreparável; maiormente quando o Herói desta obra dá hoje tanta matéria com a escolha que fez em pedra tão desafeiçoada para com ela fechar o abotoado de sua vida; como se pode ver no fim deste elogio tirado dela, onde o receio de não se poder tomar pé em algũs passos caminha com tanto tento que escassamente chega a molhar os tornozelos no vau que tomou.

5.-6. com os] com os com os

5.-6. Trata-se claramente de uma gralha do original, que por isso corrigimos.

4. correr-se – no sentido de *envergonhar-se.*

5. peada – presa, embaraçada.

25.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 47v-48r

Carta

Do Impressor a certo Presbítero

Quem conhece o sujeito desta obra não acaba de encarecer a pouca deligência do Autor dela a respeito da grande empresa em que se meteu; e como a queixa disto seja tão geral, não foi possível deixar de ir à sua notícia. Querendo ele agora em algũa parte remediar esta falha, determinou outra vez dar ũ passeio pelo campo da memória, aonde achou algũs retalhos da mesma cor que o tempo ia já cobrindo de ortigas, que ainda que tem por ofício descobrir tudo, também o torna a encobrir ajudado do esquecimento. O Autor me afirmou que seu passado descuido o deixou tão temeroso de presente que de nenhũa maneira se atreveria a sair com a segũda impressão se eu lhe não alcovitasse ũ Protector com que pudesse perder o receio de a murmuração andando no cio lhe não poder atirar quatro couces; não achei lugar onde pudesse ficar mais seguro deles que debaixo da sobrepeliz de V. M., a quem por ora não posso descobrir o nome, por me sentir mui empenhado com o apelido de Meneses que devo em outra parte.

Frutuoso Lourenço

---

12. segũda impressão – no sentido de opinião, comentário.

15. sobrepeliz – era uma túnica que se destinava a ser vestida sobre a *sotaina* (tratava-se inicialmente de uma túnica justa com mangas compridas que tanto tinha um anexo como era uma peça simples) – «super pellicum» – sendo usada nos primeiros tempos pelos elementos do coro. Depois, o seu uso generalizou-se a outras funções litúrgicas, sendo utilizada por diversos elementos do Clero católico.

26.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 48r-48v

Soneto

Que Gaspar das Naus fez ao Autor

Musa que com tal voz, zelo tão pio,
cantas de Pedro os feitos sinalados,
por toda a parte já tão venerados
que correm estampas mil de seu feitio;

enquanto para o Douro entrar o Rio
que limita a carreira aos açoutados
e aqui tomar seus banhos regalados
o bacalhau do Noroeste frio;

teu nome correrá de gente em gente
com a fama que dar e tomar podes
tratando de varão tão excelente.

Pois sendo parte com que te acomodes,
para viver famoso eternamente
faminto vivirá se não lhe acodes.

Leg. Gaspar das Naus – Trata-se de Gaspar das Naus Gonçalves (cf. peças n.º 20 e 21).

Trata-se de um soneto de versos decassílabos, com esquema rimático do tipo ABBA/ ABBA/ CDC/ DCD.

3.

Poemas dirigidos

a

Outras Figuras

27.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 8v

Outro

A Jorge Carneiro, prometendo ũa saia a ũa moça

O morgado de Gaia
prometeu-me ũa saia[;]
a muito se afouta,
que eu não vejo mouta
donde o coelho saia.

Leg. Outro – entenda-se: Mote.

Jorge Carneiro – Morgado de Gaia e bisavô do poeta Tomé Tavares Carneiro.

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados numa quintilha, com esquema rimático do tipo AABBA.

28.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 10r

Mote

Indo o Tavares pelo Douro acima com Jorge Carneiro, que atirando a ũ Pisco Ribeiro o matou e despois saindo em terra lhe deram honrado sepulcro com este Epitáfio

Aqui jaz Pisco Ribeiro,
que de mil cores reluz;
e posto sobre ũ tojeiro,
foi morto c'ũ arcabuz
por mãos de Jorge Carneiro.

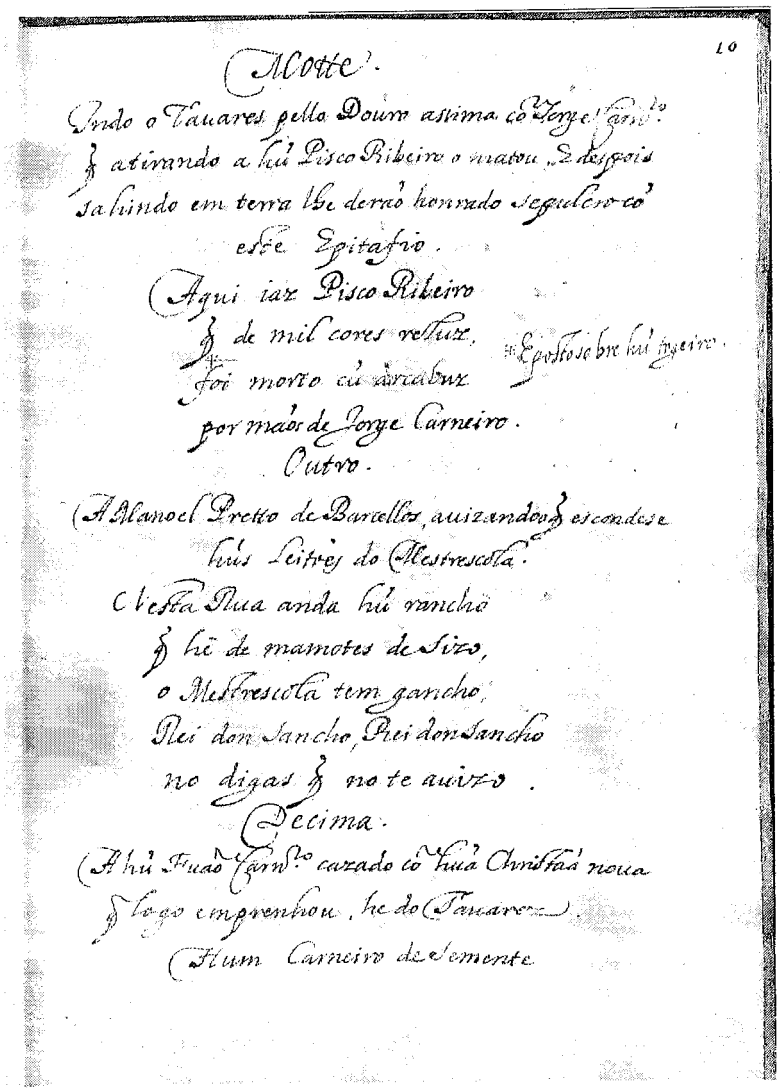
---

3. O verso vem escrito à margem direita. Optámos, devido a questões de métrica e de coerência, por integrá-lo no poema.

3. tojeiro – tojo grande.

5. Jorge Carneiro – Morgado de Gaia e bisavô do poeta Tomé Tavares Carneiro.

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados numa quintilha, com esquema rimático do tipo ABABA (cf. fig. 18).



Mote.

Indo o Tauares pello Douro asima cõ Jorge Carn.º
& atirando a hũ Pisco Ribeiro o matou. E despois
saltindo em terra lhe derão honrado sepulcro cõ
este Epitafio.

Aqui iaz Pisco Ribeiro
& de mil cores reluz.
Foi morto cũ arcabuz
por mãos de Jorge Carneiro.

Epitafio sobre hũ ingeiro.

Outro.

A Blanco el Prieto de Barcellos, auizandoo & escondese
hũs Leitrez do Mestrescola.

Vesta Rua anda hũ ranchõ
& hẽ de mamotes de Sizo,
o Mestrescola tem garcho,
Rei dom Sancho, Rei dom Sancho
no digas & no te auizo.

Decima.

A hũ Fidalgo Carn.º casado cõ hũa Christãa nouza
& logo emprenhou, he do Tauarez.

Hum Carneiro de Semente

29.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 37v

Soneto

A João Aires Carneiro

De entrarem no Parnaso mil cabrões,
que de salto devassam a clausura,
foram deixar na cerca ũa abertura
que deu entrada a muitos toleirões.

Quando agora sucede a algũs varões
após estes entrar ou de mistura,
cuidando achar a Fonte limpa e pura,
à volta de ágoa bebem cagalhões.

Não devia achar a ágoa mui quieta
o nosso Aires, de cujo engenho e arte
às suas obras claras me remeto;

pois no que toca a funeral Poeta,
bem mostra que lhe coube muita parte
da fruta que aqui vai neste soneto.

---

9. Este verso tem 11 sílabas. Uma emenda possível consistiria na supressão do artigo.

Trata-se de um soneto de versos decassílabos, com esquema rimático do tipo ABBA/ ABBA/ CDE/ CDE.

30.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 4r-4v

Quintilhas

De Tomé Tavares, Abade de Rio Tinto

Ao dó que tiraram os V'readores de Barcelos pelo Duque de Bargança

Dizem que a Morte descobre
(e é assi, que descobre muto),
mas às vezes também cobre
gosto que seja de luto
muita gente honrada e pobre.

Muito à carne se acomoda
em tempo de tanto[s] frios
fazer a Morte tal boda
que vista a Câmara toda
de Baeta de cem fios.

---

5. pobre *está sublinhado. Ao lado, vem a seguinte anotação:* al. nobre.

Leg. Duque de Bargança – certamente D. Teodósio II (1568-1630), 7.º Duque de Bragança, pai do futuro rei D. João IV.

dó – vestido de luto.

2. muto – variante arcaica de *muito*, aqui usada provavelmente por razões de rima.

10. Baeta – do italiano *baietta*, s. f. tecido felpudo de lã. Em sentido figurado, janota, peralvilho.

Em que o nojo meta a lança,
nũca mata o seu rigor,
e aqui não se deu fiança
a ter sentimento e dor
pelo Duque de Bargança.

Posto que o luto é vestido,
o bom é não o trazer
a mulher pelo marido;
se ele por ela o trouxer,
ninguém console o dorido.

Isto são do Céu socorros
em capuzes disfraçados,
que despois de bem usados
podem servir de entreforros
para jubões de esposados.

---

25. jubão – O mesmo que *gibão*.

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados em quintilhas, com esquema rimático do tipo ABABA (est. 1, 3 e 4), ABAAB (est. 2) e ABBAB (est. 5).

31.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 7v

Motes vários de Tomé Tavares

Ao D. Prior de Barcelos, que prezando-se de Fidalgo, vendia vinho em casa[1]

De Fidalguia e sumagre
pôs venda o nosso prior;
o sumagre é bom licor,
a Fidalguia é vinagre.

---

[1] Era Jerónimo de Mesquita de Murça.

Nt. 1. Certamente D. Jerónimo de Mesquita e Mendonça. Segundo Manuel Abranches de Soveral (2004, *Título dos Mesquitas*) foi Prior de Barcelos e leitor apostólico do reino, filho de Jerónimo de Ceuta (alcaide-mor do Seixo, cavaleiro da Ordem de Santiago e nesta ordem Comendador do Seixo, Faia e Aldeia de Ponte) e de Francisca de Mesquita e Mendonça, casal a quem o Cabido renovou o prazo da Vila de Guimarães.

1. sumagre – planta com cuja folha e casca do tronco se curtem couros e peles; era também usada na tinturaria e medicina.

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, com esquema rimático do tipo ABBA.

32.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 7v-8r

Outro

Ao Só-ágoa, que para se fazer fidalgo quis provar que sua mãe ia prenhe de ũ fidalgo quando casou com seu pai

Com só vinho e com só fruta
não é muito embebedar-se,
mas com só-ágoa é chamar-se
filho de comudo e puta.

Leg. Outro – entenda-se: Mote.

Só-ágoa – Provavelmente Luís Álvares de Sobágua ou Luís Álvares de Sobágua e Sá, cunhado do nosso poeta. De acordo com Cristóvão Alão de Morais (1997: Tomo I, vol. II, 471-472), era filho de Francisco Álvares de Sobágua, cidadão do Porto e muito avisado (teve o hábito de Xõ) e de Maria Andrade. Foi cidadão do Porto, Senhor da Capela-mor de Santo Elói (cf. fig. 10, p. 65), que depois venderam seus parentes a Pantaleão Alvo fidalgo portuense da Casa Real. Casou com D. Catarina Carneiro (irmã do nosso poeta), filha de Nuno Tavares e de Joana Carneira, de quem não teve filhos. Teve, no entanto, ilegítima D. Maria de Andrade que casou com João Carneiro Tavares, filho de Fernão Tavares Carneiro, irmão do nosso poeta. Foi *Irmão Nobre* da Santa Casa da Misericórdia (f. 6r) como corrobora o documento que se segue (fig. 19).

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, com esquema rimático do tipo ABBA.

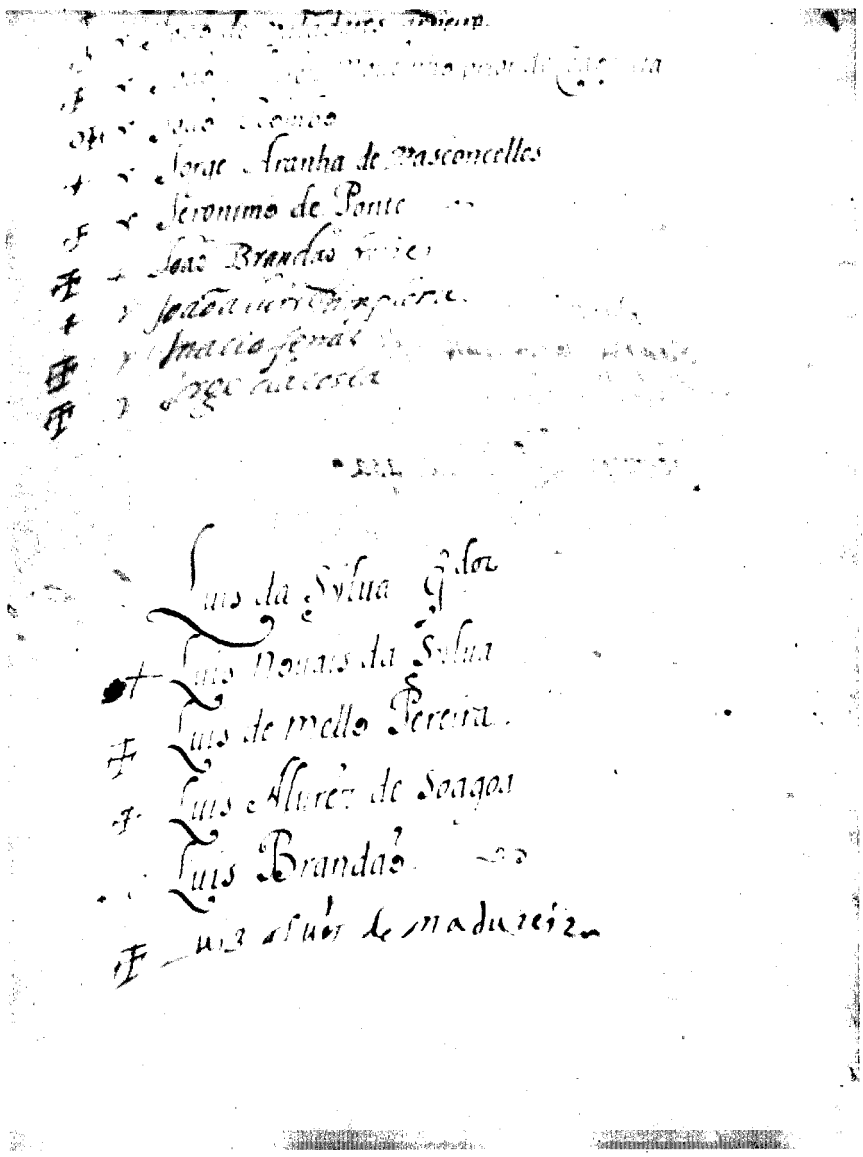


Fig. 19. Luís Álvares de Sobágua – «Irmão Nobre» da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

F. 6 do livro dos «Irmãos Nobres» da Santa Casa da Misericórdia do Porto do Arquivo Histórico da Misericórdia do Porto

33.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 9r

Outro

De ũ Bacharel que tinha a mulher fermosa e nũas sortes que houve lhe fez este mote[1]

Sempre negra sorte tive
e quando a negra me alegra
será branca, por ser negra.

E vendo{-o} o Tavares esta tenção lhe fez este

Mote

A tenção é estremada,
mas está dela o sentido
tão encovado e escondido
que há mister afuroada,
com licença do marido.

[1] Era Gabriel Pereira.

4. afuroada – substantivo deverbal, formado de *afuroar*, meter o furão para tirar a caça; em sentido figurado, descobrir, revelar.

O poema de Tomé Tavares é formado por versos de redondilha maior, agrupados numa quintilha, com esquema rimático do tipo ABBAB.

34.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 11r-12v

Mote

Que Jerónimo de Mendonça fez a São Pantaleão

Perdeis a vida e não sei,
Santo glorioso, a quem
morte desse tanto bem.

A glosa não vai aqui por ser enfadonha, e tal que deu motivo ao Tavares para que fizesse estas

---

Leg. Jerónimo de Mendonça – É possível que se trate do homónimo referido por Diogo Barbosa Machado (1998: I, 466). Jerónimo de Mendonça era natural da cidade do Porto; de «ilustre talento e versado na inteligência das línguas mais polidas», acompanhou El-Rei D. Sebastião na infeliz jornada de África no ano de 1578, onde ficou cativo. Uma vez em liberdade, publicou em 1607 *Jornada de África em a qual se responde a Jerónimo Franqui, e outros, e se trata do sucesso da Batalha, e cativeiro, e dos que nelle padecerão por não serem Mouros com outras cousas dignas de notar.*

S. Pantaleão – Natural de Nicomédia, chegou a ser médico do Imperador Maximiano. Denunciado por colegas, seria vítima da perseguição desencadeada no tempo de Diocleciano contra os cristãos, falecendo cerca de 305. São Pantaleão é o padroeiro da cidade do Porto, que acolheu as suas relíquias, trazidas por cristãos arménios que, tendo fugido aos Turcos em 1453, se instalaram na zona de Miragaia. As relíquias foram primeiro depositadas na Igreja de S. Pedro de Miragaia, sendo trasladadas para a Sé a 12 de Dezembro de 1499, no tempo do bispo D. Diogo de Sousa.

Quintilhas

Senhor Mendonça, entre nós,
não chegue isto à Rua Chã,
muito me espanto de vós
que na doutrina cristã
sejais tão curto dos nós.

Louvar ũ Santo é louvar
algũa Dama por ventura
que quando lhe queirais dar
a palma de fermosura,
esse Sol o há-de pagar[?]

Não é termo de louvar
ũ Santo por tal feição
que vos convenha apear
outro Santo do lugar
que os seus méritos lhe dão.

Nenhũ louvor pode haver
que ao Padroeiro não vista,
mas sois obrigado a crer
que não naceu de mulher

---

2. Rua Chã – O local onde se situa a Rua Chã, no Porto, era antigamente uma zona rural. Daí os topónimos *Chão das Eiras* ou *Rua das Eiras*. A sua existência é comprovada nos finais do século XIII (1923) e era constituída por duas partes: Rua das Eiras (do Arco de Vandoma até ao Corpo da Guarda) e a Rua Chã (do Corpo da Guarda até à casa nobre de João Rodrigues de Sá, mais tarde conhecida pelo nome de Paço da Marquesa de Abrantes).

Santo maior que o Baptista.

Cantais mal e porfiais
em louvor do Padroeiro,
por onde não escusais
que ũ raro à veia ponhais
como em funil de vendeiro.

Como este remédio houver,
corra a veia muito embora,
que se heresia trouxer
e não escoar cá fora,
não haverá que dizer.

Não sei no mote dizeis
de *não sei* usais na glosa;
já que em verso não sabeis,
Deus vos dê ventura em prosa
que a pobre Musa ampareis.

Deste caso apostarei
que todos vos põe a culpa,
mas eu não vo-la porei,
que como dizeis *não sei*,
o não saber vos disculpa.

Quem pode tudo vos dê
graça que em louvor de Santos
nũca vos desminta o pé,

escrita do mês a tantos,
vai dos Coreiros da Sé.

O poema de Tomé Tavares é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em quintilhas, que obedecem ao esquema ABABA (est. 1, 2, 6, 7 e 9) e ABAAB (est. 3, 4, 5 e 8).

35.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 18r-18v

Soneto

Do mesmo Tavares a ũ Cunhado[1] do Juiz do Barcelos que lhe glosou ũ que ele tinha feito ao Músico do Mestr'escola

Queixa-se que o comestes às pernadas
o meu soneto que ao Cordeiro fiz
e o que sente mais, que o perseguis
com versos de catorze polegadas.

Hão-de ser de onze sílabas contadas
Padre meu, vede bem como as medis,
que inda que sois cunhado do juiz
fiz deter as medidas afiladas.

A licença poética não dá
tanta largueza como vós tomais[;]
mudar-lhe o estilo é cousa perigosa.

[1] Chamava-se Francisco Feio.

11. *Uma nota lateral, apresenta a seguinte lição alternativa:* mudar-lhe os marcos é cousa p'rigosa

Leg. um que ele tinha feito ao Músico do Mestr'escola – É o soneto *Dez meses de cantor que não se ouvia* (peça n.º 7).

Não sei como da feira vos irá
se ao Parnaso dizer forem que andais
soltando o verso mal, prendendo a prosa.

---

14. *No verso do frontispício do Manuscrito vem esta nota* (cf. fig. 20):
Manoel de Faria e Sousa no *Comento de Camões*, canto 10, est. 71, v. 8, diz o seguinte:

Nuestro ingenioso satírico el Abade Tavares con su natural facilidad y agudeza feneció un soneto contra cierto Poeta corto de prosa y largo de versos desta manera, poco mas o menos porque no me acuerdo bien:

Soltando os versos, e prendendo a prosa.

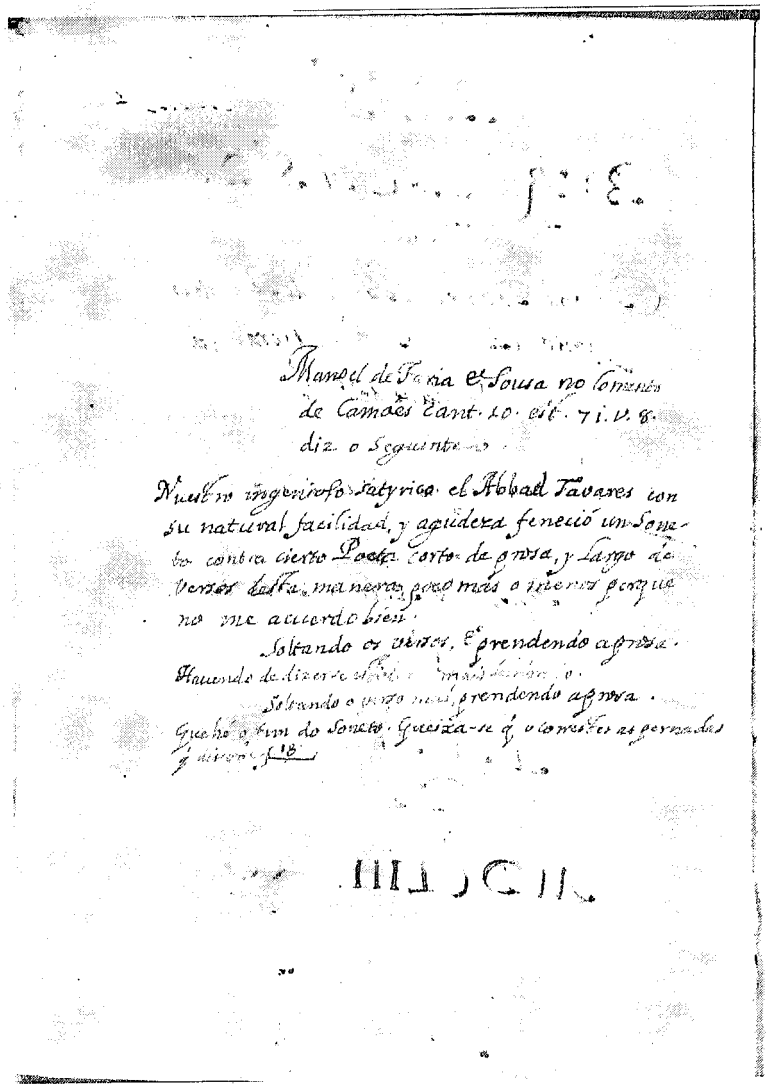
Havendo de dizer se estivera mais lembrado:

Soltando o verso mal, prendendo a prosa.

Que é o fim do Soneto «Queixa-se que o comestes às pernadas» que discorre a f. 18.

14. A citação pertence a *Lusíadas de Luís de Camões*, comentário por Manuel de Faria e Sousa (1973: 415).

Trata-se de um soneto de versos decassílabos, com esquema rimático do tipo ABBA/ ABBA/ CDE/ CDE.


Manoel de Faria e Sousa no Comento
de Camões Cant. 10. est. 71. v. 8.
diz o Seguinte

Nuestro ingenioso Satyrico el Abbad Tavares con
su natural facilidad, y agudeza feneció un Sone-
to contra cierto Poeta Corto de gorra, y Largo de
Verso (falta a maneira) pero mas o menos porque
no me acuerdo bien.

Soltando os versos, e prendendo a gorra.

Hauendo de dizer [illegible]

Soltando o gorro, e prendendo a gorra.

Que he o fim do Soneto. Queixa-se q̃ o cometerão as pernadas
q̃ virão f. 18

Fig. 20. Frontispício do Ms. 736 da Biblioteca Pública Municipal do Porto

36.

Testemunho manuscrito principal: BPMP, 736, f. 19r-21r = *A*
Testemunho manuscrito secundário: BGUC, 405, f. 45v-46r = *B*

Versão de *A*

Romance

De Tomé Tavares

Com título de Meirinho,
inda com isso mal pago,
respeito do galardão
que se deve a ũ bom criado;

de Barcelos parte o Costa
saudoso e agravado:
agravado contra Amor,
saũdoso de seu amo.

Vai maldizendo a guedelha
que não pode acreditá-lo,
nem c'os homens de valente
nem co'as as Damas de bizarro.

Leg. De Tomé Tavares. Romance *B*

3. respeito] a respeito *B*

8. Sem a diérese, o verso ficaria hipométrico.

Porém antes da partida,
que estava de verga d'alto,
pondo os olhos no Framengo
que ali se achou a seu lado,

lhe disse: «Framengo amigo,
bem por amigo provado,
em meus azares de Amor
e em mil encontros de gancho;

bem vês que para este ofício
em que estou tão alcançado,
o viver eu nesta terra
fora tempo mal gastado.

Porque assi como em Barcelos
há já agora mal pecado
cem padres para ũa missa,
há cem ladrões para ũ Santo;

que enfim os furtos famosos
são aqui só reservados

---

21. que para este] que este *B*

25. assi como] como assi *B*

27. cem padres] compadre *B*

28. *Na versão de A* santo *está sublinhado. Ao lado, vem a seguinte anotação:* al. gancho.
Santo] lanço *B*

14. verga d'alto – loc. adv., pronto para se fazer à vela.

26. mal pecado – segundo Morais, o mesmo que *por mal de pecado*, isto é, *como castigo do pecado.*

às penas dos Escrivães,
aos conselhos dos letrados.

Para o mais a Terra é breve
e ainda que o termo é largo,
as aldeias estão juntas,
há muita conta c'o gado.

Da roupa os estendedouros,
por estarem situados
em lugares eminentes,
são sempre mui vigiados.

Vejo mais que aos meus suspiros
e passeios namorados,
só livra Amor pagamentos
nas alfândegas de Baco.

E sem respeito a quem sou
nem ao bombazim que trago,
me traz por casas terreiras
merecendo as de sobrado.

Pretendi casar na Terra,

---

34. e ainda] ainda *B*

42. e passeios] após ecos *B*

46. bombazim – embora não tenhamos encontrado registo desta forma, é provável que se trate de uma variante de *bombazina*.

responderam-me "Escusado,
que com nome de Meirinho
não há ladrão disfarçado".

Ũ lanço tive entre as unhas
mas fui logo malsinado,
que a não correr vinho em casa
seria ũ triste casado.

Por este inconveniente,
Framengo amigo, me parto,
com capa de ir a negócio
porque me não ponham embargos.

Que dês que o jogo cessou,
cessou das cartas o trato;
não há vendeiro em Barcelos
com que estê de contas safo.

Necessidade me obriga
a romper com eles banco

50-53. *Na versão de A estes versos estão escritos à margem. Faltam estes versos em B.*

61. Que dês] Quer Deus *B*

60. Na realização corrente dos nossos dias, o verso tem 8 sílabas. É de admitir contudo que, na época e região do autor, a parte final fosse lida como *po/nh'em/bar/gos.*

61. dês – forma apocopada arcaica da preposição *desde.*

64. estê – variante antiga da 1.ª pessoa do singular do presente do conjuntivo do verbo *estar.*

66. romper banco – provavelmente o mesmo que *quebrar o banco*, isto é, *falir.*

e ver que entre Douro e Minho
promete mui seco o ano.

Que quando agora no novo
o bebemos já tão caro,
em papos de terra seca
receio despois trabalhos.»

Assi praticava Costa
quando lhe veio recado
que estava para partir
Francisco Feio a cavalo;

que também nesta monção
parte de Deus arrufado
por não matar o Prior
para haver o Priorado.

O Framengo foi com Costa,
houve enfim de acompanhá-lo

---

67. entre Douro e Minho] douro e minho *B*

68. mui seco o ano] ventura ao ano *B*

76. Francisco Feio] Francisco velho *B*

68. Embora compareça no corpo do poema a forma *ventura* (como aliás em *B*), ao lado vem a anotação *al. Promete muy seco o ano*, que se adapta melhor ao contexto. Optámos assim por acolher a sugestão e efectuar a emenda.

76. Embora no original a forma seja *velho* (tal como na versão de *B*), ao lado vem a anotação *al. Feio / E assi é* (sendo a parte final da anotação feita a tinta diferente). Porque a alternativa se adequa melhor ao contexto, optámos por acolhê-la.

'te a forca de São Miguel,
onde os puderam pôr ambos.

---

84. os puderam pôr] os penduraram *B*

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante ao longo do poema.

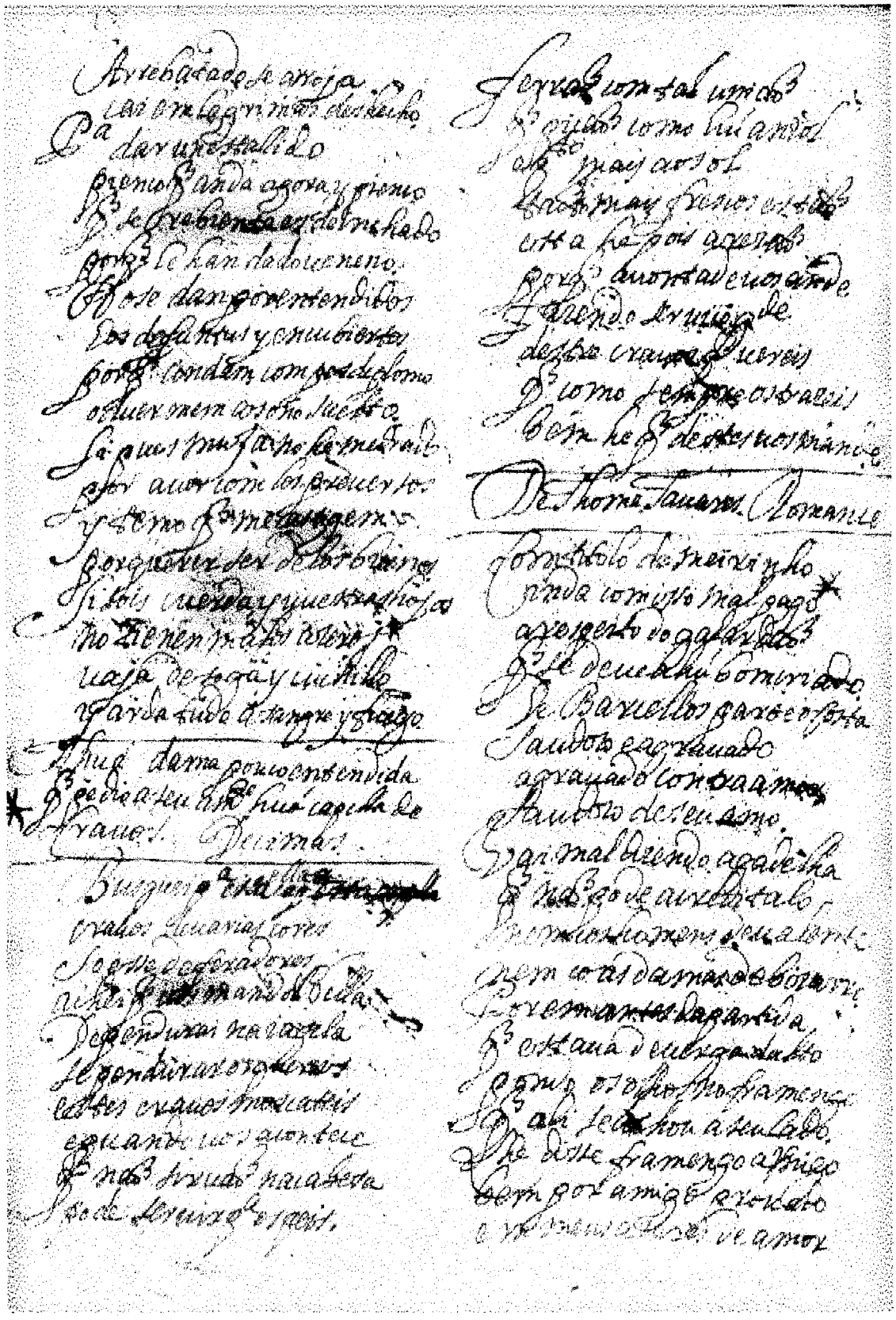
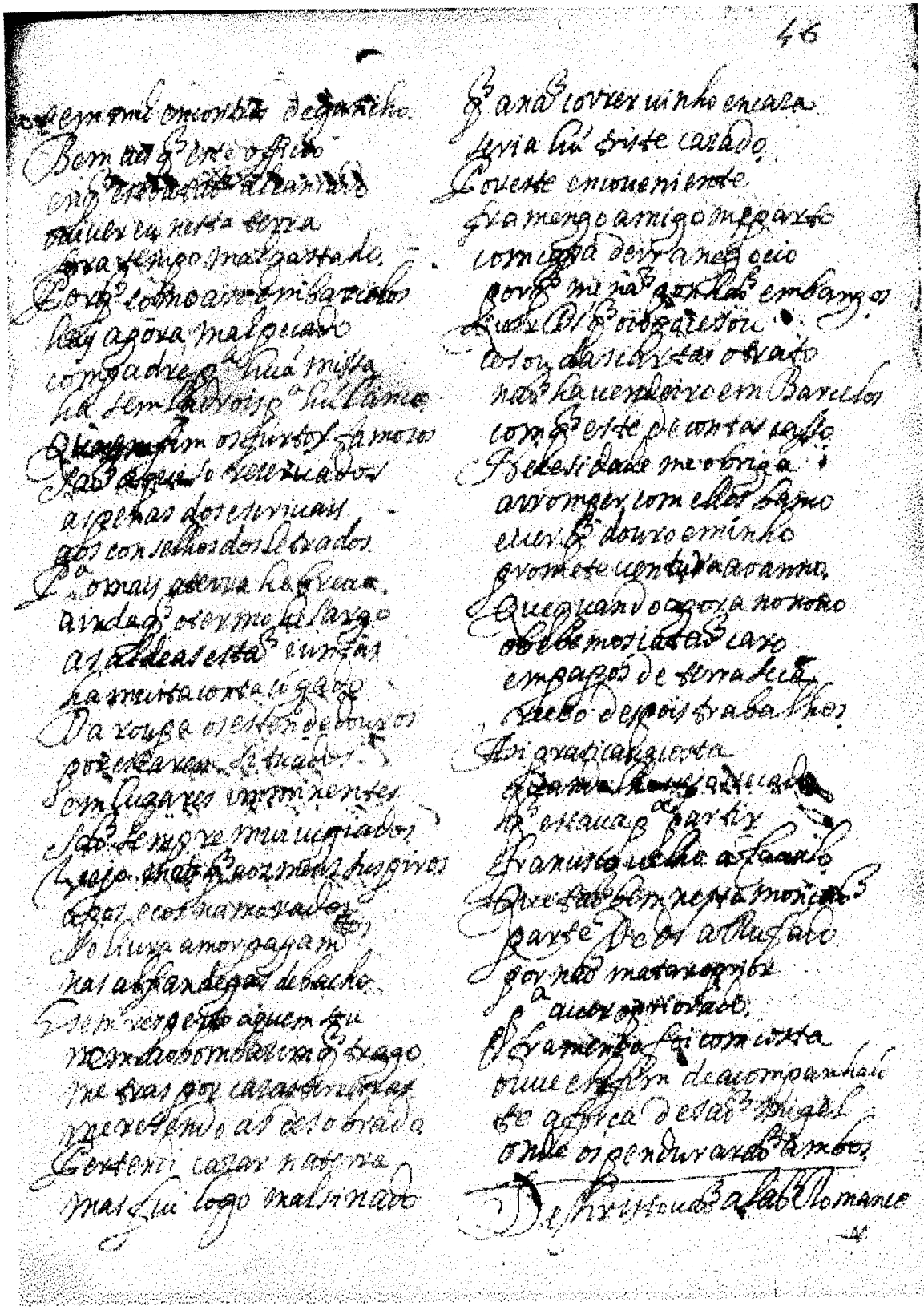


Fig. 21. F. 45v do códice n.º 405 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (*Testemunho Secundário*)



F. 46 (continuação)

37.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 21r-21v

Redondilha

Do mesmo, quando Pero Vaz Cirne foi tomar o hábito de S. João por se isentar da justiça de Diogo Lopes Diabo, Governador do Porto

Grande cruz traz Pero Vaz,
não tem princípio nem cabo;
a todos cuidar nos faz
que quem tão grande cruz traz

Leg. Pero Vaz Cirne – certamente Pero Vaz Cirne de Sousa que, segundo Diogo Barbosa Machado (1998: III, 614), era natural de Guimarães. Foi senhor do Morgado de Guimarães e Capitão-mor dessa vila. Depois da morte da esposa, D. Antónia de Madureira, professou a ordem militar de S. João de Malta. Segundo Alão de Morais (1997: Tomo I, vol. II, 637), foi a principal pessoa que no Porto aclamou D. João IV e por ele lhe mandou beijar a mão a dita cidade e dela foi Procurador de Cortes. De acordo com Barbosa Machado, publicou em 1641, sem o seu nome: *Relação do que tem obrado Rodrigo Pereira Sottomayor Fidalgo da Casa de sua Magestade Capitão mor, e Alcaide mor de Coimbra, e da de Valladares no serviço de S. Magestade depois da sua felece Aclamação; Relação do que fez a Vila de Guimarães, desde o tempo da felice Aclamação del Rey D. João IV até ao mês de Outubro de 1641.*

hábito de S. João – o hábito da Ordem de S. João de Jerusalém, mais tarde conhecida por Ordem de Malta. A cruz, que era originalmente simples, evoluiu com o tempo e, por alturas do século XIII, assumiu a forma característica da Cruz de Malta, com as suas oito pontas.

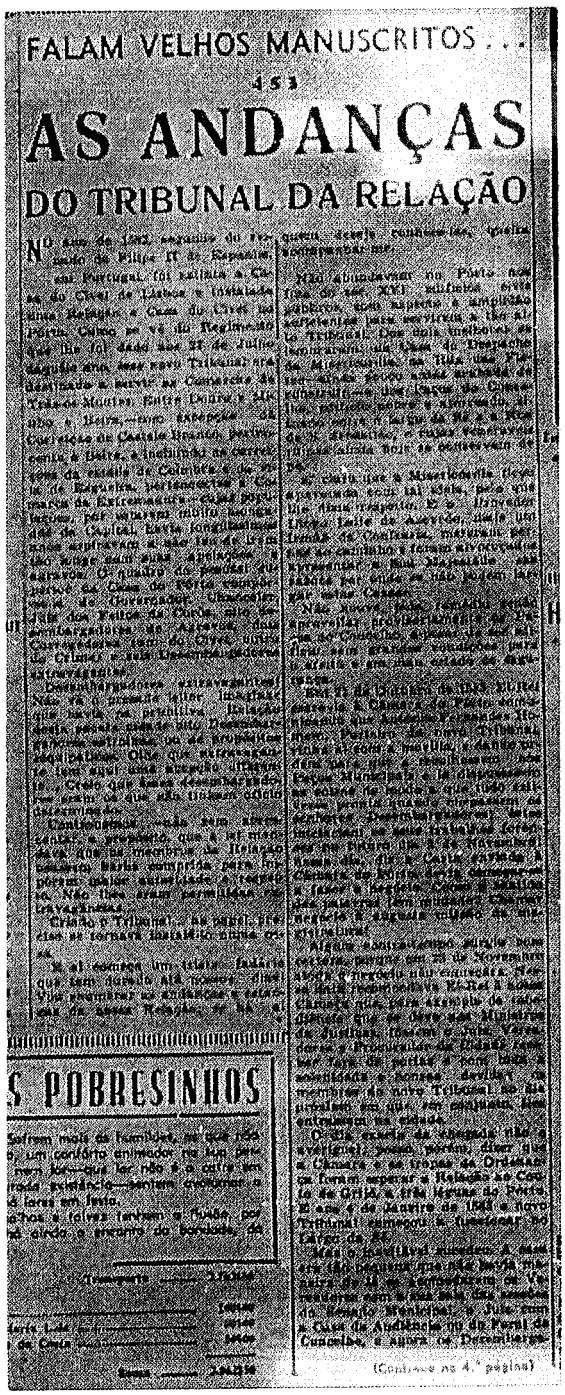
Diogo Lopes Diabo – Certamente Diogo Lopes de Sousa, o *Diabo*. Segundo Barbosa Machado (1998: Vol. I, 669-671), Diogo Lopes de Sousa nasceu em Lisboa a 17 de Julho de 1582. Era filho de Henrique de Sousa, 1º Conde de Miranda, Conselheiro do Estado, Governador da Relação do Porto, Comendador de Alvalade na Ordem de Cristo e de D. Mecia de Vilhena, filha herdeira

5 que inda há medo do Diabo.

---

de Fernão da Silva, Comendador de Alpalhão e Capitão da Torre de Belém. Foi 2º Conde de Miranda, Senhor de Podentes e Comendador de Santa Maria de Vila Nova de Alvito, na Ordem de Cristo. Em 1613, foi nomeado pelo Rei Governador do Porto onde «emendou muitos abusos fatalmente introduzidos na ausência de seu Pay», edificando a Casa da Relação do Porto, «merecendo por tão insigne Obra a gratidão Real, expressada em huma carta de 26 de Junho de 1613». Devido à sua prudência e autoridade foi nomeado por Filipe IV, no ano de 1632, Presidente do Conselho da Fazenda. Foi muito discreto, *elegante na fraze* e versado no estudo da Genealogia. Entre outras obras destaca-se *Familias do Reyno de Portugal* (M. S.). Morreu a 27 de Dezembro de 1640 quando contava 59 anos de idade. Veja-se também, acerca desta figura, Artur de Magalhães Basto, 1940: 1 e 4, onde se dá conta que Diogo Lopes de Sousa, Governador da Relação, cedeu a sua moradia – Paço dos Condes de Miranda do Corvo – situada na íngreme rua que hoje tem o nome de Corpo da Guarda e durante muito tempo se chamou Calçada da Relação, para aí se instalar o Tribunal da Relação (cf. fig. 22).

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quintilha, que obedece ao esquema ABAAB.



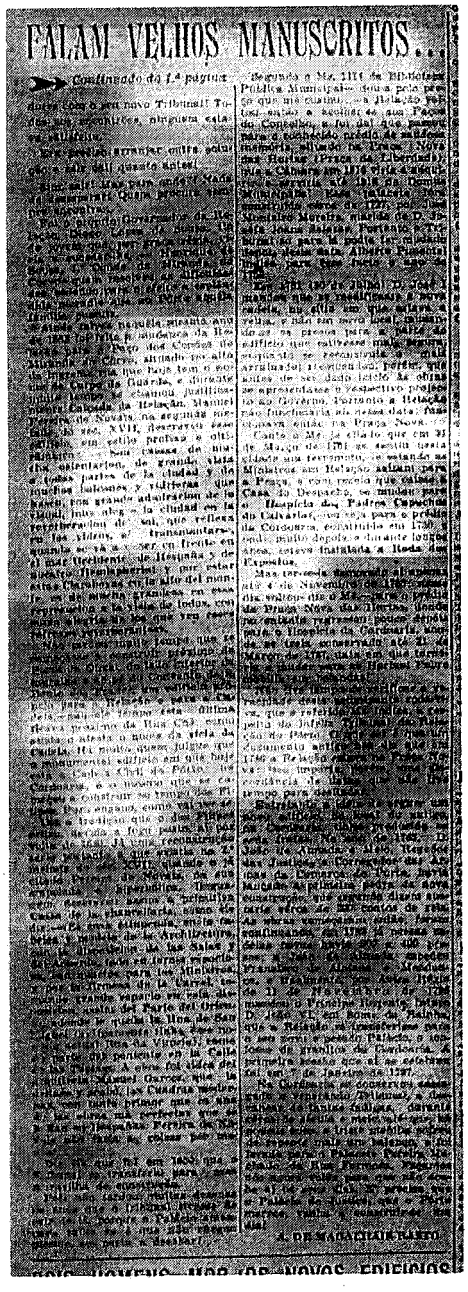
FALAM VELHOS MANUSCRITOS...

453

AS ANDANÇAS DO TRIBUNAL DA RELAÇÃO

S POBRESINHOS

Fig. 22. Diogo Lopes de Sousa – Governador da Relação do Porto. P. 1 do periódico portuense «O Primeiro de Janeiro» de 29 de Novembro de 1940 da Biblioteca Pública Municipal do Porto



FALAM VELHOS MANUSCRITOS...

P. 4 (continuação)

38.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 25r-25v

Décimas

Havendo-lhe Manuel Maio chamado em ũs versos Marcial Português

Não sei agora o que faça
comparado a Marcial,
que ter graça em dizer mal
para ũ Cristão é desgraça;
dera eu queixumes na praça
de quem Marcial me fez,
porém calo em quem me pês
e não coço onde me come
por não dar azos ao nome
de Marcial Português.

A lira do Mantuano
não moveu fábrica tal,
querer fazer outro igual

Leg. Manuel Maio – provavelmente Manuel Maio de Macedo. Segundo Diogo Barbosa Machado (1998: III, 299), era natural do Porto e foi um célebre professor de medicina, destacando-se ainda pela sua cultura literária. Escreveu *Tratado ácerca da incorrupção do Arcebispo de Braga D. Lourenço Vicente, que morrendo no anno de Christo 1397. foy achado o seu cadaver a 4 de Junho de 1663.*

7. pés – variante antiga de *pese.*

11. lira do Mantuano – lira de Virgílio ou poesia(s) de Virgílio, grande poeta romano da região de Mântua.

ao grão Marcial Romano[;]
espírito soberano

faz parecer que se anima
a criar matéria-prima[,]
fingindo de ũ quasi nada
a veia mais engraçada
de quantas a fama estima.

14. Marcial Romano – Marco Valério Marcial (40-104) foi um dos mais notáveis escritores hispano-romanos de epigramas satíricos da antiguidade.

O poema é formado por versos heptassilábicos agrupados em décimas, com esquema rimático do tipo ABBAACCDDC.

39.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 25v

Do mesmo

A Pantaleão de Seabra de Sousa

O ilustre ramo dos Sousas
no meu Seabra enxertei;
pegou e Sousa fiquei,
que assi se pegam as cousas.

Leg. Pantaleão de Seabra de Sousa – segundo Diogo Barbosa Machado (1998: III, 504), nasceu no Porto e foi cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Dotado de uma sólida cultura humanística, compôs diversos poemas em latim, alguns dos quais ficaram inéditos. Era *Irmão Nobre* da Santa Casa da Misericórdia (f. 6v) como comprova o documento a seguir reproduzido (fig. 23).

1. O ilustre ramo dos Sousas – Segundo Felgueiras Gayo (1938: Tomo XXIX – Título de Sousas) «a Familia de Souzas he a mais antiga que se encontra na nossa Hespanha Portuguesa, e por antonomazia = a Portuguesa =O conde D. Pedro diz: que principiara na restauração de Hespanha».

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABBA.

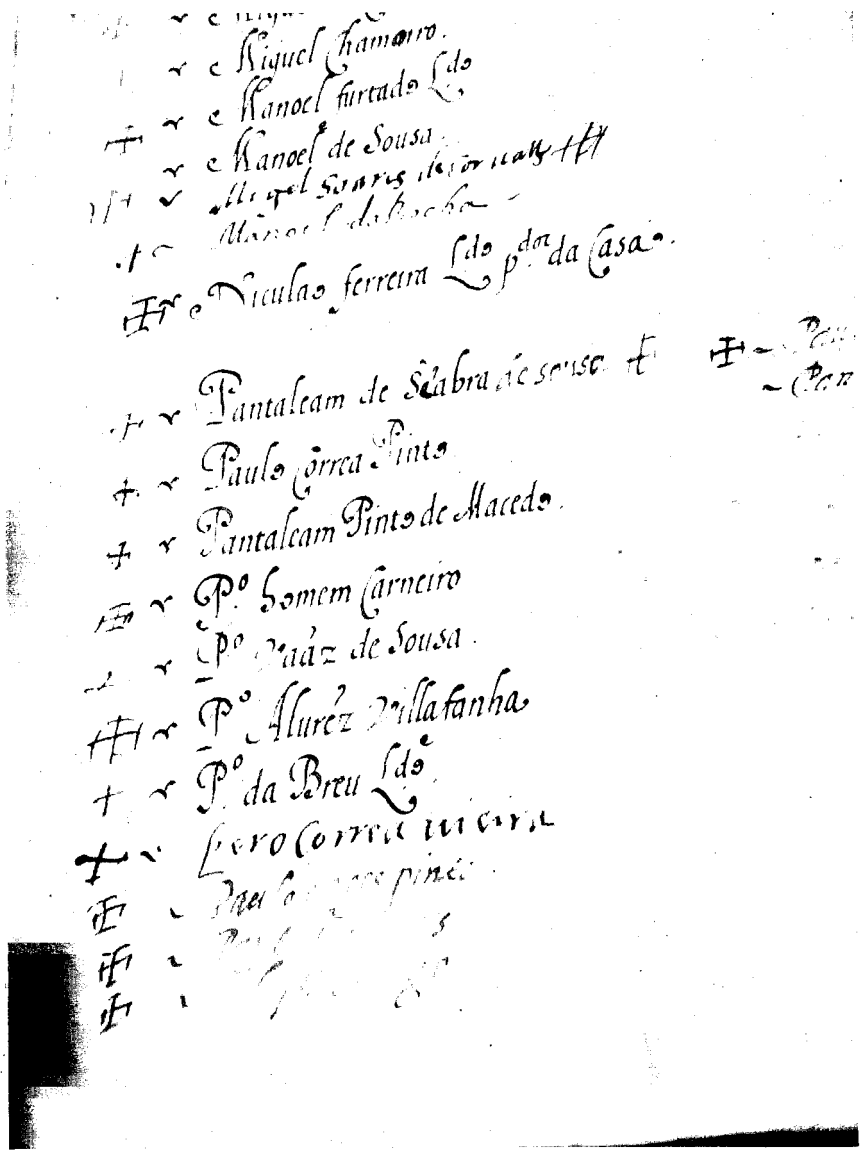


Fig. 23. Pantaleão de Seabra de Sousa – «Irmão Nobre» da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

F. 6v do livro dos «Irmãos Nobres» da Santa Casa da Misericórdia do Porto do Arquivo Histórico da Misericórdia do Porto

40.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 25v

Do mesmo

Mandando-lhe ũ amigo ũ Melão letrado

O melão é muí fermoso[;]
se for mau sendo Letrado,
poderá ser Advogado,
pois o é Gaspar Cardoso[1].

---

[1] Gaspar Cardoso era um Advogado mau de Barcelos.

Leg. melão letrado – variedade de melão.

3. e Nt. 1. Gaspar Cardoso – Certamente Gaspar Homem Cardoso, advogado da cidade do Porto. Veja-se, a propósito desta figura Artur de Magalhães de Basto, 1954: 1 e 3 – onde se retrata uma pequena discussão de princípios políticos enxertada na famosa Contenda da cidade do Porto com o 2º Conde de Penaguião, renhido processo que correu nos tribunais durante as duas primeiras décadas do século XVII (cf. fig. 24); e 1954a: 1 e 3, onde se dá conta da resposta do Doutor Gaspar Homem Cardoso, advogado da cidade do Porto, rebatendo as afirmações do advogado do 2º Conde de Penaguião (cf. fig. 25).

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABBA.



Falam Velhos Manuscritos...

O espírito de liberdade, autonomia e independência do velho burgo do Porto

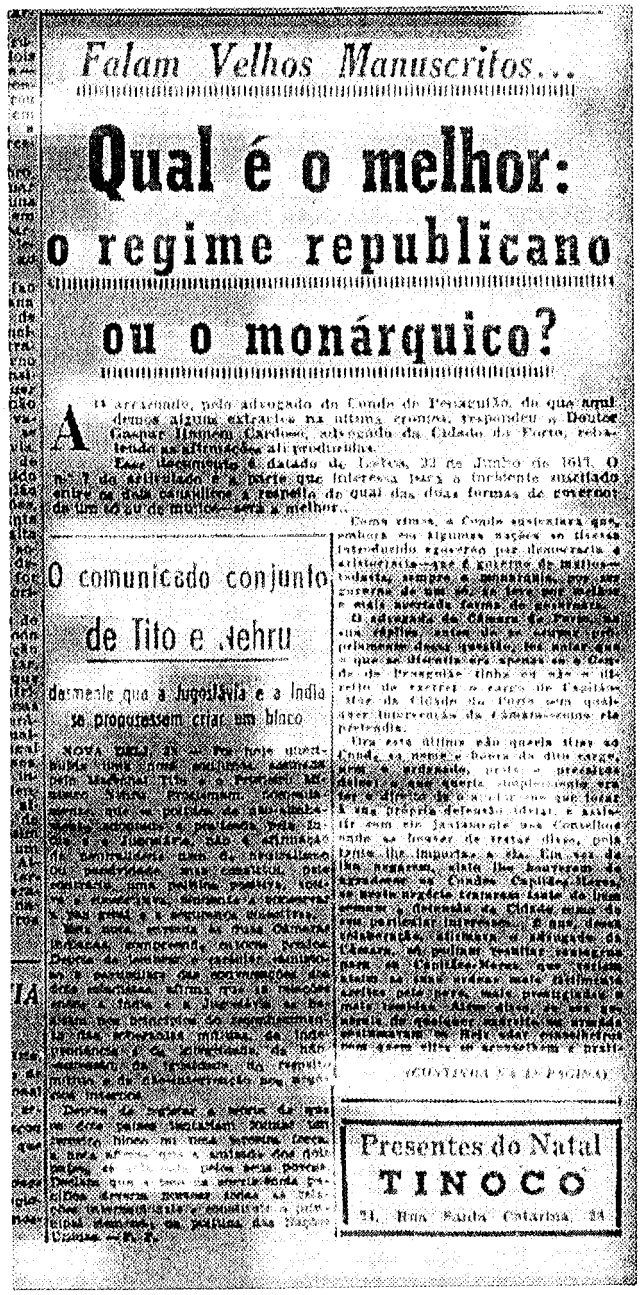
«NOS fins do século décimo-quarto, o Porto ia ainda longe do [illegible] quem assim visse o burgo [illegible] cupal [illegible] cingindo a rua da Igreja e defen[illegible] muros [illegible] um empeno de pedra [illegible] qual pensaria [illegible] burgo [illegible] nenhuma outra povoação [illegible] Porto [illegible] vida, a que [illegible] pendência e liberdade.

Estas sentimentais palavras da narrativa [illegible] Arnaldo Gama, são inteiramente verdadeiras; mas têm talvez o defeito de poderem induzir os seus leitores a julgar que apenas no século XIX a burguesia portuense deu exemplos de seu [illegible] na realidade — amor tenaz da autonomia, de independência e liberdade.

Ora não foi bem assim. «Estes altivos e orgulhosos burgueses nunca abaixaram voluntariamente a cabeça a desigualdades que rebaixam o homem perante o homem, e que inspiram sempre as razões e as baixezas que reanimadas pela rudeza brutal da idade-média, ainda hoje se teceriam [illegible] Arnaldo Gama na cena de seu [illegible] ainda hoje são nossa [illegible] que há-de manchar eternamente as [illegible] das nações, que mais valem na [illegible] da actualidade [illegible] nos [illegible] tempos, o Porto [illegible] [illegible] para exaltar, para [illegible] [illegible] nos [illegible] [illegible] [illegible]



P. 3 (continuação)



Falam Velhos Manuscritos...

Qual é o melhor:

o regime republicano

ou o monárquico?

A propósito, pelo advogado do Conde de Penaguião, de que aqui demos alguns extractos na última crónica, respondeu o Doutor Gaspar Ximenes Cardoso, advogado da Câmara do Porto, redactor-tenente na afirmativa ali produzida.

Esse documento é datado de Lisboa, 22 de Junho de 1617. O n.º 1 do articulado é a parte que interessa para o incidente suscitado entre os dois candidatos a resposta do qual das duas formas de governo, de um só ou de muitos, será a melhor...

Como vimos, o Conde sustentara que, embora em algumas nações se tivesse introduzido governo por democracia e aristocracia — que é governo de muitos — todavia, sempre a monarquia, por ser governo de um só, se teve por melhor, e mais usitada forma de governo.

O advogado da Câmara do Porto, na sua réplica, entre outras coisas, começa por perguntar donde aquelle, ou antes que, o que se dizendo era apenas o Conde de Penaguião tinha ou não o direito de exercer o cargo de Capitão-Mor da Cidade do Porto sem qualquer intervenção da Câmara — como ela pretendia.

Uma vez ultimo não queria dizer o Conde, ao nome e honra de dito cargo, era o ordenado, pois o precatado dalmo ou que queria simplesmente ver se o direito de [illegible] que lhe era a sua própria defesa obviar e acudir em sua jurisdição aos Conselhos onde se tratar disso, pois tanto lhe importava a ela. Em vez de lhe negarem, visto lhe haverem de apresentar os Cinco Capitães-Mores, se nesta região existiram tanto de um como a defensão da Cidade como de seu particular interesse. E que, dessa intervenção, ultimava o advogado da Câmara, se podiam tomar vantagens para os Capitães-Mores, que vinham assim a ter uma ordem mais distinta contra pelo povo, mais prontidão e mais certeza. Mas disse, já que tanto queriam os Capitães-Mores, que vinham



FALAM VELHOS MANUSCRITOS...

Continuação da 1.ª página

NA TROFA

FOI INAUGURADA

UMA BIBLIOTECA PÚBLICA

P. 3 (continuação)

41.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 26v

Outro

À sepultura de ũa Dama célebre do seu tempo

Aqui jaz Dona Genebra,
de que o Mundo fez grão caso;
quebrou porque era bom vaso,
que vaso mau nũca quebra.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABBA.

42.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 27r-27v

Soneto

A Joaquim de Mendonça, sobre haver feito ũa glosa ao mote que se fez na tresladação de S. Pantaleão no Porto no ano de 1610

Ninguém a ser Poeta só se aprova
por ler em Italiano obras algũas,
que presto ficará sujeito às luas,
como de algũs exemplos bem se prova.

Custa ao Mendonça ũ soneto ou trova
andar doudo formado pelas Ruas,
falando com perdão das brancas suas
que cada manhã tem ũa tinta nova.

Leg. S. Pantaleão – Natural de Nicomédia, chegou a ser médico do Imperador Maximiano. Denunciado por colegas, seria vítima da perseguição desencadeada no tempo de Diocleciano contra os cristãos, falecendo cerca de 305. São Pantaleão é o padroeiro da cidade do Porto, que acolheu as suas relíquias, trazidas por cristãos arménios que, tendo fugido aos Turcos em 1453, se instalaram na zona de Miragaia. As relíquias foram primeiro depositadas na Igreja de S. Pedro de Miragaia, sendo trasladadas para a Sé a 12 de Dezembro de 1499, no tempo do bispo D. Diogo de Sousa. Ignoramos a trasladação a que se refere o texto.

2-3. Estes versos apresentam rima incompleta.

8. O verso tem 11 sílabas, a menos que admitamos a sinérese em *ũa*.

Quem não andar vestido de gramática[,]
faixado de sutil filosofia[,]
informado mui bem na Matemática;

do natural sem arte bem se ria[;]
se poeta não for por arte mágica,
é muito que lhe escape ũa heresia?

Trata-se de um soneto de versos decassílabos, com esquema rimático do tipo ABBA/ ABBA/ CDC/ DCD.

43.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 27v

Outro

Se algũ destes que calçam ponto agudo
agudezas vendendo ficar rombo,
socorra-se ao vezinho velho Tombo,
que por Lunares cursos sabe tudo.

Aquele que de sábio e de sisudo
anda em perenes voltas como pombo
e que o monte Parnaso traz no lombo,
de natural sem arte nem estudo;

aquele que vomita as heresias
e que traz a Marrocos encerrado
co'a parte mor de Itália no seu peito;

este o Juiz será das poesias,
para que, como é arrenegado,
'té nas cousas de Deus dane o conceito.

---

3. socorrer-se a – no sentido de recorrer pedindo auxílio.

3. tombo – segundo Morais, aplica-se, em sentido figurado, a indivíduo muito noticioso e erudito ou ao que sabe as notícias e anedotas da terra onde vive, conhece tudo e dá informações de todos.

Trata-se de um soneto de versos decassílabos, com esquema rimático do tipo ABBA/ ABBA/ CDE/ CDE.

44.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 27v-28r

Redondilhas

A ũ homem que lhe emendou ũ soneto seu e lhe meteu diamantes e muitas pedras preciosas

Homero grego preitez,
que teve tão gorda veia,
não pôs mão em cousa alheia
/*sem gosto/ de quem a fez.

Virgílio de Homero Mono,
que tão fermoso escreveu,
em nada se entremeteu
sem licença de seu dono.

Vossa Mercê por seu gosto,
qual ele foi não me meto,
deu a ũ pobre de ũ soneto
ũ grão gilvaz pelo rosto.

Qui-lo tirar de trabalhos
e porque pobre vivia,

1. preitez – adj. seguro e confiado no preito; fig. ufano, confiado.

5. mono – macaco. Supomos que o termo é aqui usado no sentido de *imitador*.

o entulhou de pedraria
com mais de cem mil bisalhos.

E assi colunas, cristais,
planchas de ouro e alvas pernas
são tudo pedras modernas
não vistas dos Naturais.

---

16. bisalho – pequeno saco de transportar jóias.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em quadras, que obedecem ao esquema ABBA.

45.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 28v

Outro

Ao Maltês Bernardo Pereira, fugindo de ũ barqueiro que lhe quis dar com ũa vara

Levava as asas nos pés
por fugir da vara ao peso,
porque inda que era Maltês,
parece que era mal teso.

Leg. e v. 3. Maltês – Provavelmente no duplo sentido de cavaleiro da Ordem de Malta e de indivíduo que ilude com trapaças, mentiroso, enganador.

Bernardo Pereira – talvez o filho de Bernardo Pereira que, segundo Alão de Morais (1997: Tomo I, vol. II, 573-575), viveu no Porto, e de Susana Carneiro, filha de Simão Correira e de Catarina Carneiro. Foi Maltês, cavaleiro do hábito de S. João de Malta e Comendador de Roças. Teve filhos ilegítimos de Maria Carvalha, criada de servir. Foi também *Irmão Nobre* da Santa Casa da Misericórdia (f. 4v.) como testemunha o documento que a seguir se reproduz (fig. 26).

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABAB.

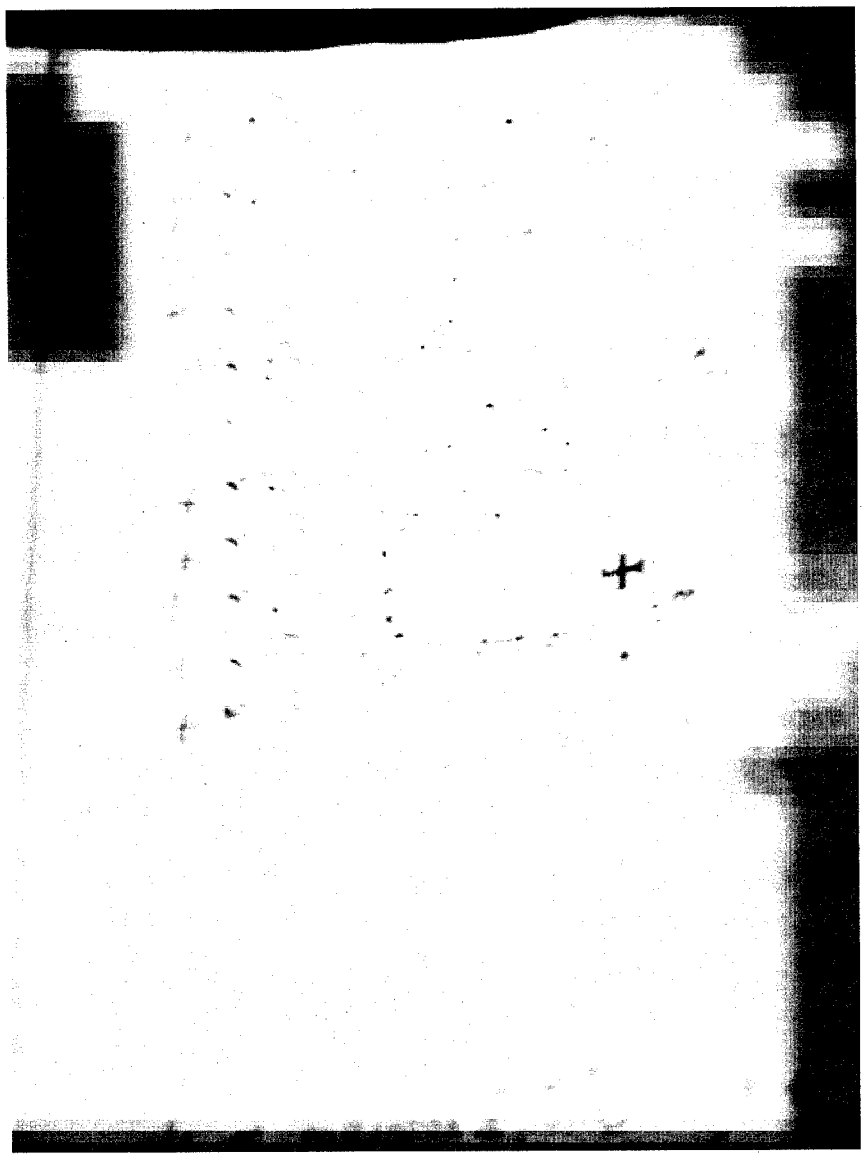


Fig. 26. Bernardo Pereira – «Irmão Nobre» da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

F. 4v do livro dos «Irmãos Nobres» da Santa Casa da Misericórdia do Porto do Arquivo Histórico da Misericórdia do Porto

46.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 36r

Mote

A Henrique de Sousa, 1.º Conde de Miranda, que sendo Governador do Porto fez ũ bragantim, perguntando ao A. que lhe parecia

Está mui belo e galante,
mas parece-me a mim
que é pequeno o Bragantim
para tão grande Bargante.

Leg. Trata-se de Henrique de Sousa Tavares, a quem o título de Conde de Miranda do Corvo foi atribuído por Carta de 1611, de Filipe II (III). Segundo Diogo Barbosa Machado (1998: I, 669), foi Conselheiro do Estado, Governador da Relação do Porto, Comendador de Alvalade na Ordem de Cristo e pai de Diogo Lopes de Sousa, 2.º Conde de Miranda do Corvo. A propósito de Diogo Lopes de Sousa veja-se a peça n.º 37 e as notas respectivas.

3. bragantim – variante antiga de *bergantim*, veleiro.

4. bargante – libertino, velhaco.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABBA.

47.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 36r

Outro

A ũa N. Vieira, que usava mal de seu corpo

Vi-eira em que se malhava;
mas eu já nũca Vi-eira
malhada desta maneira.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados num terceto, que obedece ao esquema ABB.

48.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 36v

Outro

A ũa mulher do Porto chamada N. Cortês

Não sei se por ser do Porto
ou por ser bom Português,
cortesia me tem morto,
pois morro por ser Cortês.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABAB.

49.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 37r

Quarteto

A ũ N. Sício de Barcelos que tinha fama de cristão-novo e era Meirinho

Descendente de Israel
e verdugo por oficio:
quando Cristo disse *sitio*,
lhe destes a beber fel.

---

3. *sitio* – forma verbal latina: *tenho sede.*

3-4. Jo, 19: 28-30 – O *vinagre* diluído em água era um refresco (a *posca* romana), usado pela gente humilde e pelos soldados. Os Sinópticos também falam do vinagre dos soldados (Mt, 27:48; Mc, 15: 36; Lc, 23: 36), além do vinho com mirra (Mc, 15:23), de efeito analgésico e oferecido antes da crucificação; Mt, 27:34 dá-lhe o nome de *vinho misturado com fel*, para o leitor ter mais facilidade em recordar o Sl 69, 22, que então se cumpria e que todos se dispensaram de citar.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABBA.

4.

Poemas de temática clerical

50.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 4v-5r

Outras

Do mesmo autor

Mandando-lhe ũas freiras, entre outros doces, ũ pipino de conserva

Vendo em conserva o pipino
que a esta casa veio dar,
me fui, Senhoras, lembrar
doutro que desde menino
nũca soube conservar.

Tal que se o mandasse agora
dentro a essa casa a ũ mandado,
temo, por mal conservado,
que ao pau o botassem fora
desse convento sagrado.

Dá-se esta fruta excelente
nũ mosteiro junto a esse[;]
daqui passa encontinente
para essa casa, onde cresce
'té lhe cair a semente.

Leg. Outras – entenda-se: Quintilhas.

13. encontinente – adv., variante antiga de *incontinente*.

Aí se lhe faça a festa,
e é bem que esteja em conserva,
pois que para a casa presta,
que não tenho gado nesta
que ponha olho em tal erva.

Quando já fora ũ treslado
dos brincos que nessa há,
sempre fora festejado,
mas pois esse ficou lá,
o pipino veio errado.

Para esta esgrima na mão
ninguém tal arma me meta,
que onde o cabelo está são
bem se escusa a espada preta
se há-de dar golpes em vão.

Pendurada estará aqui
com outra que andou comigo
nas guerras onde me vi,
guerras que nũca venci,
com ter debaixo o inimigo.

---

29. espada preta – segundo Morais, aquela que não tem ponta ou que a tem embolada com um botão; serve para aprender a esgrimir ou jogar da branca.

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados em quintilhas, com esquema rimático do tipo ABBAB (est. 1 e 2), ABABA (est. 3, 5 e 6) e ABAAB (est. 4 e 7).

51.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 9v

Outro

A ũa Freira que preguntou ao seu amante por que só quando a via punha óculos

No estado em que estou posto,
Senhora, estou de maneira
que por não ver outro rosto
mais que ũ só que é de meu gosto,
trago a vista na algibeira.

Leg. Outro – entenda-se: Mote.

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados numa quintilha, com esquema rimático do tipo ABAAB.

52.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 9v

Outro

Que lhe mandou ũa Freira que se fez Beata

Tem-me mostrado a ventura
todo o bem que em si contém[;]
quis bem, quiseram-me bem,
mas não há cousa segura
como da Ventura vem.

Reposta do Tavares

Quem do Mundo se recata
fuja dele de maneira
que salte de puta a freira,
porque de Freira a Beata
arrepia-se a Carreira.

O poema de Tomé Tavares é formado por versos de redondilha maior, agrupados numa quintilha, com esquema rimático do tipo ABBAB.

53.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 28r-28v

Mote

A ũa freira de Santa Clara que se lhe mudou a voz com a idade e falava com ũ frade do Desembargador Antão Mendes

Cantastes bem algũa hora,
porém já graça não tendes,
que sois nora de Antão Mendes[;]
Antão cantais como Nora.

Leg. Santa Clara – Certamente o Mosteiro de Santa Clara que, segundo J. Augusto Ferreira (1928: 25-27), teve origem, no meado do século XIII, na freguesia ainda hoje chamada *Santa Clara do Torrão*, vulgarmente denominada de *Entre-Ambos-os-Rios*, por estar na confluência do Tâmega com o Douro, concelho de Marco de Canaveses. A experiência dos tempos revelou a necessidade da mudança do Convento para outro lugar, pelo que Mestre Frei João Xira, visitador do Convento e confessor d'el Rei D. João I, pediu à rainha D. Filipa de Lencastre que interferisse a fim de o mudar para a cidade do Porto. A primeira pedra foi lançada a 28 de Março de 1416.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABBA.

54.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 28v

Outro

Indo ao Mosteiro de Moreira onde lhe deram muito mal de jantar

Quem de fastio não come
vá a Moreira, que eu lhe fio
que se lá for com fastio,
que venha de lá com fome.

Leg. Mosteiro – provavelmente o mosteiro de Agostinhos que houve em Moreira, concelho da Maia.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABBA.

55.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 29r

Outro

A ũas Beatas que foram a Vilar de Frades e dando-lhe de merendar, furtaram os pratos e faziam despois Romarias aos Capuchos do Bom Jesus e a Nossa Senhora da Franqueira

Muito bom é visitar
o Bom JESUS e a Franqueira,
mas melhor fóra tornar
os pratos de Talaveira
ao sancristão de Vilar.

Leg. Outro – entenda-se: Mote.

Vilar de Frades – situado na actual freguesia de Areias de Vilar, Barcelos, era um antigo mosteiro beneditino, que, no século XV, passou a acolher uma comunidade de Lóios.

Nossa Senhora da Franqueira – provável alusão à Ermida existente no Monte da Franqueira, freguesia de Pereira, Barcelos.

4. Talaveira – de Talavera de la Reina, importante centro de produção de louça e cerâmica.

5. sancristão – variante de *sacristão*.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quintilha, que obedece ao esquema ABABA.

56.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 35r-35v

Mote

Que fez ao Chantre do Porto, que falava com ũa freira de Vairão, a qual lhe pôs os cornos, e ele indo lá lhe tomou ũa pouca de prata e ũas peças que lhe pediu ao engano

O chantre foi a Vairão[;]
foi cornudo e veio ladrão.

---

1. Vairão – freguesia do concelho de Vila do Conde, onde houve um mosteiro *duplex* beneditino.

2. O verso tem 8 sílabas, a menos que pronunciemos *veio* como monossílabo, realização para a qual poderá apontar a forma *veo* do original manuscrito.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados num dístico com rima emparelhada.

57.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 35v

Outro

A ũa Freira de Monchique que falava com dous amantes no mesmo dia

Amor falso lisonjeiro,
digo das Freiras não mais;
jantam com Jorge Carneiro[I],
ceiam com Paulo Novais[II].

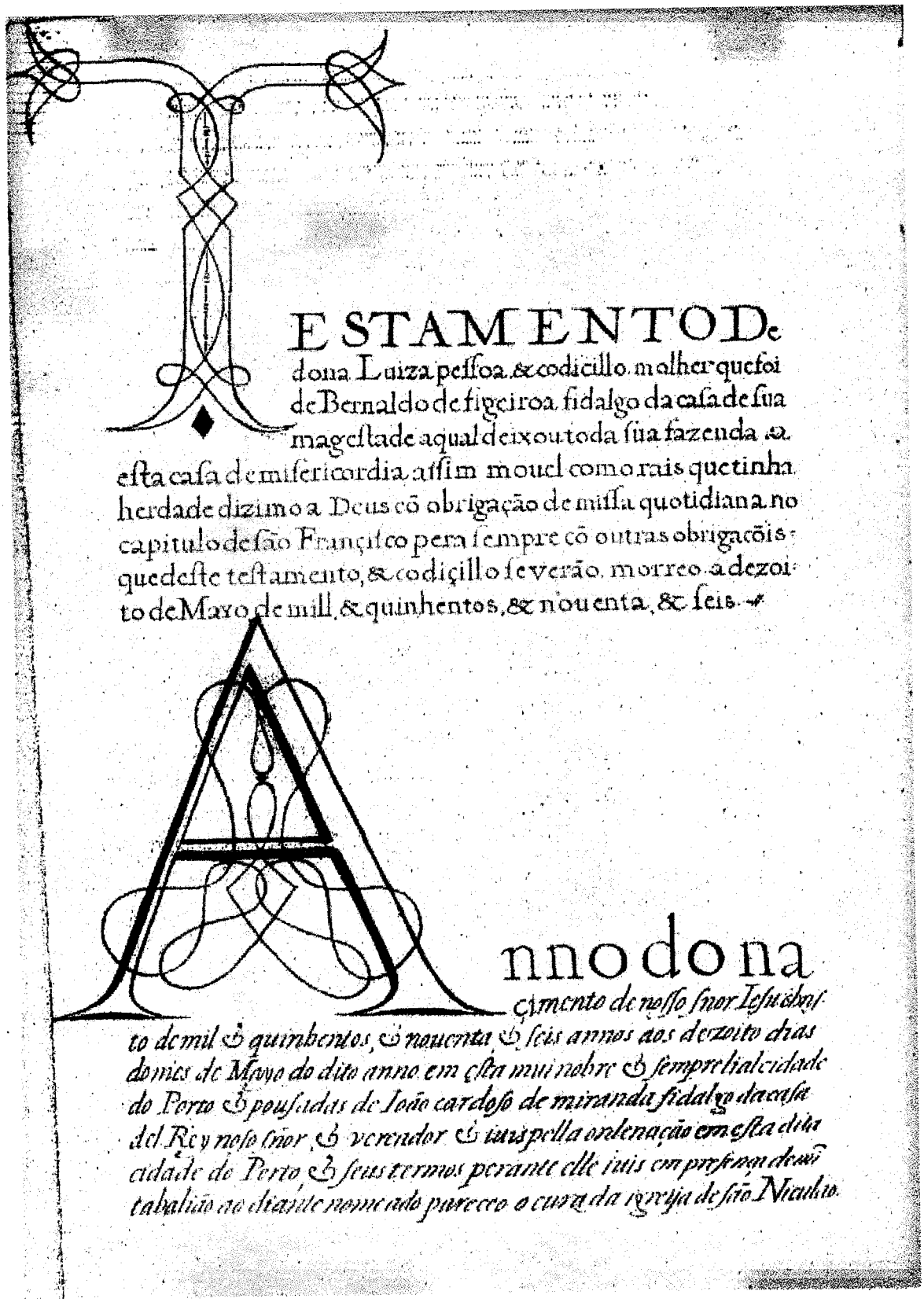
[I] Pai de Gaspar de Anhaia.

[II] Abade de Silva Escura, da Maia.

Leg. Monchique – o convento da Madre de Deus de Monchique, de freiras franciscanas, situado em Miragaia.

3. Jorge Carneiro – certamente Jorge Carneiro de Anhaia, primo de Tomé Tavares. De acordo com Alão de Morais (1997: Tomo I, vol. II, 592-593), foi cidadão muito honrado do Porto e Vereador em 1619. Era filho de Gaspar de Anhaia, fidalgo (como corrobora o *Testamento de Luísa Pessoa*, f. 61), cavaleiro da casa de El-Rei, cidadão do Porto, e da sua segunda mulher Isabel Carneiro (irmã da mãe do nosso poeta, Joana Carneiro). Casou com D. Paula de Sousa, de quem teve Gaspar de Anhaia de Meneses (que «era manco e homem de muita graça» e foi Vereador no Porto em 1671 e 1672). Veja-se ainda a propósito de Gaspar de Anhaia os documentos a seguir reproduzidos (figs. 27 e 28).

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABAB.



ESTAMENTODe
dona Luiza peſſoa & codicillo molher quefoi
de Bernaldo de figeiroa fidalgo da caſa de ſua
mageſtade aqual deixou toda ſua fazenda a
eſta caſa de miſericordia aſſim mouel como rais quetinha
herdade dizimo a Deus cõ obrigação de miſſa quotidiana no
capitulo de ſão Françiſco pera ſempre cõ outras obrigacõis
quedeſte teſtamento, & codiçillo ſe verão. morreo a dezoi
to de Mayo de mill & quinhentos, & nouenta & ſeis

Annodona
çimento de noſſo ſnor Ieſu xpo
to de mil & quinhentos & nouenta & ſeis annos aos dezoito dias
domes de Mayo do dito anno em eſta muj nobre & ſempre liall cidade
do Porto & pouſadas de João cardoſo de miranda fidalgo da caſa
del Rey noſſo ſnor & vereador & iuſtiça pella ordenação em eſta dita
cidade do Porto & ſeus termos peramee elle iuiz em preſença de mj
tabalião ao diante nomeado pareceo o cura da igreja de ſão Nicolao

Fig. 27. Testamento de Luísa Pessoa (excerto)

F. 61 (H. Bco. 6, nº 17) do Arquivo Histórico da Misericórdia do Porto

assinar & como testemunha Thome gtz.

Aprouação.

Saibão quantos este estromento de aprouação de cedula & testa-
mento virem que no anno do nacimento de nosso snor Jesu christo de
mill & quinhentos, & noventa & sete annos aos vinte & sete dias
do mes de fevereiro do dito anno na mui nobre, & sempre leal cidade
do Porto, & rua nova della pousada das da morada da snora dona
Luisa pessoa dona viuua molher do snor Bernaldo de Seixas fi-
dalgo ia defunto, estando ella dita snora dona Luisa pessoa hi
presente conhecida por mim tabalião de suso nomeada em hũa cama dor-
te & enferma de doença que o snor Deus lhe deu, & em todo seu
siso memoria, & entendimento como todo foi visto por mim ta-
balião, & testemunhas todo ao diante nomeado logo por ella
dita snora dona Luisa pessoa de sua propria mão a de mim taba-
lião foi dado este testamento, e qual testamento disse que era sua
manda & derradeira vontade todo o nelle escripto o qual lhe
escreuera seu fiel escriuão que para isso escolhera & por ella assi
nara, & quer, & manda que todo se cumpra por seu falleci men
to como nelle se contem, e qual testamento esta escripto entre
meas folhas de papel todas escriptas de hũa banda & outra cõ
mais vinte & neue regras, & mea na lauda atras onde ao pre
dellas comesei esta aprouação o que tudo quer que se cumpra
como nella se contem, & que para mais abastança de tudo man
dara chamar a mim tabalião para que lha aprouasse a qual-
eu tabalião aprouei & ouue por aprouado quanto em direito
pesse, & deue de que forão testemunhas atodo presentes Luis bra
dão, Francisco aluares de seabra. Gaspar de anbaya, Nuno taua-
res, & Bras de faria, & Balthezar de couto fidalgos morado-
res na dita rua nova, & Antonio gonçalues criado della dita
dona Luisa pessoa, & eu Nicolao velho tabalião publico de no-
tas por el rei nosso snor na cidade do Porto, & termos por mas se-
tas da dita manda apedir della dita dona Luiza pessoa onde
assinarão todas as testemunhas atras nomeadas por ser mencia-
madas, & rogadas para isso & assinou a rogo della dita dona
Luiza pessoa o dito Francisco aluares de seabra por estar fraca

F. 61 (continuação)

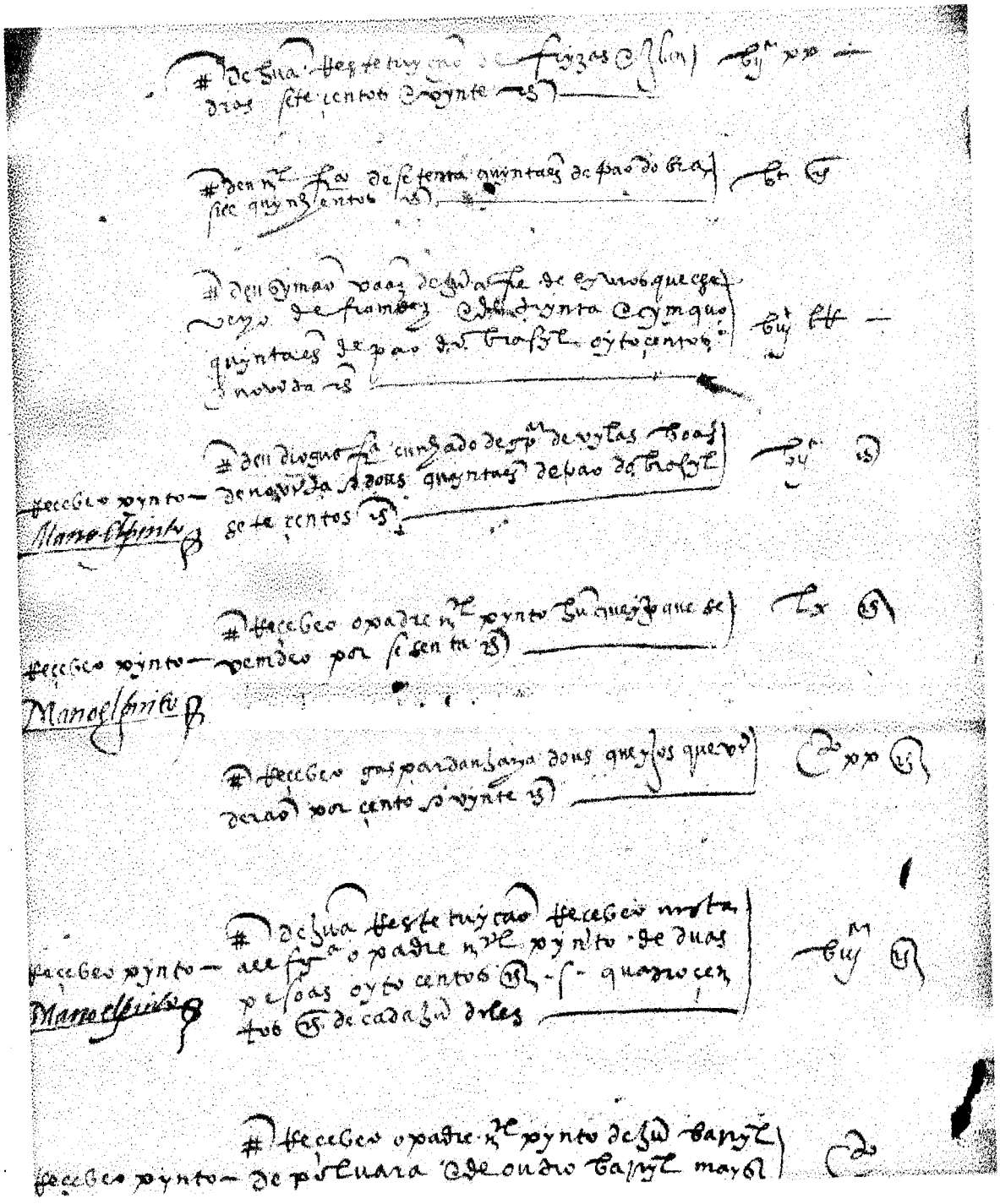


Fig. 28. Gaspar de Anhaia – Importador de queijos.

F. 80v (livro 109º) do «Cartório do Cabido da Sé do Porto» do Arquivo Distrital do Porto

58.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 35v-36r

Quintilha

A ũa freira de Viana, mandando ao Autor ũ frango com ũs colhões espetados

Há em Viana e Aveiro
de espetar várias feições:
Viana espeta colhões,
mas o espetar verdadeiro
é de Aveiro os Mexilhões.

Estes merecem espetados
com todo o fero rigor;
mas não os colhões coitados,
que são tambores de Amor
nos assaltos namorados.

Espetai e usai rigores
com mexilhões e com cricas,
posto que passem mil dores,
mas não os passeis por picas
como Soldados traidores.

---

12. crica – em sentido próprio designa uma espécie de berbigão, ao passo que em sentido figurado designa o órgão sexual feminino.

14. pica – uma espécie de lanças; conotativamente, significa o órgão sexual masculino.

Ah!, não deiteis a perder
iguaria tão subida;
que é maldade conhecida,
de quem não pode comer,
esperdiçar a comida.

---

20. esperdiçar – o mesmo que *desperdiçar*.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em quintilhas, que obedecem ao esquema ABBAB (est. 1 e 4) e ABABA (est. 2 e 3).

5.

Outros

59.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 8r

Outro

A ũ fidalgo que indo menino para a Aldeia veio despois às festas de S. João sem saber falar

Para o monte fui no berço
como o Santo destas festas;
ele conversava bestas,
eu de besta não converso.

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, com esquema rimático do tipo ABBA.

60.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 8r

Outro

A ũ Judeu, que sendo culpado nũ ofício que servia, se livrou com dar ũ gato de dinheiro

Não há já que temer, não,
que quem dá, segura o trato,
que onde houver quebrar a mão,
haverá queda de cão
que fique em pé como gato.

Leg. gato de dinheiro – embora não tenhamos encontrado registo dicionarizado da expressão, o contexto parece sugerir um significado próximo de *suborno*.

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados numa quintilha, com esquema rimático do tipo ABABA.

61.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 8v

Outro

Aos Baiões, que sendo três irmãos ũ matou o outro e o terceiro fez degolar o matador. Epitáfio

Aquí jaz Caim e Abel,
esperando o outro Irmão
que deu Caim à prisão.

Leg. Baiões (...) três irmãos – de acordo com Alão de Morais (1997: Tomo III, vol. II, 380-381), Francisco Baião de Magalhães, Escrivão da Câmara de propriedade do Porto, casou com Maria Vieira Dinis, tendo como filhos naturais Fernão Baião de Magalhães, João Baião e D. Leonor de Magalhães, depois freira em S. Bento do Porto, e como ilegítimo Rodrigo Baião, mais tarde Escrivão da Câmara da cidade. Fernão Baião de Magalhães foi um "terrível homem", morrendo degolado no Porto a 14 de Junho de 1621 por matar seu meio-irmão Rodrigo Baião e um outro homem na cadeia. Foi João Baião, filho segundo de Francisco Baião de Magalhães, quem mandou prender e degolar o seu irmão Fernão.

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados num terceto, com esquema rimático do tipo ABB.

62.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 8v

Outro

Ao Abade de Gestaçô, que por não residir na Igreija se fez legado da Sé Apostólica

Legou-me a Velhacaria
meu Gestaçô, como a vós
há-de legar algũ dia,
que por vós nũca eu diria
que sois legado de Dios.

Legenda. Gestaçô – povoação e freguesia do concelho de Baião.

5. Dios – *Deus*, em espanhol.

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados numa quintilha, com esquema rimático do tipo ABAAB.

63.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 9r

Outro

À mulher do Juiz de Barcelos, que sendo mui pequena trazia touca muito alta[1]

Em tão pequena barquinha
metestes tão grande vela
que temo se vire asinha,
que do Juiz a varinha
não basta para sostê-la.

[1] Assi Propércio, 3.7: «Non sunt apta meae grandia vela rati.».

Nt. 1. A citação pertence ao *Elegiarvm Liber Tertius*, IX, v. 4, de Sexto Propércio. Tradução: «velas tão altas não convêm ao meu navio».

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados numa quintilha, com esquema rimático do tipo ABAAB.

64.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 10r-10v

Décima

A ũ Fuão Carneiro casado com ũa Cristã nova, que logo emprenhou; é do Tavares

Ũ Carneiro de semente,
filho de Ovelha ratinha,
conheceu ũa Cabrinha,
salva-nos, barrigalmente;
levedou-se-lhe o crecente
à cabra, porque o carneiro
é por casta sementeiro[;]
tomara agora saber
o que há dela de nacer,
se cabrito, se cordeiro.

---

9. o que há dela *está sublinhado. Ao lado vem a seguinte anotação:* equívoco, lendo-se o ca-dela.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa décima espinela, que recorre ao esquema ABBAACCDDC.

65.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 10v-11r

Redondilhas

A ũa Dama que deixou ũ velho por ũ moço

Sobeja razão à Dama
que aos velhos dá de mão,
pois para a Religião
da Companhia da cama
de nenhũ proveito são.

Jurado Amor tem já agora
de tais frades não tomar,
porque mortos por entrar,
saem {a} cada passo fora,
nũca podem professar.

E se de mil ũ professa,
não acha que é consciência
faltar em voto ou promessa;
guardam bem a obediência
no que é {a} baixar a cabeça.

---

9. Sem esta emenda, o verso ficaria com 8 sílabas.

15. Sem a aférese, o verso ficaria hipermétrico.

E quando por mais não fosse
dou-me por bem excluído,
pois no curral de Cupido
o boi que de velho tosse
nũca foi bem admitido.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em quintilhas, que obedecem ao esquema ABBAB (est. 1, 2 e 4) e ABABA (est. 3).

66.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 21v

Do mesmo, a ũs homens que bebiam muito vinho e tinham à sua porta ũ chafariz[1]

Ágoas, tornai-vos aos montes,
tornai-vos lá do caminho,
porque cá não querem fontes,
salvo se forem de vinho.

[1] Na Rua Chã do Porto.

Leg. e Nt. 1. chafariz na Rua Chã do Porto – O local onde se situa a Rua Chã era antigamente uma zona rural. Daí os topónimos *Chão das Eiras* ou *Rua das Eiras*. A sua existência é comprovada nos finais do século XIII (1923) e era constituída por duas partes: Rua das Eiras (do Arco de Vandoma até ao Corpo da Guarda) e a Rua Chã (do Corpo da Guarda até à casa nobre de João Rodrigues de Sá, mais tarde conhecida pelo nome de Paço da Marqueza de Abrantes). Na esquina da Rua do Cativo com a Rua do Cimo da Vila, deparamo-nos com a *Fonte do Cativo*, que outrora se encontrava na Rua Chã e, por isso, é ainda hoje conhecida como a *Fonte da Rua Chã*.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedecem ao esquema ABAB.

67.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 25v-26r

Quintilhas

A ũ moço e ũ velho que namoravam ambos ũa Dama

Não tomeis digo afeição
que caia já de madura
nem tão-pouco lanceis mão
da muito verde, que é dura;
colhei a fruta em sazão.

Se quereis saber quem sou
que vos dou tal desengano:
sou quem perdido ficou
por ũ buço soberano
que nesse rosto enxergou.

Beija a mão de Vossecê
este que mais não deseja
que entre vontades amigas
ver ocasião de brigas;
e sempre onde quer que esteja
tem dele Amor quatro figas.

---

11. Vossecê – o mesmo que *Vossa mercê*.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados em duas quintilhas, que obedecem ao esquema ABABA e numa sextilha final, com esquema rimático do tipo ABCCBC.

68.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 26r

Mote

A ũ homem que ia na procissão de S. Sebastião com o Autor e dezia muita parvoíce

Mártir São Sebastião,
pois fostes de Cristo page,
livrai-me desta selvage
que vai nesta procissão.

Leg. procissão de S. Sebastião – De acordo com Padre Luís de Sousa Couto (1972: 55-84), é uma procissão que teve origem em Voto. Fazia-se com as costumadas *Invenções* e *Danças*, pelo que se mandavam lançar pregões pela cidade para que na procissão comparecessem os Ofícios, Bandeiras e Castelos. Realiza(va)-se no dia 20 de Janeiro, em consequência da Peste que houve. A imagem de S. Sebastião tinha pendente da Seta do Coração uma chave dourada, que a mesma tradição ensina ser a do Postigo da Porta do Olival, que os cidadãos numa Procissão em tempo de Peste, metendo o Santo dentro da cidade, lhe entregaram para que a guardasse e defendesse do contágio. Veja-se, a propósito desta procissão, Artur de Magalhães Basto, 1936: 1 (fig. 14, p. 162) e 1951: 1 e 5 (fig. 29 da página seguinte).

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABBA.



FALAM VELHOS MANUSCRITOS...

Assim no Burgo de D. Moninho como na Corte de Luís XIV!

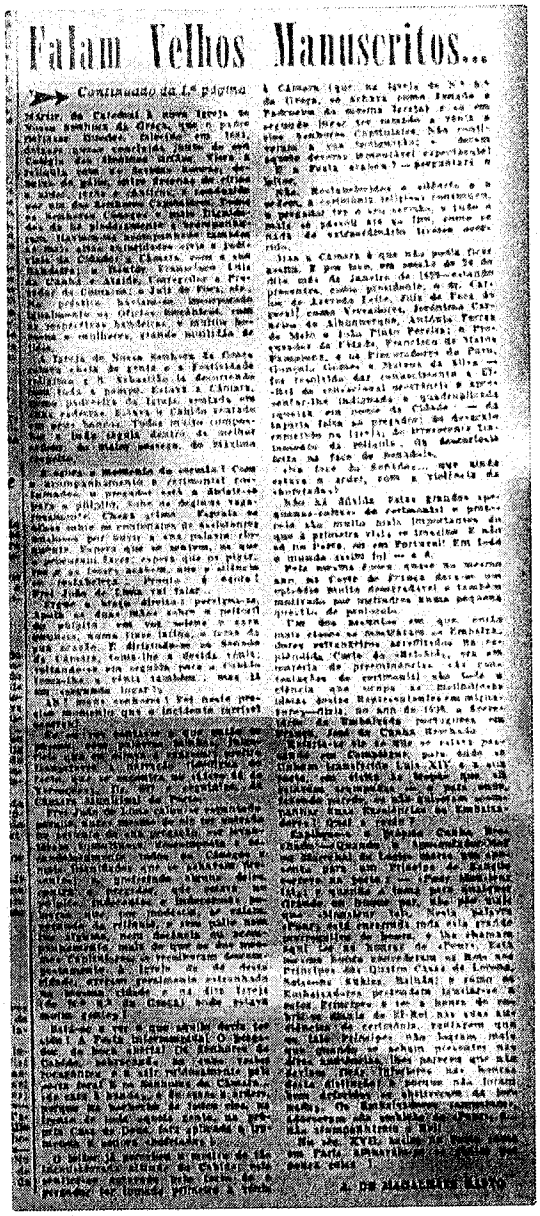
QUANDO, na solenidade da festa a missa do dia de Corpo de Deus do ano de 1718 os Senhores Vereadores da Câmara da cidade do Porto não foram incensados e tomaram essa falta de cerimonial honorífico como grave desconsideração; mas conti[illegible] se seus despeitos, e só depois, como vimos na última crónica, por meio duma carta, escrita em termos de mais perfeita cortesia manifestaram aos Reitores do Cabido o seu desgosto.

Foi esse um belo exemplo de cordura bem digno de ser registado.

Nem todos os encontrados antes [illegible]

Abundância de trigo no Canadá

OTTAWA, 16 — O Canadá terá [illegible]



Falam Velhos Manuscritos...

P. 5 (continuação)

69.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 26v

Outro

A ũ[a] custureira que lhe abotoava ũ gibão e o tinha no regaço em tempo de grande frio

Com estes frios que vão
só Deus sabe o como eu passo;
tenho-me eu c'o meu gibão,
que os passa nesse regaço
e ri-se bem do Verão.

Leg. Trata-se de uma gralha do original, que não hesitámos em corrigir.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quintilha, que obedece ao esquema ABABA.

70.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 29r

Outro

A ũ Ouvidor de Bracelos, que festejava S. João Crisóstomo porque nesses dias lhe mandavam muitos presentes

Fazer cana de pescar
de ũa vara, não me espanto;
mas fazer anzol de ũ Santo
é cousa para espantar.

Leg. S. João Crisóstomo (347-407) – Arcebispo de Constantinopla, é um dos Santos Padres e Doutor da Igreja. A sua eloquência de grande pregador conferiu-lhe o título de *Crisóstomo*, o que significa *boca de ouro*. A sua memória litúrgica é celebrada a 13 de Setembro.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABBA.

71.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 29v-35r

Outavas

À jornada que fez o Autor p'lo Douro acima com ũs Amigos

Considerando fomos nas malhadas
que aqui já se fizeram em tempo antigo,
porque sempre para estas cavalgadas
foi certo alcouce e verdadeiro abrigo.
São cousas que se vem nũca cuidadas,
são mudanças que o tempo traz consigo;
nestas e noutras cousas praticando,
logo nos foi a China atrás ficando.

Da outra parte vimos Quebrantões,
por outro nome Guimarães chamada,
onde raros avisos, descrições
ocultas, aqui estão como em coutada.

---

1. malhada – em sentido figurado, Morais aponta o significado de intriga, enredo, fama; cremos que no contexto, a palavra significa divertimento, pândega.

9. Quebrantões – lugar da freguesia de Oliveira do Douro, concelho de Vila Nova de Gaia.

10. Segundo o Padre António Carvalho da Costa (1868: Tomo I, 8), os autores «dizem comummente, que todas as Cidades, Villas, & lugares tomárão o nome de seus primeiros habitadores, como tambem ha muitos appellidos, que os primeiros que delles usárão, os tomárão das Cidades, Villas, & lugares, donde erão moradores...» Assim, é verosímil que Quebrantões (v. 9) se chamassse Guimarães.

Logo chegando fomos aos capões,
que estavam nũa mesa aparelhada
com iguarias de várias maneiras,
quiçá à custa de quem amava freiras.

Sobre isto murmurando ũ grande espaço,
que até o vento Euro murmurava,
fomos chamando mil vezes madraço
o que com freiras mal o seu gastava;
pois quem menos com elas era escasso
mais liberal com frades se mostrava,
que elas lhes dão enfim tudo o que tem
e a desembarcar nelas tudo vem.

Defronte de Valbom vimos o assento
de Avintes, por sinal que em terra tinha
derribados castelos mil de vento,
que o vento lhos levou que lhos sostinha.
.....
.....

---

15. Este verso tem uma acentuação menos comum: 4-7-10.

16. Numa leitura corrente, o verso tem 11 sílabas. Mesmo que façamos a crase em *quá/çá à*, os acentos ficam mal distribuídos.

18. Euro – vento do Sudoeste. É o filho de Eos (a Aurora) e de Astreu ou de Tífon.

25. Valbom – freguesia do concelho de Gondomar, na margem direita do rio Douro.

25-26. Avintes – freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia. É possível que o *assento de Avintes* se refira à Pedra da Audiência – que ainda se conserva no lugar da Quinta –, onde se faziam os julgamentos.

.....

.....

Eis quando a insigne Arnelas aparece,
Arnelas conhecida bem por fama,
terra que mais em bêbados florece
que todas quantas Baco no Mundo ama;
e porque o vinho aqui jamais falece,
Terra dos Beberrões esta se chama,
estando de contino aqui cem mil
e de ordinário todos ao funil.

Passámos abaixando-lhe a cabeça,
como pedindo paz ao Taverneiro;
de lá nos responderam c'ũa peça
que trazia consigo mui ruim cheiro;
o que visto per nós a toda a pressa,
deixando atrás Boialvo e Carvoeiro,
fazer detença algũa não quisemos,
'té que junto de Melres nos pusemos.

---

33. Arnelas – lugar ribeirinho da freguesia de Olival, concelho de Vila Nova de Gaia.

39. de contino – loc. adv. antiga, continuamente.

44. Este verso tem 11 sílabas.

46. Boialvo – lugar da freguesia de Covelo, concelho de Gondomar.

Carvoeiro – aldeia do Douro, freguesia de Canedo, pertencente à Comarca e concelho da Feira. Situa-se na encosta da serra do seu nome, sobre a margem esquerda do Douro.

48. Melres – freguesia do concelho de Gondomar, na margem direita do Douro.

.....

.....

.....

.....

Com toda a paciência nos lançamos[;]
era lástima ver como estivemos
aturando o rigor da noite fria,
'té que o dourado Sol nos trouxe o dia.

No tempo que a manhã nos descubriu,
despertámos e o sono nos deixou,
se pôde quem bocado não dormiu
com verdade dizer que despertou;
assi lentos do orvalho que caiu,
que toda a noite em nós sempre orvalhou,
levando ũ soão frio no focinho,
tornámos pelo Douro a abrir caminho.

E como era Domingo nos lembrámos
de missa ouvir, e para não perdê-la,
a Entr'ambos-os-Rios aportámos,
onde tinham tocado a entrar a ela;
achámo-la no fim quando chegámos,
(por quão pouco ficávamos sem ela!),
que o clérigo a bênção já dar queria[;]
jantámos e fizemos nossa via.

---

67. Entr'ambos-os-Rios – Entre-os-Rios, freguesia do concelho de Penafiel, na confluência dos rios Tâmega e Douro.

Daqui à mão direita as Povoações
estão de Paiva[,] terra nomeada,
onde há gente de grandes opiniões,
a louçainha muito afeiçoada.
Esta Terra foi sempre de ladrões,
agora é de escudeiros habitada;
o mesmo será hoje que era então,
que o mesmo é escudeiro que ladrão.

Daqui saem os famosos jugadores
do trunfo, a quem vantagem confessámos,
que nem em Porto-Rico os há melhores[,]
donde natural ser o trunfo achámos.
Aqui deixando pois estes senhores,
a ver outros lugares nos chegámos,
e a ti, ó Terra bem-aventurada,
se o nome inda hoje tens de Alpendorada.

Passámos a Ribeira de Comprentes,
levando cada qual perdida a cor,
porque nos tinham dito algũas gentes

73-74. Povoações de Paiva – o actual concelho de Castelo de Paiva, na margem do Douro, pertencente ao distrito de Aveiro.

74. nomeada – adj. em sentido figurado, segundo Morais, significa afamada, celebrada.

75. Este verso tem 11 sílabas.

76. louçainha – ornato, enfeite; elegância, janotismo.

81. A métrica impõe a sinérese em *saem*.

87-88. Alpendorada – o mesmo que *Alpendurada* ou *Pendurada*, freguesia do concelho de Marco de Canaveses.

que desta Terra era o Lutador.
Temerosos enfim batendo os dentes,
efeitos que onde estão causam temor,
chegámos a passar pela Cardia
com duas horas inda ou mais do dia.

Em Mourilhe ũs amigos encontrámos
que nos mandavam vir refresco à praia,
mas não nos sucedeu como cuidámos,
que não passaram muito além da raia.
Despois que de ũa casa lhe contámos
que no remate está de Miragaia,
licença lhes pedimos e com ela
soltámos outra vez ao vento a vela.

Já as estrelas no Céu resplandecentes
o escuro da noite descobria,
persuadindo às cansadas gentes
c'o repouso do trabalhoso dia;
quando em mil pareceres diferentes
estávamos sobre onde se acharia

---

92. O verso apresenta 9 sílabas
o Lutador – Hermígio Gonçalves, companheiro de Afonso Henriques, que faleceu em 1139 na Batalha de Ourique.
95. Cardia – lugar da freguesia de Penha Longa, concelho de Marco de Canaveses.
97. Mourilhe – lugar da freguesia de Sandim, concelho de Vila Nova de Gaia.
102. Miragaia – freguesia da cidade, concelho e comarca do Porto.

lugar onde pudessem os já cansados
membros passar a noite repousados.

Nisto o Arrais ũa casa nos mostrou
de ũ lavrador a modo de escudeiro,
que vista entre nós todos se acordou
lhe fossemos pedir algũ palheiro.
Ele em chegando a nós nos perguntou
donde éramos. Tornou-lhe ũ companheiro:
«Somos do Porto; pelo Douro acima
vamos às Caldas a fazer vendima.

Não vimos como outros levantados,
que com capa de paz sendo inimigos,
devassando vos vem vossos tapados,
vossas uvas roubando e vossos figos.
Não vem, não, de tal brio acompanhados
quem traz oferecidos os embigos
a serenos e orvalhos, quais sentimos
a noite que na praia ao ar dormimos.»

Lastimado algũ tanto de nós já,
nos perguntou que tal ficava a praça
e por que preço ia a uva lá,
a quem nós respondemos que de graça.

---

111. O verso apresenta 11 sílabas, a menos que seja de admitir a leitura da forma verbal com a terminação oral, o que permitiria a sinalefa.

120. Caldas – lugar do Sobretâmega, concelho de Marco de Canaveses.

126. embigo – forma popular de *umbigo*.

Fez a isto ũa cara muito má,
jurando de fazê-la toda em passa,
blasfemando do ano juntamente
que dera tanta e tal fortuna à gente.

Perguntou mais se havia sal no Porto
e se vinham Pinaças de Sardinha,
pedindo disto tudo algũ conforto
se em nossa companhia acaso vinha.
Nós, como soem dizer, de fogo morto
lhe demos a reposta que convinha,
de que ele não ficou mui namorado
e por pouco negava o Agasalhado.

Tornou a perguntar mais por diente,
que amiúde o faz já sem demora,
se eram vindas as naus já do Oriente
e se andava do Inglês a armada fora.
A isto lhe dissemos de repente
mil mentiras nacidas daquel'hora;
depois que das perguntas se rasou,
onde estava o palheiro nos mostrou.

Entrados no Palheiro à rédea solta,

---

138. pinaça – antiga embarcação, a vela ou a remos, utilizada na pesca e transporte.

141. A métrica impõe a sinérese em *soem.*

de fogo morto – por extensão, significa com pouco ânimo.

144. agasalhado – hospedagem, acolhimento.

mas não tinham inda fim nossas mazelas,
que achámos pouca palha e nesta envolta
grande cópia de côncavas gamelas.
Até que tornou Febo a dar a volta,
nos erguemos quebradas as costelas
e sem nos despedirmos do Vilão
tornámos para a nossa embarcação.

Porém como despois da grão tormenta
é infalível sempre haver bonança,
e quem primeiro o mal não experimenta
pouco sabe do bem quando o alcança;
assi co{m} ũ brando Norte que nos venta,
entrámos pela foz do Rio Bestança,
onde fomos achar ũ novo amigo,
que nos deu muita uva, noz e figo.

Pedimos-lhe, se havia por 'li putas,
nos quisesse mandar algũas vir;
por resposta nos deu que havia muitas
mas que eles as sabiam sacudir.

---

165. A apócope é imposta pela métrica.

154. Este verso tem 11 sílabas, a menos que seja de admitir a leitura da forma verbal com terminação oral, o que permitiria a sinalefa.

166. A métrica impõe a sinérese em *Rio*.

Rio Bestança (ou *Bastança*) – rio de Cinfães, distrito de Viseu. Termina na margem esquerda do Douro, entre Porto Antigo e Souto do Rio.

Porém se nós quiséssemos das frutas
que havia, nos podíamos servir;
a isto com mil graças respondemos
e juntos para baixo nos viemos.

Meia légoa não tínhamos andado
despois que de Bestança nos partimos,
quando do manso Rio desejado
as desejadas Caldas descobrimos.
Com ũ contentamento desusado,
tomando porto em terra nos saímos,
onde junto do Douro nos sentámos
e do largo caminho descansámos.

Contar as pobres casas, vis, terreiras
que vimos tão-somente acompanhadas
com quatro pés ou cinco de videiras
que cá nos dão por quintas afamadas,
pedia, se puderam estas lazeiras
(sem praga parecer) serem contadas;
mas muito bem, Senhor, sabeis vós parte
que nũca praguejar foi de minh'arte.

Aqui ficámos pois vida levando
que nũca tal levou Sardanapalo,

---

180. Caldas – lugar do Sobretâmega, concelho de Marco de Canaveses.

189. Este verso tem 11 sílabas, a menos que admitamos a leitura da forma verbal com terminação oral, o que permitiria a sinalefa.

194. Sardanapalo – Nome grego do monarca assírio Assumbanípal, a quem se atribui uma vida de prazeres.

aonde tudo estava sobejando
quanto pode ter nome de regalo.
Finalmente aqui estávamos nadando
em cem mil mimos, fora o mais que calo,
que inda é mais, e era tudo tão sobejo
que passava a medida do desejo.

Por faltar vinho novo em velho damos
e a vaca suprimos com galinhas,
e se em dia de peixe nos achamos
não falta fresco à falta de sardinhas;
desta sorte no monte nós estamos,
passando as horas tristes e mesquinhas,
tomando exemplo no Ermitão notável
que assi passava a vida miserável.

Com tudo muito mais alegremente
passáramos a vida em tal estado,
se este meu companheiro tão doente
não andara com seu novo cuidado.
Nem pôde menos ser enquanto ausente
se vir de Santa Clara remontado;

---

214. Santa Clara – Certamente o Mosteiro de Santa Clara que, segundo J. Augusto Ferreira (1928: 25-27), teve origem, no meado do século XIII, na freguesia ainda hoje chamada *Santa Clara do Torrão*, vulgarmente denominada de *Entre-Ambos-os-Rios*, por estar na confluência do Tâmega com o Douro, concelho de Marco de Canaveses. A experiência dos tempos revelou a necessidade da mudança do Convento para outro lugar, pelo que Mestre Frei João Xira, visitador do Convento e confessor d'el Rei D. João I, pediu à rainha D. Filipa de Lencastre que interferisse a fim de o mudar para a cidade do Porto. A primeira pedra foi lançada a 28 de Março de 1416.

que a quem com mimo quer tratar Amor,
tira-lhe ũ bem por dar-lhe outro melhor.

Tirou-lhe a ũa bela criatura,
não quanto bela de saber dotada;
outra lhe deu que é a mesma Fermosura[,]
não menos que fermosa e avisada.
Não é novo costume da Ventura
a ũs dar tudo, a outros não dar nada[;]
a ũs leva de ũ bem noutro melhor,
a mim sempre de mal para pior.

Da experiência tenho já alcançado,
no discurso dos meus vinte sete anos,
não me ter a Fortuna nũca dado
mais que perdas e inumeráveis danos.
Tudo acho falso, tudo solapado,
não colho de experiências mais que enganos;
qui-lo assi minha sorte esquiva e dura
que não nacesse para mais ventura.

Enforque-se a Ventura; que nem eu
(pois se muda mil vezes a traidora)
quero ou desejo bem que seja seu
por não ter a mudança por senhora.
Já me não tirará ũ bem que é meu
que metido cá n'alma tenho agora,

---

219. Este verso tem 11 sílabas.

com que a todos os males me defendo;
entenda-me quem pode, que eu me entendo.

Passou com tanta pressa esta jornada,
a Musa vendo que era tão comprida,
que dos Frades tratar da Alpendorada
se não lembrou por ir tão de corrida;
é errata que fica reservada[,]
vai dentro nesta como descaída[;]
o Valadares sirva de muela
que também nos ficou na Varziela.

---

243. Alpendorada – o mesmo que *Alpendurada* ou *Pendurada*, freguesia do concelho de Marco de Canaveses.

248. Varziela – lugar da freguesia de Bairros, concelho de Castelo de Paiva.

Trata-se de um poema em oitava rima.

72.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 36r-36v

Outro

Mandando a ũ amigo ũa cabeça de Javali

Mando-vos essa cabeça
para que saibais de mi
que algũ' hora ja-vali[1].

Volta

Mas o que vai do presente
ao gosto que é já passado
vai de ter alegre estado
ou passá-lo discontente;
isto chora e isto sente
quem já não sabe de si
mais que dizer "ja-vali".

---

[1] Parece de Francisco de Sá de Miranda, e assi o achei em um livro antigo.

A volta está escrita à margem.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados num terceto, que obedece ao esquema ABB, seguido de uma volta com o esquema rimático ABBAACC.

73.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 36v

Outro

A ũa Dama que andando com outrem de amores lhe pedia lenha para se aquentar

Eu não sei que razão tenha
nem vós que razão tenhais,
de eu vos dar a vós a lenha,
se vós a outrem aquentais.

4. O verso tem 8 sílabas. Uma emenda possível passaria pela supressão da preposição.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABAB.

74.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 36v-37r

Outro

Estando no Porto três cidadões gabando-se de grandes Fidalgos

Todos estes três fidalgos
postos em feixe e em nó
não fazem ũ fidalgo só.

---

3. Este verso tem 8 sílabas.

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados num terceto, que obedece ao esquema ABB.

75.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 37r

Outro

Que fez o mesmo Autor ao lugar de Areias, que está junto a Vilar de Frades, aonde havia muitas moças com quem se desenfadavam os Vizinhos

Em todas as conjunções
de marés baixas e cheias,
não há posto como Areias
para pescar mixilões.

Leg. Vilar de Frades – Situado na actual freguesia de Areias de Vilar, Barcelos, era um mosteiro beneditino, que, no século XV, passou a acolher uma comunidade de Lóios.

4. mixilões – o mesmo que *mexilhões.*

O poema é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABBA.

76.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 37r

Estando o A. ceando com ũs amigos veio ũ coelho ensopado à mesa, e estando o dono da casa partindo as reções, disse o Poeta, motejando-o de louco

Desse Coelhinho Mendes
me dai, Senhor, a cabeça,
antes que outrem vo-la peça,
e dar-me-eis o que não tendes.

Resposta

A poesia tão alta
que tão bem sabe pedir,
desejo eu de servir
com lhe dar o que lhe falta.

Leg. ensopado] ensopada

Leg. Trata-se de uma gralha que não hesitámos pois em corrigir.

O poema de Tomé Tavares é constituído por versos de redondilha maior, agrupados numa quadra, que obedece ao esquema ABBA.

77.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 42r-42v

Redondilhas

A ũ Amigo que lhe pediu ũa mão de lebre cortada viva para a gota

Sobre a lebre o que me ocorre,
que é bem e a razão o manda,
que dê a mão a quem não anda
animal que tanto corre.

Mas na razão não me fundo
nem dela os Autores tratam,
porque às lebres que se matam
não houvera gota no Mundo.

Sempre as mataram Fidalgos,
muitas morriam aos cacheiros,
muitas mais matam Rendeiros

---

3. Este verso tem 8 sílabas. Uma emenda possível consistiria na supressão do primeiro artigo.

8. O verso também apresenta 8 sílabas.

10. Também tem 8 sílabas, a menos que seja de admitir a leitura da forma verbal com terminação oral, o que permitiria a sinalefa.

cacheiro – bordão, cajado.

despois que deram em ter galgos.

Pois se grandes e pequenos
matam lebres à porfia,
como são mais cada dia
e os gotosos não são menos?

12. Este verso tem 8 sílabas.

O poema é formado por versos de redondilha maior agrupados em quadras, que recorrem ao esquema rimático ABBA.

Anotação complementar de alguns poemas

Capítulo IX

Anotação complementar de alguns poemas

1. «Cantava Pedro ũ dia ao som das ágoas»

Este poema é paródia de uma elegia de Diogo Bernardes, «Cantava Alcido hum dia ao som das agoas». De facto, enquanto a elegia de Diogo Bernardes personifica o amor entre Bernardes e a sua amada, o poema de Tomé Tavares, apresenta uma orientação satírica, usando uma idêntica estrutura prosódica, repetindo estruturas sintácticas e retomando com frequência as mesmas palavras. Veja-se o confronto entre ambos os poemas:

Elegia

Feita à imitação da Égloga 14 de Diogo Bernardes intitulada *Sílvia*, que começa «Cantava Alcido um dia ao som das ágoas»; introduz a falar ũ criado do Mestr'escola de Barcelos, Francisco Roiz de Carvalho

Cantava Pedro ũ dia ao som das ágoas
que do Burral do Lima a cepa cria,
dizem que pera alívio de suas mágoas.

Ao longo de ũ pichel de que bebia,
despois de encher a pança sequiosa,
contra a ágoa natural assi dezia:

«Ágoa nestes meus olhos tão penosa,
cuja propriedade o peito encrua,

Cantava Alcido **hum dia ao som das agoas,**
Do Lyma, que mais brando ali corria;
Dizem que, por ouvir **suas** doces **magoas**.

Sobr'hum curvo penedo, que prendia,
Por cima da corrente vagarosa,
Se me não lembra mal, **assi dizia**.

Sílvia **nestes meus olhos** mais fermosa,
Que o sol de dia, que de noite a Lua,

por mais clara que sejas e fermosa:

quem por te celebrar trabalha e sua
em ti morra afogado porque veja,
se tão fermosa és, porque és tão crua.

Por que desprezas Maio, que deseja
mais ũa rega de ti que a própria vida,
e quando em Julho a dás morre d'enveja?

A sede que em meu peito anda escondida
de tal maneira está posta em seguro
que não será de ti nũca ofendida.

Ũ fermoso pichel, se é de maduro,
posto à boca, virado o fundo acima,
me faz o ardor da sede menos duro.

Por que queres, cruel, quem não te estima?
Vai-te regar o campo, rega as flores,
como faz mansamente o manso Lima.

Não esperes de mim outros amores,
que não sou dos vadios que cantando
gastam tão mal o tempo em teus louvores.

Crê-me que não to digo gracejando;
só por nacer em ti não como peixes
todas as conjunções que inferno ando.

Ou te queixes de mim ou não te queixes,
quero que sempre irosa me respondas[,]
na força da mor sede então me deixes.

Assi por onde for de mi te escondas[,]
como posto no mar de Amor à vela
com a do cabelinho crespo em ondas.

Com seis quartilhos dei nesta guela

(Não digo lyrio já, não digo rosa.)

Que flor não cria o vale, que da tua
Fermosura não tenha grand'inveja;
Se tão fermosa es, como **es tão crua**?

Por que desprezas Sylvia quem **deseja**
Mais o teu gosto só, **que a propria vida**?
Por que t'escondes onde te não veja?

Nem sempre no bosque espesso **escondida**,
A mansa serva **está posta em seguro**,
Nem sempre em raso cãpo he **offendida**.

Vem Sylvia já ver, neste cristal puro,
Teu brando parecer daqui de cima,
Deste penedo, **menos** que ti **duro**.

Porque fazes **cruel** tam pouca **estima**,
Desta fresca ribeira, destas **flores**,
Que **mansamente** rega **o manso Lyma**?

Aqui as doces aves seus **amores**,
D'um ramo, em outro ramo vão **cantando**;
Aqui se veste o campo de mil cores.

Daqui donde por ti estou chamando,
No fundo deste pégo os negros **peixes**,
E os broncos seixos estarás cantando.

Ou te queixes de mim, ou te não queixes,
Ou branda, ou **sempre irosa me respondas**,
Este fresco lugar Sylvia não **deixes**.

Huma sombria lapa em que **t'escondas**,
Do sol te mostrarei, dormirás nella;
Ao som do murmurar das roucas **ondas**.

Em tanto do teu gado serei vella,

à vista da cachopa, que isto vendo
me fez de verde parra ũa capela.

Não perdeu o feitio, porque entendo,
segundo o desenfado que tivemos,
que não irá de mim queixas fazendo.

Despois que já da cama nos erguemos,
atentando o piolho de ũa banda,
a pulga e percevelho da outra vemos.

E por mais que a morena estava branda,
contra o gado se pôs tão agra e dura
que o que entre as unhas colhe ali o abranda.

Tomei-lhe a atarracar a ferradura,
três vezes tomo a dar c'o facho em terra,
outras tantas /*gastei/ da prata pura.

Qualquer lugar que o vinho não encerra
nuca o verei sem dor, nũca sem mágoa,
ou seja campo ou bosque, vale ou serra.

De ũ vinho montanhês que nace em frágoa
tem duas pipas ũ vendeiro amigo,
amigo como eu bem pouco de ágoa.

Saltou o nosso Costa já comigo,
que o lugar onde estavam lhe dissesse;
"Não trabalhes, irmão Costa, lhe digo".

Tão tomado se foi que se soubesse
onde estas ora estão, tenho por certo
que em menos de oito dias as bebesse.

Mas não lhe poderá chegar tão perto,
que além de andar da bolsa mui varado,
dá-se por aderência e encoberto.

E juntamente t'estarei tecendo,
De branca madre-sylva **huma capella**.

Dali indo o sol já menos ardendo,
Ao longo deste rio nos iremos,
Hora uma flor, hora outra flor colhendo.

Os olhos pelo campo estenderemos,
O saudoso Melro **d'huma banda**,
E o doce Ruysinol **d'outra** ouviremos.

Sylvia soando irá na lyra **branda**,
Soará Sylvia na montanha **dura**.
Que sua dureza com teu nome **abranda**.

Desque deixei de ver tua fermosura,
Já o sol **tres vezes** lumiou a **terra**,
E **outras tantas** a deixou escura.

Qualquer lugar q em si t'esconde, e **encerra**,
Nunca o verei sem dor, nunca sem magoa,
Ou seja cãpo, ou bosque, ou **valle, ou serra**.

Achei de duas rollas nesta **fragoa**,
Os tenros filhos sobr'hum freixo antigo,
Que tem suas raizes dentro n'**agua**.

Saltou a nossa Filis **ja comigo**,
Com dádivas, e rogos, que lhos désse.
Não trabalhes em vão, Filis, **lhe digo**:

Tão corrida **se foy, que se soubesse**,
Ond'elles **hora estão, tenho por certo**,
Que mos furtasse logo, se podesse.

Mas não os póde ver, senão de **perto**,
Qu'além do freixo estar d'agoa cercado,
D'uma verde parreira está coberto.

Enquanto ele durar perde o cuidado[,]
que nem ao pensamento[,] ágoa[,] me venhas[;]
não sou eu do miolo tão furado.

Antes se donde naces te despenhas
correndo para o mar com pressa tanta,
rogo-te que por mim não te detenhas.

Que enfim não és licor daquela planta
cuja virtude é tal contra o trabalho
que o faz esquecer, vence e quebranta.

Ah, fortuna cruel, tão pouco valho
contigo, a quem cuidei que merecia
sequer de teu favor ũ leve orvalho?

Não digo pelo orvalho de ágoa fria,
mas que me dês que beba, isso espero
há tantos dias já de dia em dia.

E não me mostres sempre o rosto fero,
bem fero, bem cruel e bem raivoso,
pois me entendes e negas o que quero.

Mil vezes estou eu tão sequioso,
deslapidado, fraco, froixo e frio,
que me sinto da vida duvidoso.

Tal vez sonho também que de algũ rio
de vinho esta garganta está banhada,
mas desperto conheço o desvario.

Assi com leves sonhos salteada
trago a imaginação não sei por onde
em desejos de vinho transportada.

Se algũa pipa alheia alguém me esconde,
a fama sobre mim dá logo ũ grito,
que aprova o Eco quando lhe responde.

Sylvia, teus hão de ser, **perde o cuidado**,
Eu os vigiarei até que **venhas**,
Milhor do que vigio este meu gado.

E qual fruita averá, que tu não tenhas,
Que se crie em mimosa, e culta pranta,
Ou na dura, que nace em duras brenhas?

Inda que tua crueza seja tanta,
Descanso me será qualquer **trabalho**,
Que tudo **vence** amor, tudo **quebranta**.

As douradas maçãs no mesmo galho,
Doces, e roxas uvas pela fria,
Colherei pera ti, cheas d'**orvalho**.

Isto tudo a seu tempo te daria,
E outras cousas mais, com que t'**espero**.
Há tantos dias ja, de dia em dia.

Que não abranda amor teu peito **fero**,
(**Bem fero**, e **bem cruel**, mas **bem** fermoso)
Pois sabe quanto peno, e quanto **quero**?

Mil vezes meu sprito saudoso,
De mi se parte, e deixa o corpo **frio**,
Do que deseja mais, mais **duvidoso**.

Mil vezes de mil lágrimas hum **rio**,
Banhando vay a face descorada,
Outras tantas se fallo, **desvario**.

De **leves** sombras fica **salteada**,
Est'alma, que la trazes **não sei onde**,
Nos teus fermosos olhos pendurada.

Quando chama por ti, que me responde,
A mesma voz no valle ond'em vão **grito**,
Cuido q outrem te chama e q t'esconde.

Aqui com novas forças meu esp'rito
para beber remédios mil granjeia
de quantos em meu peito tenho escrito.

Muitas vezes de noite sem candeia
os frascos vou correr a passo leve
por ver se ficou vinho algũ da ceia;

mas tornando-me à cama em tempo breve
de ronceiro me acuso porque caio,
que mais ligeiro que eu Costa andar deve.

Logo em amanhecendo, como ũ raio
à taverna me vou, nũca me esquece,
que receio em jejum muito ũ desmaio.

Aqui bebo o que posso e me parece
pode a bolsa chegar, que onde não chega
logo o crédito meu desaparece.

O vulto do vendeiro se carrega,
lá lhe sinto comigo ũ certo pejo,
que morre com me ver dentro na adega.

Mas em que posso ver de quanto vejo
quando a sede me abrasa em vivo fogo,
se está só na taverna o meu desejo[?]

Faz a necessidade de mim jogo[;]
tu, Fortuna, inda mais, pois não te movem
tantas lágrimas tristes, tanto rogo.

Que entranhas como as minhas há que provem
ver ũas unhas como azougue vivas
faltar-lhe ocasiões que a outros chovem[?]

E sofrendo misérias excessivas,
Fortuna ocasiões nũca me guarde

Ali **com nova força**, novo **spirito**.
Com ira vou buscando quem nomeia,
Teu doce nome no **meu peito scrito**.

Se com suave som brando menea,
Hum leve, e brando vento a folha **leve**
Se fere a onde crespa a branca area;

Ouvir-te me parece; ah gosto **breve**!
Eis este engano passa, eis n'outro **cayo**,
Quem enganos d'amor estranhar **deve**:

Quando em escuro bosque **um** claro **rayo**,
Por antre a basta rama resplandece,
Ali m'enlevo todo, ali **desmayo**.

Dos teus serenos olhos **me parece**,
Aquella viva luz, que se me nega,
Em cuja absencia o sol se m'escurece.

Envolto em laços d'outro amor m'entrega,
Aquelle imaginar sempre sobejo,
Ali vista me dá, alí me nega.

Que planta **posso ver**, que pedra **vejo**,
Que lyrio, ou que rosa, ou neve, ou **fogo**,
Onde te não figure **o meu desejo**?

Amor anda **de mim** fazendo **jogo**,
Tu Sylvia muito **mais, pois te não movem**,
Tantas lágrimas tristes, tanto rogo.

Tuas frias **entranhas** inda **provem**,
Porém mais brandamente, as chamas **vivas**,
Que nestas minhas de contino **chovem**.

Porque foges de mim, por que me esquivas?
Que não ha cousa aqui, que não t'**aguarde**

com que molhar sequer possa as gengivas[?]

Se ora viesse algũa inda esta tarde,
veriam minhas faces mais rosadas
do que são as do Sol quando mais arde.

Viriam após mim às marteladas
Felipas e Monegas tão ciosas
que andassem sobre mim às bofetadas.

Não sei que as traz de mim tão cobiçosas,
mas sei que não é prata nem é ouro
o que assi as faz andar tão revoltosas.

Eu só veria a prata porque mouro[;]
quando correm a mão pelo seu rosto
vantagem lhe não faz nenhũ tesouro.

Esta lograra eu co{m} assaz de gosto
se pudera a misérias ir fugindo
que em tão mofino estado me tem posto.»

Ah, Pedro, que real não possuindo
tens em beber fiado as esperanças!
O vendeiro de ti está-se rindo,
tu de chamar por ele não te cansas.

Té nas aguas deste rio fugitivas,

Se tu viesses, Sylvia, **inda esta tarde**,
Verias lá no mar nuves **rosadas**,
Por antre as quaes o **sol** mais brando **arde**.

Verias destas húmidas moradas,
Sair as brancas ninfas saudosas,
De mil alegres flores coroadas,

E qual de roxos lyrios, qual de rosas,
Esmaltaria teu crespo, e puro **ouro**,
Tão ledas de te ver, quanto invejosas.

E **eu veria** os olhos, por quem **mouro**,
Veria esse córado, e alvo **rosto**,
Da mayor formosura o mór **tesouro**.

Se todo meu prazer, todo meu **gosto**
Depende de ti só, que vás **fugindo**,
Não vês em qual estremo **me tens posto**?

Não vês que vay a magoa consumindo,
A vida em duvidosas **esperanças**?
Ah doudo Alcido Sylvia **está-se rindo**,
E tu de chamar Sylvia, inda **não cansas**?[1]

3. «Mestr'escola, Maltês, que te partiste»
7. «Dez meses de cantor que não se ouvia»

Na obra de Tomé Tavares Carneiro existem dois poemas que têm como ponto de partida os célebres sonetos «Alma minha gentil, que te partiste» e «Sete anos de pastor Jacob servia». Tendo como pano de fundo estas composições

[1] A *Elegia* de Diogo Bernardes foi aqui reproduzida a partir da edição BERNARDES, 1945-1946: 99-104.

camonianas, o poeta vai dando conta de uma variedade de 'sentidos' claramente metamorfoseados, segundo um estilo burlesco.

Veja-se o confronto entre os poemas de Tomé Tavares e os de Camões:

«Ao Mestr'escola de Barcelos, partindo-se para o Alentejo; contrafeito do soneto de Camões que começa «Alma minha gentil»

Mestr'escola, Maltês, que te partiste
tão cedo de Barcelos e tua gente,
furtem eles lá na pátria eternamente,
deixem Barcelos já roubado e triste.

Se lá nesse Alentejo onde surgiste
memória da Vieira[1] se consente,
lembra-te tu daquele Amor ardente
com que do seu farelo te serviste.

E se achares que pode merecer-te
quem cá o seu dinheiro te emprestou
o gosto de perdê-lo, com perder-te:

roga tu a quem Arcos te arrendou
para mais empenhar-te queira ir ver-te
tão cedo quão barato lhe custou.

Alma minha gentil, **que te partiste**
tão cedo desta vida descontente,
repousa **lá** no Céu **eternamente**,
e viva eu cá na terra sempre **triste**.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida **se consente**,
não te esqueças **daquele amor ardente**
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires **que pode merecer-te**
alguma cousa a dor que me ficou
da mágoa, sem remédio, de **perder-te**,

roga a Deus, que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a **ver-te**,
quão **cedo** de meus olhos te levou.

«A ũ Músico do Mestr'escola de Barcelos que lhe fugiu por lhe faltar com a porção»

Dez meses de cantor que não se ouvia
serviu Cordeiro com garganta bela;
mas por não ser garganta e ser guela,
veio o tempo a mostrar que não servia.

Dava em comer galinha cada dia,
que não se contentava só com vê-la;
porém seu Amo, usando de cautela,
lhe dava em lugar dela vaca fria.

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana **bela**;
mas não servia ao pai, servia a ela,
e a ela só por prémio pretendia.

Os dias, na esperança de um só **dia**,
passava, **contentando-se com vê-la**;
porém o pai, **usando de cautela**,
em lugar de Raquel **lhe dava** Lia.

Vendo ele do Tempo os desenganos
e faltarem-lhe os mimos cada hora,
determina fazer sua partida.

Dizendo: «Eu servira ũ milhão de anos
ao Senhor Mestr'escola, se não fora
para quem passa mal tão larga a vida».

Vendo o triste pastor que com enganos
lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,

começa de servir outros sete anos
dizendo: «Mais **servira, se não fora**
para tão longo amor tão curta **a vida**».[2]

[2] Ambos os poemas de Camões foram reproduzidos a partir da edição de CAMÕES, 1986-2002: 170; 192.

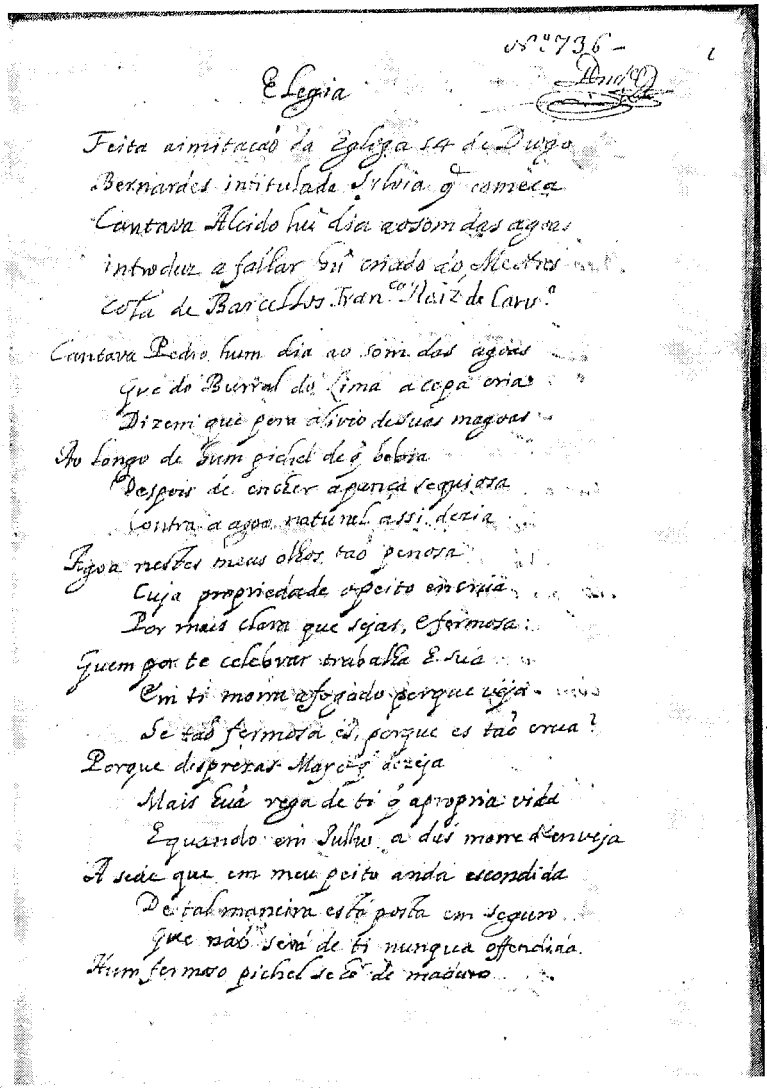


Fig. 30. F. 1 do Ms. 736 da Biblioteca Pública Municipal do Porto

Bibliografia
Capítulo X

Bibliografia

A. Fontes Manuscritas

Para a Vida de Tomé Tavares

I. Arquivo Distrital de Braga – ADB

1. Registo Paroquial de Esposende – Livro 350°
2. Registo Paroquial de Esposende – Livro 354°

II. Arquivo Distrital do Porto – ADP

3. Cartório do Cabido da Sé do Porto – Livro 109°
4. Cartório do Mosteiro de S. Domingos – Livro da Fazenda
5. Cartório do Mosteiro de S. Francisco – Livro 4° das Capelas
6. Compêndio do cartório do Mosteiro de Santo Elói, sala 20, n° 13, livro 87
7. Governo Civil do Porto – Livro 163°

III. Arquivo Histórico da Misericórdia do Porto – AHMP

8. D, Bco. 5, n° 7
9. D, Bco. 5, n° 8
10. H, Bco. 6, n° 17

IV. Arquivo da Universidade de Coimbra – AUC

11. Livro de Matrículas – 1573-1589

V. Biblioteca Pública Municipal do Porto – BPMP

13. Ms. 1939

14. Ms. 1588

VI. Casa do Infante (Arquivo Histórico Municipal do Porto) – CI /AHMP

16. Livro 2º de Cartas e Provizões – 1540-1575

17. Livro 3º de Cartas e Provizões – 1528-1589

18. Livro 3º do Cofre – 1590-1599

19. Livro 7º de Vereações – 1502

Para a Obra de Tomé Tavares

VII. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – BGUC

21. Ms. 405

VIII. Biblioteca Pública Municipal do Porto – BPMP

20. Ms. 736

B. Sobre o autor e a época

BASTO, Artur de Magalhães

1936, «Falam Velhos Manuscritos... Uma questão de Hissope», in *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 21 de Agosto, p. 1.

BASTO, Artur de Magalhães

1940, «Falam Velhos Manuscritos... As Andanças do Tribunal da Relação», in *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 29 de Novembro, pp. 1 e 4.

BASTO, Artur de Magalhães

1951, «Falam Velhos Manuscritos... Assim no Burgo de D. Moninho como na Corte de Luis XIV!», in *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 17 de Agosto, pp. 1 e 5.

BASTO, Artur de Magalhães

1952, «Falam Velhos Manuscritos... A Propósito de dois dos mais célebres sonetos de Camões», in *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 18 de Julho, pp. 1 e 5.

BASTO, Artur de Magalhães

1954, «Falam Velhos Manuscritos... O espírito de liberdade, autonomia e independência do velho burgo do Porto», in *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 17 de Dezembro, pp. 1 e 3.

BASTO, Artur de Magalhães

1954a, «Falam Velhos Manuscritos... Qual é o melhor: o regime republicano ou o monárquico?», in *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 24 de Dezembro, pp. 1 e 3.

BERNARDES, DIOGO

1945-1946, *Obras Completas*, Lisboa, Livraria Sá da Costa (Colecção de Clássicos Sá da Costa).

BRITO, João Soares de

s/d, *Theatrum Lusitaniae Litteratum*, lit. T. n. 15.

CAMÕES, Luís de

1986-2002, *Lírica Completa II*, pref. e notas de Maria de Lourdes Saraiva, Lisboa, IN-CM.

FREIRE, Anselmo Braamcamp

1973, *Brasões da Sala de Sintra*, Lisboa, IN-CM.

GAYO, Felgueiras

1938, *Nobiliário de Famílias de Portugal,* Barcelos, Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso.

GENETTE, Gérard

1982, *Palimpsestes,* Paris, Seuil.

HODGART, Mattew

1969, *La sátira,* Madrid, Ediciones Guadarrama.

HUTCHEON, Linda

1985, *A Theory of Parody,* New York and London.

LE GENTIL, Georges

1995, *La littérature portugaise,* Paris, Editions Chandeigne.

LEITE, Padre José (org.)

1987, *Santos de cada dia,* 2ª ed., 3 vols., Braga, Ed. A. O., p. 381.

MELO, D. Francisco Manuel de

[D.L. 1968], *Hospital das Letras,* Amadora, Íbis.

MORAIS, Cristóvão Alão de

1997, *Pedatura Lusitana,* vol. III, Braga, Edição de Carvalhos de Basto.

NASCIMENTO, Cabral

1972, *Poesia Portuguesa do Século XII a 1915,* Lisboa, Verbo.

RIBEIRO, Cristina

1993, *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende,* Lisboa, Ed. Comunicação.

RIBEIRO, Fernanda; MEIRELES, Maria Adelaide

2000, *Falam Velhos Manuscritos... Índice de assuntos 1930-1960*, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto.

SOUSA, Manuel de Faria e

1973, *Lusíadas de Luís de Camões*, vol. II, Lisboa, IN-CM, p. 415.

C. Estudos sobre o Barroco

A. A. V. V.

1990, *Le baroque littéraire: théories et pratiques*, Paris, F. Calouste Gulbenkian.

A. A. V. V.

1991, *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*, 2 vols., Reitoria da Universidade do Porto, Governo Civil do Porto.

A. A. V. V.

2001, *História da Literatura Portuguesa*, vol. III [Da época barroca ao pré-romantismo], Lisboa, Alfa.

ALBORG, Juan Luis

1983, *Historia de la Literatura Española. Época Barroca*, Madrid, Gredos.

ALMEIDA, Isabel

1998, *Poesia Maneirista. Apresentação crítica, selecção, notas e sugestões para análise literária*, Lisboa, Comunicação.

ALONSO, Dámaso

1962, *Del Siglo de Oro a Este Siglo de Siglas*, Madrid, Gredos.

ANGOULVENT, Anne-Laure

1996, *O Barroco*, Mem Martins, Publicações Europa-América.

ÁVILA, Affonso

1971, *O Lúdico e as Projecções do Mundo Barroco*, São Paulo, Editora Perspectiva.

BELCHIOR, Maria de Lourdes

1971, *Os Homens e os Livros; Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Verbo.

CANAVAGGIO, Jean (dir.)

1995, *Historia de la Literatura Española – Tomo III: El Siglo XVII*, Barcelona, Ariel.

CASTELLI, Enrico

1955, *Retorica e barocco: atti del III Congresso Internazionale di Studi Umanistici – Venezia, 1954*, Roma Fratelli Bocca Editori.

CASTELO-BRANCO, Fernando

1969, *Lisboa Seiscentista*, 3ª ed., Lisboa.

CASTRO, Aníbal Pinto de

1973, *Retórica e Teorização Literária em Portugal do Humanismo ao Neoclassicismo*, Coimbra, Atlântida.

CASTRO, Aníbal Pinto de

1985, «Os códigos poéticos em Portugal do Renascimento ao Barroco. Seus fundamentos. Seus conteúdos. Sua evolução», in *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 31, Coimbra, pp. 505-531.

CIDADE, Hernâni

1959, «O conceito de Barroco à luz da experiência portuguesa», in *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, nº 5-6, Lisboa, F. Calouste Gulbenkian, Novembro, pp. 78-81.

CIDADE, Hernâni

1968, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa*, vol. I, Coimbra, Coimbra Editora.

COLOMÈS, Jean

1970, *Le dialogue "Hospital das letras" de D. Francisco Manuel de Melo*, Paris, F. Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais.

CONTE, Giuseppe

1972, *La metáfora barocca – saggio sulle poetiche del seicento*, Mursia, Milano.

D'Ors, Eugenio

[D. L. 1990], *O Barroco*, Lisboa, Vega.

DUBOIS, Claude-Gilbert

1973, *Le baroque: profondeurs de l'apparence*, Paris, Larousse.

DUBOIS, Claude-Gilbert

1979, *Le maniérisme*, Paris, PUF.

EGIDO, Aurora

1990, *Fronteras de la poesía en el Barroco*, Barcelona, Crítica.

HATHERLY, Ana

1983, *A Experiência do Prodígio: Bases teóricas e antologia de textos visuais portugueses dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, IN-CM.

HATHERLY, Ana

1988, «O divertimento proveitoso – Enigmas barrocos portugueses», in *Colóquio/Artes*, nº 76, Lisboa, F. Calouste Gulbenkian, Março, pp. 5-13.

HATHERLY, Ana (dir.)

1988-1991, *Claro – Escuro. Revista de estudos barrocos*, vols. 1-7, Lisboa, Quimera.

HATHERLY, ANA

1995, *A Casa das Musas: Uma releitura crítica da tradição*, Lisboa, Estampa.

HATHERLY, Ana

1997, *O Ladrão Cristalino: Aspectos do imaginário barroco*, rev. e índices de Vasco Medeiros Rosa; Lisboa, Cosmos.

HATHERLY, Ana

2003, *Poesia Incurável: Aspectos da sensibilidade barroca*, Lisboa, Editorial Estampa.

HATZFELD, Helmut

1973, *Estudios sobre el Barroco*, Madrid, Gredos.

LAZARO CARRETER, Fernando

1977, *Estilo Barroco y Personalidad Creadora*, 3ª ed., Madrid, Cátedra.

LUCAS, Fábio

1989, *Do Barroco ao Moderno*, São Paulo, Ática.

MARAVALL, José Antonio

1996, *La Cultura del Barroco – Análisis de una estructura histórica*, 6ª ed., Barcelona, Editorial Ariel.

MENDES, João

1978, *Literatura Portuguesa II*, Lisboa, Verbo.

MOISÉS, Massaud

1997, *As Estéticas Literárias em Portugal – Séculos XIV a XVIII*, Lisboa, Caminho.

OROZCO DIAZ, Emilio

1988, *Maneirismo y Barroco*, Madrid, Cátedra.

PALOMO, María del Pilar

1987, *La poesia en la Edad de Oro: Barroco*, Madrid, Taurus.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves

1988, «Reflexões acerca da poética barroca», in *Claro-Escuro*, nº 1, Lisboa, Quimera, Novembro, pp. 39-46.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves

1996, *Xadrez de Palavras – Estudos de literatura barroca*, Lisboa, Cosmos.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves e CARVALHO, José Adriano de

2001, *História Crítica da Literatura portuguesa*, [Maneirismo e Barroco], vol. III, Lisboa, Verbo.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves

2003, *Poetas do Período Barroco*, Lisboa, Comunicação.

ROSALES, Luís

1966, *El Sentimiento del Desengaño en la Poesia Barroca*, Madrid, Cultura Hispánica.

ROSALES, Luís

1997, *Estudios sobre el Barroco*, Madrid, Trotta.

ROUSSET, Jean

1954, *La Littérature de l'âge baroque en France*, Paris, Librairie José Corti.

ROUSSET, Jean

1983, *Figures du Baroque*, Colóquio de Cerisy, Paris, PUF.

SARAIVA, António José

1967, «Sobre o barroco na literatura portuguesa», in *Colóquio*, nº 43, Lisboa, F. Calouste Gulbenkian, Abril, pp. 54-56.

SARAIVA, António José

1996, *O Discurso Engenhoso*, Lisboa, Gradiva.

SARDUY, Severo

s/d, *Barroco*, Lisboa, Vega.

SENA, Jorge de

1965, «Maneirismo e Barroco na Poesia Portuguesa dos Séculos XVI-XVII», in *Luzo-Brazilian Review*, vol. II, nº 2, Madison, The University of Wisconsin, December. Reeditado in *Trinta anos de Camões*, vol. I, Lisboa, Edições 70, 1980, pp. 63-92.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e

1971, *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*, Coimbra, Centro de Estudos Românticos.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e

1994, «Escavações de arqueologia literária I: um auto-retrato barroco», in *Diacrítica*, nº 9, Braga, Universidade do Minho, pp. 389-395.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e

1995, «Escavações de arqueologia literária II: a Grinalda de Apolo, cancioneiro inédito de Cristóvão Alão de Morais», in *Diacrítica*, nº 10, Braga, Universidade do Minho, pp. 563-569.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e

1997, «Maneirismo e barroco», in *Teoria da Literatura*, 8ª ed., Coimbra, Almedina.

SOBRAL, Luís de Moura

1994, *Pintura e Poesia na Época Barroca*, Lisboa, Estampa.

TAPIÉ, Vítor

1972, *Barroco e Classicismo*, Lisboa, Presença.

VILLARI, Rosario (dir.)

1995, *O Homem Barroco*, Lisboa, Presença.

WARDROPPER, Bruce W.

1983-1992, *Siglos de oro: barroco*, Barcelona, Editorial Crítica.

D. Antologias de poesia barroca

ALZIEU, Pierre, JAMMES, Robert e LISSORGUES, Yvan

1984, *Poesía Erótica del Siglo de Oro*, Barcelona, Crítica.

CIDADE, Hernâni

1958, *A Poesia Lírica Cultista e Conceptista*, 2ª ed., Lisboa.

CORREIA, Natália

1982, *Antologia da Poesia do Período Barroco*, Lisboa, Moraes Editores.

CORREIA, Natália

2000, *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica: dos cancioneiros medievais à actualidade*, 3ª ed., Lisboa, Antígona, Frenesi.

FERREIRA, Maria Ema Tarracha

1977, *Antologia Literária Comentada, Época Clássica, Século XVII*, Lisboa, Ed. Aster.

FERREIRA, Nadiá Paulo

2000, *Poesia Barroca – Antologia do século XVII em Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Ágora da Ilha.

FIÚZA, Mário

1982, *Clássicos Portugueses – Século XVII, Antologia Literária Comentada*, Porto, Porto Editora.

RAMOS, Péricles Eugénio da Silva

1977, *Poesia Barroca*, 2ª ed., São Paulo, Melhoramentos.

SPINA, Segismundo e SANTILLI, Maria da Aparecida

1967, *Apresentação da Poesia Barroca Portuguesa*, Assis, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis.

E. Edições críticas, estudos sobre crítica textual e história da língua

ARELLANO, Ignacio e CAÑEDO, Jesús

1991, *Crítica Textual y Anotación Filológica en Obras del Siglo de Oro* (Actas del Seminario Internacional para la Edición y Anotación de Textos del Siglo de Oro – Pamplona, Universidad de Navarra, Abril de 1990), Madrid, Castalia.

AVALLE, D'Arco Silvio

1972, *Principi di Critica Textuale*, Padova, Editrice Antenore.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de

1985, *Iniciação em Crítica Textual*, Rio de Janeiro, Presença; São Paulo, EDUSP.

BLECUA, Alberto

1983, *Manual de Crítica Textual*, Madrid, Castalia.

BUENO, Francisco da Silveira

1967, *Estudos de Filologia Portuguesa*, 5ª ed., São Paulo, Saraiva.

CASTRO, Ivo e RAMOS, Maria Ana

1986, *Estratégia e Táctica da Transcrição*, Paris, F. Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais (Separata de «Critique Textuelle Portugaise – Actes du Colloque – Paris, 20-24 octobre 1981»), pp. 99-119.

CASTRO, Ivo

1990, *Editar Pessoa*, Lisboa, IN-CM.

JAURALDE, Pablo, NOGUERA, Dolores y REY, Afonso

1990, *La Edición de Textos – Actas del I Congreso Internacional de Hispanistas del Siglo de Oro*, London, Tamesis Books.

MAAS, Paul

1952, *Crítica del Testo*, apresentação de Giorgio Pasquali; Firenze, Felice Monnier.

MARQUILHAS, Rita

2000, *A Faculdade das Letras – Leitura e escrita em Portugal no século XVII*, Lisboa, IN-CM.

NASCIMENTO, Aires. A.

1997, «Prática de leitura e exercício filológico de crítica textual: a vida do texto e do livro», in *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. II, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 505-520.

PASQUALI, Giorgio

1988, *Storia della Tradizione e Critica del Testo*, Premessa di Dino Pieraccioni; Firenze, Casa Editrice Le Lettere.

PEREZ PRIEGO, Miguel Ángel

1997, *La edición de textos*, Madrid, Editorial Síntesis.

PICCHIO, Luciana Stegagno

1982, *La Méthode Philologique*, 2 vols., Paris, F. Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais.

RODRIGUES, Graça Almeida

1982, «Edições críticas, textologia, normas para a transcrição de textos do século XVI», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XII, Paris, F. Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais.

RONCAGLIA, Aurelio

1975, *Principi e Applicazioni di Critica Testuale*, Roma, Bulzoni Editore.

SILVA, Neto, Serafim da

1992, *História da Língua Portuguesa*, pref. de Sílvio Elia; apresentação de Celso Cunha; 6ª ed., Rio de Janeiro, Presença.

SPINA, Segismundo

1977, *Introdução à Edótica (Crítica Textual)*, São Paulo, Cultrix/EDUSP.

TEYSSIER, Paul

1987, *História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa.

TOPA, Francisco

1999, *Edição Crítica da obra poética de Gregório de Matos*, dissertação de Doutoramento apresentada à FLUP, Porto, Ed. Autor.

VERDELHO, Evelina

1997, «Sobre a língua portuguesa do século XVII. Estudos realizados e trabalhos em curso», in *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. II, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 325-339.

F. Estudos de codicologia e bibliologia

BANDEIRA, Ana Maria Leitão

1995, *Pergaminho e Papel em Portugal*, Lisboa, CELPA; BAD.

FARIA, Maria Isabel e PENICÃO, Maria da Graça

1988, *Dicionário do Livro*, Lisboa, Guimarães Editores.

HOUAISS, Antônio

1967, *Elementos de Bibliologia*, 2 vols., Rio de Janeiro, I.N.L.

MCMURTRIE, Douglas C.

1969, *O Livro – Impressão e Fabrico*, Lisboa, F. Calouste Gulbenkian.

MELO, Arnaldo Faria de Ataíde e

1924-1925, «Materiais para a identificação dos documentos manuscritos impressos em papel até final do século XIX em Portugal», in *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. V, n.os 17-18 e 19-20, vol. VI, n.os 21 e 22-23, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional.

MELO, Arnaldo Faria de Ataíde e

1926, *O Papel como Elemento de Identificação*, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional.

G. Estudos sobre versificação e estilística

ALI, Manuel Said

1948, *Versificação Portuguesa*, pref. de Manuel Bandeira; Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de

1971, *A Técnica do Verso em Português*, Rio de Janeiro, Livraria Académica.

CAMPOS, Agostinho de

1936, *Estudos Sôbre o Soneto*, Coimbra, Coimbra Editora.

CIDADE, Hernâni

1945, *O Conceito da Poesia como expressão da Cultura; sua evolução através das literaturas portuguesa e brasileira*, Coimbra, Arménio Amado.

CUNHA, Celso

1984, *Língua e Verso*, 3ª ed., Lisboa, Sá da Costa.

NÓBREGA, Humberto Mello

1965, *Rima e Poesia*, Rio de Janeiro, M.E.C., I.N.L.

ROSA, António Ramos

1986, *Poesia, Liberdade Livre*, Lisboa, Ulmeiro (Universidade, n.º 8).

SHELLEY, Percy Bysshe

1946, *Defensa de la poesia*, Buenos Aires, Emecé Editores, SA.

TAVANI, Giuseppe

1983, *Poesia e Ritmo – Proposta para uma leitura do texto poético*, Lisboa, Sá da Costa.

H. Manuais e estudos de história e corografia

ALMEIDA, Fortunato de

1968, *História da Igreja em Portugal*, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres; 4 vols., Porto, Livraria Civilização.

BANDEIRA, Manuel

1954, *Noções de História das Literaturas*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.

BRAGA, Teófilo

1916, *História da Literatura Portugueza – III. Os Seiscentistas*, Porto, Livraria Chardron.

CARDOSO, P. Luiz Padre

1747-1751, *Diccionario Geografico ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelle se encontrão, affim antigas, como modernas, que escreve, e offerece a saudosa memoria, e eterna saudade do senhor Rey D. Joao V. nosso senhor*, Lisboa, Na Regia Officina Sylviaña, e da Academia Real.

COSTA, António Carvalho da

1868-1869, *Corografia portugueza, e descriçam topografica do famoso reyno de Portugal....*, 2ª ed., Braga, Typographia de Domingos Gonçalves Gouveia.

COSTA, António Carvalho da

2001, *Corografia Portugueza*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (Ophir).

LEPECKI, Maria Lúcia *et alii*

1980, *Para uma História das Ideias Literárias em Portugal*, Lisboa, INIC.

MARQUES, A. H. de Oliveira

1998, *História de Portugal – Volume II: Do Renascimento às Revoluções Liberais*, 13ª ed., Lisboa, Presença.

RODRIGUES, Graça Almeida

1979, *Estudos de História Literária – Os autores e as épocas*, Lisboa, Editorial Presença.

SAMPAIO, M.

1940, *Dicionário Corográfico de Portugal*, Lisboa, Progresso.

SARAIVA, António José

1962, *História da Cultura em Portugal*, vol. III, Lisboa, Jornal do Foro.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar

1982, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo

1980-2003, *História de Portugal*, Lisboa, Verbo.

SERRÃO, Joel (dir.)

s/d, *Dicionário de História em Portugal*, 6 vols., Porto Figueirinhas.

SOVERAL, Manuel Abranches de

2004, *Ascendências Visienses. Ensaio genealógico sobre a nobreza de Viseu. Séculos XIV a XVII*, 2 vols., Porto, Ed. do Autor.

ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (org.)

1960, *Nobreza de Portugal: Bibliografia, biografia, cronologia, filatelia, genealogia, heráldica, história, nobiliarquia, numismática*, 3 vols., Lisboa, Editora Enciclopédia.

I. Dicionários e outras obras de referência

2001, *ACADEMIA das Ciências de Lisboa – Dicionário da língua portuguesa contemporânea*, Lisboa, Verbo.

ALVES, Herculano (coord.)

2003, *Bíblia Sagrada – Para o Terceiro Milénio da Encarnação – versão dos textos originais*, 4ª ed., Lisboa, Difusora Bíblica: Franciscanos Capuchinhos.

ATTENA, D. S.

1971, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro Limitada.

BLUTEAU, Rafael

1712-1728, *Vocabulário Português e Latino*, 8 vols., 2 sup., Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesus, Oficina de Pascoal da Silva e Oficina de J. A. da Silva.

BLUTEAU, Rafael

1727, *Supplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino, que acabou de sahir á luz, Anno de 1721. Dividido em oito volumes, dedicados ao magnifico Rey de Portugal D. João V. Parte Primeira. Pelo Padre D. Rafael Bluteau, Clérigo Regular, Doutor na Sagrada Theologia, Pregador da Rainha da Grãa Bretanha, Henriqueta Maria de França, Qualificador do Santo Officio no Sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa, e Académico Real*, Lisboa Occidental, Officina de Joseph António da Sylva, Impressor da Academia Real.

BORN, Van Den (org.)

1971, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Editora Vozes Lda.: Petrópolis.

CIRLOT, Juan Eduardo

2000, *Dicionário de Símbolos*, Lisboa, Dom Quixote.

COELHO, Jacinto do Prado

1973, *Dicionário de Literatura – Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega, Estilística Literária*, 3 vols., 3ª ed., Porto, Figueirinhas.

CUNHA, Antônio Geraldo da

1994, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

FALCÓN MARTÍNEZ, Constantino, FERNÁNDEZ-GALIANO, Emilio e LÓPEZ MELERO, Raquel

1997, *Dicionário de Mitologia Clássica*, Lisboa, Presença.

GRIMAL, Pierre

1992, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, coordenador da edição portuguesa: Victor Jabouille; 2ª ed., Lisboa, Difel.

HOLANDA, Aurélio Buarque de

1986, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

HOUASSIS, Antonio

2003, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, 3 vols., Lisboa, Temas & Debates.

KURY, Mário da Gama

2001, *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, 6ª ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

MACHADO, Álvaro Manuel (org. e dir.)

1996, *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Presença.

MACHADO, Diogo Barbosa

1788, *Bibliotheca Lusitana escolhida*, Lisboa, na Officina de António Gomes.

MACHADO, Diogo Barbosa

1998, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, Biblioteca Nacional (Ophir).

MARQUES, José A.

1985, *Bíblia Sagrada – anotada pela Faculdade de Teologia de Navarra* [Santos Evangelhos], vol. I, Braga, Edições Theologica.

SILVA, António de Morais

1889, *Diccionario da língua portugueza*, 8ª ed. revista e melhorada, 2 vols., Rio de Janeiro, Empreza Litteraria Fluminense.

SILVA, António de Morais

1959, *Grande dicionário da língua portuguesa*, 10ª ed., 12 vols, Lisboa, Confluência.

MORIER, Henri

1975, *Dictionnaire de Poétique et de Rhétorique*, 2ème ed., Paris, Presses Universitaires de France.

PERDIGÃO, Henrique

1940, *Dicionário Universal de Literatura (Bio-bibliográfico e cronológico)*, 2ª ed., Porto, Edições Lopes da Silva.

SILVA, Inocêncio Francisco da

2001, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (Ophir).

TAVARES, Jorge Campos

1990, *Dicionário de Santos*, Porto, Lello & Irmão.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de

1965-1966, *Elucidário das Palavras, Termos e Frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, edição crítica baseada nos manuscritos e originais de Viterbo por Mário Fiúza; 2 vols., Porto, Livraria Civilização.

J. Estudos sobre o Porto

BASTO, Artur de Magalhães

19 -, *Apontamento para um Dicionário de Artistas e Artífices que Trabalharam no Porto do Século XV ao XVIII*, Porto, Câmara Municipal.

BASTO, Artur de Magalhães

1925, *Moralidade e Costumes Portuenses no Século XVI*, Porto, Imprensa Portuguesa.

BASTO, Artur de Magalhães

1934, *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Santa Casa da Misericórdia do Porto.

BASTO, Artur de Magalhães

1947, *Figuras Literárias do Porto*, Porto, Livraria Simões Lopes.

BASTO, Artur de Magalhães

1962, *Estudos Portuenses*, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto.

BASTOS, Carlos

1938, *Nova Monografia do Porto*, Porto, Companhia Portuguesa Editora.

BRITO, António da Costa Mesquita

1991, *Patriciado Urbano Quinhentista: as famílias dominantes do Porto: 1500-1580*, dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Porto, Ed. Autor.

BRITO, António da Costa Mesquita

1997, *Patriciado Urbano Quinhentista: as famílias dominantes do Porto*, n.º 50, Porto, Câmara Municipal-Arquivo Histórico.

BRUNO, José Pereira de Sampaio

1907, *Portuenses Illustres*, 4 vols., Porto, Livraria Magalhães e Moniz.

BRUNO, José Pereira de Sampaio

1912, *O Porto Culto*, Porto, Magalhães & Moniz.

CASTRO, Aurora Teixeira de

1926, *Monografia da Cidade do Porto*, Lisboa, Oficinas da Secção de Publicidade do Museu Comercial.

COUTO, Júlio

1998, *O Porto em 7 dias*, 2ª ed. rev., Porto, Campo das Letras.

COUTO, Padre Luís de Sousa

1972, *Origem das procissões portuenses*, pref. e apêndice de Artur de Magalhães Basto; Porto, Câmara Municipal.

CRUZ, António

1940, *Forais Manuelinos da Cidade e Termo do Porto Existentes no Arquivo Municipal*, Porto, Câmara Municipal do Porto.

CRUZ, António

1941, *Tomé Tavares Carneiro, poeta portuense de seiscentos*, Porto, Industrial Gráfica do Porto, pp. 16-27.

CRUZ, António

1943, *O Porto Seiscentista: Subsídios para a sua história*, Porto, Câmara Municipal do Porto (Documentos e Memórias para a História do Porto).

CUNHA, Rodrigo da

1742, *Catalogo dos Bispos do Porto*, Porto, na Officina Prototypa, Episcopal.

DIAS, Francisco

1937, *Memórias Quinhentistas dum Procurador del-Rei no Porto*, Porto, Câmara Municipal.

FERREIRA, J. Augusto

1928, *Porto: Origens históricas e seus principais monumentos*, Porto, Marques Abreu.

SILVA, Francisco Ribeiro da

1988, *O Porto e o seu Termo – 1580-1640: Os homens, as instituições e o poder*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras do Porto em Janeiro de 1986; 2 vols., Porto, Arquivo Histórico, Câmara Municipal.

Índice de figuras

Capítulo XI

Índice de figuras

Fig. 1. Folha de rosto do Ms. 736 da BPMP 34
Fig. 2. Certidão de exame de latim a 14/11/1586 36
Fig. 3. Nuno Tavares – procurador da cidade do Porto 37
Fig. 4. Carta Régia de 7/05/1566 41
Fig. 5. Nuno Tavares – Recebedor da sisa do pescado 43
Fig. 6. Milícia Gomes – Doadora de um censo anual de 620 réis 47
Fig. 7. João Carneiro – Fundador da Capela de S. João Baptista 49
Fig. 8. Vasco Carneiro – Nomeação para cargo de provedor..... 58
Fig. 9. Escritura e dote de casamento de D. Catarina Carneiro..... 61
Fig. 10. Primeiros possuidores da Capela-mor de Santo Elói 65
Fig. 11. Testamento de D. Catarina Carneiro..... 78
Fig. 12. Baptismo celebrado por Tomé Tavares a 13/03/1600 80
Fig. 13. Ano de morte de Tomé Tavares Carneiro..... 81
Fig. 14. Frei João – Pregador afamado 162
Fig. 15. Folha de rosto do livro dos «Irmãos Nobres» 198
Fig. 16. Folha 4 do livro dos «Irmãos Nobres» 199
Fig. 17. Damião de Figueiroa – «Irmão Nobre» 200
Fig. 18. F. 10 do Ms. 736 da BPMP 212
Fig. 19. Luís de Sobágua – «Irmão Nobre» 218
Fig. 20. Frontispício do Ms. 736 da BPMP..... 226
Fig. 21. FF. 45v – 46 do códice n.º 405 da BGUC 233
Fig. 22. Diogo Lopes de Sousa – Governador da Relação do Porto 237
Fig. 23. Pantaleão de Seabra de Sousa – «Irmão Nobre»..... 242

Fig. 24. Gaspar Homem Cardoso – Advogado da cidade do Porto 244
Fig. 25. «O Primeiro de Janeiro» de 24/12/1954..... 246
Fig. 26. Bernardo Pereira – «Irmão Nobre» 255
Fig. 27. Testamento de Luísa Pessoa 270
Fig. 28. Gaspar de Anhaia – Importador de queijos..... 272
Fig. 29. «O Primeiro de Janeiro» de 17/08/1951 287
Fig. 30. F. 1 do Ms. 736 da BPMP 320

Índice Alfabético de primeiros Versos dos poemas editados

Capítulo XII

Índice Alfabético de primeiros Versos dos poemas editados

A poesia tão alta (nº 76) 308

A tenção é estremada (nº 33) 219

Adindo o seu Testamento (nº 20) 188

Ah, saudoso Lima, quem pudera (nº 8) 144

Aqui jaz Caim e Abel (nº 61) 278

Aqui jaz Dona Genebra (nº 41) 248

Aqui jaz Pisco Ribeiro (nº 28) 211

Amor falso lisonjeiro (nº 57) 269

Ágoas, tornai-vos aos montes (nº 66) 284

Cantastes bem algũa hora (nº 53) 265

Cantava Pedro ũ dia ao som das ágoas (nº 1) 124

Carta (nº 25) 207

Com estes frios que vão (nº 69) 289

Com só vinho e com só fruta (nº 32) 217

Com título de Meirinho (nº 36) 227

Conservador da Ordem dos Malteses (nº 4) 137

Considerando fomos nas malhadas (nº 71) 291

Corrente branda do Lima (nº 11) 152

De dous pais que Pedro tem (nº 14) 164

De entrarem no Parnaso mil cabrões (nº 29) 213

De fidalguia e sumagre (nº 31) 216

De ũa cólica reinal (nº 19) 179
Deu Pedro ũa certidão (nº 16) 167
Descendente de Israel (nº 49) 259
Dez meses de cantor que não se ouvia (nº 7) 142
Dizem que a Morte descobre (nº 30) 214
Em tão pequena barquinha (nº 63) 280
Em todas as conjunções (nº 75) 307
Está mui belo e galante (nº 46) 256
Eu não sei que razão tenha (nº 73) 305
Fazer cana de pescar (nº 70) 290
Grande cruz traz Pero Vaz (nº 37) 235
Há em Viana e Aveiro (nº 58) 273
Homero grego preitez (nº 44) 252
Legou-me a Velhacaria (nº 62) 279
Levava as asas nos pés (nº 45) 254
Mártir S. Sebastião (nº 68) 286
Mando-vos essa cabeça (nº 72) 304
Mestr'escola, Maltês, que te partiste (nº 3) 135
Mudou-se da casa antiga (nº 21) 201
Muito bom é visitar (nº 55) 267
Musa que com tal voz, zelo tão pio (nº 26) 208
Naceo entre Douro e Minho (nº 17) 168
Não há já que temer, não (nº 60) 277
Não sei agora o que faça (nº 38) 239
Não sei se por ser do Porto (nº 48) 258
Não tomeis digo afeição (nº 67) 285
Nesta Rua anda ũ rancho (nº 5) 139
Ninguém a ser Poeta só se aprova (nº 42) 249
No estado em que estou posto (nº 51) 263
No peito ũa cruz de Malta (nº 10) 148
O chantre foi a Vairão (nº 56) 268
O ilustre ramo dos Sousas (nº 39) 241

O melão é mui fermoso (nº 40) 243
O morgado de Gaia (nº 27) 210
Os sessenta mil, senhora (nº 2) 132
Para o monte fui no berço (nº 59) 276
Pedro, até agora avisado (nº 18) 176
Príncipe por excelência só nacido (nº 6) 140
Quando o ver, me desempara (nº 13) 160
Que não haja V'reador (nº 15) 165
Queixa-se que o comestes às pernadas (nº 35) 224
Quem de fastio não come (nº 54) 266
Quem do Mundo se recata (nº 52) 264
Quem tirava em Barcelos tão certeiro (nº 9) 146
Quem viu cousa mais galante (nº 22) 204
Se algũ destes que calçam ponto agudo (nº 43) 251
Senhor Mendonça, entre nós (nº 34) 220
Sobre a lebre o que me ocorre (nº 77) 309
Só Pedro Lopes Camelo (nº 23) 205
Sobeja razão à Dama (nº 65) 282
Todos estes três fidalgos (nº 74) 306
Ũ Carneiro de semente (nº 64) 281
Ũ Romance de Fileno (nº 12) 156
Vendo em conserva o pipino (nº 50) 261
Vida (nº 24) 206
Vi-eira em que se malhava (nº 47) 257